



T. H. White

O cavaleiro imperfeito

Tradução de Maria José Silveira

Ilustrações de Alan Lee

Título original: The ill-made knight



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

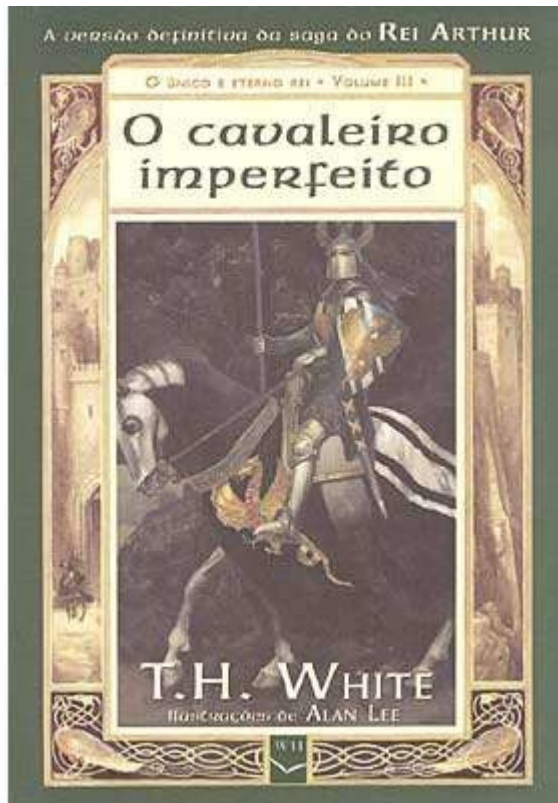
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



T. H. White

O cavaleiro imperfeito

Tradução de Maria José Silveira Ilustrações de Alan Lee
Título original: The ill-made knight



Sumário

O cavaleiro imperfeito Apêndices

INCIPIIT LIBER TERTIUS

I

"Não", disse Sir Lancelot, "... pois uma vez desonrado, já não há reparação."

No Castelo de Benwick, o jovem francês olhava seu rosto refletido na superfície polida de um bacinete que cintilava à luz do sol com o brilho inflexível do metal. Era praticamente como o capacete de aço que os soldados ainda usam, e não dava um bom espelho, mas foi o melhor que ele pôde conseguir. Virava-o para a frente e para trás, esperando ter uma idéia geral de seu rosto a partir das diferentes distorções que as saliências provocavam. Estava tentando ver como era, e temia o que poderia descobrir.

O rapaz achava que havia algo errado com ele. Durante toda a sua vida — mesmo quando chegasse a ser um grande homem, tendo o mundo a seus pés — sentiria essa brecha: algo no fundo de seu coração do qual tinha consciência, e se envergonhava, mas não conseguia compreender. Nós não precisamos tentar entender isso. Não temos que nos intrometer em uma região que ele preferia conservar secreta.

O Arsenal, onde o jovem se encontrava, estava repleto de armas de guerra. Nas últimas duas horas, ele esteve girando um par de halteres — que chamava de "pesos" — enquanto cantava para si mesmo uma canção sem palavras e sem melodia. Tinha quinze anos. Acabara de chegar da Inglaterra, onde seu pai, o Rei Ban de Benwick, ajudou o Rei inglês a sufocar uma rebelião. Você deve se lembrar que Arthur queria atrair os cavaleiros jovens a fim de treiná-los para a Távola Redonda, e tinha reparado em Lancelot na festa porque ele ganhara a maioria dos jogos.

Lancelot, balançando com entusiasmo seus halteres e fazendo seu som sem palavra, pensava no Rei Arthur e todo o seu poder. Estava apaixonado pelo Rei. Era por isso que estava girando seus halteres. Estava recordando todas as palavras da única conversa que teve com seu herói.

O Rei o chamara quando eles estavam embarcando para a França — depois de ter beijado o Rei Ban na despedida — e o levou para um canto do navio, a sós. As veias heráldicas da frota de Ban, os marinheiros no cordame, as torres armadas, os arqueiros e as gaivotas tinham sido o pano de fundo para a conversa dos dois.

— Lance — o Rei dissera —, venha aqui um instante, por favor.

— Senhor.

— Estive observando você nos jogos da festa.

— Senhor.

— Parece que você venceu a maioria deles. Lancelot apertou os olhos.

— Eu gostaria de ter um monte de pessoas boas nos jogos, para me ajudar em uma idéia que estou tendo. É para o tempo quando eu for um verdadeiro Rei, e tiver arrumado este reino. Estava pensando se você se importaria de me ajudar, quando tiver idade suficiente...

O rapaz fez uma espécie de meneio e, de repente, seus olhos se iluminaram ao fitar o interlocutor.

— Tem relação com os cavaleiros — Arthur continuou. — Quero ter uma Ordem de Cavalaria, como a Ordem da Jarreteira, com o objetivo de lutar contra a Força. Você gostaria de ser um deles?

— Sim.

O Rei o olhou atentamente, incapaz de decidir se ele estava feliz, amedrontado ou apenas sendo educado.

— Você entende o que estou dizendo? Lancelot jogou água em sua fervura.

— Na França, nós falamos de Force Majeur, ou Braço Forte — ele explicou. — O

homem mais forte do clã torna-se sua cabeça e faz o que lhe apetece. É por isso que dizemos Força Maior. O senhor quer pôr um fim no Braço Forte, formando um grupo de cavaleiros que acreditam

na justiça em vez da Força. Sim, eu gostaria muito de ser um deles. Antes, tenho que crescer. Obrigado. Agora devo me despedir.

Assim, eles deixaram a Inglaterra — o jovem de pé na frente do navio, recusando-se a olhar para trás porque não queria mostrar seus sentimentos. Desde a noite da festa de matrimônio, ele havia se apaixonado por Arthur, e levava para a França consigo, dentro de seu coração, a figura do magnífico Rei do Norte, na ceia, animado e glorioso por suas guerras.

Por trás dos olhos pretos que perscrutavam intensamente o bacinete estava o sonho que tivera na noite anterior. Setecentos anos atrás — ou poderia ter sido mil e quinhentos, segundo a maneira de Merlin contar — as pessoas levavam os sonhos tão a sério como os psicanalistas de hoje, e Lancelot tivera um muito perturbador. Não perturbador pelo que pudesse significar — pois ele não tinha a menor idéia de seu significado —, mas porque o havia deixado com uma sensação de perda. O sonho foi assim.

Lancelot e seu irmão mais jovem, Ector Demaris, estavam sentados em duas cadeiras. Levantaram-se dessas cadeiras e montaram dois cavalos. Lancelot disse: "Adiante, em busca do que não iremos encontrar". E assim fizeram. Mas um Homem ou um Poder caiu sobre Lancelot, bateu nele, despojou-o de suas coisas, vestiu-o com uma vestimenta cheia de nós e o fez montar um jumento em vez de um cavalo. Então apareceu uma linda fonte, com as águas mais límpidas que jamais vira, e ele desceu do jumento para beber um pouco daquela água. Sentia que não poderia haver nada mais maravilhoso no mundo do que beber daquela fonte. Mas assim que inclinou os lábios em direção a ela, a água baixou. Baixou rapidamente para o fundo da fonte, afundando cada vez mais, de tal maneira que ele não conseguia alcançá-la. Isso o fez sentir-se desolado, ser abandonado pela água da fonte.

Arthur e a fonte, os halteres que deviam fazê-lo digno de Arthur e a dor nos braços cansados de levantá-los — tudo isso estava no



fundo da mente do jovem ao

inclinar o bacinete de latão para a frente e para trás entre os dedos, mas havia outro pensamento ainda mais insistente em sua mente. Era um pensamento sobre o rosto no metal, e sobre o que deveria ter falhado nas profundezas de seu espírito para fazer um rosto assim. Não era de enganar a si mesmo. Sabia que fosse qual fosse a maneira como virasse o bacinete, ele lhe mostraria a mesma imagem. Já tinha decidido que, quando fosse um cavaleiro adulto, daria a si mesmo um nome melancólico. Era o filho mais velho, portanto estava destinado a ser cavaleiro, mas não se chamaria Sir Lancelot. Chamaria a si mesmo de Chevalier Mal Fet — Cavaleiro Malfeito, Cavaleiro Imperfeito.

Tanto quanto podia ver — e sentia que deveria haver algum motivo para isso em algum lugar —, seu rosto era tão feio como o de um monstro do zoológico do Rei. Parecia um macaco africano.

II

Lancelot transformou-se no melhor cavaleiro do Rei Arthur. Foi uma espécie de Bradman,¹ o campeão das batalhas. Tristão e Lamorack eram, respectivamente, o segundo e o terceiro.

1. Sir Donald Bradman, australiano, campeão de críquete por duas décadas a partir de 1928. (N.T.)

Mas você deve saber que as pessoas só podem ser boas no críquete se treinarem para isso, e que os torneios eram uma arte, exatamente como o críquete; aliás, lembravam o críquete em muitos aspectos. Num torneio, havia o pavilhão do marcador de pontos, com um verdadeiro marcador lá dentro, que apontava os pontos num pergaminho, exatamente como é feito hoje pelo marcador de críquete. As pessoas, que passeavam pelo campo com suas melhores roupas, da Tribuna Principal à Tenda dos Comedores e Bebidas, certamente consideravam as lutas muito parecidas com um jogo. Era incrivelmente demorado — os turnos de Lancelot com frequência levavam o dia todo para terminar, caso ele estivesse enfrentando um bom cavaleiro — e os movimentos davam a sensação de câmara lenta, por causa do peso das armaduras. Quando o jogo de espadas co-meçava, os combatentes postavam-se um em frente ao outro no campo verde, como o jogador que bate a bola e o lançador — com a diferença de que ficavam bem mais próximos —, e talvez Sir Gawaine começasse seu arremesso com um balanceio de corpo, que Sir Lancelot neutralizaria com um belo movimento de pernas parecido com outra jogada de críquete, e depois rebateria com um ataque contra a guarda de Gawaine — que tinha o nome de "finta" — e todo o público ao redor do campo aplaudiria. No Pavilhão, o Rei

Arthur talvez se virasse para Guenevere, comentando que o jogo de pés do grande cavaleiro fora tão admirável como de costume. Na parte de trás dos elmos, os cavaleiros colocavam pequenos pedaços de pano para protegê-los o metal do calor do sol, como os lenços que hoje os jogadores de críquete às vezes colocam atrás dos bonés.

O exercício da Cavalaria era uma arte tanto quanto o críquete, e talvez o único aspecto em que Lancelot não se assemelhava a Bradman era por ser mais gracioso. Não tinha aquele agachar com o bastão para depois pular e arremessar a bola. Nisso, ele era mais como Wooley.² Mas para ser como Wooley, não bastava simplesmente permanecer sentado quieto e desejar ser igual.

2. Outro jogador Famoso. (N.T.)

O Arsenal, onde o jovem que mais tarde seria Sir Lancelot estava sentado com seu bacinete, era a maior dependência do castelo de Benwick. Seria o lugar onde esse rapaz passaria a maior parte de suas horas despertas nos três anos seguintes.

As dependências do castelo principal — que ele via das janelas — eram pequenas, em sua maioria, porque não se pode construir com luxo quando se está fazendo uma fortificação. Ao redor da fortaleza interna, com seus cômodos pequenos, havia uma área espaçosa com um estábulo ou curral, para onde os rebanhos do castelo eram conduzidos durante um cerco. Estava rodeado por uma muralha alta com torres e, do lado interno dessa muralha, foram construídos os grandes espaços necessários para depósitos, celeiros, casernas e estrebarias. O Arsenal era uma dessas áreas. Ficava entre as estrebarias para cinquenta cavalos, e o estábulo das vacas. As melhores armaduras da família — as que atualmente estavam sendo usadas — eram guardadas em um pequeno cômodo dentro do próprio castelo, e no Arsenal ficavam apenas as armas das tropas, as partes de reposição das armaduras da família e os apetrechos necessários para os exercícios de ginástica, prática ou treinamento físico.

Debaixo do teto de caibros, e o mais próximo possível dele, estava pendurada ou alinhada uma coleção de pendões e bandeirolas, com o brasão das armas de Ban — France Ancient, Insígnias da França,

como agora são chamadas — que seriam necessários em várias ocasiões. Ao longo da parede havia lanças de torneio, colocadas horizontalmente em pregos para não empenarem. Pareciam barras para exercícios de um ginásio. Em um canto, algumas lanças velhas, já empenadas ou danificadas de alguma forma, mas que ainda poderiam ser úteis, estavam dispostas em pé. Na estante de armas, que ia de um canto a outro da segunda parede principal, ficavam os coletes de malhas para a infantaria, com mitenes, lanças, elmos e espadas de Bordéus. O Rei Ban tinha sorte de viver em Benwick, pois as espadas de Bordéus eram do local e particularmente boas. Depois, havia barricas para arneses, nas quais as armaduras eram acondicionadas com feno para expedições de além-mar — algumas delas ainda estavam cheias da última expedição, e era uma curiosa mistura. Tio Dap, que cuidava do Arsenal, tinha desempacotado uma dessas barricas para fazer um inventário de seu conteúdo — e fora embora em desespero ao descobrir cinco quilos de tâmaras e cinco fôrmas de açúcar.

Certamente tratava-se de alguma espécie de açúcar de abelha, a não ser que fossem fôrmas de açúcar que tinham voltado das Cruzadas. Ele deixara sua lista ao lado da barrica, e ali estava anotado, entre outros artigos: I sela ornada dourado, III pares de luvas, I vestimenta, I livro de messe, I veste de fora, I pare de brigandinas, I bacia de prata de mijar, X camisões do meu Senhor, I jaquetina de couro, e I tabuleiro de xadrez. Depois, em um canto formado pelas barricas, podia-se ver um conjunto de prateleiras que compunha o dispensário das peças danificadas. Nas prateleiras havia enormes garrações de azeite de oliva — atualmente, dá-se preferência a óleos minerais para armaduras, mas no tempo de Lancelot não havia esse refinamento — ao lado de caixas de areia fina para polimento, sacos de tachas para brigandinas de onze xelins e oito pences cada vinte milheiros, rebites, anéis avulsos para as cotas de malhas, pedaços de couro para cortar correias novas e suportes para joelheiras, juntamente com milhares de outras coisas fascinantes na época, mas agora perdidas para nós. Havia perneiras parecidas com as tornozeleiras que se vêem hoje nos goleiros, ou como as proteções acolchoadas usadas pelos jogadores de futebol

americano. Em vários cantos, de modo a deixar um espaço livre no meio, ficava amontoado um conjunto de aparelhos para ginástica como os estafermos e coisas assim, enquanto a escrivaninha de Tio Dap fora colocada perto da porta. Na escrivaninha havia penas de escrever, areia mata-borrão, varas para bater em Lancelot quando ele errava e, em indescritível confusão, apontamentos referentes a quais gibões tinham sido penhorados recentemente — a penhora era uma grande instituição para as armaduras valiosas — e quais os elmos que haviam sido restaurados e brilhavam, que braçais necessitavam de reparos, e o que fora pago a quem para fazer o quê e quando. A maioria das contas estava somada incorretamente.

Três anos pode parecer um longo tempo para um jovem passar em uma única dependência, se ele só sair de lá para comer, dormir e praticar torneios no campo. E até difícil imaginar um jovem fazendo isso, a menos que se compreenda, desde o início, que Lancelot não era nem romântico nem jovial, Tennyson e os pré-rafaelistas teriam dificuldade para aceitar esse rapaz bastante taciturno e inadequado, feio de rosto, que não revelava a ninguém estar vivendo de sonhos e orações. Talvez se perguntassem que tipo de ferocidade ele teria contra si mesmo, capaz de fazê-lo forçar tanto seu próprio corpo tão jovem. Talvez se perguntassem por que ele era tão estranho.

Para começar, ele teve que passar meses cansativos atacando Tio Dap com uma lança cega sob o braço. Tio Dap, armado da cabeça aos pés, postava-se sentado em um banco — e Lancelot, com a lança de ponta rombuda, ficava atacando-o e voltando a atacar, para aprender os melhores locais onde enfiar a ponta em uma armadura. Em seguida, foram as horas solitárias com os pesos, com muitas outras horas em campo aberto — antes que lhe fosse sequer permitido tocar em armas verdadeiras —, quando ele aprendeu várias maneiras de derrubar o adversário, lançando-o ao chão com a vara ou lança de arremesso, e atirando a barra. Depois disso, após um ano de exercícios, aconteceu sua promoção para o estafermo de esgrima. Era uma estaca cravada no chão, contra a qual ele tinha que combater com espada e escudo — como se estivesse lutando boxe com a sombra ou usando um saco de pancada. Para esse exercício, tinha de usar armas que pesavam duas vezes mais que a

espada e o escudo comuns. Por volta de vinte e sete quilos era considerado um bom peso para os braços no estafermo de esgrima — de tal maneira que, quando chegasse a hora de usar as armas normais, ele as controlaria com precisão. Pareceriam leves, em comparação. O estágio final do treino para o jogo-padrão eram os combates simulados. Nestes, por fim, e depois de todos os amargos reveses de disciplina, foi-lhe permitido lutar batalhas que eram quase reais, contra seu irmão e primos. Os combates tinham regras estritas. Poderiam começar com um ataque de lança rombuda, seguido por sete golpes com a espada de ponta e gume virados, "sem corpo-a-corpo, nem o agarrar-se um ao outro com as manoplas, sob pena de punição conforme os juizes do momento avaliarem como requerido". Nesses jogos, não era lícito picar — isto é, dar golpes com a ponta. E por fim, havia o combate livre. O

agora vigoroso jovem podia atacar temerariamente seus companheiros, com espada e escudo.

Se você já se enfiou em um daqueles escafandros antigos que costumavam ser o padrão da Marinha Real antes de aparecerem os homens-rãs e o mergulho livre, saberá por que esses mergulhadores se moviam tão lentamente. Um escafandrista carrega dezoito quilos de chumbo em cada pé e duas placas de chumbo — pesando mais de vinte quilos cada —, uma nas costas e outra no peito. Isso além do peso da roupa e do capacete. Exceto quando está no mar, pesa o dobro de um homem. O ato de passar por cima de uma corda ou um tubo de ar no tombadilho torna-se uma tarefa árdua — como trepar era uma parede. Se você o empurra pela frente, seu peso atrás tende a prevalecer, e ele pode cair de costas. A mesma coisa acontece no vice-versa. Mergulhadores treinados tornam-se peritos em lidar com essas desvantagens, e são capazes de levantar e abaixar os pés de dezoito quilos na escada do navio com bastante agilidade — mas um amador pode quase se matar com o mero esforço de um movimento. Lancelot, como o mergulhador, teve que aprender a ser ágil contra a força da gravidade.

Os cavaleiros de armaduras eram como escafandristas em mais de um aspecto.

Além dos elmos e estorvos e a dificuldade de respirar, deviam se deixar vestir por assistentes gentis e cuidadosos. Tinham de confiar nesses assistentes para que fizessem sua tarefa corretamente. Um escafandrista coloca sua vida nas mãos dos marinheiros que o vestem. Esses jovens, como os pajens e os escudeiros, tratam-no como uma mãe, com grande suavidade e concentração, e uma espécie de respeito protetor. Sempre se dirigem a ele pelo seu título e não pelo nome. Dizem: "Sente-se, mergulhador", ou "Agora o pé esquerdo, mergulhador", ou "Mergulhador Dois, pode me escutar nesse interfone?".

É bom colocar sua vida nas mãos de outra pessoa.

Três anos de dedicação e esforços. Os outros rapazes não se preocupavam tanto, pois tinham outras coisas para pensar — mas para o jovem feio era tudo que importava em sua vida obscura e mística. Ele tinha que se aperfeiçoar para Arthur como alguém bom nos jogos, e pensar nas teorias da cavalaria mesmo quando na cama, à noite. Tinha que ensinar a si mesmo a ter uma opinião fundamentada sobre centenas de pontos polêmicos — sobre o tamanho adequado das armas, ou sobre o feitio de um paquife, ou a articulação de uma braceleira, ou se a madeira de cedro era melhor que a de freixo para as lanças, como Chaucer³ parece ter acreditado.

3. Famoso escritor inglês. (N.T.)

Eis um pequeno exemplo dos problemas da cavalaria, sobre os quais ele pensava na juventude. Houve um cavaleiro chamado Reynaud Le Roi, que tinha uma competição de justa com outro cavaleiro de nome John de Holland. Reynaud propositadamente prendeu seu elmo de torneio — o enorme cilindro acolchoado de palha que às vezes era colocado sobre o capacete propriamente dito — de maneira que ficasse frouxo. Quando a ponta da lança de John de Holland o atingiu, ele simplesmente soltou-se. Isso significou que o elmo caiu da cabeça de Reynaud, e não que Reynaud despencou do cavalo. Um truque eficaz, mas perigoso — toda a cavalaria discutiu longamente sobre isso, alguns dizendo que não era

esportivo, outros que era lícito mas demasiado arriscado, e outros que era uma boa idéia.

Três anos de disciplina não fizeram Lancelot ter um coração feliz e ser capaz de cantar como uma cotovia. De uma vida que, na sua idade, devia parecer se estender por pouco mais de uma semana à frente, ele deu trinta e seis meses à idéia de outro homem porque se apaixonara por ela. Nesse entretempo, seus sonhos foram seu suporte. Queria ser o melhor cavaleiro do mundo, para que Arthur também o amasse em troca, e queria uma outra coisa que ainda era possível naqueles tempos. Ele queria, com sua pureza e excelência, ser capaz de realizar algum milagre simples — como, por exemplo, curar um cego ou coisa parecida.



III

Havia uma característica nas grandes famílias que se colocaram no centro do destino de Arthur. Todas as três possuíam um gênio que com elas residia, meio tutor e confidente, e que influenciou o caráter dos jovens de cada uma delas. No castelo de Sir Ector havia Merlin, que foi a maior influência na vida de Arthur. Na solitária e distante Lothian, Sir Toirdealbhach, cuja filosofia sobre as guerras deve ter tido algo a ver com o aguçado espírito de clã de Gawaine e seus irmãos. No castelo do Rei Ban, um tio de Lancelot, cujo nome era Gwenbors. Na verdade, tratava-se do velho que já encontramos, conhecido por todos como Tio Dap, mas seu nome de batismo era Gwenbors. Naqueles tempos, escolhiam-se os nomes dos filhos da mesma maneira como hoje damos os nomes aos cães de caça e potros. Se você fosse a Rainha Morgause e tivesse quatro filhos, colocaria um G em todos os seus nomes (Gawaine, Agravaine, Gaheris e Gareth) — e, naturalmente, se acontecesse de seus irmãos serem chamados de Ban e Bors, você estaria destinado a se chamar Gwenbors. Ficava mais fácil lembrar quem você era.

Tio Dap era o único da família a levar Lancelot a sério, e este, por sua vez, o único a tratar Tio Dap com igual deferência. Era fácil não levar o velhote a sério, pois ele era aquele tipo peculiar de criatura que se torna motivo de troça para os ignorantes — um genuíno mestre. Sua especialidade de conhecimento era a cavalaria. Não havia uma peça de armadura provada na Europa sobre a qual Tio Dap não tivesse uma teoria.

Enfurecia-se com o novo estilo gótico, com suas arestas e feitiço de ostras e estrias.

Considerava ridículo usar a armadura como os entrancados de um aparador Nelson, pois parecia óbvio que cada sulco estaria propenso a segurar uma ponta. O único objetivo de uma boa armadura, ele

dizia, é rechegar pontas — e, quando pensava nas pessoas na Alemanha fazendo seus horríveis sulcos, quase ficava frenético. Não havia nada na Heráldica que ele não soubesse. Se alguém cometesse qualquer um dos erros mais grosseiros — como sobrepor metal com metal ou cor com cor —, ele se eletrizava de raiva. Seus compridos bigodes brancos tremiam nas extremidades como antenas, as pontas de seus dedos se juntavam em gestos da mais veemente cólera, e balançava os braços e dava pulinhos, mexia as sobancelhas e parecia chiar. Ninguém pode ser um mestre sem estar sujeito a esses destemperos, portanto Lancelot raras vezes se preocupava quando recebia um tapa em um entrevero sobre escudos cortados a bouche ou se era uma boa idéia ou não ter uma correia suplementar no escudo. Às vezes Tio Dap cedia à tentação de simplesmente bater nele, mas o jovem tampouco se importava com isso. Naqueles tempos, era assim.

Uma razão para Lancelot não se importar com os arrebatamentos de Tio Dap era o fato de saber que o velho poderia lhe ensinar tudo o que ele queria aprender. Tio Dap não era apenas um eminente escrivão e autoridade em seus próprios assuntos — era também um dos melhores espadachins da França. Fora por isso, na verdade, que o jovem se colou a ele. A fim de talhar, aparar e estocar sob a brutal orientação de um gênio — a fim de, em uma investida, agüentar uma espada pesada com o braço esticado até sentir que se partiria ao meio, só para Tio Dap agarrar a ponta e esticá-la ainda mais cruelmente.

Desde quando podia se lembrar, o exaltado velhinho sempre estivera ali, a seu lado, com os olhos de um azul que lembrava o aço, dando seus pulos, estalando os dedos e gritando como se a própria vida dependesse disso: Dôubkz! Dédôubkz! Dêgagêz!

Un! Vieux!

Um belo dia do último verão, Lancelot estava sentado no Arsenal com o tio. Na grande sala, uma grande quantidade de pó dançava através dos raios de sol, pó que eles mesmos haviam levantado momentos antes, e ao redor das paredes estavam as fileiras de armaduras polidas, e lanças, e elmos e bacinetes pendurados em cabides de madeira.

Havia adagas e armaduras, e várias bandeiras e pendões, com os brasões das armas de Ban. Os dois esgrimistas tinham se sentado para descansar depois de um confronto excitante, e Tio Dap arfava. Lancelot estava agora com dezoito anos. Era um esgrimista melhor que seu mestre — embora Tio Dap não o admitisse e seu discípulo, taticamente, fingisse não ser.

Um pajem se aproximou enquanto eles ainda estavam ofegantes, e avisou a Lancelot que sua mãe o estava chamando.

— Por quê?

O pajem respondeu que um cavaleiro desejava vê-lo, e a Rainha tinha dito que ele deveria vir imediatamente.

A Rainha Elaine encontrava-se sentada em sua câmara, onde estivera fazendo tapeçaria, e seus dois hóspedes também haviam se acomodado, um à sua direita, outro à esquerda. Ela não era uma das Irmãs da Cornualha, que também se chamava Elaine.

Esse era um nome popular naquela época e muitas mulheres na "Morte d'Arthur", chamavam-se assim, especialmente porque algumas das fontes dos manuscritos haviam se misturado. Os três adultos, sentados à mesa comprida, pareciam formar uma banca de examinadores na sala escurecida. Um dos visitantes era um cavaleiro mais velho, de barba branca e chapéu pontudo, e o outro, uma formosa mulher algo atrevida, com tez de azeitona e sobrancelhas depiladas. Todos os três olharam para Lancelot, e o velho cavaleiro falou primeiro.

— Hum!

Eles esperaram.

— Você o chamava de Galahad — disse o velho cavaleiro. E acrescentou: — Seu primeiro nome era Galahad, e agora é Lancelot, depois que foi crismado.

— Como você sabia?

— Não posso evitar — disse Merlin. — É uma das coisas que a pessoa sabe e ponto final. Agora, deixa-me ver, quais são as outras coisas que eu deveria lhe dizer?

A jovem dama de sobrancelhas depiladas levou a mão à boca e bocejou graciosamente, como um gato.

— A esperança de seu coração se realizará daqui a trinta anos, e ele será o melhor cavaleiro do mundo.

— Eu viverei para ver isso? — perguntou a Rainha Elaine. Merlin coçou a cabeça, deu um piparote com os nós dos dedos no topo do seu chapéu e respondeu: — Viverá.

— Ótimo — disse a Rainha. — Tudo isso é muito maravilhoso, devo dizer. Você escutou isso, Lance? Você será o melhor cavaleiro do mundo!

O jovem perguntou: — Vocês vieram da Corte do Rei Arthur?

— Sim.

— Está tudo bem?

— Sim. Ele lhe enviou seu apreço.

— O Rei está feliz?

— Muito feliz. Guenevere também enviou seu apreço.

— Quem é Guenevere?

— Valha-me senhor! — exclamou o mago. — Você não ficou sabendo? Não, claro que não. Parece que tenho sinos badalando na cabeça em vez de miolos.

Nesse momento, olhou para a bela dama, como se ela fosse responsável pelos sinos — o que era de fato. Era Nimue e, finalmente, Merlin havia se apaixonado por ela.

— Guenevere — disse Nimue — é a nova rainha de Arthur. Já estão casados há algum tempo.

— O pai dela é o Rei Leodegrance — explicou Merlin. — Quando se casaram, ele deu de presente a Arthur uma mesa redonda, com cem cavaleiros. Na mesa há lugar para cento e cinqüenta.

Lancelot disse: — Oh!

— O Rei pretendia lhe contar — disse Merlin. — Talvez o mensageiro tenha se afogado no caminho até aqui. Pode ter sido atingido por alguma tempestade. Ele realmente queria lhe contar.

— Oh! — disse o jovem, pela segunda vez.

Merlin começou a falar rapidamente, pois percebeu que a situação era difícil.

Pelo rosto do rapaz, não poderia dizer se Lancelot estava magoado ou se era sempre assim.

— Até agora, ele só conseguiu preencher vinte e nove dos assentos — disse. — Há espaço para mais vinte e um. Bastante espaço. Os nomes de todos os cavaleiros estão inscritos em ouro nos assentos.

Houve uma pausa, durante a qual ninguém soube o que dizer. Então Lancelot limpou a garganta.

— Havia um rapaz — ele disse —, quando eu estava na Inglaterra. Seu nome era Gawaine. Ele foi feito cavaleiro da Távola?

Merlin pareceu culpado e assentiu com a cabeça.

— Foi feito no dia em que Arthur se casou.

— Entendo.

Houve outra longa pausa.

Sentindo que era melhor preencher o silêncio, Merlin disse: — Esta dama chama-se Nimue. Estou apaixonado por ela. Estamos numa espécie de lua-de-mel, só que é uma lua-de-mel mágica, e agora devemos partir para a Cornualha. Lamento não poder ter mais tempo para esta visita.

— Meu querido Merlin — exclamou a Rainha —, mas com certeza vocês pernoitarão aqui?

— Não, não. Obrigado. Agradecemos muito, mas estamos com pressa.

— Pelo menos tomarão alguma coisa antes de partir?

— Não, muito obrigado. É muito gentil de sua parte, mas realmente, devemos partir. Temos de comparecer a uma magia na Cornualha, — Uma visita tão breve... — começou a Rainha.

Merlin a interrompeu, levantando-se e tomando a mão de Nimue na sua.

— Agora, adeus — disse com determinação, e, depois de um par de giros, ambos desapareceram.

Seus corpos tinham sumido, mas a voz do mago continuou no ar.

— Pronto, está feito — eles puderam escutá-lo dizer em tom aliviado. — Agora, meu anjo, que tal aquele lugar da Cornualha sobre o qual lhe falei, aquele com a caverna mágica?

Com passos lentos, Lancelot voltou para o Arsenal, ao encontro de Tio Dap.

Parou em frente ao tio e mordeu os lábios.

— Vou para a Inglaterra — disse.

Tio Dap olhou-o com espanto, mas não disse palavra. — Partirei esta noite.

— Parece muito repentino — falou rio Dap. — Em geral, sua mãe não decide as coisas tão rapidamente.

— Minha mãe não sabe.

— Você quer dizer que vai fugir?

— Se eu contasse a minha mãe e meu pai, só provocaria um rebuliço — ele respondeu. — E não é que eu esteja fugindo. Voltarei em algum momento. Mas tenho de ir para a Inglaterra o mais rápido que puder.

— Você espera que eu não conte a sua mãe?

— Sim.

Tio Dap mordeu as pontas do bigode e torceu as mãos.

— Se eles souberem que eu poderia ter evitado isso, Ban cortará



minha cabeça

— disse.

— Eles não saberão — disse o rapaz, com indiferença, e saiu para arrumar sua bagagem.

Uma semana mais tarde, Lancelot e Tio Dap estavam sentados em um barco peculiar, no meio do Canal Inglês. O barco tinha uma espécie de torre em cada ponta.

Havia uma outra torre a meio do único mastro, o que lhe dava a aparência de um pombal.

Tinha bandeiras à popa e à proa. Uma única e alegre vela ostentava uma cruz de Jerusalém, e uma enorme bandeirola flutuava no topo do mastro. Havia oito remadores, e os dois passageiros estavam enjoados.

IV

O adorador de herói cavalgava em direção a Camelot com o coração amargurado.

Era difícil para ele, com dezoito anos, dar sua vida ao Rei só para ser esquecido; difícil ter passado todas aquelas horas dolorosas com armas pesadas na poeira do Arsenal tão-somente para ver Sir Gawaine ser feito cavaleiro primeiro; e, mais duro do que tudo, ter exigido o máximo de seu corpo pelo ideal do homem mais velho só para descobrir, no final, que uma esposa afetada se intrometera entre eles e arrebatara seu amor sem nenhum esforço. Lancelot tinha ciúmes de Guenevere e sentia-se envergonhado por isso.

Tio Dap cavalgava em silêncio atrás do infeliz rapaz. Sabia de uma coisa que o outro ainda estava muito verde para saber — que havia treinado o melhor cavaleiro da Europa. Como um chapim excitado que criara um cuco, Tio Dap seguia alvoroçado atrás de seu prodígio. Levava a armadura de combate, ordenadamente amarrada segundo seu método e artimanhas, pois, de agora em diante, seria o escudeiro de Lancelot.

Chegaram a uma clareira na floresta, e um pequeno riacho corria pelo meio. Ali havia um vau, com apenas alguns centímetros de profundidade, onde a corrente do riacho passava retinindo sobre pedras claras. O sol brilhava na clareira. Alguns pombos selvagens arruinavam sonolentos, e, do outro lado da água musical, via-se um gigantesco cavaleiro com armadura preta e elmo de torneio em posição. Sentava-se imóvel sobre um cavalo preto, e seu escudo ainda estava na sacola de lona. Era impossível ver seu brasão.

Assim tão quieto, tão majestoso em seu revestimento de ferro, e com seu grande elmo fechado sobre a cabeça de tal forma que não possuía

um rosto próprio, irradiava perigo em torno de si. Não se sabia o que ele estava pensando, nem que iniciativa poderia tomar.

Era uma ameaça.

Lancelot parou, e também Tio Dap. O cavaleiro negro atravessou a água rasa montado em seu cavalo, e puxou as rédeas em frente a eles. Levantou a lança em um gesto de saudação, depois apontou com ela para um lugar atrás de Lancelot. Poderia estar dizendo para ele voltar para casa, ou então sinalizando uma boa posição a partir da qual poderiam começar suas investidas. Fosse qual fosse o caso, Lancelot saudou-o com sua manopla e se virou para ir até o lugar indicado. Recebeu de Tio Dap uma de suas lanças, puxou seu elmo de torneio para a frente — ele o pendurara às costas com uma corrente — e colocou o torreão de aço em posição sobre a cabeça. Amarrou-o. Agora também ele tornara-se um homem sem rosto.

Dos cantos opostos da pequena clareira, os dois cavaleiros encararam-se. Então, embora nenhum deles até então tivesse dito sequer uma palavra, ajustaram as lanças, esporearam os cavalos, e começaram a investida. Tio Dap, em segurança atrás de uma árvore próxima, mal conseguia conter seu contentamento. Sabia o que estava prestes a acontecer ao cavaleiro negro, embora Lancelot não soubesse, e começou a estalar os dedos.

A primeira vez que você faz alguma coisa, quase sempre é excitante. Voar sozinho em uma aeronave pela primeira vez costuma ser tão excitante que chega quase a sufocar. Lancelot nunca antes lutara uma justa para valer — e embora tivesse se arremetido contra centenas de estafermos e milhares de argolas, nunca, realmente, tomara sua vida nas mãos. No primeiro momento da investida, pensou consigo mesmo: "Bem, aqui estou eu. Nada pode me ajudar agora". No segundo momento, começou a agir automaticamente, da mesma maneira como sempre agira com os estafermos e as argolas.

A ponta de sua lança alcançou o cavaleiro negro por baixo da ombreira, exatamente no lugar certo. Sua montaria estava em pleno galope, e a do cavaleiro negro, ainda a meio galope. O cavaleiro negro e seu cavalo viraram rapidamente para o lado atacado, foram juntos para o ar em uma interessante parábola, e caíram no chão com um estrondo. Enquanto Lancelot continuava cavalgando para a frente, pôde vê-los se estatelando juntos no chão, a lança quebrada do cavaleiro

entre as pernas do cavalo e uma ferradura cintilante rasgando a lona do escudo caído. Homem e cavalo se embolaram no solo. Cada um temia o outro e ambos se escoiceavam, no esforço de se separarem. Então, o cavalo ergueu-se com as patas dianteiras, endireitou o traseiro, e o cavaleiro sentou-se, levantando uma manopla de aço, como se fosse esfregar a cabeça.

Lancelot puxou as rédeas e se dirigiu a ele.

Em geral, quando um cavaleiro derruba o outro com a lança, o caído costuma enfurecer-se, culpar o cavalo, e insistir em continuar a luta de pé, com espadas. A desculpa comum era: "O filho de uma égua pode ter me deixado mal, mas a espada de meu pai jamais o fará".

O cavaleiro negro, entretanto, não procedeu de acordo com o esperado.

Evidentemente, era um tipo de pessoa bem mais jovial que a cor de sua armadura poderia sugerir, pois se sentou ereto, soprando pelas frestas do elmo e soltando uma exclamação de surpresa e admiração. Então, tirou o elmo e enxugou a testa. O escudo, cuja cobertura o casco do cavalo rasgara, era dourado, ostentando um dragão rampante vermelho.

Lancelot jogou sua lança em uma moita, desceu do cavalo rapidamente e se ajoelhou ao lado do cavaleiro. Todo o amor voltara a seu coração. Era típico de Arthur não perder seu humor, típico dele sentar-se no chão a emitir sons de admiração quando acabava de ser derrubado em grande estilo.

— Senhor — disse Lancelot, tirando seu próprio elmo com gesto humilde e inclinando a cabeça à maneira francesa.

O Rei começou a se pôr de pé com esforço e grande excitação.

— Lancelot! — exclamou. — Ora, é o jovem Lancelot! O filho do Rei de Benwick.

Lembro-me de tê-lo visto quando seu pai veio para a Batalha de Bedegraine. Que queda!

Nunca vi nada parecido. Onde aprendeu esse golpe? Foi esplêndido! Você estava se dirigindo à minha Corte? Como vai o Rei Ban? Como está sua encantadora mãe?

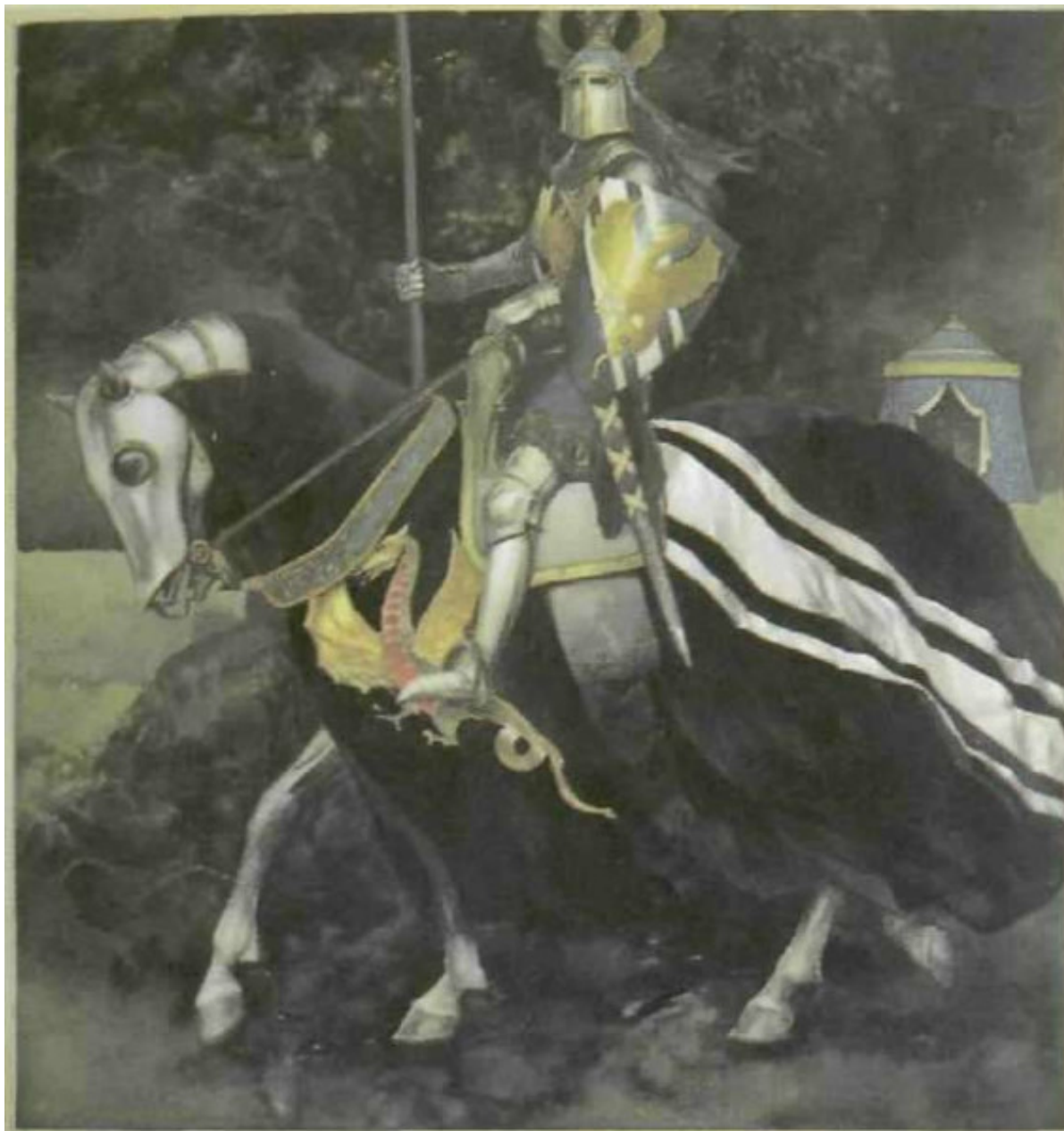
Realmente, meu querido rapaz, isso é magnífico!

Lancelot olhou para o Rei ofegante, que estendia ambas as mãos para que ele o ajudasse a se levantar, e seu ciúme e amargura

desapareceram.

Montaram em seus cavalos e andaram a meio trote lado a lado em direção ao palácio, esquecendo-se de Tio Dap. Tinham tanto a dizer um ao outro que ambos falaram o tempo todo. Lancelot deu mensagens inventadas do Rei Ban e da Rainha Elaine, e Arthur contou como Gawaine matara uma dama. Contou como o Rei Pellinore tinha ficado tão corajoso depois do matrimônio que matara, por engano, em um torneio, o Rei Lot das Órcades, e como a Távola Redonda estava indo tão bem quanto seria possível, mas muito lentamente, e como, agora que Lancelot chegara, tudo daria certo antes mesmo que se dessem conta.

Ele foi sagrado cavaleiro no primeiro dia — na verdade isto já poderia ter se dado a qualquer momento nos últimos dois anos, mas Lancelot havia se recusado a ser sagrado por alguém que não fosse Arthur — e foi apresentado a Guenevere na mesma noite. Há uma história que diz que o cabelo dela era amarelo, mas isto não corresponde à verdade. Era tão preto que chegava a surpreender, e seus olhos azuis, profundos e claros, tinham uma espécie de destemor que também causava admiração. Ela ficou surpresa com a face torcida do rapaz, mas não se assustou.



Do outro lado da água musical via-se um gigantesco cavaleiro com armadura preta e elmo de torneio em posição.

Sentava-se imóvel sobre um cavalo preto. Assim tão quieto, tão majestoso em seu revestimento de ferro, e com seu grande elmo fechado sobre a cabeça de tal forma que não possuía um rosto próprio, irradiava perigo em torno de si.

— Vamos — disse o Rei, juntando as mãos dos dois. — Este é Lancelot, aquele sobre o qual lhe falei. Será o melhor dos meus

cavaleiros. Nunca vi uma queda como a que ele me deu. Quero que você seja gentil com ele, Gwen. Seu pai é um dos meus velhos amigos.

Lancelot beijou a mão da Rainha friamente.

Não observou nada de especial nela, porque sua mente estava cheia com as imagens anteriores que criara para si mesmo. Não havia espaço para as imagens do que ela realmente era. Pensava na Rainha apenas como uma pessoa que o havia roubado, e como os ladrões são pessoas enganadoras, ardilosas e sem coração, Lancelot achava que ela era assim.

— Como vai? — perguntou-lhe a Rainha. Arthur interrompeu: — Temos que lhe contar o que aconteceu desde que foi embora. Quantas coisas para contar! Por onde devemos começar?

— Comece com a Távola — disse Lancelot.

— Oh, meu Deus!

A Rainha riu e logo sorriu para o novo cavaleiro: — Arthur pensa nela o tempo todo — disse. — Até sonha com ela à noite. Não será capaz de lhe contar a menos que fale por toda a semana.

— Não está indo mal — disse o Rei. — Não se pode esperar que uma coisa como essa ande bem o tempo todo. A idéia está aí, e as pessoas estão começando a entendê-la, e essa é a grande coisa. Tenho certeza de que funcionará.

— E a facção das Órcades?

— No tempo certo, eles entrarão nos eixos.

— É por causa de Gawaine? — perguntou Lancelot. — Qual é o problema com a facção das Órcades?

O Rei pareceu embaraçado. Disse: — O verdadeiro problema é Morgause, a mãe deles. Ela os criou com tão pouco amor e segurança, que eles acham difícil entender a existência de pessoas bondosas.

São desconfiados e tímidos. Não compreendem a idéia como eu gostaria que compreendessem. Três deles estão aqui: Gawaine, Gaheris e Agravaine. Não é culpa deles.

— Arthur fez sua primeira festa de Pentecostes no ano em que nos casamos — explicou Guenevere — e mandou que todos fossem em busca de boas aventuras para ver como a idéia funcionava. Quando voltaram, Gawaine tinha cortado a cabeça de uma mulher, e mesmo o querido e velho Pellinore não conseguiu salvar uma donzela em perigo. Arthur ficou furioso com isso.

— A culpa não foi de Gawaine — disse o Rei. — Ele é um bom rapaz. Gosto dele.

A culpa é daquela mulher.

— Espero que desde então as coisas tenham corrido melhor...?

— Sim. é um trabalho lento, claro, mas tenho certeza de que posso dizer que as coisas têm corrido melhor.

— Pellinore arrependeu-se?

Arthur respondeu: — Sim. Não havia muito do que se arrepender. Foi uma de suas confusões. Mas o problema é que ele ficou tão valente depois que se casou com a filha da Rainha de Flandres, que se habituou a justas a sério, e quase sempre vence. Eu lhe contei como ele matou o Rei Lot um dia, quando estavam treinando. Isso criou uma grande animosidade.

Os rapazes das Órcades juraram vingar a morte do pai, e estão em pé de guerra pelo sangue do velho Pellinore. Estou tendo muita dificuldade para fazê-los se comportar.

— Lancelot vai ajudá-lo — disse a Rainha. — Será muito bom ter um velho amigo com quem contar.

— Sim, será ótimo. Agora, Lance, imagino que gostará de ver seu quarto.

Estavam na segunda metade do verão e, em Camelot, os falcoeiros amadores traziam seus falcões peregrinos para a última etapa de treino. Se você for um falcoeiro inteligente, seu falcão rapidamente fica pronto para voar. Se não for, está sujeito a cometer erros, e o resultado é que atrasará o treinamento de seu falcão. Assim, todos os falcoeiros em Camelot estavam tentando mostrar que eram inteligentes, iniciando seus falcões o mais rápido possível, e se você fosse dar um passeio, por todas as direções encontraria donos de falcão irascíveis, estendendo suas avessadas e discutindo com seus assistentes. A falcoaria, como James observara, é uma aticadora de paixões extremas. Isso porque os próprios falcões são criaturas temperamentais e contagiam as pessoas que lidam com eles.

Arthur presenteou Sir Lancelot com um gerifalte semi-engaiolado, para que se divertisse. Era uma grande honra, pois os gerifaltes supostamente deveriam ser usados apenas pelos reis. De qualquer maneira, isso é o que nos diz a Abadessa Juliana Berner 4 — talvez incorretamente. A um imperador, concedia-se uma águia, um rei

poderia ter um gerifalte e, depois, havia o peregrino para um duque, o esmerilhão para uma dama, o açor para um senhor-rural, o gavião para um padre, e o gavião-pomba para um sacristão.

Lancelot ficou feliz com o presente e, imediatamente, entrou na competição com os outros irritados falcoeiros, que trabalhavam duro e criticavam um o método do outro, trocando mensagens de veneno açucarado entre si e ficando com os olhos cada vez mais febris.

4. Prioressa do Convento de Sepwell e considerada autora, no século XV, de O

livro de St. Albans, famoso tratado de caça, falcoaria e heráldica. (N.T.)

O gerifalte que Lancelot ganhou não passara adequadamente por sua troca de penas. Como Hamlet, era gordo e de pouco fôlego. Sua longa reclusão nas gaiolas, enquanto mudava as penas, deixara-o em um estado soturno e temperamental. Assim, Lancelot teve que fazê-lo voar com avessada por vários dias, antes de ter certeza que estava pronto para a isca.

Se você alguma vez já fez um falcão voar com avessada, que é uma corda fina e comprida presa às argolas do pássaro para que ele não possa fugir, sabe como isso pode ser um aborrecimento. Atualmente, as pessoas usam um molinete de pesca, que torna mais fácil soltar ou enrolar a linha — mas na época de Lancelot não havia bons molinetes, e você tinha simplesmente que enrolar a avessada em um novelo, como um barbante.

Isso estava sujeito a dois terríveis pesadelos, o primeiro era o horror peculiar a todos os novelos — quando eles invariavelmente tornam-se um emaranhado em vez de novelo. O

segundo era que, ao soltar o falcão em um campo que não tivesse sido cuidadosamente roçado, a corda podia se enrolar em cardos ou tufos de grama, refreando o falcão e prejudicando o treino. Assim, Lancelot e todos os outros homens coléricos andavam por Camelot numa atmosfera azedada por nós, competição e falcões emaranhados.

O Rei Arthur pedira a sua esposa que fosse gentil com o rapaz. Ela gostava muito do esposo e tinha compreendido que se interpusera entre ele e o amigo. Não era tola para tentar se desculpar com Lancelot por isso, mas tinha simpatizado com o jovem, por si mesmo. Gastou de

seu rosto imperfeito, por mais feio que fosse, e Arthur havia lhe pedido para ser gentil. Faltavam assistentes em Camelot para os falcoeiros, porque havia gente demais praticando a falcoaria. Assim Guenevere começou a acompanhar Lancelot para auxiliá-lo com os novelos de corda.

Ele não reparava muito nela. "Aí vem aquela mulher", dizia a si mesmo, ou "Lá vai aquela mulher", já estava profundamente mergulhado na atmosfera da falcoaria, que só parcialmente era assunto para mulheres, e raras vezes pensava na Rainha mais do que o necessário. Apesar de sua feiúra, Lancelot havia crescido encantadoramente cortês, e tinha demasiada consciência de si mesmo para se permitir ter pensamentos mesquinhos por muito tempo. Seu ciúme fizera-o indiferente à presença dela. Continuou amestrando seu falcão, agradecendo a ela com cortesia pela ajuda e aceitando-a polidamente.

Um dia, aconteceu uma complicação particular com um cardo, e ele havia calculado mal a quantidade de comida que deveria ter lhe dado no dia anterior. O gerifalte estava de péssimo humor, e Lancelot deixou-se contagiar por esse estado de espírito.

Guenevere, que não era particularmente boa com falcões e não tinha interesse especial por eles, assustou-se com seu cenho carregado e, porque estava assustada, tornou-se desajeitada. Tentava delicadamente ajudar da melhor maneira possível, mas sabia que não era muito boa na falcoaria e estava confusa. Com muito cuidado e gentileza, e com a melhor das intenções, enrolou a corda de maneira completamente errada. Com um gesto quase rude, Lancelot puxou o deplorável novelo de suas mãos.

— Está horrível — disse ele, e, com os dedos irritados, começou a desfazer o bem-intencionado trabalho dela. As sobrancelhas do cavaleiro franziram-se numa carranca horrível.

Por um momento, tudo ficou quieto. Guenevere parou, com o coração ferido, Lancelot, sentindo sua imobilidade, parou também. O falcão deixou de se debater e as folhas não farfalharam.

O jovem compreendeu, nesse momento, que havia ferido uma pessoa de verdade, de sua mesma idade. Viu em seus olhos que ela o considerava odioso, e que ele a surpreendera muito negativamente. Ela tinha sido amável, e ele retribuía com indelicadeza. E o mais

importante é que ela era realmente uma pessoa. Não era atrevida, nem mentirosa, nem desdenhosa e sem coração. Era a linda Jenny, capaz de pensar e sentir.



V

As duas primeiras pessoas a notarem que Lancelot e Guenevere estavam se apaixonando um pelo outro foi Tio Dap e o próprio Rei Arthur. Arthur fora avisado sobre isso por Merlin — que agora estava bem trancado em sua caverna pela volúvel Nimue — e, inconscientemente, temia-o. Mas, como ele sempre odiou saber o futuro, tinha conseguido afastar aquilo da cabeça. A reação de Tio Dap foi pregar um sermão a seu discípulo, enquanto estavam nas gaiolas com o gerifalte castigado.

— Pelos Pés de Deus! — disse Tio Dap, com outras exclamações do gênero. — O que é isso? O que você está fazendo? Será que o melhor cavaleiro da Europa vai jogar fora tudo que lhe ensinei, pelos lindos olhos de uma dama? Além do mais, uma dama casada!

— Não sei sobre o que você está falando.

— Não sabe! Não quer saber! Mãe Santíssima! — gritou Tio Dap. — É de Guenevere que estou falando, ou não é? Glória a Deus para todo o sempre!

Lancelot pegou o velho cavaleiro pelos ombros e o sentou em um banco.

— Olhe, tio — disse com determinação. — Ando querendo falar com você. Já não é hora de voltar para Benwick?

— Benwick! — exclamou seu tio, como se tivesse sido apunhalado no coração.

— Sim, Benwick. Você não pode continuar fingindo ser meu escudeiro para sempre. Primeiro, porque você é irmão de dois reis, e

segundo, é três vezes mais velho do que eu. Seria contra as leis das armas.

— Leis das armas! — gritou o velho. — Puuufff!

— Bem, não adianta nada dizer *puuufff*.

— E eu que ensinei tudo o que você sabe! Eu, voltar para Benwick sem tê-lo visto realmente posto à prova! Pois até agora você ainda sequer usou sua espada na minha presença, não usou Foyeux! É ingratidão, perfídia, traição! É dor de levar ao túmulo! Por minha fé! Pelos céus!

E o transtornado velho explodiu em uma longa torrente de exclamações gaulesas, incluindo *Per Spkndorem Dei*, a assim chamada praga de Guilherme, o Conquistador, e a *Pasque Dieu*, que era a idéia que o imaginário Rei Luís XI tinha de piada. Inspirado pelo encadeamento real de pensamento, acrescentou as exclamações de Rufus, Henrique I, John, e Henrique III, que eram, nessa ordem, *Pela Santa Face de Lucas*, *Pela Morte do Senhor*, *Pelos Dentes de Deus*, e *Pela Cabeça de Deus*. O gerifalte, parecendo apreciar a exibição, agitou as penas com entusiasmo, como uma faxineira sacudindo um pano de pó na janela.

— Bem, se você não quer ir, não vá — disse Lancelot. — Mas por favor não me fale da Rainha. Não posso evitar se gostamos um do outro, e não há nada de errado em gostar das pessoas, há? Não é como se a Rainha e eu fôssemos vilões. Quando começa a me fazer sermões sobre ela, você faz com que pareça que há alguma coisa de errado entre nós. É como se pensasse mal de mim, ou não acredita em minha honra. Por favor, não mencione esse assunto outra vez.

Tio Dap revirou os olhos, desalinhou os cabelos, estalou os nós dos dedos, beijou as pontas dos dedos, e fez outros gestos calculados para expressar seu ponto de vista. Mas não voltou a tocar naquele caso de amor.

A reação de Arthur ao problema foi complicada. O aviso de Merlin sobre sua esposa e seu melhor amigo continha em si as sementes de sua própria contradição, pois um amigo dificilmente pode ser um amigo se também vai se tornar um traidor. Arthur adorava sua Guenevere de pétalas de rosas por sua irrupetuosidade, e tinha um

respeito instintivo por Lancelot, que logo se transformara em afeição. Isso tornava difícil tanto suspeitar deles como não suspeitar.

A conclusão a que chegou foi que seria melhor resolver o problema levando Lancelot com ele para a guerra Romana. Isso, de qualquer modo, afastaria o rapaz de Guenevere, e seria agradável ter ao lado seu discípulo — um excelente soldado —, fosse o aviso de Merlin verdadeiro ou não.

A guerra Romana era uma questão complicada, que estivera fermentando durante anos. Não precisamos nos preocupar muito com ela. Foi, à sua maneira, a conseqüência lógica de Bedegraine — a continuação daquela batalha em escala européia.

A idéia feudal da guerra para resgates fora esmagada na Inglaterra, mas não no exterior, e agora os caçadores estrangeiros de resgate estavam atrás do Rei recém-estabelecido.

Um nobre chamado Lucius, que era o Ditador de Roma — e é estranho pensar que Ditador é exatamente a palavra usada por Malory —, tinha enviado uma embaixada para pedir tributo a Arthur — era chamado de tributo antes da batalha e de resgate depois —, à qual o Rei, depois de consultar seu parlamento, respondeu que nenhum tributo era devido.

Assim, o Ditador Lucius declarou a guerra. Ele também enviou mensageiros, como Lars Porsena a Macaulay, a todas as direções em volta, para reunir aliados. Tinha não menos do que dezesseis reis marchando com ele de Roma à Alta Germânia, em seu caminho para a batalha com a Inglaterra. Tinha aliados de Ambage, Arras, Alexandria, Índia, Hermonie, Eufrates, África, Europa a Grande, Eritrêia, Elamic, Arábia, Egito, Damasco, Damiete, Cairo, Capadócia, Tarso, Turquia, Ponto, Pampoille, Síria e Galácia, além de outros da Grécia, Chipre, Macedônia, Calábria, Catalunha, Portugal, e muitos milhares de espanhóis.

Durante as primeiras semanas da paixão de Lancelot por Guenevere, chegou o momento de Arthur atravessar o Canal para encontrar seus inimigos na França — e foi para essa guerra que decidiu levar com ele o rapaz. Lancelot, nessa época, ainda não era, claro, reconhecido como o principal cavaleiro da Távola Redonda, ou teria sido levado de qualquer forma. Até esse momento de sua vida,

só havia lutado uma justa com o próprio Arthur, e o comandante reconhecido dos cavaleiros era Gawaine.

Lancelot ficou zangado por ter sido afastado de Guenevere, porque sentiu que isso implicava falta de confiança. Além do mais, sabia que Sir Tristão fora deixado com a esposa do Rei Mark da Cornualha em ocasião semelhante. Não entendia por que não fora, da mesma maneira, deixado com Guenevere.

Não é preciso entrar em todos os pormenores da história da campanha Romana, embora tenha durado vários anos. Foi o tipo comum de guerra, com muitos encontrões e gritos de ambos os lados, grandes golpes infligidos, muitos homens derrubados, e grandes valentias, proezas e feitos de armas exibidos todos os dias. Foi uma Bedegraine maior — com a mesma recusa de Arthur a considerá-la um esporte ou negócio comercial —, embora tivesse seus traços característicos. O Ruivo Gawaine perdeu a cabeça quando enviado em uma embaixada e matou um homem no meio das negociações. Sir Lancelot liderou uma batalha terrível na qual seus homens eram menos numerosos, na proporção de três para um. Ele matou o Rei Lily e três grandes nobres chamados Alakuke, Herawd e Heringdale. Durante a campanha três famosos gigantes foram abatidos — dois deles pelo próprio Arthur. Finalmente, na última batalha, Arthur desferiu no Imperador Lucius um tal golpe na cabeça que Excalibur não se deteve até chegar-lhe ao peito, e se verificou que o Sultão da Síria, o Rei do Egito e o Rei da Etiópia — um ancestral de Haylé Selassíe —, além de dezessete outros reis de várias regiões e sessenta senadores de Roma, estavam entre os mortos. Arthur colocou seus corpos em caixões suntuosos — não por sarcasmo — e os enviou ao Prefeito de Roma, em lugar do tributo que lhe tora exigido. Isso persuadiu o Prefeito e quase toda a Europa a aceita-lo como o grande suserano. Os territórios de Placência, Pávia, São Pedro, e o porto de Tremble, lhe prestaram homenagem. A convenção feudal para a guerra fora efetivamente rompida, tanto no Continente quanto na Inglaterra.

Durante a campanha de guerra, Arthur tornou-se verdadeiramente amigo de Lancelot e, quando voltaram para casa, já não acreditava, de jeito nenhum, na profecia de Merlin. Abandonara-a no fundo de

sua mente. Lancelot foi reconhecido como o melhor dos combatentes de todo o exército. Ambos estavam determinados a não deixar Guenevere se interpor entre eles, e os primeiros anos transcorreram sem problemas.



VI

A essa altura, que tipo de idéia as pessoas faziam de Sir Lancelot? Talvez só pensassem nele como um jovem feio e bom nos jogos. No entanto, ele era mais do que isso. Era um cavaleiro com um respeito medieval pela honra.

Há uma frase que você às vezes encontra, ainda hoje, nos distritos rurais, e resume em boa parte o que poderia ser dito dele. Como elogio ou cumprimento, os camponeses tia Irlanda dizem: "Fulano de Tal tem Palavra. Fará o que prometeu".

Lancelot procurava ter Palavra. Considerava-a, como as pessoas do campo ainda consideram, o mais valioso dos bens.

Mas o curioso era que, por baixo dessa viga-mestra de cumprir o prometido a si mesmo e aos outros, a sua era uma natureza contraditória que estava longe de ser santa.

Sua Palavra era valiosa para si mesmo não apenas porque ele era bom, mas também porque era mau. É uma pessoa má que precisa ter princípios para refreá-la. Para começar, ele gostava de ferir as pessoas. Era pela estranha razão de ser cruel que o infeliz nunca matava um homem que pedia misericórdia, nem cometia uma ação cruel que podia evitar. Uma das razões pelas quais se apaixonou por Guenevere foi porque primeiro a magoara. Talvez nunca a tivesse notado como pessoa, se não tivesse visto a dor nos olhos dela.

As pessoas têm motivos bizarros para tornar-se santos. Um homem, que não fosse atormentado pela ambição de ser digno, poderia simplesmente ter fugido com a esposa de seu herói e, então, talvez, a tragédia de Arthur nunca tivesse acontecido. Um sujeito comum, que não passasse metade de sua vida se torturando para tentar descobrir o que era certo, a fim de conter sua inclinação para o mal, poderia ter cortado o nó que trouxe a desgraça a todos eles.

Quando os dois amigos chegaram à Inglaterra, vindos da guerra Romana, a frota ancorou em Sandwich. Era um dia cinzento de

setembro, as borboletas azuis e cor de cobre esvoaçavam na relva de outono, as perdizes gritavam como grilos, as amoras pretas ganhavam cor, e as avelãs ainda criavam suas castanhas insípidas em berços de rama de algodão. A Rainha Guenevere estava na praia, esperando-os, e a primeira coisa que Lancelot percebeu, depois que ela beijou o Rei, foi que aquela mulher seria capaz de se interpor entre eles, afinal. Fez um movimento como se suas entranhas estivessem se amarrando em nós, cumprimentou a Rainha, e imediatamente foi para a cama na estalagem mais próxima, onde passou acordado a noite toda. De manhã, pediu licença para se afastar da Corte.

— Mas você praticamente nem esteve na Corte — disse Arthur. — Por que quer partir tão cedo?

— Tenho de partir.

— Tem de partir? — perguntou o Rei. — O que quer dizer com isso?

Lancelot apertou os punhos até os nós dos dedos aparecerem e disse: — Quero partir em uma busca. Quero encontrar uma aventura.

— Mas, Lance...

— É para isso que a Távola Redonda existe, não é? — o jovem exclamou. — Os cavaleiros devem sair em buscas, para lutar contra a Força, não devem? Por que você está tentando me deter? Este é o ponto principal da idéia.

— Ora, vamos — disse o Rei. — Não precisa se irritar por isso. Se é isso o que deseja, é claro que pode fazer o que quiser. Só pensei que seria ótimo ter você conosco por algum tempo. Não se aborreça, Lance. Não sei o que deu em você.

— Volte logo — disse a Rainha.



VII

Este foi o começo das famosas buscas. Elas não foram feitas para conquistar fama, nem por diversão. Foram uma tentativa de fugir de Guenevere. Foram sua luta para salvar a honra, não para afirmá-la.

Teremos que descrever uma dessas buscas em detalhes — para mostrar como ele tentava pensar em outra coisa, e o modo como essa sua famosa honra funcionava.

Isso também dará uma imagem da situação da Inglaterra que forçava o Rei Arthur a trabalhar por sua teoria de justiça. Não que Arthur fosse um pedante, mas seu país de Gramarye estava em tal estado de anarquia nos primeiros tempos, que era necessário uma idéia como a da Távola Redonda para que a região sobrevivesse. As guerras de pessoas como Lot tinham acabado, mas não o baronato insubmisso que vivia como gângsteres em seus territórios. Barões estavam arrancando dentes de judeus para tomar-lhes o dinheiro, ou assando os bispos que os contradiziam. Os servos feudais, que pertenciam a senhores ruins, estavam sendo regados com gordura em fogo lento, ou borrifados com chumbo derretido, ou empatados, ou abandonados para morrer com os olhos arrancados, ou estavam se arrastando pelos caminhos nas mãos e nos joelhos porque tinham sido jarretados. Pequenas hostilidades transformavam-se em destruição dos pobres e fracos, e, se um cavaleiro chegasse a ser derrubado do cavalo em uma batalha, estaria tão bem aparafusado que só um especialista poderia lhe fazer algum mal.

Philip Augustus da França, por exemplo, foi derrubado e cercado na lendária Batalha de Bouvines; no entanto, como a infeliz infantaria era completamente incapaz de perfurá-lo, foi salvo logo depois e continuou a lutar ainda melhor porque se irritara. Mas a história da primeira busca de Lancelot pode falar, como exemplo, sobre aqueles conturbados tempos da Força.

Havia dois cavaleiros nas fronteiras de Gales chamados Sir Carados e Sir Turquine. Eram de ascendência celta. Esses dois

barões conservadores nunca tinham se rendido a Arthur, e não acreditavam em nenhuma forma de governo exceto na lei da Força. Possuíam castelos poderosos e servidores cruéis que, sob a liderança deles, tinham mais oportunidades para maldades do que teriam em uma sociedade organizada.

Eram como águias, prontos para caírem sobre seus semelhantes mais fracos. Mas é injusto compará-los a águias, pois muitas dessas aves são criaturas nobres, enquanto Sir Turquine em nenhuma circunstância era nobre. Se vivesse agora é bem possível que fosse internado em um hospício, e seus amigos certamente insistiriam para que fosse psicanalisado.

Um dia, quando Sir Lancelot estivera cavalgando havia quase um mês em sua aventura — e todo o tempo se distanciando mais de onde queria estar, de maneira que cada passo dado por seu cavalo era um tormento —, surgiu um cavaleiro com armadura, cavalgando uma grande égua, com outro cavaleiro amarrado e jogado de través na sela.

O cavaleiro amarrado estava desmaiado. Sangrava e estava todo sujo de lama, e sua cabeça, que pendia de um lado da égua, tinha os cabelos ruivos. O cavaleiro montado que o havia capturado homem de estatura enorme, e Lancelot reconheceu-o pelo braço como Sir Carados.

— Quem é o seu prisioneiro?

O enorme cavaleiro levantou o escudo do prisioneiro, que estava pendurado atrás, e mostrou que era dourado, as divisas em vermelha, entre três cardos verdes.

— O que você está fazendo com Sir Gawaine?

— Não é da sua conta — respondeu Sir Carados.

Gawaine deve ter recobrado a consciência quando a égua parou, pois sua voz agora dizia, vindo de baixo para cima: — Homem, é mesmo você, Sir Lancelot?

— Ora, vivas, Gawaine. Como vai a coisa?

— Nunca tão dura — respondeu Sir Gawaine —, a menos que possas me ajudar, pois, caso contrário, não conheço outro cavaleiro que possa.

Ele estava falando formalmente na Alta Língua da Cavalaria, pois naquele tempo havia dois tipos de discurso como o alto e o baixo alemão ou o francês normando e o inglês saxão.

Lancelot olhou para Sir Carados e disse em vernáculo: — Que tal colocar esse sujeito no chão e lutar comigo no lugar dele?

— Você é um tolo — disse Sir Carados. — Receberá o mesmo tratamento.

Então, os dois puseram Gawaine no chão, ainda amarrado para não fugir, e se prepararam para a batalha. Sir Carados tinha um escudeiro para lhe passar a lança, mas Sir Lancelot havia insistido para to Dap ficar em casa. Teria que se bastar sozinho.

O combate foi diferente daquele com Arthur. Para começar, os cavaleiros estavam mais em igualdade e, no enfrentamento, nenhum deles foi desmontado.

Estilhaçaram suas lanças de freixo, mas ambos se mantiveram montados e os cavalos agüentaram o golpe. Na esgrima que se seguiu, Lancelot provou que era melhor. Depois de pouco mais de uma hora de combate, conseguiu aplicar um golpe tal no elmo de Sir Carados que quebrou sua caixa craniana — e, então, enquanto o morto ainda se balançava na sela, agarrou-o pelo pescoço, puxou-o para baixo das patas do cavalo, desmontou-se no mesmo instante, e cortou sua cabeça. Libertou Sir Gawaine, que lhe agradeceu calorosamente, e saiu outra vez cavalgando pelos ermos caminhos da Inglaterra, sem pensar em Carados outra vez. Deu de encontro com um jovem primo seu, Sir Lionel, e cavalgaram os dois em busca de erros para corrigir. Mas foi imprudência deles esquecer Sir Carados.

Um dia, quando já haviam cavalgado muito tempo, chegaram a uma floresta em um meio-dia abafado, e Lancelot estava tão extenuado por sua luta interior por causa da Rainha, e também pelo calor, que sentiu que precisava parar. Lionel também se sentia sonolento, portanto decidiram deitar debaixo de uma macieira perto de uma sebe, depois de amarrar os cavalos nos ramos. Lancelot imediatamente caiu no sono — mas o zumbido das moscas manteve Sir Lionel acordado e, enquanto ele assim permanecia, uma cena curiosa começou a se desenrolar perto dali.

Tratava-se de três cavaleiros completamente armados, galopando em fuga, perseguidos por um único cavaleiro. Os cascos dos cavalos trovejavam batendo no solo e o fazia tremer — motivo pelo qual era estranho Lancelot não ter acordado —, até que, uma por uma, o gigantesco perseguidor alcançou suas vítimas, derrubou-as, e as amarrou como prisioneiras.

Lionel era um rapaz ambicioso. Pensou que poderia roubar um ponto de seu famoso primo. Levantou-se silenciosamente, endireitou a armadura e partiu para desafiar o vitorioso. Em menos de um minuto, ele também estava derrubado no chão, tão amarrado que não podia se mover, e, antes que Lancelot despertasse, todo o préstito tinha desaparecido. O misterioso vencedor das quatro batalhas era Sir Turquine, irmão do Carados que Lancelot matara recentemente. Tinha o hábito de levar os prisioneiros para seu sombrio castelo onde lhes tirava todas as roupas e os espancava até se sentir satisfeito, como se fosse um *hobby*.

Lancelot ainda estava dormindo quando um novo cortejo se aproximou, saltitante.

No meio, havia um dossel de seda verde apoiado em quatro lanças levadas por quatro cavaleiros magnificamente trajados. Sob o dossel cavalgavam quatro rainhas de meia-idade em mulas brancas, de aparência pitoresca. Elas estavam passando pela macieira quando o cavalo de Lancelot soltou um relincho estridente.

A Rainha Morgana Le Fay, que era a mais velha das quatro — todas bruxas —, parou o cortejo e, em seu cavalo, aproximou-se de Lancelot. Ele parecia perigoso, deitado ali com armadura completa de guerra, entre a erva alta.

— É Sir Lancelot!

Nada viaja mais rápido que um escândalo, especialmente entre pessoas sobrenaturais. Assim, as quatro rainhas sabiam que ele estava apaixonado por Guenevere. Sabiam também que ele já era reconhecido como o cavaleiro mais forte do mundo. Tinham inveja de Guenevere por causa disso. Ficaram encantadas com a oportunidade que viam à sua frente. Começaram a discutir entre si sobre qual delas deveria tê-lo, com sua magia.

— Não precisamos brigar — disse Morgana Le Fay. — Farei um encantamento para que ele durma por mais seis horas. Quando o tivermos seguro em meu castelo, ele poderá escolher por si mesmo com quai de nós quer ficar.

Assim foi feito. O campeão adormecido foi levado em seu escudo, carregado por dois cavaleiros, até o Castelo Chariot. O castelo já não tinha a aparência ilusória de um castelo de contos-de-fadas, mas um aspecto normal de fortaleza comum. Ele foi colocado profundamente adormecido em um quarto frio, sem nada, e ali deixado até o encantamento passar.

Quando Lancelot acordou, não soube onde estava. O quarto era escuro e parecia ser feito de pedra, como uma masmorra, Ficou deitado, imaginando o que aconteceria a seguir. Depois, começou a pensar na Rainha Guenevere.

O que aconteceu a seguir foi que apareceu uma jovem com seu jantar e lhe perguntou como estava.

— Como está, Sir Lancelot?

— Não sei, bela donzela. Não sei como vim parar aqui, portanto não sei realmente como estou.

— Não precisa ter medo — ela disse. — Se você é um homem tão magnífico, como dizem que é, talvez eu possa ajudá-lo amanhã de manhã.

— Obrigado. E possa ou não me ajudar, gostaria que você pensasse bem de mim.

E assim a donzela foi embora.

De manhã, houve barulho de ferrolhos e ranger de fechaduras enferrujadas e vários guardas com cotas de malha entraram na masmorra. Alinharam-se em ambos os lados da porta e as rainhas mágicas entraram atrás deles, todas vestidas com suas melhores roupas. Cada uma delas fez uma cortesia majestosa para Sir Lancelot. Ele permaneceu de pé, educadamente, e se inclinou de modo circunspecto diante de cada rainha. Morgana Le Fay apresentou-as como a Rainha de Gore, Northgalis, Eastland e das Ilhas Exteriores.

— Quanto a nós — disse Morgana Le Fay —, sabemos quem você é. Você é Sir Lancelot Dulac, e está tendo um caso de amor com a

Rainha Guenevere. E considerado o melhor cavaleiro do mundo, e é por isso que a mulher gosta de você. Bom, tudo isso acabou agora. Nós quatro rainhas temos você em nosso poder, e agora você terá de escolher uma de nós para sua amante. Obviamente, não seria bom se não pudesse escolher por si mesmo, mas terá de ser uma de nós. Qual será? Lancelot respondeu: — Como posso responder a isso?

— Terá de responder.

— Em primeiro lugar — de disse —, o que você falou sobre mim e a esposa do Rei da Bretanha não é verdadeiro. Guenevere é a dama mais fiel no reino de seu senhor.

Se eu estivesse livre, ou tivesse minha armadura, lutaria contra qualquer campeão que vocês quisessem para provar o que disse. E, em segundo lugar, eu com certeza não terei nenhuma de vocês como amante. Lamento se parecer uma descortesia, mas é tudo que posso dizer.

— Oh! — disse Morgana Le Fay.

— Sim — disse Lancelot.

— Isto é tudo?

— Sim.

Com gélida dignidade, as quatro rainhas fizeram uma mesura e saíram do quarto.

As sentinelas deram uma elegante meia-volta, suas cotas de malha retinindo no chão de pedra. A luz desapareceu. A porta bateu, a chave rangeu, e os ferrolhos ressoaram nos encaixes.

Quando a bela donzela voltou com a refeição seguinte, mostrou sinais de querer falar com ele. Lancelot notou que ela era uma criatura audaciosa, que provavelmente gostava de fazer as coisas a sua maneira.

— Você disse que talvez pudesse me ajudar?

A jovem olhou-o com desconfiança e respondeu: — Posso ajudá-lo se você for quem dizem que é. Você é realmente Sir Lancelot?

— Receio que sim.

— Eu o ajudarei, se você me ajudar — ela disse. E então irrompeu em lágrimas.

Enquanto a donzela está chorando, o que fazia de maneira encantadora e determinada, é melhor explicarmos como eram os torneios que costumavam acontecer em Gramarye nos primeiros tempos. Um verdadeiro torneio era diferente de uma justa.

Em uma justa, os cavaleiros se enfrentavam e esgrimiam um contra o outro, sozinhos, por um prêmio. Um torneio, porém, era mais como uma luta. Um grupo de cavaleiros escolhia o lado, e seriam vinte ou trinta de cada lado e então se precipitavam todos ao mesmo tempo, desordenadamente. Esses combates coletivos eram considerados importantes — por exemplo, se você tivesse pago sua taxa de campo para o torneio, com o mesmo bilhete seria admitido para as justas, mas se tivesse pago só a taxa da justa, não lhe seria permitido lutar no torneio. Estava-se sujeito a ser ferido gravemente nessas confusões.

Não eram de todo más, desde que fossem adequadamente controladas. Infelizmente, nos primeiros tempos, raramente elas eram controladas.

A Alegre Inglaterra do tempo de Pendragon era um pouco como a Pobre Velha Irlanda de O'Connell. 5 Havia facções. Os cavaleiros de um condado, ou os habitantes de um distrito, ou os guardas de um nobre, poderiam chegar a odiar a facção vizinha. Esse ódio poderia se transformar em hostilidades, e então o rei ou líder de um lugar desafiaria o líder do outro para um torneio — e as duas facções iriam para o encontro com a firme intenção de fazer mal uma à outra. Era a mesma coisa nos tempos dos papistas e protestantes, dos Stuart e orangístas, que se enfrentavam com clavas em punho e morte no coração.

5. Poeta e orador irlandês (1775-1847). (N. T.)

— Por que você está chorando? — perguntou Sir Lancelot.

— Oh, meu Deus — soluçou a donzela. — Aquele horrível Rei de Northgalis desafiou meu pai para um torneio na próxima terça, e ele está com três cavaleiros do Rei Arthur do seu lado, e meu pobre pai com certeza vai perder. Temo que fique ferido.

— Entendo. E como se chama seu pai?

— Ele é o Rei Bagdemagus.

Sir Lancelot levantou-se e a beijou polidamente na testa. Compreendeu imediatamente o que ela esperava dele.

— Muito bem — disse. — Se você me tirar desta prisão, combaterei na facção do Rei Bagdemagus na próxima terça.

— Ah, muito obrigada — disse a donzela, torcendo o lenço. — Agora tenho que ir ou darão por minha falta lá em baixo.

Naturalmente, ela não ia ajudar a Rainha mágica de Northgalis a manter Lancelot prisioneiro, quando o próprio Rei de Northgalis era quem lutaria contra o seu pai.

De manhã, antes que o povo do castelo se levantasse, Lancelot escutou a pesada porta se abrindo com cuidado. Sentiu uma mão macia na sua, e foi conduzido pela escuridão. Passaram por doze portas mágicas, até chegarem ao arsenal, e lá estava sua armadura brilhando e pronta. Depois de colocá-la, foram para os estábulos, e lá estava seu cavalo riscando as pedras do chão com a ferradura cintilante.

— Lembre-se.

— Claro — ele disse. E cavalgou pela ponte levadiça, rumo à luz da manhã.

Enquanto passavam sorrateiramente pelos corredores do Castelo Chariot, fizeram um plano para encontrar o Rei Bagdemagus. Lancelot deveria cavalgar até uma abadia de frades carmelitas próximo dali, e lá se encontraria com a donzela que, é claro, seria obrigada a fugir da Rainha Morgana por sua traição ao ajudá-lo a escapar. Nessa abadia, esperariam até que o Rei Bagdemagus pudesse aparecer, e então combinariam como seria o torneio. Infelizmente, o Castelo Chariot estava na Floresta Sauvage, e Lancelot perdeu-se no caminho para a abadia. Ele e seu cavalo vagaram durante todo o dia, chocando-se contra galhos, emaranhando-se nas moitas de amora silvestre, e perdendo rapidamente o humor. De tardezinha, toparam com um pavilhão de tela vermelha, sem ninguém por perto.

Ele desceu do cavalo e olhou o pavilhão. Havia algo estranho ali, luxuoso como era no bosque de galhas, e sem ninguém à vista.

"É um pavilhão estranho", pensou com tristeza, pois sua mente estava com Guenevere, "mas acho que de qualquer maneira posso

passar a noite aqui. Ou ele está aqui para uma aventura qualquer e, nesse caso, devo tentar a aventura, ou então os donos foram-se de férias e, nesse caso, não se incomodarão se eu ficar por uma noite.

De qualquer maneira, estou perdido, e não há nada mais que eu possa fazer."

Desarreou o cavalo e o amarrou. Depois, tirou sua própria armadura e a pendurou com cuidado em uma árvore perto, com o escudo por cima. Então, comeu um pouco do pão que a donzela lhe dera, e bebeu água de um regato que corria ao lado do pavilhão, esticou os braços até os cotovelos estalarem, bocejou, bateu três vezes com o punho nos dentes da frente e foi para a cama. Era uma cama suntuosa, com uma cobertura de tela vermelha para combinar com a tenda. Lancelot se cobriu, pressionou o nariz contra o travesseiro de seda, beijou-o por Guenevere, e logo dormiu.

Havia luar quando ele acordou, e um homem nu estava sentado perto do seu pé esquerdo, aparando as unhas.

Lancelot, que acordara de seu sonho de amor com um sobressalto, mexeu-se rapidamente na cama quando viu o homem. O homem, igualmente surpreso ao sentir o movimento, pulou e agarrou sua espada. Lancelot pulou para o outro lado da cama e correu para pegar suas armas, que estavam penduradas na árvore. O homem veio atrás dele, brandindo a espada e tentando acertá-lo por trás. Lancelot alcançou a árvore com segurança e girou de espada em punho. Eles pareciam estranhos e terríveis a luz do luar, ambos completamente nus, com as lâminas pontiagudas de aço brilhando sob a lua cheia.

— Agora — o homem gritou, e dirigiu uma pancada furiosa para as pernas de Lancelot.

No minuto seguinte, sua espada estava no chão e ele apertava a barriga com ambas as mãos, dobrado em dois e resfolegando. O corte dado por Lancelot era um poço de sangue que parecia preto ao luar, e era possível ver algumas partes do interior do estômago com sua vida secreta aberta.

— Não me golpeie — gritou o homem. — Misericórdia. Não me golpeie de novo.

Você me matou.

— Lamento — disse Lancelot. — Você nem esperou eu pegar minha espada.

O homem continuou gemendo: — Misericórdia! Misericórdia!

Lancelot enfiou a lâmina no chão e foi examinar a ferida.

— Não vou lhe fazer mal — ele disse. — Está tudo certo. Deixe-me ver.

— Você abriu meu fígado — o homem disse, acusador.

— Bem, mesmo que o tenha feito, só posso dizer que sinto muito. Nem sei por que estávamos lutando. Apóie-se no meu ombro e vou levá-lo até a cama.

Deitou o homem na cama enquanto, estancando o sangramento, descobriu que a ferida não era mortal, uma linda dama apareceu na abertura da tenda. Haviam acendido uma vela de junco embebido em sebo, e ela viu em um relance o que acontecera e começou a gritar em alto e bom som. Precipitou-se para confortar o homem ferido, acusando Lancelot de ser um assassino, e continuou assim um longo tempo.

— Pare de gritar — disse o homem. — Ele não é um assassino. Apenas cometemos um erro.

— Eu estava deitado — disse Lancelot —, quando ele entrou e se sentou sobre mim, e ficamos os dois tão espantados que começamos a lutar. Lamento tê-lo ferido.

— Mas era a nossa cama — gemeu a dama, como um dos Três Ursinhos. — O

que você estava fazendo em nossa cama?

— Lamento muito, realmente — ele disse. — Não havia ninguém no pavilhão quando cheguei aqui, e eu estava perdido e cansado, então pensei que não teria importância se ficasse por uma noite.

— Não tem importância mesmo — o homem disse. — Você é bem-vindo para uma noite de sono, e acho que a ferida não é grave, afinal. Posso perguntar seu nome?

— Lancelot.

— Céus! — exclamou o homem. — E essa agora, querida, veja com quem estive lutando. Não admira que tenha levado um belo corte! Estava me perguntando por que minha vida foi poupada tão facilmente.

Assim, eles insistiram para Lancelot passar a noite e, na manhã seguinte, indicaram-lhe o caminho certo para a abadia dos frades carmelitas.

Não aconteceu muita coisa como consequência desse encontro, exceto que o cavaleiro, cujo nome era Bellicus, foi introduzido na Távola Redonda por Lancelot tão logo se recuperou. Era o tipo de cavaleiro generoso que Arthur precisava, e Lancelot tentou compensar o trabalho que lhe causara conseguindo-lhe um assento à Távola.

Na abadia dos carmelitas a bela donzela esperava, em grande excitação. Temia que ele não cumprisse a palavra. No entanto, os de seu cavalo mal soaram nas pedras e ela veio voando de seu quarto na torre para, com grande prazer, lhe dar as boas-vindas.

— Meu pai estará aqui esta noite — disse. — Ah! Estou tão feliz por você ter vindo! Tinha medo de que esquecesse.

A boca torcida de Lancelot deu um sorriso forçado frente à palavra que ela escolhera. Depois, tirou sua armadura, tomou um banho e esperou pelo Rei Bagdemagus.

— E uma vida confusa essa de Gramarye — ele disse consigo mesmo, tentando manter os pensamentos longe da jovem Rainha.

— As coisas acontecem tão rapidamente. Boa parte do tempo, uma pessoa mal consegue saber onde está, e há também aquele meu primo que desapareceu debaixo da macieira, o que ainda tem de ser explicado. E com rainhas mágicas e torneios de facções, pessoas se enfiando em sua cama à noite e metade da família desaparecendo sem deixar rastro, é difícil manter um rumo.

Então, ele penteou os cabelos, alisou sua roupa e desceu para encontrar o Rei Bagdemagus.

Não é preciso fazer uma longa descrição do torneio. Malory já desincumbiu-se da tarefa. Lancelot escolheu três cavaleiros recomendados pela jovem donzela para acompanhá-lo, e combinou que todos os quatro levariam o vergescu. Esse é o escudo branco que os cavaleiros inexperientes carregam, e Lancelot insistiu nisso porque sabia que três de seus próprios companheiros da Távola Redonda iam lutar do outro lado. Não queria que o reconhecessem, pois isso poderia causar animosidades na Corte. Por outro lado,

sentiu que era seu dever lutar contra eles por causa da promessa que fizera à donzela. O Rei de Northgalis, que era o líder do lado oposto, tinha cento e sessenta cavaleiros em sua facção, e o Rei Bagdemagus, apenas oitenta. Lancelot investiu contra o primeiro cavaleiro da Távola Redonda e deslocou seu ombro. Investiu contra o segundo com tanta força que o infeliz foi lançado por cima do rabo do seu cavalo e enterrou seu elmo vários centímetros no chão. Atingiu o terceiro cavaleiro na cabeça com tanta força que escorreu sangue do seu nariz, e seu cavalo fugiu com ele. No momento em que ele quebrou a coxa do Rei de Northgalis, todo mundo pôde ver que, para todos os propósitos, o torneio tinha acabado.

O próximo passo de nosso herói foi partir para saber o que acontecera com Lionel. Pela primeira vez, estava livre para fazer isso, pois, desde o desaparecimento do primo, ele ou estivera prisioneiro das malignas rainhas ou tivera que cumprir suas obrigações com a donzela que o salvara. Antes de sua partida, o Rei Bagdemagus ganhou o prêmio no torneio, e a donzela estava quase em prantos de tão grata. Todos disseram que seriam amigos para sempre, e que se houvesse algo que um pudesse fazer pelo outro bastaria que uma mensagem fosse enviada. Então Lancelot montou em seu cavalo, conseguiu se orientar perguntando a vários camponeses em que lugar estava, e cavalgou em direção à floresta da macieira onde havia perdido seu primo. Pensou que, fazendo uma busca completa no lugar onde vira Lionel pela última vez, seria capaz de pegar seu rastro de novo, embora tivesse passado muito tempo.

Na floresta da macieira, na verdade aos pés da mesma árvore, encontrou uma dama em um palafrém branco. Supostamente, essa macieira era uma árvore mágica, motivo pelo qual havia todo esse tráfego por ali.

— Senhora — ele perguntou —, poderia me dizer se há alguma aventura ocorrendo nesta floresta?

— Várias — ela respondeu —, se você for homem suficiente para aceitá-las.

— Eu poderia tentar.

— Você parece um homem forte — disse a dama. — Tem um jeito ousado também, apesar das orelhas esticadas para fora tão medonhamente. Se quiser, eu o guiarei até onde vive o barão mais cruel do mundo, mas com certeza ele matará você.

— Não faz mal.

— Só farei isso se você me disser seu nome. Seria assassinato levá-lo, a menos que você seja um cavaleiro famoso.

— Meu nome é Lancelot.

— Foi o que pensei — disse a dama. — Bem, é uma sorte que seja. Segundo o que as pessoas estão dizendo de você, provavelmente é o único cavaleiro no mundo que pode derrotar o homem a quem vou levá-lo. Seu nome é Sir Turquine.

— Ótimo.

— Alguns dizem que ele é louco. Tem sessenta e quatro cavaleiros na prisão, que capturou em combate homem a homem, e passa o tempo espancando-os com galhos de espinheiros. Se o capturar, também espancará você completamente nu.

— Parece um homem interessante para enfrentar.

— É uma espécie de campo de concentração.

— E para isso que tenho me preparado — disse Sir Lancelot. — Foi para impedir isso que Arthur inventou a Távola Redonda.

— Se eu o levar até ele, deve me prometer fazer uma coisa por mim depois, isto é, se vencer.

— Que tipo de coisa? — ele perguntou, cauteloso.

— Não precisa ter medo — disse a dama. — É apenas vencer outro cavaleiro que conheço, que está afligindo algumas donzelas.

— Isso eu prometo, com prazer.

— Bem — disse a dama. — Deus, só Ele sabe como você se sairá. De qualquer modo, rezarei por você durante o combate.

Depois que cavalgaram por algum tempo, chegaram a uma passagem parecida com aquela onde ele havia lutado pela primeira vez com Rei Arthur. Elmos enferrujados e escudos melancólicos estavam pendurados nas árvores em volta da passagem — eram sessenta e quatro, com suas curvaturas e divisas, peixes, melros e águias e leões em guarda, com ar de desolação e abandono. O couro das correias estava verde e bolorento.

Parecia unia masmorra de guarda-de-caças.

No meio da clareira, na árvore principal, estava pendurada uma enorme bacia de cobre, triunfando sobre os elmos batidos. O último escudo debaixo dela era o de Lionel — prata, uma faixa vermelha descendente marcada com um tipo de selo de filho mais novo.

Lancelot sabia o que deveria fazer com essa bacia, e o fez. Colocou seu elmo em posição, cavalgou pelas folhas caídas e, com a ponta de sua lança, bateu na bacia até o fundo cair. Então ele e a dama ficaram emudecidos na floresta que parecia era escandalizado silêncio pelo barulho medonho.

Ninguém apareceu.

— O castelo dele é mais adiante — disse a dama.

Em silêncio, aproximaram-se dos portões do castelo, e por meia hora cavalgaram de um lado para o outro frente a eles. Lancelot tirou seu elmo e manoplas, franziu o cenho, e roeu as unhas de ansiedade.

Meia hora depois, um gigantesco cavaleiro veio cavalgando pela floresta.

Parecia-se tanto com Sir Carados — o cavaleiro que ele matara ao salvar Gawaine — que Lancelot ficou espantado. Não apenas tinha a mesma constituição, como também trazia um cavaleiro atravessado no arção da sela de sua égua. Ainda mais curioso, as divisas do escudo do cavaleiro carregavam os três cardos e a divisa, com um cantão vermelho.

De fato, o segundo dos grandes cavaleiros tinha capturado Gaheris — o irmão de Gawaine. Lancelot observou-o com olho crítico.

Talvez não seja inoportuno mencionar que um bom juiz de estilo poderia muitas vezes reconhecer um cavaleiro com armadura, mesmo se estivesse disfarçado e portando o vergescu. Mais tarde na vida, lot às vezes teve que lutar disfarçado, caso contrário ninguém lutaria com ele. No entanto, Arthur e os outros geralmente adivinhavam que era ele por seu jeito de cavalgar. Hoje, as pessoas podem reconhecer os jogadores de críquete, mesmo quando estão muito distantes para lhes ver o rosto, e era a mesma coisa naquela época.

Lancelot era um bom juiz de estilo, devido a sua grande prática. Assim que viu Sir Turquine por um ou dois momentos, observou um leve defeito na sua maneira de sentar. Comentou com a dama que, a menos que Turquine se assentasse melhor em sua montaria, ele achava que seria capaz de salvar os prisioneiros. Conforme se verificou logo, Turquine adequou-se melhor à sua sela quando chegou o momento do enfrentamento, de modo que essa crítica particular resultou em nada — mas ela esclarece alguma coisa em relação às justas e pode ter valido a pena mencioná-la.

A maneira de cavalgar era tudo. Se um homem tivesse a coragem de se arremessar a pleno galope no momento do impacto, não raro venceria. A maioria vacilava um pouco, portanto, não estava em seu melhor momento. Era por isso que Lancelot constantemente ganhava as justas. Tinha o que Tio Dap chamava de élan. As vezes, quando estava disfarçado, cavalgava de maneira desajeitada de propósito, mostrando-se desleixado na sela. Mas no último momento acontecia sempre a verdadeira arremetida — e assim os espectadores, e muitas vezes seu infeliz; oponente, exclamariam "Ah, Lancelot!", mesmo antes de a lança chegar a seu destino.

— Ilustre cavaleiro — ele disse —, ponha esse homem ferido no chão e deixe-o descansar um pouco. Então nós dois poderemos medir nossas forças.

Sir Turquine aproximou-se e disse entre os dentes: — Se você é um cavaleiro da Távola Redonda, terei grande prazer em derrubá-lo primeiro e vergastá-lo depois. Posso fazer isso com você e toda a sua Távola juntos.

— Parece uma extravagância.

A seguir, eles se retiraram da maneira usual, colocaram a lança em posição, e se arremeteram ao mesmo tempo como um trovão. Lancelot, no último momento, observou que estava errado quanto à maneira de Turquine sentar. No derradeiro relance, percebeu que Turquine era o melhor oponente que já encontrara, que estava vindo com um ímpeto tão grande quanto o seu próprio, e que sua pontaria era precisa.

Os cavaleiros avançaram e se atacaram ao mesmo tempo; as lanças encontraram-se no mesmo momento; os cavalos, travados

em plena corrida, empinaram e caíram para trás; as lanças quebraram-se e foram pelos ares, girando graciosamente sobre si mesmas como o torvelinho de uma forte explosão; e a dama no palafrém desviou os olhos. Quando voltou a olhar, os dois cavalos estavam no chão, com as colunas quebradas, e os cavaleiros deitados, imóveis.

Duas horas mais tarde, Lancelot e Turquine ainda estavam lutando com suas espadas.

— Pare — disse Turquine. — Quero conversar com você. Lancelot estacou.

— Quem é você? — perguntou Sir Turquine. — É o melhor cavaleiro com quem já lutei. Nunca vi um homem com tanto fôlego. Escute, eu tenho sessenta e quatro prisioneiros em meu castelo, e já matei ou aleijei centenas de outros, mas nenhum era tão bom quanto você. Se quiser a paz e ser meu amigo, libertarei meus prisioneiros.

— E amável de sua parte.

— Farei isso, se você for qualquer pessoa exceto uma. Se for essa, terei de lutar até matá-lo.

— Quem é essa pessoa?

— Lancelot — disse Sir Turquine. — Se você for Lancelot, jamais me renderei nem serei amigo. Ele matou meu irmão Carados.

— Eu sou Lancelot.

Sir Turquine soltou um silvo através do elmo e golpeou com astúcia, antes de o inimigo estar pronto.

— Ali, sim? — disse Lancelot. — Eu só teria que fingir não ser eu mesmo, e poderia salvar os prisioneiros. Mas você tentou me matar sem aviso.

Sir Turquine continuou a sibilar.

— Sinto muito por Carados — disse Lancelot. — Ele foi morto numa luta justa e nunca ofereceu rendição. Nunca o tive à minha mercê. Morreu em pleno combate.

Lutaram por mais duas horas. A espada não foi a única arma usada pelos cavaleiros de armadura. Às vezes, golpeavam um ao outro com a borda dos escudos; outras, agrediam um ao outro com o punho das espadas. Toda a relva em volta estava salpicada com o

sangue dos dois — manchas pequenas como as da truta, mas com uma espécie de cauda em cada uma delas, como o girino. Às vezes, por causa do peso, eles caíam um sobre o outro. Os elmos pesados da cavalaria, com enchimentos de palha, tinham buracos tão pequenos para respirar que eles sentiam-se sufocar. Seus escudos pendiam frouxamente, sem protegê-los de modo adequado.

A coisa terminou em um segundo. Nenhum deles falou. Em um momento oportuno, Lancelot largou sua espada e agarrou Turquine pela tromba do elmo. Eles caíram, e o elmo saiu. Puxaram as adagas para o corpo-a-corpo, Turquine girou, tremeu, e estava morto.

Mais tarde, quando Gaheris e a dama estavam Lhe dando um pouco de água, Lancelot disse: — Fossem quais fossem seus erros, ele era valente. Lamento que não tenha se rendido.

— Mas pense nos cavaleiros mutilados e nos espancamentos.

— Ele era da velha escola — disse. — E isso que devemos exterminar, Mas, como combatente, era um crédito para a velha escola apesar de tudo.

— Era um bruto — disse a dama.

— Fosse o que fosse, gostava do irmão. Olhe, Gaheris, você me empresta seu cavalo? Quero continuar, e meu cavalo está morto, a pobre criatura. Se me emprestar o seu, você poderia ir em frente e tirar Lionel e os outros do castelo. Diga a Lionel para voltar à Corte e não fazer bobagens. Tenho que seguir com essa dama. Você fará isso?

— Certamente, pode ficar com meu cavalo — disse Gaheris. — Você salvou a mim e também a ele. Você continua salvando os irmãos das Órcades! Da última vez foi Gawaine. E Agravaine está no castelo neste minuto. É claro que pode ficar com meu cavalo, Lancelot, é claro que sim.



VIII

Lancelot teve várias outras aventuras durante essa primeira busca — que durou um ano —, mas talvez apenas duas mereçam ser contadas em detalhes. Ambas estão relacionadas com a ética conservadora da Force Majeur contra a qual o Rei começara sua cruzada. Foi a velha escola, a atitude do baronato normando, que provocaram as aventuras desse período — pois poucas pessoas podem odiar tão amarga e tão hipocritamente quanto uma casta dominante que está sendo despejada. Os cavaleiros da Távola Redonda foram enviados como uma medida contra a Força Maior, e os coléricos barões que viviam pela Força se defendiam com a ferocidade do desespero. Teriam escrito ao The Times para se queixar, se esse jornal existisse. Os melhores deles estavam convencidas de que Arthur era um novidadeiro e seus cavaleiros, pelos padrões de seus pais, uns degenerados. Os piores inventavam nomes até mais feios que bolchevique, e permitiam que o lado brutal de suas naturezas alimentasse enormidades imaginárias que atribuíam aos cavaleiros. A situação tornou-se divorciada do bom senso, e assim histórias de atrocidades eram aceitas por pessoas que gostavam de coisas do gênero. Muitos dos barões que Lancelot teve que vencer se puseram em tal estado contra ele, pelo medo de perder seus poderes antigos, que acreditavam ser ele um tipo de gás venenoso era forma humana. Combatiam-no com tanta falta de escrúpulos quanto ódio, como se ele fosse um anticristo, e realmente acreditavam estar defendendo o justo. O

assunto virou uma guerra civil de ideologias.

Um dia em pleno verão, ele estava cavalgando pelo parque de um castelo que lhe parecia estranho. As árvores cresciam dispersas pela relva — grandes olmos e carvalhos e faias —, e Lancelot pensava em Guenevere com o coração pesado. Antes de se despedir da dama que o levara até Sir Turquine — ele cumprira o que lhe havia prometido —, eles tiveram uma conversa sobre casamento que o

perturbara. A dama dissera que ele deveria ter ou uma esposa ou uma amante, e Lancelot se irritou.

— Não posso impedir que as pessoas digam o que querem dizer — ele falou —, mas as circunstâncias tornam o casamento impossível para mim, e acho que ter uma amante não é bom.

Discutiram sobre isso durante algum tempo, e depois ele se despediu. Embora tivesse passado por várias aventuras desde então, agora ainda estava pensando no conselho da dama e se sentindo um desgraçado.

Houve um som de sinos no ar e, imediatamente, ele olhou para cima.

Um belo falcão peregrino, com sua música tilintando alta e clara ao vento que assobiava, e sua linha seguindo atrás, batia as asas sobre sua cabeça em direção ao topo de um dos olmos. Estava irritado. Assim que chegou ao topo do olmo, pousou, olhando ao redor com seus olhos raivosos e bico ofegante. A linha se enrolou três vezes no ramo mais próximo. Quando percebeu Sir Lancelot vindo em sua direção, tentou voar outra vez em fúria. A linha travou seu vôo. Ficou pendurado de cabeça para baixo, batendo as asas. Lancelot assustou-se, temendo que o falcão partisse algumas penas.

Em poucos momentos, no entanto, ele deixou de bater as asas e ficou suspenso de patas para o ar, girando lentamente, com ar desprezível, indignado e ridículo, mantendo a cabeça levantada como uma cobra.

— Oh, Sir Lancelot! Sir Lancelot! — gritou uma dama desconhecida, cavalgando em direção a ele a toda velocidade e tentando torcer as mãos, de maneira evidente, embora segurasse as rédeas. — Oh, Sir Lancelot! Perdi o meu falcão.

— Veja, lá está ele, no alto daquela árvore — respondeu o cavaleiro.

— Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! — gritou a dama. — Eu estava apenas tentando levá-lo na linha e ela se rompeu! Meu marido me matará se não conseguir pegá-lo. Ele é tão impetuoso e um falcoeiro tão competente.

— Mas certamente não vai matá-la.

— Oh, sim! Não terá a intenção, mas vai me matar! É um homem tão impetuoso!

— Talvez eu possa impedi-lo?

— Ah, não! — disse a dama. — Isso não adiantaria nada. Você pode machucá-lo e eu não ia querer que machucasse meu esposo. Em vez disso, será que você não poderia subir na árvore e pegar o falcão?

Lancelot olhou para a dama e para a árvore. Depois, deu um suspiro fundo e observou, como nos informa Malory: — Bem, minha nobre dama, já que sabe meu nome e recorre a minha condição de cavaleiro para ajudá-la, farei o que for possível para pegar seu falcão; no entanto, na verdade sou um mau trepador, e a árvore é muito alta e tem poucos ramos para me ajudar na subida.

Ele passara sua infância aprendendo a ser um guerreiro. Isso não lhe deu tempo para ir atrás de ninhos de pássaros, como os outros meninos. O pedido da dama, que não teria sido um problema para pessoas criadas como Arthur ou Gawaine, realmente era um transtorno para ele.

Desanimado, Lancelot tirou sua armadura, lançando ocasionais olhares enviesados para a horrível árvore, até estar apenas de camisa e calções. Então, atacou com coragem os primeiros galhos, enquanto a dama andava de um lado para o outro lá embaixo, falando de falcões e de esposos e de que tempo lindo estava fazendo.

— Está bem — disse ele, com os olhos cheios de casquinhas de árvore e uma medonha carranca. — Está bem, está bem.

No topo da árvore, o falcão continuava bastante emaranhado na linha — que estava enrolada em seu pescoço e asas, como usual —, e o medo que o pássaro deixava transparecer diante de um possível ataque fez com que Lancelot tivesse de deixá-lo apoiar-se em suas mãos nuas. O falcão as agarrou com a fúria da histeria, mas, com paciência, o cavaleiro o desembarçou sem se importar com os machucados. Os falcoeiros raramente se queixam quando seus falcões causam-lhes ferimentos. São por demais concentrados.

Quando o falcão estava a salvo dos ramos, Lancelot percebeu que não seria capaz de descer apenas com unia das mãos. Gritou para a

dama, que parecia pequena ao pé da árvore: — Atenção, vou amarrar a peia dele em um ramo pesado, se conseguir quebrar um, e depois jogá-lo. Vou escolher um que não seja muito pesado, para que caia devagar.

Vou ter de jogá-lo um pouco para fora, para que não se machuque nos ramos.

— Por favor, tenha cuidado! — gritou a dama.

Depois que Lancelot fez o que disse que ia fazer, começou a descer outra vez com cuidado. Havia alguns maus pedaços no caminho, onde tinha que confiar apenas no próprio equilíbrio. Estava a cerca de uns seis metros do chão, quando um cavaleiro gordo, com armadura completa, veio a pleno galope.

— Aha! Sir Lancelot! — gritou o cavaleiro gordo. — Agora o tenho onde queria.

A dama pegou o falcão e começou a se afastar.

— Senhora! — disse Lancelot, surpreso por todo mundo saber seu nome.

O gordo berrou: — Deixe-a em paz, seu assassino. Aquela é a minha mulher, exatamente. Ela só fez o que lhe falei para fazer. Foi um truque. Rá! Rá! Agora peguei você sem sua famosa armadura, e vou matá-lo como se afoga um gatinho!

— Não é digno de um cavaleiro — disse Lancelot, fazendo uma careta. — Poderia pelo menos me deixar pegar minha arma e lutar com justiça.

— Deixar que pegue sua arma, seu engraçadinho! O que você acha que eu sou?

Não quero nada dessa bobagem novidadeira. Quando eu pego um homem que come crianças assadas, eu o mato como verme que ele é! — Mas realmente...

— Desça, vamos, desça! Não posso esperar o dia todo. Desça e tome seu remédio como homem, se for homem.

— Garanto a você que não asso crianças.

O gordo cavaleiro ficou com as faces completamente vermelhas e gritou: — Mentiroso! Mentiroso! Demônio! Desça de uma vez. Lancelot sentou-se em um ramo e ficou com os pés dependurados, roendo as unhas.

— Você quer dizer que perdeu aquele falcão de propósito — ele perguntou —, com sua avessada, só para poder me matar quando eu estivesse nu?

— Desça!

— Se eu descer, farei todo o possível para matá-lo. — Bufão! — gritou o cavaleiro gordo.

— Bem — disse Lancelot —, a culpa é sua. Não deveria fazer truques sujos. Pela última vez, você me deixará pegar minhas armas como um cavaleiro?

— É claro que não.

Lancelot quebrou um galho de madeira podre e pulou para o outro lado do cavalo, de maneira que o animal ficou entre eles. O cavaleiro gordo avançou e tentou cortar a cabeça de seu inimigo, inclinándose sobre o cavalo entre os dois. Lancelot aparou o golpe com o galho, e a espada do cavaleiro se enfiou na madeira. Então, ele tomou a espada de seu dono e cortou sua garganta.

— Vá embora — disse Lancelot para a dama. — Pare de gritar. Seu marido era um tolo e a senhora é uma chata.. Não lamento tê-lo matado.

Mas lamentava.

A última aventura também estava relacionada com traição e uma dama. O jovem cavalgava pesaroso pela região dos pântanos — que ainda não haviam sido drenados naquela época, e constituíam, provavelmente, a parte mais selvagem da Inglaterra.

Tratava-se de uma região cheia de caminhos secretos através do brejo, conhecidos apenas dos saxões dos pântanos conquistados por Uther Pendragon, e toda a campina cheirando a mar era como um imenso grasnido sob o céu baixo. Os abetouros ressoavam e as altaformas deslizavam sobre os juncos, e milhões de patos-marrecos e pato de popas voavam de um lado para outro em várias formações em cunha, parecendo rolhas de garrafas de champanhe equilibradas em um nimbo de asas. Nos charcos salgados os gansos de Spitebergen andavam e mordiscavam, com os pescoços curvados à sua maneira peculiar, e os homens do pântano os perseguiam, furtivos, com redes e outros engenhos. Os homens do pântano tinham barrigas pintadas e pés palmípedes — pelo menos, essa era

a crença corrente no resto da Inglaterra. Em geral, eles matavam forasteiros.

Enquanto Lancelot estava cavalgando por um caminho estreito que parecia não levar a lugar nenhum, viu duas pessoas galopando em sua direção, a partir da outra ponta.

Eram um cavaleiro e sua dama. A dama estava na frente, correndo como louca, e o cavaleiro seguia atrás. Sua espada cintilava contra o céu sem brilho.

— Aqui! Aqui! — gritou Lancelot, indo em direção a eles.

— Socorro! — gritou a dama. — Oh, salve-me! Ele está tentando cortar minha cabeça.

— Deixe-a em paz! Afaste-se! — gritou o cavaleiro. — Ela é minha esposa e cometeu adultério!

— Jamais! — gritou a dama. — Oh, senhor, salve-me! Ele é cruel, uma besta bruta. Só porque tenho afeto por meu primo primeiro, ele tem ciúmes, Por que eu não deveria ter afeto por meu primo primeiro?

— Mulher pecaminosa! — exclamou o cavaleiro, e tentou agarrá-la.

Lancelot meteu-se entre eles e disse: — Realmente, você não pode perseguir assim uma mulher. Não me interessa de quem é a culpa, mas não é permitido matar mulheres.

— Desde quando?

— Desde que o Rei Arthur é o rei.

— Ela é minha esposa — disse o cavaleiro. — Ela não tem nada a ver com você.

Afaste-se! E é uma adúltera, seja o que for que diga!

— Oh, não, não sou — disse a dama. — Mas você é um grosseirão. E bebe também.

— Quem me faz beber, hein? E, além disso, beber não é pior do que ser adúltera.

— Calados — disse Lancelot —, todos os dois. Isto é uma chateação. Vou ter de cavalgar entre os dois até que se acalmem. Suponho que o senhor não quer, cavaleiro, lutar comigo em vez de matar esta dama?

— Obviamente, não — disse o cavaleiro. — Sei pela sua prata e suas divisas tortas que você é Lancelot; e não seria tão tolo assim de lutar contra você, especialmente por uma meretriz como essa. Que diabos isto tem a ver com você?

— Irei embora — disse Lancelot —, assim que você prometer, como cavaleiro, que não matará mulheres.

— Bem, eu não prometerei.

— Não prometerá — disse a dama. — De qualquer maneira, não manteria a promessa, se promettesse.

— Tem soldados do pântano a nossa volta — disse o cavaleiro. — Olhe para trás.

Estão armados da cabeça aos pés.

Lancelot refreou seu cavalo e olhou sobre os ombros. No mesmo instante, o cavaleiro se inclinou sobre o outro lado e cortou a cabeça da dama. Quando Lancelot voltou a olhar, sem ter visto nenhum soldado, viu a dama sentada a seu lado, sem cabeça.

Lentamente, ela começou a escorregar para o lado, latejando horrivelmente, e caiu na poeira. Havia sangue por todo o cavalo.

Lancelot ficou branco em torno das narinas.

Disse:

— Vou matá-lo por causa disso.

O cavaleiro imediatamente pulou do seu cavalo e se esparramou no chão.

— Não me mate! — pediu. — Misericórdia! Ela era uma adúltera.

Lancelot também desmontou e desembainhou sua espada.

— Levante-se — ele disse. — Levante-se e lute, seu, seu....

O cavaleiro se arrastou no chão em direção a Lancelot, e jogou os braços em volta de suas pernas. Estando tão perto do vingador, tornava difícil para ele brandir a espada.

— Misericórdia!

Sua abjeção fazia Lancelot sentir-se horrível.

— Levante-se — ele disse. — Levante-se e lute. Olhe, vou tirar minha armadura e lutar só com minha espada.

Mas "Misericórdia! Misericórdia" era só o que o cavaleiro dizia.

Lancelot começou a tremer, não pelo cavaleiro mas pela crueldade nele mesmo.

Levantou sua espada com aversão e empurrou o homem.

— Olhe para todo esse sangue — ele disse.

— Não me mate — disse o cavaleiro. — Eu me rendo, eu me rendo. Você não pode matar um homem que está a sua mercê.

Lancelot embainhou a espada e se afastou do cavaleiro, como se estivesse se afastando de sua própria alma. Sentia em seu coração crueldade e covardia, as coisas que o faziam corajoso e gentil.

— Levante-se — ele disse. — Não vou machucá-lo. Levante-se, vá embora.

O cavaleiro olhou para ele, de quatro como um cachorro, e se levantou, curvando-se com insegurança. Lancelot foi embora, com náuseas.

Na festa de Pentecostes era costume que os cavaleiros que estavam em busca para a Távola se reunissem outra vez em Carlion para relatar suas aventuras. Arthur descobrira que eles ficavam mais animados para lutar à nova maneira do Direito, se tivessem que contar sobre isso depois. A maioria deles preferia trazer consigo os prisioneiros, como testemunhas de suas histórias. Era como se algum Inspetor-Geral da Polícia, em um país muito distante da África, enviasse seus superintendentes para a selva, pedindo que voltassem no Natal seguinte com todos os chefes selvagens que tivessem conduzido ao bom caminho. Além disso, impressionava aos chefes selvagens ver a grande Corte, e eles com freqüência voltavam reformados.

O Pentecostes depois da primeira busca de Lancelot foi quase um fiasco. Alguns gigantes andrajosos do Braço Forte, que tinham sido capturados pela facção das Órcades, apareceram e prestaram sua homenagem, mas a quota de Lancelot foi uma avalanche.

— Vocês são homens de quem?

— De Lancelot.

— E vocês, meus bons camaradas?

— De Lancelot.

Depois de um tempo, toda a mesa começou a gritar as respostas. Arthur perguntava:

— Você é bem-vindo a Carlion, Sir Belleus, e poderia perguntar a qual dos meus cavaleiros você se rendeu?

— Lancelot — a mesa gritaria em coro.

E Sir Belleus, enrubescendo, sem saber se estavam rindo dele, diria em voz baixa:

— Sim, eu me rendi a Sir Lancelot.

Sir Bedivere veio e confessou como havia cortado a cabeça de sua esposa adúltera. Troasse a cabeça com ele, e lhe ordenaram que a levasse ao Papa como penitência — ele tomou-se muito piedoso depois disso. Gawaine aproximou-se com rudeza e contou, em inglês da Escócia, como fora salvo de Sir Carados. Gaheris, à cabeça de uma delegação de sessenta e quatro cavaleiros com escudos enferrujados, relatou como foi salvo de Sir Turquine. A filha do Rei Bagdemagus chegou toda entusiasmada e contou sobre o torneio com o Rei de Northgalis. Além desses, havia muitas pessoas de aventuras que deixamos de contar — sobretudo cavaleiros que tinham se rendido a Sir Lancelot quando este estava disfarçado de Sir Kay.

Você deve se lembrar, do primeiro livro, como Kay tinha a tendência de ter a língua um pouco solta demais e, por causa disso, tornara-se um tanto impopular. Durante a busca, Lancelot fora obrigado a salvá-lo de três cavaleiros que o estavam perseguindo.

Então, certa noite, enquanto Sir Kay dormia, Lancelot trocou de armadura com ele, de modo que o homem pudesse voltar para a Corte sem ser molestado — e, depois disso, os cavaleiros que se lançaram sobre Lancelot achando que este era Kay tiveram a grande surpresa de suas vidas, enquanto os cavaleiros que encontravam Kay na armadura de Lancelot deixavam-no passar. Os cavaleiros que se renderam nessa categoria incluíam Gawaine, Uwaine, Sagramour, Ector de Maris, e outros três. Também veio um cavaleiro chamado Sir Mellot de Logres, que fora salvo em circunstâncias sobrenaturais.

Todas essas pessoas se entregaram não ao Rei Arthur, mas a Guenevere.

Lancelot tinha se mantido longe por todo um ano, mas havia um limite para sua resistência. Pensando nela o tempo todo e desejando estar de volta ao seu lado, permitira-se essa única indulgência. Mandou seus cativos ajoelharem aos pés dela, Esse foi um rumo fatal de ação.



IX

É difícil explicar Guenevere, a menos que seja possível amar duas pessoas ao mesmo tempo. Provavelmente não é possível amar duas pessoas da mesma maneira, mas existem diferentes tipos de amor. A mulher ama os filhos e o esposo ao mesmo tempo — e o homem muitas vezes pode desejar uma mulher enquanto sente amor por outra. De modo parecido, Guenevere começou a amar o jovem francês sem perder seu afeto por Arthur. Ela e Lancelot eram quase adolescentes quando isso começou, e o Rei era oito anos mais velho que eles. Aos vinte e dois, a idade de trinta anos parece à beira da senilidade. O casamento entre ela e Arthur tinha sido o que se chamava de casamento "arranjado". Isso quer dizer que foi combinado por um tratado com o Rei Leodegrance, sem consultá-la. Foi uma união que deu certo, como os casamentos "arranjados"

geralmente dão e, antes de Lancelot aparecer em cena, a jovem adorava seu famoso marido, apesar de ele ser tão velho. Tinha respeito por ele, além de gratidão, ternura, amor, e um sentimento de proteção. Era mais do que isso — pode-se dizer que ela sentia tudo exceto a paixão de um romance.

E então os prisioneiros chegaram. Uma ruborizada rainha de pouco mais de vinte verões em seu trono, e todo o saguão, à luz de vela, cheio com nobres cavaleiros ajoelhados frente a ela. "Prisioneiro, de quem é você?" "Sou prisioneiro da Rainha, para viver ou morrer, enviado por Sir Lancelot." "De quem você é?" "Da rainha, pela arma de Lancelot," Sir Lancelot — o nome nos lábios de todos: o melhor cavaleiro do mundo, acima da média, mesmo acima de Tristão; o cortês, o misericordioso, o feio, o invencível; e ele os enviou, a todos, para ela. Era como uma festa de aniversário, com tantos presentes. Era como nos livros de histórias.

Guenevere sentava-se ereta e se inclinava majestosamente para seus prisioneiros. Perdoava a todos eles. Seus olhos brilhavam mais que sua coroa.

Lancelot veio por último. Houve uma excitação entre os carregadores das tochas e um murmúrio percorreu o saguão. O tinido de facas, pratos e canecas, o barulho de vozes amigas que um momento antes soara como um encontro de aves marinhas em St.

Kilda, os gritos por mais carneiro ou uma caneca de hidromel se aquietaram — e borrões de caras brancas se voltaram para a porta. Ali estava Lancelot, já não com armadura, mas vestido com uma magnífica túnica de veludo, festonada e cheia de voltas. Hesitou na soleira escura da porta, terrível e amigável, surpreendendo-se com o silêncio — e as luzes o mostraram. Então os rostos se endireitaram, o encontro de aves marinhas recomeçou de novo, e Lancelot aproximou-se para beijar a mão do Rei.

Era o momento. Talvez seja melhor nem tentar explicar.

— Ora, Lance — disse Arthur, alegremente —, isto é alguma brincadeira, sem dúvida nenhuma. Jenny mal pode permanecer sentada tranqüila com todos os seus prisioneiros.

— Eles eram para ela — disse Lancelot. A Rainha e ele não se fitaram. Tinham feito isso com o clique de dois magnetos se juntando, no momento em que ele passou pela soleira da porta.

— Não posso evitar achar que eram também para mim — disse o Rei. — O

resultado é que você deve ter me presenteado com cerca de três condados.

Lancelot sentiu a urgência de evitar o silêncio. Começou a falar muito rapidamente.

— Três condados não são muito para o Imperador de toda a Europa — disse. — Você fala como se não tivesse conquistado o Ditador de Roma. Como vão seus domínios?

— Da maneira como vocês os fazem, Lance. De que serve conquistar o Ditador, a menos que você e os outros façam a parte civilizatória? De que adianta ser o Imperador da Europa se, em todos os lugares, estão lutando como doidos?

Guenevere apoiou seu herói no esforço contra o silêncio. Foi a primeira parceria dos dois.

— Arthur querido, você é um homem estranho — ela disse. — Luta o tempo todo, conquista países e vence batalhas, e depois diz

que lutar é uma coisa ruim.

— E é mesmo uma coisa ruim. E a pior coisa do mundo. Oh, Deus, não precisamos explicar isso de novo!

— Não.

— Como anda a facção das Órcades? — perguntou o jovem, rapidamente. — Como anda sua famosa civilização? A Força a serviço do Direito? Não se esqueça que fiquei fora o ano todo.

O Rei apoiou a cabeça nas mãos e, entre os cotovelos, olhou para a Távola com ar infeliz. Era um homem gentil, consciencioso, amante da paz, que fora atormentado na juventude por um tutor de gênio. Juntos, elaboraram a teoria de que matar pessoas e tiranizá-las era errado. Para acabar com esse ripo de coisa, inventaram a idéia da Távola — uma idéia vaga como a democracia, ou o espírito esportivo, ou a ética —, e agora, no esforço para impor um mundo pacífico, Arthur via-se mergulhado em sangue até os cotovelos. Quando estava bem de saúde, não se queixava muito porque sabia que o dilema era inevitável, mas, em momentos de fraqueza, era perseguido pela vergonha e indecisão. Era um dos primeiros nórdicos a inventar uma civilização, ou a desejar fazer algo diferente do que fizera Atila, o Muno, e a batalha contra o caos às vezes parecia não valer a pena. Com freqüência, ele pensava que permanecerem vivos teria sido melhor para todos os seus soldados mortos — mesmo para viverem sob a tirania e a loucura.

— A facção das Órcades vai mal — ele disse. — E também a civilização, exceto pela parte que você acabou de trazer. Antes de você chegar, eu estava pensando que era o Imperador de nada, agora sinto como se fosse o Imperador de três condados.

— O que há de errado com a facção das Órcades?

— Oh, Deus, precisamos falar sobre isso quando estamos nos sentindo tão felizes com sua volta? Suponho que sim.

— É Morgause — disse a Rainha.

— Em parte. Morgause está tendo casos de amor com qualquer um que possa fisgar, agora que Lot está morto. Como desejaria que o Rei Pellinore não tivesse tido aquele infeliz acidente quando o matou! Isso está tendo um péssimo efeito em seus filhos!

— O que você quer dizer?

O Rei apoiou-se à mesa e afirmou: — Gostaria que não tivesse vencido Gawaine, daquela vez que você estava disfarçado de Kay. Quase desejaria que não tivesse tido tanto sucesso ao salvá-lo e a seus irmãos de Carados e Turquine.

— Por quê?

— Esta Távola Redonda era uma coisa boa, quando a imaginamos — o velho homem disse devagar. — Era necessário inventar uma maneira para os homens de luta se expressarem sem fazer o mal. Não vejo como poderíamos ter feito isso a não ser assim, criando uma moda, como crianças. Para atraí-los, tínhamos que formar uma gangue, como crianças na escola. Então, a gangue tinha que fazer um juramento secreto, de que só lutariam por nossa idéia. Você pode chamá-la de civilização. O que eu queria dizer com civilização, quando a inventei, era simplesmente que as pessoas não deviam tirar proveito da fraqueza — não violar donzelas, nem roubar viúvas, nem matar um homem que estivesse em desvantagem. As pessoas deveriam ter civilidade. Mas tudo virou um esporte. Merlin sempre disse que o esporte era a maldição do mundo, e é mesmo. Meu esquema não está dando certo. Todos esses cavaleiros, agora, estão transformando a coisa em fetiche. Estão transformando-a em competição. Merlin costumava chamar isso de Mania de Jogos. Todo inundo fofoca, resmunga, insinua e especula sobre quem acabou por derrubar quem, e quem salvou mais virgens, e quem é o melhor cavaleiro da Távola. Cheguei a fazer uma mesa redonda para evitar exatamente esse ripo de coisa, mas não deu certo. A facção das Órcades é a pior. Suponho que a sensação de insegurança deles, por causa da mãe, impele-os a se assegurar dos melhores lugares no topo da lista. Têm que se sobressair, que se exibir para ela. E por isso que eu preferiria que você não tivesse vencido Gawaine, Ele é um sujeito decente, mas em seu íntimo vai guardar ressentimento contra você. Você o rebaixou na média das justas; essa é uma parte da constituição deles que agora se tornou, para meus cavaleiros, mais importante que a própria alma. Se não tiver cuidado, você terá a facção das Órcades atrás de seu sangue, tanto quanto atrás do de Pellinore. E uma posição condenável. As pessoas farão as piores

coisas por causa da sua assim chamada honra. Desejaria jamais ter inventado a honra, nem esporte, nem civilização.

— Que discurso! — disse Lancelot. — Anime-se. A facção não vai me machucar, mesmo se estiver atrás do meu sangue. Quanto ao seu esquema estar dando errado, isso é bobagem. A Távola Redonda é a melhor coisa que já aconteceu.

Arthur, cuja cabeça ainda estava entre as mãos, levantou os olhos. Viu que seu amigo e sua esposa olhavam um para o outro com as enorme pupilas da loucura, então rapidamente voltou a baixar os olhos para o prato.



X

Tio Dap disse, girando o elmo nas mãos: — Seu mantêlete está rasgado e torto. Temos que arranjar outro. E uma honra ter o mantelete rasgado, mas desonroso deixa-lo assim quando há oportunidade de arrumar outro. Esse tipo de coisa seria uma bazófia.

Estavam conversando em um pequeno quarto com uma janela voltada para o norte, frio e sombrio, e a claridade azul espalhava-se como óleo congelado sobre o aço.

— Sim.

— Como está Foyeux? Ainda afiada? Você gosta do equilíbrio dela? Foyeux tinha sido feita por Galand, o maior forjador de espadas da Idade Média.

— Sim.

— Sim! Sim! — exclamou Tio Dap, — Não sabe dizer outra coisa a não ser sim?

Pela morte de minha alma, Lancelot, eu me pergunto se você ficou bobo! Por Deus, o que foi que aconteceu com você, afinal?

Lancelot estava alisando o penacho que era usado como marca de distinção no elmo que Tio Dap tinha nas mãos. Era destacável. Pelo cinema e os quadros cômicos, as pessoas meteram na cabeça que os cavaleiros com armaduras geralmente usavam plumas de avestruz, que balançavam como moitas de relva ao vento. Não era assim. O

penacho de Kay, por exemplo, tinha a forma parecida com um leque rígido e chato, com as pontas viradas para a frente e para trás. Era cuidadosamente feito com os olhos das penas de pavão, exatamente como se um leque duro de pavão tivesse se levantado no comprimento da cabeça. Não era um tufo de penas, e não balançava. Parecia-se mais com a barbatana adiposa de um peixe, porém vistosa. Lancelot, que não se importava com coisas vistosas, usava algumas penas de garça-real amarradas com fio de prata, que combinava com a prata do seu escudo. Estava alisando-as. Agora,

jogou-as violentamente a um canto e se levantou. Começou a andar pelo quarto estreito de maneira brusca.

— Tio Dap — ele disse —, lembra-se que lhe pedi para não falar de uma determinada coisa?

— Lembro.

— Guenevere está apaixonada por mim?

— Você deveria perguntar a ela — respondeu o tio, com lógica francesa.

— O que devo fazer? — ele perguntou. — O que devo fazer? Se é difícil explicar o amor de Guenevere por dois homens ao mesmo tempo, é quase impossível explicar o que acontecia com Lancelot. Pelo menos, seria impossível atualmente, quando todo mundo está livre de superstições e preconceitos e, para todos nós, basta fazermos o que nos apetece. Por que Lancelot não fazia amor com Guenevere, ou fugia de uma vez com a esposa de seu herói, como qualquer homem esclarecido faria hoje?

Uma razão para esse dilema era o fato de ele ser cristão. O mundo moderno está propenso a esquecer que, no passado remoto, algumas pessoas eram cristas, e no tempo de Lancelot não havia protestantes — exceto John Scotus Erigena. A Igreja na qual ele foi criado — e é difícil escapar da criação — proibia-o explicitamente de seduzir a esposa de seu melhor amigo. Outro obstáculo para que ele fizesse o que gostaria era a própria idéia da cavalaria ou da civilização que Arthur primeiro inventara e depois introduzira em seu próprio espírito jovem. Talvez um barão cruel, que acreditasse no Braço Armado, tivesse fugido com Guenevere, mesmo enfrentando os conselhos de sua Igreja, porque tomar a mulher do próximo era realmente uma forma de Force Majeur. Era uma questão que vencesse o touro mais forte. Mas Lancelot passara sua infância entre os exercícios para futuro cavaleiro e os pensamentos sobre a teoria do Rei Arthur. Acreditava tão firmemente como Arthur, tão firmemente quanto o cristão inocente, que havia uma coisa chamada Direito. Por fim, havia o impedimento de sua própria natureza. Nas zonas secretas de seu cérebro peculiar, naqueles emaranhados infelizes e inextricáveis que sentia no mais fundo de si, via-se incapacitado por alguma coisa que não sabemos explicar. Ele tampouco saberia explicar, e para nós tudo está demasiado distante. Ele amava Arthur e amava Guenevere e odiava a si mesmo. O melhor cavaleiro do mundo: todo mundo inveja a auto-estima que ele com certeza devia ter. Mas Lancelot nunca acreditou que fosse bom ou atraente. Sob a casca grotesca e magnífica, com um rosto



como o de Quasímodo,

havia vergonha e auto-aversão, plantadas ali quando ele era pequeno, por algo que agora é tarde demais para rastrear. É tão fatalmente fácil fazer uma criança acreditar que é horrível.

— Parece-me que, em boa medida, isso depende do que a Rainha quer fazer — disse Tio Dap.

XI

Desta vez, Lancelot permaneceu na Corte durante várias semanas, e cada semana tornava sua partida mais difícil. Além do emaranhado mais ou menos social em que se encontrava, havia uma confusão pessoal — pois ele dava à castidade um valor mais alto do que é moda em nosso século. Acreditava, como o homem de Lord Tennyson, que as pessoas só poderiam ter a força de dez se fossem puras de coração. E como acontecia de sua força ser a força de dez, essa era a explicação medieval encontrada para isso. Como um corolário para essa crença, ele supunha que caso se entregasse à Rainha, perderia sua força de dez homens. Assim, por essa razão, como pelas outras, ele lutava contra ela com a coragem do desespero. Também para Guenevere não era nada agradável.

Um dia, Tio Dap disse: — É melhor você partir. Já perdeu quase dez quilos. Se você partir, alguma coisa vai se endireitar ou não. É melhor resolver isso logo.

Lancelot disse: — Não posso partir. Arthur disse: — Por favor, fique. Guenevere disse: — Vá.

A segunda busca que ele então empreendeu foi o ponto de virada de sua vida.

Havia muita conversa em Camelot sobre um certo Rei Pelles, que era coxo e vivia no castelo assombrado de Corbin. Supostamente, ele era ligeiramente louco porque acreditava ser um parente de José de Arimatéia. Era o ripo de homem que hoje se tornaria um britânico israelita e passaria o resto de sua vida profetizando o fim do mundo pelas medidas das galerias da Grande Pirâmide. No entanto, o Rei Pelles era apenas ligeiramente louco, e seu castelo era realmente assombrado. Tinha um quarto assombrado, com inúmeras portas através das quais, à noite, as coisas passavam e vinham lutar com você. Arthur achou que valia a pena enviar Lancelot para investigar o lugar.

No caminho para Corbin, Lancelot teve uma aventura estranha, da qual se lembrou durante muitos anos com terrível aflição. Passaria a considerá-la a última aventura de sua virgindade e acreditaria, todos os dias dos vinte anos seguintes, que antes que acontecesse ele era um homem de Deus e que, depois dela, transformou-se em uma fraude.

Nas cercanias do castelo de Corbin, havia uma aldeia que parecia próspera.

Tinha ruas pavimentadas, casas de pedras e pontes antigas. O castelo ficava em uma colina num dos lados do vale, e havia uma bonita torre quadrada na colina oposta. Todas as pessoas da aldeia estavam na rua, como se estivessem esperando por ele, e havia uma beleza de sonho no ar, como se uma chuva de poeira de ouro tivesse vindo do sol.

Lancelot sentiu-se estranho. Deveria ter demasiado oxigênio em seu sangue, pela maneira como tinha consciência de cada pedra em cada muro, e de todas as cores do vale, e do passo alegre de seu cavalo. O povo da aldeia encantada sabia o seu nome.

— Bem-vindo, Sir Lancelot Dulac — exclamaram —, a flor entre todos os nossos cavaleiros. Por vós seremos socorridos do perigo.

Ele refreou seu cavalo e lhes falou.

— Por que vocês me chamaram? — perguntou, pensando em outras coisas. — Como sabem o meu nome? Qual é o problema?

Eles responderam em coro, falando juntos solenemente e sem dificuldade.

— Oh, nobre cavaleiro — disseram. — Vedes aquela torre na colina? Dentro, encontra-se uma dama que sofre, que por magia está sendo mantida fervendo em água escaldante há muitos invernos, e ninguém pode tirá-la de lá exceto o melhor cavaleiro do mundo. Sir Gawaine esteve aqui na semana passada, mas não conseguiu salvá-la.

— Se Sir Gawaine não conseguiu — ele disse —, tenho certeza que também não conseguirei.

Ele não gostava desse tipo de competição. O perigo de ser o melhor cavaleiro do mundo era que, se fosse permanentemente

testado quanto a isso, acabaria chegando o dia em que falharia em manter o título.

— Acho que é melhor continuar meu caminho — disse, e deu uma sacudida nas rédeas.

— Não, não — as pessoas disseram, com seriedade. — Sois Sir Lancelot e sabemos disso. Conseguireis tirar nossa dama da água fervente.

—Tenho que ir.

— Ela está sofrendo.

Lancelot apoiou-se na cernelha do cavalo, levantou a perna direita, passou-a para o outro lado e estava no chão.

— Digam-me o que devo fazer — disse.

As pessoas formaram um cortejo a sua volta, e o regedor da aldeia tomou-o pela mão. Subiram a colina até a torre quadrada, em silêncio, exceto pelo regedor que explicou a situação enquanto caminhavam.

— A senhora das nossas terras — disse o regedor — era a donzela mais bonita da região. Então a Rainha Morgana Le Fay e a Rainha de Northgalis ficaram com inveja e fizeram essa mágica por vingança. É terrível o tanto que ela sofre, e há cinco anos está fervendo. Só o melhor cavaleiro do mundo poderá salvá-la.

Quando chegaram a entrada da torre, outra coisa estranha aconteceu. Ela estava fortemente aferrolhada e trancada à moda antiga. A alvenaria da entrada foi construída com cavidades fundas pelas quais passavam vigas pesadas — pesadas o suficiente para agüentar um aríete. Agora, essas vigas, por sua própria conta, recuaram e as fechaduras de ferro rodaram seus próprios mecanismos com um rangido. As portas abriram-se em silêncio.

— Entrai — disse o regedor, e as pessoas ficaram paradas do lado de fora, esperando o que aconteceria.

No primeiro andar da torre havia uma fornalha que mantinha quente a água encantada. Lancelot não pôde entrar ali. No segundo andar havia um quarto cheio de vapor, e ele não podia ver nada. Entrou no quarto, estendendo as mãos à frente, como os cegos fazem, até que escutou um gemido. Uma clareira no vapor,

provocada pela corrente de ar vinda da porta por tanto tempo fechada, mostrou a dama que gemera.

Sentada timidamente na banheira, olhando para ele, havia uma pequena jovem encantadora, que estava — como escreveu Malory — tão nua quanto uma agulha.

— Oh! — ele exclamou.

A jovem corou, se é que podia corar já que estava fervendo, e disse em voz baixa:

— Por favor, dê-me sua mão.

Ela sabia como desfazer o encantamento.

Lancelot deu-lhe a mão, ela se levantou e saiu da banheira. Todas as pessoas do lado de fora começaram a dar vivas como se soubessem exatamente o que estava acontecendo. Eles haviam trazido um vestido e roupa de baixo adequada. As mulheres da aldeia formaram um círculo na entrada enquanto a donzela rosada se vestia.

— Ah! como é agradável estar vestida! — ela disse.

— Meu coraçãozinho! — exclamou, enquanto chorava de alegria uma velha gorda que, obviamente, fora sua ama quando ela era pequena.

— Sir Lancelot conseguiu — gritaram os aldeões. — Três vivas para Sir Lancelot!

Quando os vivas acabaram, a jovem fervida aproximou-se e colocou sua mão na dele.

— Obrigada — disse. — Devemos ir à igreja agora, agradecer tanto a Deus como a vós?

— Com certeza, devemos.

Assim eles foram à pequena e desprovida capela da aldeia e agradeceram a Deus por Sua misericórdia. Ajoelharam-se entre as paredes com afrescos onde alguns santos de aparência importante com halos azuis postavam-se nas pontas dos pés para evitar distorções, e as pinturas de cores vivas dos vitrais derramavam-se sobre suas cabeças. Eram da cor azul cobalto, púrpura do manganês, amarelo do cobre, vermelho, e um verde que também vinha do cobre, lodo o interior do lugar era um tanque inundado de cor. As orações estavam já pela metade quando Lancelot

compreendeu que lhe fora permitido fazer um milagre, exatamente como sempre desejara.

O Rei Pelles desceu mancando do seu castelo, do outro lado da aldeia, para ver o que era aquela agitação. Olhou para o escudo de Lancelot, beijou distraidamente a filha fervida, inclinando-se como uma cegonha obediente para ser beijado na bochecha, e exclamou: — Oh, céus, você é sir Lancelot! E vejo que conseguiu tirar minha filha daquele tipo de chaleira. Quanta amabilidade! Há tempos, isso foi profetizado. Eu sou o Rei Pelles, primo próximo de José de Arimatéia, e você, claro, só pode ser o oitavo grau de Nosso Senhor Jesus Cristo!

— Valha-me Deus!

— Realmente, realmente! — disse o Rei Pelles. — Está tudo escrito aritmeticamente nas pedras de Stonehenge, e tenho uma espécie de prato sagrado em meu castelo em Carbonek, junto com uma pomba que voa em várias direções segurando um turíbulo de ouro no bico. De qualquer maneira, foi extremamente gentil de sua parte tirar minha filha daquela chaleira.

— Papai — disse a moça. — Temos que ser apresentados.

O Rei Pelles balançou a mão como se estivesse tentando afugentar mosquitos-pólvora.

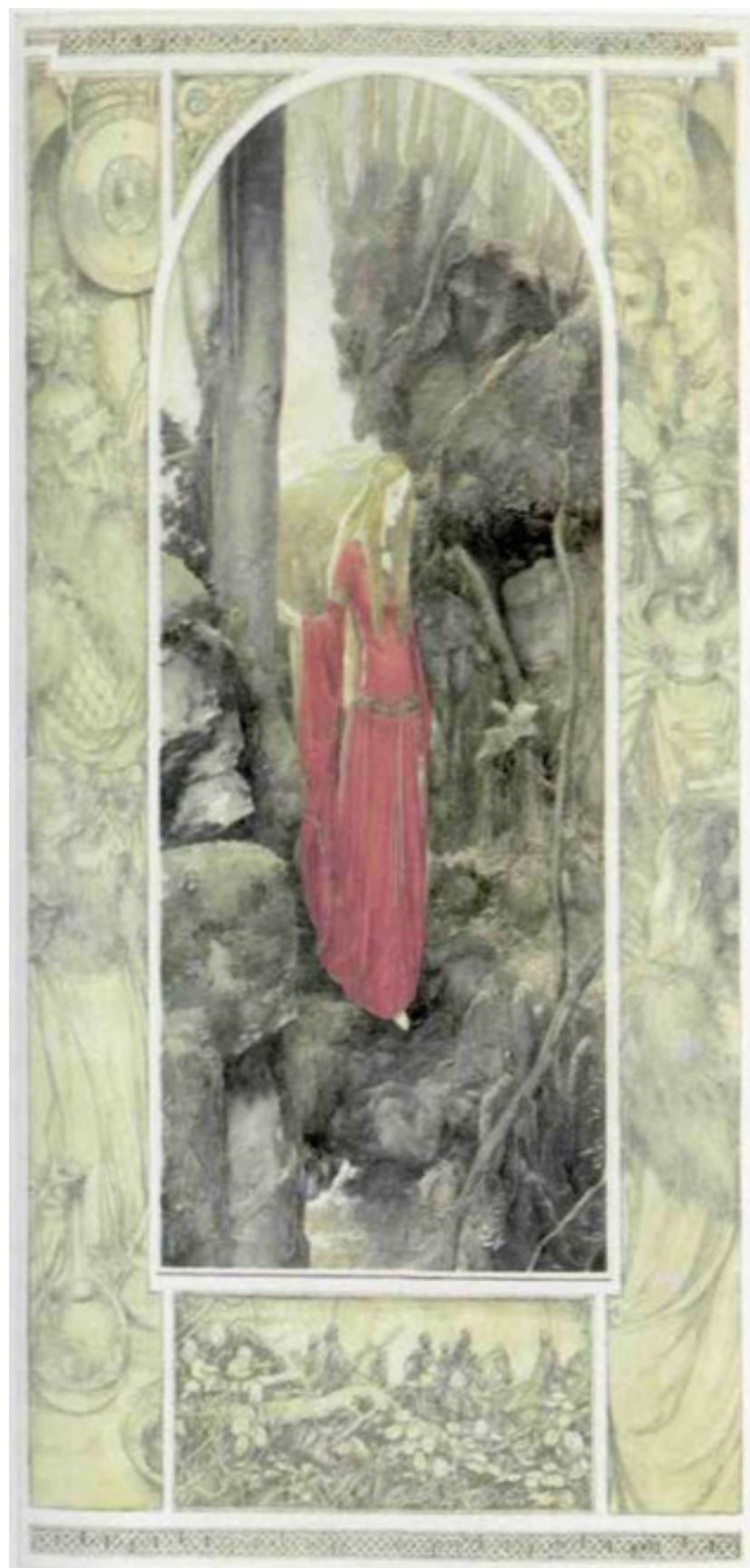
— Elaine — ele disse.

Era outra com o mesmo nome.

— Esta é minha filha Elaine. Muito prazer. E este é Sir Lancelot Dulac. Muito prazer, Tudo escrito nas pedras.

Lancelot, talvez levemente influenciado por tê-la primeiro conhecido sem roupa, achou que Elaine era a moça mais bonita que já vira, sem contar Guenevere. Sentiu-se tímido.

— Você deve vir comigo — disse o Rei. — Isto também está nas pedras. Um dia mostrar-lhe o prato sagrado e tudo isso. Ensinar-lhe aritmética. Belo tempo. Nem todo dia tenho uma filha tirada da água fervendo. Acho que o jantar deve estar pronto.



É difícil explicar Guenevere, a menos que seja possível amar duas pessoas ao mesmo tempo. Provavelmente não é possível amar duas pessoas da mesma maneira, mas existem diferentes tipos de amor.



XII

Lancelot ficou no castelo de Corbin durante vários dias. Seus quartos assombrados estavam à altura das expectativas, e não havia mais nada a fazer. Ele experimentava tantos sentimentos em seu peito por causa de Guenevere — as terríveis angústias do amor sem esperança — que estava exausto pelo esforço. Não conseguia reunir energia suficiente para ir para outro lado. No começo de seu amor por eia sentiu tai inquietação que achou que só se permanecesse em movimento e fizesse novas coisas a cada momento poderia haver alguma esperança de fuga. Agora, seu poder de se manter ocupado acabara. Sentia que tanto fazia estar em um lugar como em outro, já que estava apenas esperando para ver se seu coração explodiria ou não. Era muito inocente para ver que se o melhor cavaleiro do mundo salvasse você de uma chaleira de água fervendo, toda desnuda, você provavelmente se apaixonaria por ele — se tivesse apenas dezoito anos. Um final de tarde, quando Pelles tinha sido particularmente cansativo falando de árvores genealógica;; religiosas, e quando o tormento do coração do jovem Lhe tornara impossível comer adequadamente ou mesmo se sentar quieto durante o jantar, o mordomo tomou a iniciativa. Ele servia a família havia quarenta anos, era casado com a ama que acolhera Elaine com lágrimas de alegria e aprovava o amor. Também entendia de jovens como Lancelot — jovens que poderiam ser estudantes ou pilotos de jato se vivessem na Inglaterra de hoje. Teria sido um excelente mordomo de colégio.

— Mais vinho, Sir? — perguntou.

— Não, obrigado.

O mordomo inclinou-se polidamente e encheu outro chifre que Lancelot esvaziou sem sequer lançar-lhe os olhos.

— Uma safra excelente, Sir — disse o mordomo. — Sua Majestade cuida muito bem de sua adega.

O Rei Pelles tinha ido para a biblioteca, calcular algumas prenunciações, e seu hóspede fora deixado melancolicamente no salão, — Sim.

Houve um ruído do lado de fora da porta da despensa e o mordomo foi ver o que era enquanto Lancelot tomava outra dose.

— Este é um belo vinho, Sir — disse o mordomo. — Sua Majestade tem uma grande reserva deste vinho e minha esposa acaba de trazer uma garrafa nova da adega.

Observai a cor, Sir. Tenho certeza de que é um vinho digno de apreciação.

— Todos os vinhos parecem o mesmo para mim.

— Sois um jovem cavaleiro modesto — disse o mordomo, dando-lhe outro grande chifre. — Se me é permitido dizer, Sir, acabais de fazer uma piada. Mas é fácil reconhecer um apreciador de vinho quando se encontra um.

Ele estava aborrecendo Lancelot, que queria ficar a sós com seu sofrimento, e Lancelot percebeu que estava ficando aborrecido. Por esta razão, automaticamente se perguntou se não fora talvez descortês com o mordomo, em um momento de distração.

Talvez o mordomo realmente gostasse de vinho, e tivesse seus próprios problemas.

Educadamente, bebeu tudo.

— Muito bom — ele disse, para encorajar. — Uma safra esplêndida.

— Fico feliz em escutar que apreciastes, Sir.

— Alguma vez — começou Lancelot, fazendo a pergunta que todo jovem sempre costuma fazer, e sem perceber que ela nada tinha a ver com a bebida —, alguma vez você já se apaixonou?

O mordomo sorriu discretamente e encheu outra vez o copo até a borda.

Por volta da meia-noite, Lancelot e o mordomo estavam sentados em lados opostos da mesa, ambos com a face vermelha. Uma infusão temperada estava entre eles — uma mistura de vinho tinto,

mel, especiarias e seja lá o que for que a esposa do mordomo tinha acrescentado.

— Então eu lhe conto — disse Lancelot, olhando de modo feroz como um gorila.

— Não contaria a todo mundo, mas você é um sujeito legal. Um sujeito compreensivo. Um prazer contar tudo. Beba outro copo, — Saúde — brindou o mordomo.

— O que devo fazer? — ele exclamou. — O que devo fazer? Ele colocou sua horrível cabeça entre os braços na mesa e começou a chorar.

— Coragem! — disse o mordomo. — Fazei ou morrei! Olhando para a porta da despensa, o velho bateu na mesa com uma mão e, com a outra, encheu outro copo até a borda.

— Bebei — ele disse.— Bebei muito. Sede um homem, Sir, se me permitis a ousadia. Em um minuto, tereis boas notícias, isso tereis, e desejareis agarrar o instante inesquecível, como diz o bardo.

— Bom sujeito — disse Lancelot. — Maldito seria eu se não agarrasse, se pudesse.

— Jack é tão bom quanto seu senhor.

— Com certeza — disse o jovem, piscando o olho de uma maneira que receou parecer abominável. — Melhor, na verdade, hein, mordomo?

Ele começou a rir como um asno.

— Ah! — disse o mordomo —, e aqui está minha esposa na porta da despensa, trazendo uma mensagem. Ouso dizer que é para vós, Sir.

— Sobre o que é? — perguntou o mordomo, olhando o jovem que permanecia sentado olhando fixo para o bilhete.

— Nada — ele disse, jogando o papel sobre a mesa e caminhando sem firmeza para a porta.

O mordomo leu o bilhete.

— Aqui diz que a Rainha Guenevere está no castelo de Case, a oito quilômetros daqui, e quer vos ver. Diz que o Rei não está com ela. Há alguns beijos.

— E daí?

— Não ousareis ir — disse o mordomo.

— Não ousarei? — gritou Sir Lancelot, e penetrou cambaleando na escuridão, rindo como urna caricatura, e ordenando que lhe trouxessem seu cavalo.

Na manhã seguinte ele acordou de repente em um quarto estranho. Estava completamente escuro, com cortinas nas janelas, e a cabeça não lhe doía porque sua constituição era boa. Pulou da cama e foi até a janela para abrir a cortina. De repente, em um segundo, ficou completamente consciente de tudo que acontecera na noite anterior — consciente do mordomo e da bebida e da poção de amor que talvez tenha sido colocada ali, da mensagem de Guenevere, e do corpo escuro, firme, quente e fresco na cama da qual acabara de sair. Abriu a cortina e encostou sua testa contra a pedra fria da divisória do caixilho. Sentia-se miserável.

— Jenny — ele disse, passados minutos que pareceram horas.

Não veio resposta da cama.

Ele se virou e se viu olhando para a moça fervida, Elaine. Ela estava deitada na cama, seus pequenos braços nus segurando as cobertas de cada lado, com os olhos violetas fixados nos dele.

Lancelot sempre foi um mártir de seus sentimentos, jamais conseguiu disfarçá-los. Quando viu Elaine, sua cabeça recuou. Então seu rosto feio ganhou uma expressão de sofrimento profundo e ultrajado, tão elementar e verdadeiro que sua nudez à luz da janela era dignidade. Começou a tremer.

Elaine não se moveu, apenas o olhou com seus olhos perspicazes, como um rato.

Lancelot dirigiu-se para a arca sobre a quai estava sua espada.

— Vou matá-la.

Ela apenas olhava. Tinha dezoito anos, lastimavelmente pequena na grande cama, e estava com medo.

— Por que fez isso? — ele exclamou. — O que você fez? Por que me traiu?

— Tinha de fazê-lo.

— Mas foi traição!

Ele não podia acreditar que ela tivesse feito aquilo.

— Foi traição! Você me traiu. — Por quê?

— Você me fez... me tirou... me roubou...

Ele atirou sua espada em um canto e sentou-se na arca. Quando começou a chorar, as linhas grosseiras do seu rosto contraíram-se de maneira fantástica. A coisa que Elaine roubara dele era o seu poder. Roubara sua força de dez. Mesmo atualmente, as crianças acreditam em coisas assim, e acham que só serão capazes de jogar bem na partida de críquete amanhã se forem boas hoje.

Lancelot parou de chorar, e falou com os olhos fixos no chão.

— Quando eu era pequeno — disse — pedia a Deus que me deixasse fazer um milagre. Só virgens podem fazer milagres. Queria ser o melhor cavaleiro do mundo. Eu era feio e solitário. As pessoas de sua aldeia disseram que eu era o melhor cavaleiro do mundo, e fiz realmente meu Milagre quando tirei você da água. Não sabia que seria o primeiro, mas também o último que eu faria. Elaine disse: — Oh, Lancelot, você fará muitos outros.

— Nunca. Você roubou meus milagres, Você roubou minha capacidade de ser o melhor cavaleiro, Elaine, por que você fez isso?

Ela começou a chorar.

Ele levantou-se, enrolou-se em uma toalha, e voltou para a cama.

— Não importa — ele disse. — Foi culpa minha ter ficado bêbado, eu estava me sentindo infeliz e bebi além da conta. Pergunto a mim mesmo se não foi aquele mordomo que me fez beber. Não foi muito leal, se foi ele. Não chore, Elaine. Não foi culpa sua.

— Foi, sim. Foi.

— Provavelmente seu pai a forçou a fazer isso para ter o oitavo grau de Nosso Senhor na família. Ou então foi aquela feiticeira Brise, a esposa do mordomo. Não se sinta mal por causa disso, Elaine. Já acabou. Olhe, eu lhe darei um beijo.

— Lancelot! — exclamou Elaine. — Foi porque eu amo você. Não lhe dei algo também? Eu era uma donzela, Lancelot. Não roubei você. Oh, Lancelot, a culpa foi minha.

Eu deveria ser morta. Por que você não me mata com sua espada? Mas foi porque eu o amo, e não pude evitar.

— Pronto, pronto.

— Lancelot, e se eu tiver um filho?

Ele parou de consolá-la e voltou para a janela outra vez, como se estivesse ficando louco.

— Quero ter um filho seu — disse Elaine. — Eu o chamarei Galahad, como seu primeiro nome.

Ela ainda segurava a coberta de cada lado, com seus braços pequenos e nus.

Lancelot voltou-se para ela, em fúria.

— Elaine — ele disse —, se você tiver um filho, o filho é seu. Não é justo me prender pela piedade. Vou partir imediatamente, e espero nunca mais tornar a vê-la.



XIII

Guenevere estava bordando no quarto sombrio, o que detestava fazer. Era para a capa do escudo de Arthur, e tinha a divisa do leão rampante. Elaine tinha apenas dezoito anos e é bem fácil explicar os sentimentos de uma criança — mas Guenevere tinha vinte e dois. Crescera a ponto de ter algo da natureza de uma pessoa adulta, impressa sobre os sentimentos simples da rainha-menina que uma vez recebera seu presente de cativos.

Há uma coisa chamada conhecimento do mundo, que as pessoas não possuem até chegarem à meia-idade. E algo que não pode ser ensinado aos jovens, porque não é lógico e não obedece às leis que são constantes. Não tem regras. Simplesmente, nos longos anos que levam as mulheres ao meio da vida, um sentido de equilíbrio se desenvolve. Você não pode ensinar um bebê a andar explicando-lhe o assunto logicamente — ele tem que aprender a estranha postura para andar pela experiência. De maneira parecida a essa, não se pode ensinar uma jovem mulher a ter um conhecimento do mundo. Ela tem de ser deixada com a experiência dos anos. E então, quando ela está começando a detestar seu corpo usado, de repente descobre que pode tê-lo. Pode continuar a viver — não por princípio, não por dedução, não por conhecimento do bom e do mau, mas simplesmente por um sentido peculiar e mutante de equilíbrio que, com freqüência, desafia cada uma dessas coisas. Já não espera viver procurando a verdade — se é que as mulheres alguma vez esperam isso —, mas continua daí para a frente sob a orientação de um sétimo sentido. O equilíbrio era o sexto sentido, que ela adquire quando primeiro aprende a andar, e agora ela tem o sétimo — o conhecimento do mundo.

A lenta descoberta do sétimo sentido, com o qual tanto homens quanto mulheres dão um jeito de enfrentar as ondas de um mundo onde existem guerras, adultério, compromisso, medo, estupidez e hipocrisia — esta descoberta não é motivo de orgulho. O bebê talvez grite em triunfo: consigo me equilibrar! Mas o

sétimo sentido é percebido sem uma exclamação. Nós apenas continuamos em frente, com nosso famoso conhecimento do mundo, enfrentando as estranhas ondas à nossa maneira habitual, petrificada, porque atingimos uma fase de impasse em que não conseguimos pensar em outra maneira de agir.

E, nessa fase, começamos a esquecer até que houve um tempo quando não tínhamos o sétimo sentido. Começamos a esquecer, enquanto seguimos firmemente equilibrados, que pode ter existido um tempo em que fomos corpos jovens ardendo no ímpeto da vida. Dificilmente a lembrança de tal sentimento pode ser um consolo, e assim ele fica amortecido em nossa mente.

Mas houve um tempo em que cada um de nós estava nu frente ao mundo, confrontando a vida como um problema sério que íntima e apaixonadamente nos dizia respeito. Houve um tempo em que era de nosso vital interesse descobrir se existia ou não um Deus. Obviamente, a existência ou não de uma vida futura é de primeira importância para alguém que vai viver sua vida presente, porque sua maneira de vivê-la vai depender disso. Houve um tempo em que o Amor Livre versus a Moralidade Católica era uma questão tão importante para nossos corpos ardentes como uma pistola que fosse ser disparada em nossas cabeças.

Ainda mais para trás, houve tempos em que nos perguntávamos com toda nossa alma o que era o mundo, o que era o amor, o que éramos nós.

Todos esses problemas e sentimentos desaparecem quando adquirimos o sétimo sentido. As pessoas de meia-idade podem, sem dificuldade, se equilibrar entre a crença em Deus e a desobediência a todos os mandamentos. O sétimo sentido, na verdade, aos poucos vai matando todos os outros e, assim, no final, não há nenhum problema com os mandamentos. Já não podemos vê-los, nem senti-los, nem ouvi-los. Os corpos que amávamos, as verdades que buscávamos, os Deuses que questionávamos: ficamos surdos e cegos para eles agora, segura e automaticamente nos equilibrando em direção ao túmulo inevitável, sob a proteção de nosso último sentido. "Obrigado, meu Deus, pelos mais velhos", canta o poeta.

Obrigado, meu Dais, pelos mais velhos E pela própria velhice, e a doença e o túmulo, Quando estamos velhos t enfermos, e particularmente no caixão, Não dá trabalho nenhum nos comportarmos bem.

Guenevere tinha vinte e dois anos ao se sentar com seu bordado e pensar em Lancelot. Não estava nem nu metade do caminho até seu caixão, nem mesmo doente, e tinha apenas seis sentidos. E difícil imaginá-la.

Um caos de espírito e corpo — um tempo para chorar ao pôr-do-sol e ao fascínio do luar — uma confusão e profusão de crenças e esperanças, em Deus, na Verdade, no Amor, e na Eternidade — uma capacidade de se extasiar com a beleza dos objetos materiais — um coração a doer e a se dilatar — uma alegria tão alegre e uma tristeza tão triste que oceanos poderiam se estender entre elas: então como um contrapeso a essas características atraentes, acessos de egoísmo indecentemente exposto — inquietação ou incapacidade de se tranquilizar e parar de incomodar os de meia-idade — discussões animadas sobre temas abstratos como Beleza, como se tivesse algum interesse para os de meia-idade — feita de experiência em radiação a quando a verdade deve ser evitada em deferência aos de meia-idade; efervescência, inconveniências e inadequações em geral aos padrões estabelecidos pelo sétimo sentido — essas devem ter sido algumas das características de Guenevere aos vinte e dois, porque são de todo mundo. Mas, por cima de tudo isso, havia os traços gerais e ainda imprecisos de seu caráter pessoal — traços que a faziam diferente da inocente Elaine, traços de menos *pathos*, talvez, e mais realidade, traços do poder que a tornavam a Jenny específica que Lancelot amava.

— Oh, Lancelot — ela cantava enquanto bordava o brasão do escudo. — Oh, Lance, venha logo. Venha com seu sorriso torto, ou com seu jeito próprio de andar que mostra se está zangado ou confuso. Volte para me dizer que não importa se amar é ou não pecado. Venha para dizer que é suficiente que eu seja Jenny e você Lancelot, aconteça o que acontecer seja a quem for.

A coisa impressionante foi que ele veio. Direto depois de Elaine, direto depois de ter sido roubado, Lancelot veio como uma flecha ao coração do amor. Ele já dormira com Guenevere enganado, já fora roubado de sua força decuplicada. Aos olhos de Deus, como ele os via, era uma fraude agora, portanto achou que deveria ser uma fraude completa. Não podendo mais ser o melhor cavaleiro do mundo, não podendo mais fazer milagres contra a magia, não podendo mais ter compensações pela feiúra e pelo vazio de sua alma, o jovem correu para sua amada em busca de consolo. Houve o ruído das ferraduras do seu cavalo batendo nas pedras do calçamento, fez a Rainha deixar seu bordado para ver se era Arthur voltando de sua caçada — o ressoar das correias de ferro de seus sapatos do ed^s escadas, fazendo um clinque-clinque como esporas



contra a

pedra — e então, antes que tivesse completa certeza do que tinha acontecido, Guenevere estava rindo ou chorando, infiel a seu marido, como sempre soube que seria.

XIV

Arthur disse:

— Eis aqui uma carta de seu pai, Lance. Ele diz que está sendo atacado pelo Rei Claudas. Prometi ajudá-lo contra Claudas, se fosse necessário, em troca de sua ajuda em Bedegraine. Terei de ir.

— Compreendo.

— O que você quer fazer?

— Como assim, o que eu quero fazer?

— Bem, você quer vir comigo ou quer ficar aqui?

Lancelot limpou a garganta e disse: — Eu quero fazer o que você achar melhor.

— Será difícil para você — disse Arthur. — Detesto lhe pedir. — Mas você se importaria se eu lhe pedisse para ficar?

Lancelot não conseguiu pensar em uma resposta, e o Rei interpretou erroneamente seu silêncio como desapontamento.

— É claro que você tem o direito de ver seu pai e sua mãe — disse. — Se vai causar-lhe muito sofrimento, não quero que fique. Provavelmente, poderemos arranjar de outro jeito.

— Por que você quer me deixar na Inglaterra?

— Alguém deve ficar aqui para tomar conta das facções. Vou me sentir mais seguro na França se souber que deixei um homem forte aqui. Logo, vai haver problemas na Cornualha, entre Tristão e Mark, e tem o feudo das Órcades. Você conhece as dificuldades. E também seria bom saber que há alguém tomando conta de Gwen.

— Talvez — disse Lancelot, escolhendo dolorosamente as palavras — fosse melhor confiar em outra pessoa.

— Não diga absurdos. Como poderia confiar mais em outra pessoa? Você só tem de pôr essa sua cara fora do canil para imediatamente fazer todos os ladrões fugirem.

— Não é uma cara bonita.

— De matador! — exclamou o Rei, carinhosamente, dando palmadas nas costas do amigo. E saiu para fazer os preparativos para a expedição.

Eles tiveram um ano de alegria, doze meses do estranho paraíso que o salmão conhece nos leitos de seixos do rio, sob a água límpida como o gim. Por vinte e quatro anos eles foram culpados, mas só este primeiro ano foi parecido com a felicidade. Ao lembrá-lo, quando velhos, não recordaram se nesse ano choveu ou ficou gelado o tempo todo. Para eles, as quatro estações foram coloridas como a extremidade de uma pétala de rosa.

— Eu não entendo — dizia Lancelot — por que você me ama. Você tem certeza que me ama? Não há algum engano nisso?

— Meu Lance.

— Mas meu rosto — ele dizia. — Sou tão horrível. Agora, acredito que Deus possa amar o mundo, seja como for, por causa dele mesmo.

Em outros momentos, eles experimentavam um terror que vinha dele. Guenevere não sentia remorso por si mesma, mas era contagiada pelo do seu amante.

— Não me atrevo a pensar. Não pense. Beije-me, Jenny.

— Por que pensar?

— Não consigo evitar.

— Lance querido!

Depois havia momentos diferentes quando eles discutiam por nada — mas mesmo as discussões eram aquelas de amantes, e lhes pareciam doces quando se lembravam delas mais tarde.

— Seus dedos dos pés são como porquinhos que vão para o mercado.

— Gostaria que você não dissesse esse tipo de coisa. Não é respeitoso.

— Respeitoso!

— Sim, respeitoso. Por que você não seria respeitoso? Afinal, sou a Rainha.

— Você está me dizendo, seriamente, que devo tratá-la com respeito? Devo me dobrar em um joelho o tempo todo e beijar sua

mão?

— Por que não?

— Eu gostaria que você não fosse tão egoísta. Se tem uma coisa que não suporto é ser tratado como uma posse.

— Egoísta, realmente!

E a Rainha batia o pé ou então ficava emburrada o dia todo. Mas o perdoava quando ele fazia um ato de contrição adequado.

Um dia, quando eles estavam na fase de contar um ao outro seus sentimentos mais íntimos, com um tipo de espanto inocente quando eles coincidiam, Lancelot contou à Rainha seu segredo.

— Jenny, quando era pequeno eu me detestava. Não sei por que. Sentia-me envergonhado. Eu era um menino muito piedoso.

— Você não é nada piedoso agora — ela disse, rindo. Ainda não se dera conta do que ele estava lhe contando.

— Um dia meu irmão me pediu para lhe emprestar uma flecha. Eu tinha uma ou duas especialmente retas, com as quais tinha muito cuidado, e a dele estava um pouco torta. Fingi que tinha perdido minhas flechas retas e disse a ele que não poderia emprestá-las.

— Mentiroso!

— Sei que era. Depois disso, senti um terrível remorso por ter lhe dito uma mentira, e pensei que fora desleal com Deus. Então, rui até um monte de urtigas que havia no fosso e pus nelas meu braço direito, como um castigo. Enrolei a manga e enfiei meu braço ali.

— Coitadinho do meu Lance! Como você deve ter sido inocente!

— Mas, Jenny, elas não me picaram! Tenho certeza que minha lembrança de que elas não me picaram é real.

— Você quer dizer que houve um milagre?

— Não sei. É difícil ter certeza. Eu era um menino tão sonhador, sempre vivendo em um mundo inventado onde me considerava o melhor cavaleiro de Arthur. Posso ter imaginado aquilo das urtigas. Mas acho que recordo o choque que tive quando elas não me picaram.

— Tenho certeza de que foi um milagre — concluiu, decidida, a Rainha.

— Jenny, toda a minha vida eu quis fazer milagres. Queria ser santo. Acho que era ambição ou orgulho ou alguma outra coisa

indigna. Para mim, não era suficiente conquistar o mundo — eu queria também conquistar o céu. Era tão ganancioso que não bastava ser o cavaleiro mais forte — tinha que também ser o melhor. Esta é a pior coisa de ficar sonhando acordado. Foi por isso que tentei ficar longe de você. Eu sabia que, se não fosse puro, jamais poderia fazer milagres. E fiz um milagre, sim: um milagre maravilhoso. Tirei uma donzela de dentro de um tipo de água fervente, que estava encantado, e que dali não podia sair. Chamava-se Elaine. Depois, perdi meu poder. E

agora que estamos juntos, nunca mais serei capaz de fazer outros milagres.

Não queria contar toda a verdade sobre Elaine, pois achava que saber que a procurara em segunda mão a faria sofrer.

— Por que não?

— Porque estamos em pecado.

— Pessoalmente, nunca fiz um milagre — disse a Rainha, uni tanto friamente. — Portanto, tenho menos do que me arrepender.

— Mas, Jenny, eu não me arrependo de nada. Você é meu milagre, e eu jogaria fora todos outra vez por sua causa. Estava apenas tentando lhe contar as coisas que sentia quando era pequeno.

— Bem, não posso dizer que entendo.

— Você não entende o que é querer ser bom nas coisas? Não, eu sei por que você não teria que querer. Só as pessoas carentes, ou más, ou inferiores têm que ser boas nas coisas. Você sempre foi tão completa e perfeita, que não precisava imaginar querer ser nada. Mas eu sempre vivi imaginando, e sofro terrivelmente às vezes, mesmo agora, com você, quando me lembro de que não poderei mais ser o melhor cavaleiro.

— Então é melhor pararmos, e aí você pode fazer uma boa confissão e voltar a fazer mais milagres.

— Você sabe que não podemos parar.

— A história toda me parece fantasiosa — disse a Rainha. — Não entendo.

Parece impraticável e egoísta.

— Sei que sou egoísta, e não posso evitar. Tento não ser. Mas como posso evitar ser como fui feito? Ah! será que você não entende o que estou falando? Eu era solitário quando pequeno e me esforçava muito nos meus exercícios. Costumava me dizer que seria um grande explorador e atravessaria o deserto dos Corasmos, ou



seria um

grande rei, como Alexandre ou São Luís, ou um grande curador; encontraria um bálsamo que curada feridas e o distribuiria de graça; talvez me tornasse um santo e curaria feridas apenas tocando-as, ou descobriria alguma coisa importante: uma relíquia da Verdadeira Cruz, ou o Santo Graal, ou algo assim. Esses eram os meus sonhos, Jenny. Só estou lhe contando o que eu passava o dia imaginando. É isso o que chamo de milagres, que agora estão perdidos. Eu lhe dei minhas esperanças, Jenny, como um presente do meu amor.

XV

Aquele ano de felicidade terminou com o retorno de Arthur — e quase imediatamente se desmoronou em ruínas, mas não por conta do Rei. Na noite seguinte a sua volta ao lar, quando ele ainda estava contando os detalhes da derrota de Claudas, conforme lhe vinham à memória, houve um distúrbio na Guarita do Porteiro e Sir Bors foi conduzido ao Grande Saguão na hora do jantar. Ele era primo de Lancelot, e tinha passado as férias no castelo de Corbin investigando as assombrações. Tinha novidades para Lancelot, que contou em segredo depois do jantar — infelizmente, no entanto, ele era misógino e, como a maioria das pessoas desse tipo, possuía a inclinação feminina para a indiscrição. Também contou a novidade para alguns de seus amigos do peito.

Logo toda a Corte ficou sabendo. A novidade era que Elaine de Corbin tinha dado à luz um lindo filho, a quem batizara com o nome de Galahad — que era o primeiro nome de Lancelot, como você deve se lembrar.

— Então foi por isso — disse Guenevere, quando encontrou seu amante a sós —, então foi por isso que você perdeu seus milagres. Em tudo mentira a história de tê-los dado a mim.

— O que quer dizer?

Guenevere começou a respirar pelo nariz. Sentia como se tivesse dois polegares vermelhos atrás dos olhos tentando empurrá-los para fora, e não queria encarar o amante.

Estava tentando não fazer uma cena e temia seu coração. Tinha vergonha e ódio do que poderia dizer, mas não podia evitar o assunto. Era como uma pessoa nadando em mar bravio.

— Você sabe o que quero dizer — disse amargamente, olhando em outra direção.

— Jenny, eu queria lhe contar, mas era difícil demais explicar como tudo aconteceu.

— Posso entender sua dificuldade.

— Não é o que você pensa.

— O que eu penso! — ela exclamou. — Como você sabe o que eu penso? Penso o que todo mundo pensaria: que você é um sedutor perverso, um grande mentiroso, você e seus milagres. E fui tola o suficiente para acreditar em você.

Lancelot virava a cabeça a cada uma das estocadas dela, como se estivesse tentando se desviar. Olhou para o chão, para esconder os olhos. Seus olhos eram arregalados, o que em geral lhe dava uma expressão de medo ou surpresa.

— Elaine não significa nada para mim — ele disse.

— Pois deveria significar. Como pode dizer que nada significa para você quando é a mãe de seu filho? Quando tentou mantê-la em segredo? Não, não me toque, vá embora.

— Não posso ir embora assim.

— Se você me tocar eu talarei com o Rei.

— Guenevere, eu estava bêbado em Corbin. Então eles me disseram que você estava esperando por mim em Case e me levaram para um quarto escuro onde estava Elaine. Só voltei a mim na manhã seguinte.

— Uma mentira grosseira.

— É verdade.

— Uma criança não acreditaria.

— Não posso fazer você acreditar, se não quiser. Eu levantei minha espada para matar Elaine quando descobri.

— Eu a teria matado.

— Não foi culpa dela.

A Rainha começou a puxar a gola do vestido, como se estivesse muito apertada.

— Você a está defendendo — disse. — Você está apaixonado por ela, e me enganando. Achei isso o tempo todo.

— Juro que estou dizendo a verdade.

De repente, ela não agüentou mais e começou a chorar.

— Por que não me contou antes? — perguntou. — Por que não me contou que tinha um filho: Por que mentiu o tempo todo? Ela deve ter sido seu famoso milagre, do qual você estava tão orgulhoso.

Lancelot, que também sofria com emoções violentas, começou a chorar. Passou os braços em volta dela.

— Eu não sabia que tinha um filho — ele disse. — Eu não queria. Não procurava isso.

— Se você tivesse me contado a verdade, eu teria acreditado.

— Eu queria lhe contar, mas não consegui. Tinha medo de fazê-la sofrer.

— Sofro mais agora.

— Eu sei.

A Rainha secou as lágrimas e olhou para ele, sorrindo como um chuvisco de primavera. Um instante depois, beijavam-se, sentindo-se como a terra verde refrescada pela chuva. Falaram, mais uma vez, que entendiam um ao outro — mas a dúvida fora plantada. Agora, no amor deles, que era mais forte, havia também as sementes do ódio, do temor e confusão crescendo ao mesmo tempo: pois o amor pode existir com o ódio, cada um devorando o outro, e é isto o que lhe dá um maior furor.



XVI

No Castelo de Corbin, a jovem Elaine estava se preparando para sua viagem.

Queria roubar Lancelot de Guenevere, uma expedição que todo mundo, exceto ela, sabia ser patética. Não tinha armas com as quais lutar, e não sabia como enfrentar essa batalha.

Era completamente carente de personalidade. Lancelot não a amava. E ela encontrava-se na posição ainda mais desesperada de amá-lo. Não possuía nada para contrapor à maturidade da Rainha, exceto sua própria imaturidade e amor desprezioso, nada exceto o bebê gordinho que estava levando para o pai — um bebê que para ele era apenas o símbolo de uma artimanha cruel. Era uma expedição como a de um exército sem armas contra uma fortaleza impenetrável, um exército que, ao mesmo tempo, tinha suas mãos atadas às costas. Elaine, com uma ingenuidade que só poderia ser explicada pelo fato de que passara a maior parte de sua vida no isolamento de seu caldeirão mágico, decidira encontrar Guenevere em seu próprio terreno. Mandara fazer vestidos da máxima suntuosidade e sofisticação — e com eles, o que só a faria parecer mais estúpida e provinciana, ia a Camelot para travar sua batalha com a Rainha inglesa.

Se Elaine não fosse Elaine, poderia usar Galahad como arma. Sofrimento e sentido de propriedade, aplicado corretamente a um caráter como o de Lancelot, poderiam ter conseguido prendê-lo. Mas Elaine não era sagaz o bastante, não compreendia a tentativa de prender seu herói. Levava Galahad porque o adorava.

Levava-o apenas porque não queria se afastar de seu bebê, e porque queria mostrá-lo ao pai e, em parte, desejava comparar as feições. Fazia já um ano desde que ela colocara os olhos no homem para quem seu espírito infantil vivia.

Lancelot, enquanto Elaine estava planejando sua captura, permanecia com a Rainha na Corte. Mas ele agora já não tinha a paz

de espírito temporária que fora capaz de inventar para si mesmo enquanto o Rei estava fora. Na ausência do Rei, ele fora capaz de mergulhar no minuto presente — mas Arthur agora estava constantemente a seu lado, como um lembrete de sua traição. Para uma personalidade medieval como a de Lancelot, com sua fraqueza fatal para amar o mais elevado quando o defrontava, esta era uma posição de sofrimento. Não suportava ser levado a pensar que seus sentimentos por Guenevere eram ignóbeis, pois era o sentimento profundo de sua vida — no entanto, toda circunstância agora conspirava para fazê-lo parecer desprezível. Os apressados momentos juntos, as portas trancadas e artimanhas vis, as manobras culpadas a que a presença do esposo forçava os amantes — tudo isto tinha o efeito de manchar o que não tinha desculpa a não ser se fosse belo. Sobre essa mancha havia a tortura de saber que Arthur era gentil, simples e honesto — de saber que estava sempre prestes a ferir terrivelmente Arthur, muito embora o amasse. Depois, havia a dor pela própria Guenevere, a sementinha amarga que eles semearam, ou viram semear, nos olhos um do outro, por ocasião de sua primeira briga por suspeita. Para ele, era um sofrimento estar apaixonado por uma mulher ciumenta e desconfiada. Ela dera-lhe um golpe mortal ao não acreditar imediatamente em sua explicação sobre Elaine. No entanto, era incapaz de deixar de amá-la. Por fim, havia os elementos tortuosos de seu próprio caráter — seu estranho desejo de pureza e honra e excelência espiritual. Todas essas coisas, em conjunto com o pavor inconsciente da chegada de Elaine com seu filho, despedaçaram sua felicidade sem deixar rota de fuga. Raras vezes se sentava, mas vagava sem destino com movimentos nervosos, apanhando coisas e colocando-as em qualquer lugar, sem olhá-las, caminhando até a janela e olhando para fora sem nada ver.

Em Guenevere, o pavor da chegada de Elaine não era inconsciente. Ela soube, desde o primeiro momento, que a rival viria. Para ela, no entanto, como para todas as mulheres, os medos adiantavam-se em relação ao horizonte masculino. Os homens muitas vezes acusam as mulheres de levá-los a ser desleais pelo ciúme sem sentido, antes de ter existido qualquer pensamento de

infidelidade da parte deles. No entanto, a idéia provavelmente estava lá, inconsciente e indetectável, exceto pelas mulheres. A grande Anna Karenina, por exemplo, forçou Vronsky a tornar determinada posição pelo ciúme sem causa de uma maníaca — no entanto, aquela posição era a única solução real para o problema deles, e era a solução inevitável. Sendo capaz de ver muito mais à frente no futuro do que ele, ela caminhou nessa direção com passo apaixonado, arruinando o presente porque o futuro estava destinado a ser uma ruína.

Assim acontecia com Guenevere. Provavelmente, não se sentia pressionada pelo problema imediato de Elaine. Provavelmente, não tinha verdadeiras suspeitas quanto àquele aspecto de Lancelot. No entanto, com sua presciência, tinha consciência de perdições e sofrimentos que estavam fora da previsão do seu amado. Não seria acurado dizer que ela estava consciente deles de uma maneira lógica, mas eles estavam presentes no mais profundo de seu ser. É uma pena que a linguagem seja uma arma tão grosseira a ponto de não podermos dizer que uma mãe estava "inconsciente" de seu bebê chorando no quarto ao lado — com o significado de que a mãe, de algum modo, inconscientemente, sabia que ele estava chorando. Os fatos sobre os quais Guenevere tinha essa subconsciência, nesse sentido, incluíam o conjunto da situação de Arthur-Lancelot, grande parte da futura tragédia da Corte e a realidade dolorosa de sua própria incapacidade de ter filhos — que nunca seria remediada.

Ela disse a si mesma que Lancelot a traía, que era ela a vítima da esperteza de Elaine, que seu amado com certeza a trairia de novo. Torturava-se com milhares de palavras do mesmo tipo. Mas o que sentia no fundo de si mesma, nas regiões não mapeadas de seu coração, era uma outra coisa. Talvez realmente tivesse ciúme, não de Elaine, mas da criança. Talvez fosse o amor de Lancelot por Arthur que ela temia. Ou talvez fosse o medo da situação como um todo, de sua instabilidade e do castigo justo inerente a ela. As mulheres sabem, muito melhor do que os homens, que não se deve zombar das leis de Deus. Têm mais motivo para saber disso.

Seja qual for a explicação para a atitude de Guenevere, seu resultado era sofrer por seu amado. Tornou-se tão inquieta quanto

ele, com menos razão, e muito mais cruelmente.

Os sentimentos de Arthur completavam a infelicidade da Corte. Infelizmente para si próprio, ele teve uma educação primorosa. Seu mestre tinha-lhe ensinado da maneira como um bebê é educado no útero onde vive a história do homem, de peixe a mamífero — e, como a criança no útero, fora, ao mesmo tempo, protegido pelo amor. O efeito de uma educação assim foi que ele cresceu sem nenhuma das habilidades úteis para a vida — sem malícia, vaidade, desconfiança, crueldade, e as formas comuns de egoísmo. Para ele, o ciúme parecia o mais ignóbil dos vícios. Era tristemente incapaz de odiar seu melhor amigo ou torturar sua esposa. Recebera demasiado amor e confiança para ser bom nessas coisas.

Arthur não era uma dessas personalidades interessantes cujas motivações sutis podem ser dissecadas. Era apenas um homem simples e afetuoso, porque Merlin acreditara que amor e simplicidade eram coisas valiosas para se possuir.

Agora, tendo diante dos olhos o desenvolvimento de uma situação que sempre foi notoriamente difícil de resolver — tão difícil que recebeu um rótulo e o nome de Triângulo Eterno, como se fosse um problema geométrico como o *Pons Asinorum* 6 de Euclides —, Arthur só podia recuar. Em geral, são as pessoas confiantes e otimistas que podem se dar ao luxo de recuar. Os mal-amados e desesperados, por seu pessimismo, são impelidos ao ataque. Arthur era forte e bondoso o bastante para esperar que, se confiasse em Lancelot e Guenevere, as coisas acabariam se endireitando. Achava isso melhor do que tentar endireitá-las de uma vez recorrendo a meios como, por exemplo, cortar as cabeças dos amantes por traição.

Arthur não sabia que Lancelot e Guenevere eram amantes. Ele, na verdade, nunca os vira juntos nem desenterrara provas de culpa. Nessas circunstâncias, estava na natureza de seu espírito confiante não os encontrar juntos — em vez de armar uma armadilha para arruinar de vez a situação. Isto não significa que fosse um marido conivente. Apenas quer dizer que ele esperava suportar o problema recusando-se a tomar consciência dele. Inconscientemente, é claro, ele sabia muito bem que eles estavam dormindo juntos — também sabia, inconscientemente, que se perguntasse a sua esposa, ela o

admitiria. As três maiores virtudes dela eram coragem, generosidade e honestidade.

Portanto, ele não podia lhe perguntar.

Tal atitude frente ao problema não tornava mais fácil para o fêi ser feliz. A seu modo, nem excitado como Guenevere, nem inquieto como Lancelot, ele se manteve reservado. Deslocava-se como um rato por seu próprio palácio. Nesse ínterim, fez um esforço para desatar o nó.

6 Pons Asinonm, em latim: Ponte dos Asnos. É o apelido da 5ª Proposição dos Teoremas de Euclides, devido à sua dificuldade (N. T.)

— Lancelot — disse o Rei ao encontrá-lo uma tarde no jardim das rosas —, ultimamente você anda com um ar lamentável. Está com algum problema?

Lancelot havia arrancado uma das rosas e apertava suas sépalas. Essas rosas antigas — há pouco foi confirmado — floriam de tal maneira que as cinco sépalas realmente se alongavam para além das pétalas, exatamente como são representadas nas rosas heráldicas.

— E alguma coisa — perguntou o Rei, contra toda a esperança — em relação àquela moça que dizem ter um filho seu?

Se Arthur o tivesse deixado apenas com a primeira pergunta, e um silêncio para respondê-la, talvez eles tivessem chegado à questão. Mas Arthur tinha medo do que poderia vir do silêncio e, depois que deu a dica da segunda pergunta, a chance foi perdida.

— Sim — Lancelot respondeu.

— Você não está disposto a se casar com ela, é isso?

— Eu não a amo.

— Bem, você conhece melhor seus problemas.

Lancelot, com um desejo incontável de tirar um pouco do sofrimento do seu peito talando sobre ele — e mesmo assim incapaz de contar a história verdadeira para esse ouvinte em especial —, começou uma longa história sem nexos sobre Elaine.

Começou contando para Arthur meia-verdade: de que forma fora envergonhado, e como tinha perdido seus milagres. Mas sendo obrigado a fazer de Elaine a figura central desta confissão, depois de

meia hora, sem querer apresentara ao Rei uma história — passível de se crer — com a qual Arthur podia se contentar se não quisesse realmente conhecer a história verdadeira. Essa meia-verdade foi de grande utilidade para o pobre sujeito, que aprendeu a substituir o verdadeiro problema por ela nos anos posteriores. Nós, pessoas civilizadas, que em tais circunstâncias imediatamente correríamos para os tribunais de divórcio e pensões alimentícias e outras formas de atritos, podemos nos dar ao luxo de olhar com educado desprezo o pusilânime marido enganado Mas Arthur era apenas um selvagem medieval. Não entenderia nossa civilização e não poderia fazer outra coisa senão tentar ser absolutamente decente para não se degradar por ciúme.

Guenevere foi a pessoa seguinte a encontrar Lancelot no jardim das rosas.

Mostrou-se toda doce e cheia de bom senso.

— Lance, você ouviu a notícia? Um mensageiro acabou de chegar para dizer que esta moça que o persegue está vindo para a Corte trazendo o bebê. Ela chegará no começo da noite.

— Eu sabia que ela viria.

— Devemos tratá-la da melhor maneira possível, claro. Pobre criança, suponho que deva estar infeliz.

— Não é minha culpa se ela está infeliz.

— Não, claro que não é. Mas o mundo faz pessoas infelizes, e devemos ajudá-las quando podemos.

— Jenny, é bonito de sua parte ser tão gentil sobre isso.

Ele virou-se para ela e fez um movimento para segurar sua mão. As palavras dela fizeram-no esperar que tudo ficaria bem. Mas Jenny retirou sua mão.

— Não, querido — disse. — Não quero que você faça amor comigo até ela ir embora. Quero que você se sinta completamente livre.

— Livre?

— Ela é a mãe de seu filho, e não é casada. Nós dois nunca poderemos nos casar. Quero que você se sinta livre para se casar com ela, se quiser, porque esta é a única coisa que pode ser feita.

— Mas, Jenny...

Não, Lance. Temos de ser sensatos. Quero que você fique longe de mim enquanto ela estiver aqui, para descobrir se pode amá-la, depois de tudo. Isto é o mínimo que posso fazer por você.



XVII

Elaine chegou à barbacã escancarada, e Guenevere a beijou friamente.

— Seja bem-vinda a Camelot — disse. — Cinco mil vezes bem-vinda.

— Obrigada — disse Elaine.

As duas mulheres se olharam com rostos hostis e sorridentes.

— Lancelot ficará feliz em ver você.

— Oh!

— Todo mundo sabe sobre seu filho, querida. Não há nada para esconder. O Rei e eu estamos muito ansiosos para ver se ele será como seu pai.

— É gentil de sua parte — disse Elaine, desconfortável.

— Quero ser a primeira a vê-lo. Você lhe deu o nome de Galahad, não é? Ele é forte? Já pode ver as coisas?

— Ele pesa seis quilos e oitocentos — a jovem anunciou com orgulho. — Você pode vê-lo agora, se quiser.

Guenevere controlou-se com esforço quase imperceptível, e começou a ficar nervosa com as roupas de Elaine, — Não, querida, — ela disse. — Não devo ser tão egoísta. Você deve descansar depois da longa viagem, e certamente o bebê tem que ir para a cama. Posso voltar para vê-lo no final da tarde, depois que ele tiver dormido. Teremos muito tempo.

Mas ela acabou tendo de ver o bebê.

Quando, depois, Lancelot encontrou a Rainha, sua doçura e bom senso tinham desaparecido. Estava fria e orgulhosa, e falou como se estivesse em uma reunião.

— Lancelot — disse —, acho que você deve ir ver seu filho. Elaine está sofrendo porque você ainda não foi vê-lo.

— Você o viu?

— Sim.

— Ele é feio?

— Parece com Elaine.

— Graças a Deus. Irei imediatamente.

A Rainha o chamou de volta.

— Lancelot — ela disse, respirando pelo nariz —, confio que você não fará amor com Elaine sob meu teto. Se você e eu devemos manter-nos afastados até que isso esteja terminado, é também justo que você se mantenha longe dela.

— Eu não quero fazer amor com Elaine.

— Você deve dizer isso, é claro. E eu acreditarei em você. Mas se você quebrar sua palavra desta vez, tudo estará terminado entre nós. Absolutamente terminado.

— Já disse tudo que posso dizer.

— Lancelot, você me enganou uma vez, então como pode ter certeza? Mandei colocar Elaine no quarto próximo ao meu, e verei se você for lá. Quero que você fique no seu quarto.

— Como quiser.

— Mandarei chamá-lo durante a noite, se puder me afastar de Arthur. Não lhe direi a que horas. Se você não estiver em seu quarto quando eu mandar chamá-lo, concluirei que está com Elaine.

A jovem chorava em seu quarto, enquanto a Dama Brisen arrumava o berço para o menino.

— Eu o vi nos campos dos arqueiros, e ele também me viu. Mas olhou para o outro lado. Deu uma desculpa e se afastou. Nem olhou para nosso filho.

— Pronto, pronto — disse a Dama Brisen. — Isso está uma sujeira.

— Eu não deveria ter vindo. Só serviu para me fazer ainda mais infeliz, e a ele também.

— É aquela Rainha.

— Ela é linda, não é?

A Dama respondeu, severa: — Belo é quem o belo faz.

Elaine começou a soluçar com desamparo. Tinha um aspecto nada atraente, com o nariz vermelho, como em geral ficam as pessoas que abdicaram de sua dignidade.

— Queria que ele ficasse contente.

Ouviu-se uma batida na porta, e Lancelot entrou — o que a fez secar rapidamente os olhos. Cumprimentaram-se com constrangimento.

— Estou feliz por você ter vindo a Camelot — ele disse. — Espero que esteja bem.

— Sim, obrigada.

— Como está... o bebê?

— Filho de sua senhoria — disse a Dama Brisen, com ênfase. Ela virou o berço para Lancelot e se afastou para que ele pudesse olhar.

— Meu filho.

Ficaram imóveis olhando para o recém-nascido, indefeso e semi-adormecido.

Eles eram fortes, como cantou o poeta, e o bebê, fraco — um dia eles seriam fracos, e ele, forte.

— Galahad — disse Elaine, e se inclinou sobre os panos, fazendo os gestos tolos e os sons sem sentido que as mães adoram fazer quando seus bebês estão começando a prestar atenção. Galahad fechou o punho e com ele bateu no próprio olho, uma façanha que parece dar prazer às mulheres. Lancelot observou-os com espanto. "Meu filho", pensou. "É uma parte de mim, no entanto é bonito. Não parece feio. Os bebês nos surpreendem." Estendeu o indicador direito para Galahad, colocando-o dentro da palma gorducha de sua mão, e o bebê o agarrou. A mão parecia ter sido adaptada ao braço por um hábil fabricante de bonecas. Havia uma ruga funda ao redor do pulso.

— Oh, Lancelot! — exclamou Elaine.

Ela tentou se jogar nos braços dele, mas ele afastou-a. Olhou para Brisen por cima do ombro, com receio e irritação. Emitiu um som extravagante, sem sentido, e saiu apressadamente do quarto. Elaine, desesperada, afundou-se na cama e desatou a chorar ainda mais do que antes. Brisen, de pé e rígida, como ficara ao enfrentar o olhar de Lancelot, fitou a porta fechada com expressão inescrutável.



XVIII

De manhã, ele e Elaine foram chamados ao quarto da Rainha. Ele, por sua parte, foi com um sentimento de felicidade. Estava pensando em como Guenevere deve ter dito que não estava passando bem na noite passada, para poder se afastar do quarto do Rei.

O amante fora chamado na escuridão. A mão conivente usual o conduziu pelo dedo, na ponta dos pés, até a cama eleita. No silêncio que lhes era imposto pela proximidade do quarto de Arthur, mas com ternura apaixonada, eles fizeram o melhor que puderam para fazer as pazes. Lancelot estava mais feliz hoje do que fora desde que a história de Elaine começara. Sentia que se pudesse persuadir sua Guenevere a terminar honestamente com o Rei, para que tudo ficasse às claras, ainda poderia divisar uma possibilidade honrosa.

Guenevere estava rígida, como se estivesse com febre, e sua face parecia exangue — exceto por um mancha vermelha de cada lado das narinas. Aparentava ter tido enjôos. Estava sozinha.

— Então — disse a Rainha.

Elaine olhou direto em seus olhos azuis, mas Lancelot parou como se tivesse sido alvejado.

— Então.

Eles ficaram de pé, esperando Guenevere falar ou morrer.

— Aonde você foi a noite passada?

— Eu...

— Não diga nada — gritou a Rainha, levantando a mão para que eles pudessem ver que segurava, como uma bola, um lençinho que fizera em pedaços. — Traidor!

Traidor! Saia do meu castelo com sua meretriz.

— A noite passada... — disse Lancelot. Sua cabeça estava girando com um desespero que nenhuma das mulheres notara.

— Não fale comigo. Não minta para mim. Vá!

Elaine disse calmamente: — Sir Lancelot estava em meu quarto na noite passada. Minha ama Brisen trouxe-o até mim no escuro.

A Rainha começou a apontar para a porta. Fazia gestos dramáticos com o dedo em direção à porta e, em seu tremor, seu penteado começou a se desfazer. Parecia medonha.

— Saia! Saia! E você também, sua infame! Como ousa me falar assim em meu castelo? Como ousa admitir isso para mim! Pegue o homem de seus caprichos e vá embora!

Lancelot estava respirando com dificuldade e olhando para a Rainha com olhar fixo. Talvez estivesse inconsciente.

— Ele pensou que estivesse com você — disse Elaine, que juntara as mãos e olhava para a Rainha, passivamente, — A velha mentira!

— Não é mentira — disse Elaine. — Eu não posso viver sem ele. Brisen me ajudou na farsa.

Guenevere correu até ela com passos cambaleantes. Pretendia dar um tapa na boca de Elaine, mas a jovem não se moveu. Era como se quisesse que Guenevere a estapeasse.

— Mentirosa! — gritou a Rainha.

Correu de volta para onde estava Lancelot, que havia se sentado em uma arca, fixando o olhar vazio no chão, com a cabeça entre as mãos. Agarrou-o pelo manto e começou a puxá-lo ou empurrá-lo para a porta, mas ele não se mexia.

— Então, você contou para ela a história! Por que não podia inventar outra nova?

Você poderia ter inventado algo mais interessante. Suponho que pensou que a velha e batida cantilena serviria?

— Jenny... — ele disse, sem olhar para cima.

A Rainha tentou cuspir-lhe na cara, mas não tinha prática nisso.

— Como ousa me chamar de Jenny? Você ainda está com o fedor dela. Eu sou a Rainha, a Rainha da Inglaterra! Não sou sua vagabunda!

— Jenny...

— Saia do meu castelo — gritou a Rainha a plenos pulmões. — Nunca mais coloque sua cara aqui outra vez. Sua cara perversa, feia, animalesca.

Lancelot de repente disse para o chão, em voz alta: — Galahad!

Depois, tirou as mãos da cabeça e olhou para cima, para que elas pudessem ver a cara à qual a Rainha se referira. Tinha um ar surpreso, e um dos olhos começara a envesgar. Disse, com mais calma: — Jenny.

Mas parecia cego.

A Rainha abriu a boca para dizer alguma coisa, mas nada saiu.

— Arthur — ele disse. Depois, deu um grito agudo e pulou direto da janela, que estava no primeiro andar. Ouviram-no cair num arbusto, com uma pancada e o quebrar de galhos, e então o viram afastar-se correndo entre as árvores e arbustos com uma espécie de grito alto e trinado, como os cães atrás da presa. O alarido se perdeu na distância, e fez-se silêncio no quarto entre as mulheres.

Elaine, agora tão pálida quanto a Rainha estivera, mas ainda se mantendo altiva e de pé, disse: — Você o enlouqueceu. Com certeza, perdeu o juízo.

Guenevere nada disse.

— Por que você o enlouqueceu? — perguntou Elaine. — Você tem um excelente marido, o maior na terra. Você é Rainha, com honra, felicidade e um lar. Eu não tenho lar nem esposo, e também minha honra foi perdida. Por que não quis deixá-lo para mim?

A Rainha permaneceu silenciosa.

— Eu o amava — disse Elaine. — Pori um belo filho para ele, que será o melhor cavaleiro do mundo.

— Elaine — disse Guenevere —, saia da minha Corte.

— Vou sair.

Guenevere de repente agarrou-a pela saia.

— Não diga a ninguém — disse rapidamente, — Não diga a ninguém o que aconteceu. Ele morrerá, se você contar.

Elaine puxou sua saia.

— Acha que eu faria isso?

— Mas o que vamos fazer? — exclamou a Rainha. — Ele está

louco? Será que



vai melhorar? O que vai acontecer? Será que devemos fazer alguma coisa? O que vamos dizer?

Elaine não queria ficar para conversar com ela. Chegando à porta, no entanto, virou-se com os lábios tremendo.

— Sim, ele está louco — ela disse. — Você o conquistou e o derrotou. O que fará com ele agora?

Quando a porta se fechou, Guenevere sentou-se. Deixou cair seu lençinho despedaçado. Depois — lentamente, profundamente, primitivamente — começou a chorar.

Pôs o rosto entre as mãos e estremeceu de tristeza. (Sir Bors, que não gostava da Rainha, uma vez lhe disse: "Desconfiai de seu choro, pois só chorais quando já não há remédio".)

XIX

Dois anos mais tarde, o Rei Pelles estava sentado no solário com Sir Bliant. Era uma bela manhã de inverno com os campos congelados, sem vento, e uma leve neblina que não era suficiente para confundir os pombos. Sir Bliant, que ali passara a noite, estava vestido de escarlate e pele de arminho. Seu cavalo e escudeiro estavam no pátio, prontos para levá-lo de volta ao Castelo Bliant, mas os dois homens estavam tendo uma ligeira refeição antes de sua partida. Sentados com as mãos abertas ao esplêndido lume de madeira, bebericavam vinho aquecido e temperado com especiarias, beliscavam tortas e falavam sobre o Selvagem.

— Tenho certeza de que ele já foi um cavaleiro — disse Sir Bliant. — Faz coisas que ninguém, exceto um cavaleiro faria. Tem uma inclinação natural para as armas.

— Onde ele está agora? — perguntou o Rei Pelles.

— Só Deus sabe. Ele desapareceu uma manhã quando os cães de caça estavam no Castelo Bliant. Mas tenho certeza de que já foi um cavaleiro.

Tomaram um gole e fitaram as chamas.

— Se você quer saber minha opinião — acrescentou Sir Bliant —, acredito que ele era Sir Lancelot.

— Bobagem — disse o Rei.

— Era alto e forte.

— Sir Lancelot está morto — disse o Rei. — Que Deus o tenha. Todo mundo sabe disso.

— Não foi provado.

— Se ele fosse Sir Lancelot, você não teria como não perceber. Era o homem mais feio que jamais vi.

— Eu nunca o vi — disse Sir Bliant.

— Foi provado que Lancelot corria enlouquecido de camisa e calções, até ser ferido por um javali e morrer num eremitério.

— Quando foi isso?

— No último Natal.

— Foi mais ou menos na época que meu Selvagem fugiu com a caça. A nossa também era uma caçada de javali.

— Bem — disse o Rei Pelles —, talvez tenham sido uma mesma pessoa. Se foram, é interessante. Como o seu Selvagem apareceu?

— Foi durante uma aventura de verão, há dois anos. Minha tenda estava montada num campo agradável, à maneira usual, e eu estava lá dentro, esperando que alguma coisa acontecesse. Eu me lembro que estava jogando xadrez. Então, houve um barulho horrível do lado de fora, e eu saí da tenda, e lá estava o lunático nu, chicoteando meu escudo. Meu anão estava sentado no chão, esfregando o pescoço — o maníaco quase o quebrou — e gritando por socorro. Cheguei até o sujeito e lhe disse: "Olhe aqui, meu bom homem, você não quer lutar comigo. Vamos, agora ponha essa espada no chão e seja um bom companheiro". Ele pegara uma das minhas próprias espadas, sabe, e imediatamente percebi que era louco. Eu disse: "Você não deve andar por aí lutando, meu rapaz. Estou vendo que precisa é de uma boa noite de sono e de alguma coisa para comer". E, realmente, ele tinha um aspecto horrível. Parecia alguém que estivera de sentinela por três noites. Seus olhos escavam completamente vermelhos.

— O que ele disse?

— Apenas disse: "Quanto a isso, não vos aproximai: pois se o fizerdes sabeis bem que vos matarei".

— Estranho.

— Sun, é estranho, não é? Quero dizer, que ele soubesse a linguagem erudita.

— O que ele fez?

— Bom, eu estava só com meu camisão, e o homem parecia perigoso. Entrei outra vez na tenda e vesti minha armadura.

O Rei Pelles passou-lhe outro pedaço de torta, que ele aceitou com uma inclinação de cabeça.

— Quando acabei de me armar — prosseguiu, de boca cheia —, saí com outra espada para desarmar o sujeito. Não pretendia acertá-lo, nem nada assim, mas era um maníaco homicida e não havia outra maneira de lhe tirar a espada. Avancei para ele como se faz com um cachorro, estendendo a mão e dizendo: "Vamos, pobrezinho: calma, vamos, bom rapaz". Pensei que seria fácil.

— E foi?

— No momento em que ele me viu de armadura, e com uma espada, veio direto para cima de mim como um tigre. Nunca vi um ataque como aquele, tentei defender-me um pouco, e ousei dizer que o teria matado em autodefesa, se ele tivesse me dado uma chance. Mas quando dei por mim, estava sentado no chão e meu nariz e orelhas estavam sangrando. Ele me deu uma pancada, sabe, que me perturbou os miolos.

— Céus! — disse o Rei Pelles.

— O que ele fez a seguir foi atirar longe a espada e entrar rapidamente na tenda.

A coitada de minha mulher estava lá, na cama, sem nenhuma roupa. Mas ele apenas pulou direto na cama com ela, puxou a coberta, se enrolou e caiu no sono.

— Deve ter sido casado — disse o Rei Pelles.

— Minha esposa deus uns gritinhos assustados, pulou da cama pelo outro lado, meteu-se apressadamente em suas vestes e veio correndo até onde eu estava. Eu ainda estava um pouco zozzo, esparramado lá no chão, e ela pensou que eu estivesse morto.

Posso lhe garantir que foi um belo rebuliço.

— Ele dormiu o tempo todo?

— Dormiu como uma pedra. No final, conseguimos nos controlar. Minha esposa pôs uma das manoplas debaixo do meu pescoço para estancar o sangramento do nariz, e então discutimos o que fazer. Meu anão, que é uma pessoinha esplêndida, disse que não deveríamos lhe fazer nenhum mal, porque ele estava tocado por Deus. Na verdade, foi o anão que suspeitou que ele poderia ser Sir Lancelot. Naquele ano, comentava-se por todo lado o mistério de Lancelot.

Sir Bliant parou para dar outra mordida.

— No final — continuou —, nós o levamos para o Castelo Bliant em uma liteira puxada por cavalos, com cama e tudo. Ele nem se mexeu. Quando chegamos lá, amarramos suas mãos e pés pensando na hora em que ele despertaria. Hoje, lamento tê-lo feito, mas não poderíamos nos arriscar, em face do que havia ocorrido. Nós o mantivemos em um quarto confortável, com roupas limpas, e minha esposa lhe dava abundante comida nutritiva para que recuperasse suas forças, mas achamos melhor mantê-lo sempre algemado. Nós o mantivemos assim por um ano e meio.

— Como ele fugiu?

— Já ia chegar lá. É o creme da história. Uma tarde, eu estava fora, na floresta, para uma busca de meia hora, quando fui atacado pelas costas por dois cavaleiros.

— Dois cavaleiros? — perguntou o Rei. — Pelas costas?

— Sim. Dois deles, e pelas costas. Eram Sir Bruce Saunce Pite e um amigo dele.

O Rei Pelles deu uma palmada no joelho.

— Esse homem é uma ameaça pública! — exclamou. — Não entendo por que ninguém ainda acabou com ele.

— O problema é pegar o sujeito. Mas eu estava lhe contando sobre o Selvagem.

Sir Bruce e o outro sujeito me puseram em considerável desvantagem, como qualquer um admitirá, e lamento dizer que foi obrigado a fugir.

Sir Bliant parou e fixou os olhos no fogo. Depois se animou.

— Bem — disse —, nem todos podemos ser heróis, não é?

— Nem todos — concordou o Rei Pelles.

— Eu estava gravemente ferido — disse Sir Bliant, descobrindo uma justificativa —, e me sentia como se fosse desmaiar.

— Entendo.

— Os dois foram galopando comigo por todo o caminho até o castelo, um de cada lado, e ficavam me batendo o tempo todo. Não sei até hoje como saí vivo.

— Estava escrito nas Pedras — disse o Rei.

— Passamos, disparados, pelas seteiras da barbacã, e foi aí que o Selvagem deve ter nos visto. Ele ficava no quarto da barbacã, sabe?

Bem, seja como for, ele nos viu, e descobrimos depois que quebrou seus grilhões com as mãos nuas. Eram grilhões de ferro, e ele também os tinha nos tornozelos. Feriu-se horrivelmente ao fazer isso. Então, veio como um furacão passando pelos portões, com as mãos todas ensangüentadas e as correntes voando atrás; depois, puxou da sela o aliado de Bruce, tirou-lhe a espada e acertou Bruce na cabeça, de tal maneira que o jogou para fora do cavalo e ele caiu de nariz estatelado no chão. O segundo cavaleiro tentou acertar o Selvagem por trás — ele estava absolutamente desarmado —, mas eu cortei fora a mão do sujeito bem no pulso, no momento em que ele levantava o punhal. Então os dois pegaram os cavalos e fugiram como puderam. Correram como ensandecidos, posso lhe dizer.

Bem feito para Bruce.

— Meu irmão estava passando aquele ano comigo. Eu lhe perguntei: "Por que diabos deixei esse bom rapaz acorrentado?". Fiquei envergonhado quando vi suas mãos feridas. "Ele é gentil e bom", eu disse, "e agora salvou minha vida. Nunca mais vamos acorrentá-lo outra vez, ao contrário, lhe daremos sua liberdade e faremos tudo que pudermos por ele". Sabe, Pelles, eu gostava daquele Selvagem. Ele era amável e agradecido, e costumava me chamar de Senhor. É terrível pensar que pode ter sido o grande Dulac, e nós o mantendo acorrentado e deixando-o me chamar de Senhor com tanta humildade.

— O que aconteceu no final?

— Ele ficou tranqüilo durante vários meses. Então, os cães de caça de javalis vieram até o castelo, e um dos seguidores deixou seu cavalo e sua lança perto de uma árvore. O Selvagem os pegou e foi embora. Era como se ele se excitasse ao ver atividades de cavaleiros, sabe, como se uma armadura, ou uma luta, ou uma caçada, mexesse com alguma coisa em sua pobre cabeça. Faziam com que tivesse vontade de participar.

— Pobre rapaz, — disse o Rei. — Pobre, pobre rapaz! Pode mesmo ter sido Sir Lancelot. Dizem que ele foi morto por um javali no Natal passado.

— Eu gostaria de conhecer essa história.

— Se seu homem era Lancelot, ele cavalgou direto atrás do javali que estava sendo caçado. Era um javali famoso que tinha confundido os cães por vários anos, e era por isso que a caçada não estava sendo feita a pé. Lancelot foi o único homem que chegou junto da presa e o javali matou seu cavalo. Feriu-o terrivelmente na coxa, rasgando-o até o osso, antes que Lancelot lhe cortasse a cabeça. Ele o matou perto do eremitério, com um único golpe. O eremita apareceu, mas Lancelot estava tão furioso com a dor e tudo o mais que atirou sua espada no homem. Escutei isso de um cavaleiro que realmente esteve lá. Disse que não havia dúvida quanto a Sir Lancelot — era feio e tudo o mais — e contou que ele e o eremita o carregaram até o eremitério depois que desmaiou. Disse que ninguém poderia se recuperar daquele ferimento e que, de qualquer modo, ele o viu morrer. O que lhe deu mais certeza, ele disse, que o Selvagem era um grande cavaleiro foi que, ao passar pela agonia da morte ao lado do javali morto, chamou o eremita de "Companheiro". Como você pode ver, ele parece ter sentido um lampejo de sanidade no final.

— Pobre Sir Lancelot — disse Sir Bliant.

— Que Deus seja bom com ele — disse o Rei Pelles. — Amém.

— Amém — repetiu Sir Bliant, olhando para o lume. Depois, levantou-se e sacudiu os ombros.

— Tenho que ir andando — disse. — Como está sua filha? Esqueci-me de perguntar.

O Rei Pelles suspirou e também ficou de pé.

— Ela passa seu tempo no convento — respondeu. — Acho que vai receber os votos no próximo ano. No entanto, vamos poder vê-la no próximo sábado, quando ela virá para uma breve visita.



XX

Depois que Sir Bliant partiu, o Rei Pelles subiu pesadamente as escadas para fazer um pouco de genealogia bíblica. Estava intrigado com a história de Lancelot e interessado nisso por causa de seu neto, Galahad. Todos nós já quase perdemos a cabeça por nossas mulheres e amores, mas o Rei Pelles sabia que existe um traço inflexível na natureza humana que nos impede de a perdemos completamente. Achava excêntrico, para dizer o mínimo, Lancelot perder a razão por um desentendimento de amantes — e queria descobrir, examinando a genealogia de Ban, se havia um traço de loucura na família que pudesse explicá-lo. Se houvesse, poderia ter passado para Galahad, Talvez tivessem que mandar o menino para o hospital de Bethlehem, que séculos depois seria chamado de Bedlam. Já havia problemas suficientes, não precisava de mais esse.

"O pai de Ban" — o Rei disse para si mesmo, limpando os óculos e assoprando o pó de várias obras de Heráldica, Genealogia, Nigromancia e Matemática Mística — "era o Rei Lancelot de Benwick, que se casou com a filha do Rei da Irlanda. Por sua vez, o pai do Rei Lancelot era Jonas, que se casou com a filha de Manuel da Gália. Agora, quem era o pai de Jonas?"

Quando se pensa nisso, a mente de Lancelot realmente pode ter tido um traço frágil. Pode ter sido esse o segredo que notamos, dez anos atrás, no fundo da mente do rapaz que virava o bacinete para a frente e para trás, no Arsenal do Castelo de Benwick.

— Nacien — afirmou o Rei Pelles. — Raios partam esse Nacien. Parece que houve dois.

Recuara, depois de Lisais, Hellias Le Grose, Nacien, o Eremita — de quem provavelmente Lancelot herdara sua tendência visionária —, e Nappus, até o segundo Nacien que, se existiu, teria derrubado completamente a teoria do Rei de que Lancelot estava apenas a oito graus de Nosso Senhor. Na verdade, quase todos os eremitas daquele tempo pareciam se chamar Nacien.

— Raios o partam — repetiu o Rei, e olhou pela janela para ver que barulho era aquele do lado de fora do castelo.

Um Selvagem — parecia ter muitos deles zanzando por aí nesta manhã — estava sendo perseguido em Corbin pelos aldeãos que, tempos atrás, tinham saído de suas casas para dar as boas-vindas a Lancelot. Estava nu, magro como um fantasma, e corria com as mãos sobre a cabeça para protegê-la. Os meninos que corriam em volta ati-ravam torrões de terra em sua direção. Ele parava de vez em quando, agarrava um tios meninos e o jogava sobre a sebe. Isso só fez com que os meninos passassem a atirar pedras. O Rei Pelles podia ver claramente o sangue correndo por seus maldres salientes, o rosto cavado, os olhos acoissados, e as sombras azuladas entre suas costelas. Também podia ver que o homem estava se dirigindo para o castelo.

No pátio, depois que o Rei Pelles desceu quase pulando as escadas, o povo do castelo se reunia numa verdadeira multidão, em volta do Selvagem, todos admirados.

Tinham baixado a grade levadiça para que os meninos da aldeia não entrassem e estavam dispostos a tratar o fugitivo com gentileza.

— Olhe as feridas dele — disse um dos escudeiros. — Veja aquela grande cicatriz ali. Talvez tenha sido um cavaleiro errante antes de ficar louco e, portanto, devemos tratá-lo com cortesia.

O Selvagem estava de pé no meio do círculo, enquanto as mulheres soltavam risinhos e os pajens apontavam. De cabeça baixa, imóvel e sem falar nada, estava na expectativa do que fariam com ele a seguir.

— Talvez seja Sir Lancelot.

Com isso, houve uma grande gargalhada.

— Não, é sério. Nunca foi realmente provado que Lancelot morreu.

O Rei Pelles dirigiu-se direto ao Selvagem e examinou seu rosto. Teve que se inclinar de lado para ver melhor.

— Você é Sir Lancelot? — ele perguntou.

O rosto macilento, sujo, barbudo: seus olhos sequer pestanejaram.

Mas não houve resposta do idiota.

— Ele é surdo e mudo — disse o Rei. — Vamos ficar com ele como bufão.

Parece engraçado o bastante, devo dizer. Alguém lhe arranje algumas roupas — roupas cômicas, entendem? — e o ponha para dormir no pombal. Dê-lhe um pouco de palha limpa.

O idiota de repente levantou ambas as mãos e deixou escapar um rugido, que fez todos darem um passo atrás. Os óculos do Rei caíram. Depois, ele baixou as mãos de novo e ficou como se dormisse, fazendo as pessoas darem risadinhas nervosas.

— É melhor encerrá-lo — disse o Rei, prudentemente. — Primeiro, a segurança.

E não lhe estendam a comida, joguem-na. Cuidados nunca são demais.

Assim, Sir Lancelot foi levado para o pombal, para ser o bufão do Rei Pelles — e lá foi fechado, alimentado com comida jogada e acomodado em palha limpa.

Quando o sobrinho do Rei, um rapaz chamado Castor, foi sagrado cavaleiro no sábado seguinte — ocasião em que Elaine voltara à casa para participar da cerimônia —, houve alegria no castelo. O Rei, que gostava de todo tipo de festas e comemorações, celebrou regamente o ensejo, oferecendo uma capa nova a cada homem da propriedade.

Lamentavelmente, celebrou-a também fazendo uso demasiado generoso das adegas presididas pelo esposo da Dama Brisen.

— Saúúúde! — exclamou o Rei.

— Brindes e vivas! — replicou Sir Castor, que estava se comportando da melhor maneira possível.

— Todos receberam direitinho suas capas? — gritou o Rei.

— Sim, obrigado, Majestade — responderam os assistentes.

— Têem certeza diisso?

— Absoluta certeza, Majestade.

— Muitíssimo beeem, então. Todos encapados, agoora!

E o próprio Rei se enrolou em sua capa com grande entusiasmo. Em ocasiões assim, ele era um homem diferente.

— Todo mundo quer agradecer a Sua Majestade, de todo o coração, pelo generoso presente.

— Não fooui nada.

— Três vivas para o Rei Pelles.

— Hurra! Hurra! Hurra!

— E caadeêê o boobo? — perguntou o Rei, de repente. — O boobo está com sua capa? Cadêêê o pobre do boobo?

Com isso, houve um silêncio, pois ninguém se lembrara de dar uma capa para Sir Lancelot.

— Seem caapa? Não ganhou caapa? — gritou o Rei. — Buusqueem o boobo jáááá!

Trouxeram Sir Lancelot do pombal, por régio favor. Ele ficou parado sob a luz das tochas, com algumas palhas na barba, uma triste figura com sua roupa de retalhos.

— Poobre boobo — disse o Rei, com tristeza. — Poobre boobo. Venha, pegue a minha.

E apesar de todas as recomendações e advertências em contrário o Rei Pelles se desenrolou de sua capa suntuosa e a colocou sobre Lancelot.

— Deeixe-o solto — gritou o Rei. — Ooo dia toodo, toodo. Nãoosepoodefechar umhomempaaraseempre.

Sir Lancelot, de pé, vestido com a capa Imponente, parecia estranhamente majestoso no salão nobre. Se pelo menos sua barba estivesse aparada — nossa geração de cara rapada esqueceu a diferença que o corte de uma barba pode fazer —, se pelo menos não tivesse quase morrido de fome até ficar como um esqueleto na caverna do pobre eremita depois da caçada do javali, se pelo menos não tivesse corrido o boato de que ele estava morto, mas, mesmo com tudo isso, uma espécie de reverente estupefação penetrou no salão. O Rei não notou. Com passos medidos, Sir Lancelot voltou para seu abrigo no pombal, e os guardas do castelo abriram-lhe alas à medida que passava.



XXI

Elaine, como sempre, fizera a coisa mais sem graça possível. Guenevere, em circunstâncias semelhantes, teria conseguido, sem dúvida, ficar pálida e interessante — mas Elaine só tinha engordado. Caminhava pelo jardim do castelo com suas aias, vestida de roupa branca como uma noviça, e sua maneira de andar era desajeitada. Galahad, agora com três anos, caminhava a seu lado, segurando sua mão.

Não era que Elaine fosse ser freira porque estivesse desesperada. Ela não ia passar o resto de sua vida atuando como uma freira de cinema. Uma mulher pode esquecer boa quantidade de amor em dois anos — ou, seja como for, pode empurrá-lo para um lado e se acostumar com ele, e dificilmente se lembrar mais dele do que um homem de negócios pode se lembrar de uma ocasião quando, por falta de sorte, deixou de fazer um investimento que poderia torná-lo milionário.

Elaine ia deixar seu filho e se tornar uma noiva de Cristo porque percebeu que essa era a única coisa a fazer. Não era algo dramático, e talvez não fosse muito respeitoso — mas ela sabia que nunca mais amaria nenhuma pessoa humana quanto amara seu cavaleiro morto. Portanto, estava se rendendo. Não conseguiria navegar contra o vento por muito tempo.

Não andava triste por Lancelot, nem chorava por ele no travesseiro. Mal pensava nele. O cavaleiro havia cavado um recanto em seu coração, como faria uma concha roendo sem parar uma pedra. A feitura desse lugar foi a sua dor. Mas agora a concha estava em segurança na pedra. Estava abrigada e não escavava mais. Elaine, caminhando pelo jardim com suas aias, pensava apenas na cerimônia em que Sir Castor fora sagrado cavaleiro, se haveria bolos suficientes para o banquete a seguir, e que as meias de Galahad precisavam de remendos.

Uma das aias que estava jogando uma espécie de jogo de bola para se manter quente — o mesmo jogo que Nausica estava

jogando quando Ulysses chegou — veio correndo, de uma moita perto da fonte, para onde estava Elaine. A bola a levava para aquela direção.

— Há um homem — ela sussurrou, quase como se tivesse visto uma cobra cascavel. — Há um homem dormindo perto da fonte!

Elaine ficou interessada — não porque fosse um homem, nem porque a moça estava assustada, mas porque era pouco comum alguém dormir ao ar livre em janeiro.

— Silêncio, então — ela disse. — Vamos lá ver.

A noviça rechonchuda com roupas brancas que foi pé ante pé até Lancelot, a jovem desajeitada que avançava tranqüila em direção a ele, com seu rosto redondo que obstinadamente se recusara a aceitar os traços nobres do sofrimento, a jovem matrona que acabara de pensar nos remendos das meias de Galahad — esta pessoa não estava pensando nas suas necessidades nem no quanto era vulnerável. Ia calma e ino-centemente, preocupada com outros assuntos completamente diferentes, como o coelho descuidado que vai pulando-e-mordiscando pelo caminho de costume. Mas o laço da armadilha fecha-se de repente.

Elaine reconheceu Lancelot em duas batidas do coração. A primeira foi uma batida que subiu e vacilou no ponto mais alto. A segunda alcançou-a aí, apanhou o impulso na crista da onda, e ambas desceram juntas como um cavalo empinado que cai.

Lancelot estava estendido em sua capa de cavaleiro. Sir Bliant, ao observar que as coisas nobres pareciam despertar alguma coisa no Selvagem, rinha razão. Impelido pela capa, por alguma estranha recordação da gola de pele e da cor, o pobre tinha ido da mesa do Rei para a fonte. Lá, só na escuridão, sem um espelho, lavava seu rosto.

Esfregara as órbitas dos olhos com os nós dos dedos ossudos. Com uma rascadeira e um par de tesouras da cavalaria tentara arrumar seu cabelo.

Elaine mandou suas aias embora. Entregou Galahad pela mão a uma delas, e ele foi sem protestar. Era uma criança misteriosa.

Elaine ajoelhou-se ao lado de Sir Lancelot e o examinou. Não o tocou nem chorou. Fez um gesto para afagar a mão magra do

cavaleiro, mas achou melhor não fazer isso. Sentou-se sobre as pernas. Então, depois de um longo tempo, ela realmente começou a chorar — mas era por Lancelot, por seus olhos cansados acalmados pelo sono, e pelas cicatrizes brancas em suas mãos.

— Pai — disse Elaine —, se você não me ajudar agora, ninguém jamais o fará.

— O que foi, minha querida? — perguntou o Rei. — Estou com dor de cabeça.

Elaine não deu atenção à queixa.

— Pai, eu achei Lancelot.

— Quem?

— Sir Lancelot.

— Bobagem — disse o Rei. — Lancelot foi morto por um javali.

— Ele está dormindo no jardim.

O Rei saltou imediatamente do trono.

— Sempre o soube — ele disse. — Só que fui estúpido demais para admitir. É o Selvagem. É óbvio.

Ele cambaleou um pouco e pôs a mão na cabeça.

— Deixe isso comigo — disse o Rei. — Deixe-me tratar disso. Sei exatamente o que fazer. Mordomo! Brisen! Onde, diabos, estão todos? Ei! Ei! Ah, aí está você. Agora, mordomo, vá buscar sua mulher, Dama Brisen, e traga também dois homens em quem possamos confiar. Deixe-me ver. Chame Humbert e Gurth. Onde você disse que ele estava?

— Dormindo perto da fonte — Elaine respondeu rapidamente. — Certo. Então, avise a todos para ficarem longe do jardim das rosas. Está escutando, mordomo? Todo mundo deve evitá-lo para não atrapalhar o caminho por onde o Rei passará. E pegue um lençol. Um lençol forte. Vamos ter de carregá-lo dentro do lençol, pelas quatro pontas. E

arrume o quarto da torre. Diga a Brisen para arejar as roupas de cama. Melhor arranjar uma cama de penas. Acenda o fogo e vá chamar o médico. Diga a ele para procurar Loucura no Bartbolomeus Anglicus. Ah, e é melhor mandar preparar algumas geléias e coisas assim. Durante seu sono pesado, teremos que vesti-lo com roupas limpas.

Quando voltou a si, na cama limpa, Lancelot gemeu. Abriu os olhos e encarou o Rei Pelles. A seguir, olhou para Elaine. Continuou fitando-os durante algum tempo e fez movimentos de fala com os lábios simiescos. Depois, dormiu de novo.

Quando de novo acordou, eles puderam ver que os olhos estavam claros. Mas era evidente que estava em um estado mental de dar pena. Contava com eles para se salvar.

Da terceira vez que acordou, ele disse: — Oh, Senhor Jesus, como cheguei aqui?

Eles lhe fizeram as recomendações habituais como descansar por enquanto e não falar até se sentir mais forte, e coisas assim. O médico acenou com a mão para a Orquestra Real, que imediatamente começou a tocar Jesu Christes Milde Moder — pois o livro do Dr. Bartholomew recomendava que os loucos devem ser alegrados com instrumentos. Todos observaram, esperançosamente, para ver o efeito, mas Lancelot agarrou a mão do Rei e exclamou com angústia: — Pelo amor de Deus, senhor, diga-me, como cheguei aqui?

Elaine pôs a mão em sua testa e o fez deitar-se.

— Você chegou como um louco — ela disse —, e ninguém sabia quem era. Você teve um colapso.

Lancelot virou os olhos perplexos para ela e sorriu nervosamente.

— Tenho sido um tolo — disse. Mais tarde perguntou: — Muitas pessoas me viram enquanto estive louco?



XXII

O corpo de Lancelot vingou-se em seu espírito. Durante quinze dias, ele ficou de cama, no quarto arejado, com dor em todos os ossos, enquanto Elaine permaneceu do lado de fora. Ela o tinha a sua mercê, e poderia ter ficado a seu lado dia e noite. Mas havia algo em seu coração — ou decência, ou orgulho, ou generosidade, ou humildade, ou a determinação de não ser uma canibal — que o poupou. Visitava-o apenas uma vez por dia, e não lhe impunha nada. Certo dia, Lancelot a chamou quando ela estava saindo.

Ele estava sentado, vestindo um roupão, as mãos imóveis no colo.

— Elaine — disse —, acho que eu deveria estar fazendo planos.

Ela esperou pela própria sentença.

— Não posso ficar aqui para sempre — ele disse.

— Você sabe que será bem-vindo pelo tempo que quiser.

— Não posso voltar para a Corte.

Elaine respondeu, hesitante: — Meu pai lhe dará um castelo, se você quiser, e nós ... poderemos viver lá juntos.

Ele olhou para ela, depois desviou os olhos.

— Ou você poderá ficar com o castelo.

Lancelot tomou-lhe as mãos e disse: — Elaine, não sei o que dizer. Na verdade, não posso dizer nada.

— Eu sei que você não me ama.

— E acha que seríamos felizes assim?

— Só sei o que me fará infeliz.

— Não quero que você seja infeliz. Mas há diferentes maneiras de sê-lo. Não acha que pode acabar sendo mais infeliz se vivermos juntos?

— Eu seria a mulher mais feliz do mundo.

— Veja, Elaine, nossa única esperança é falar francamente, mesmo que isso soe terrível. Você sabe que não a amo, e que amo a Rainha. Foi um acidente o que aconteceu e não pode ser mudado. As coisas acontecem realmente assim: não tenho o poder de alterá-las. E você me enganou duas vezes. Se não fosse pelo que fez, eu ainda estaria na

Corte. Acha que algum dia teremos alguma chance de sermos felizes, vivendo juntos dessa maneira?

— Você foi meu homem antes de ser da Rainha — disse Elaine, orgulhosa.

Ele passou uma mão sobre os olhos.

— Você quer ter um esposo nesses termos?

— Tem Galahad — disse Elaine.

Sentaram-se lado a lado, olhando para a lareira. Ela não chorou nem pediu compaixão — e ele sabia que ela o estava poupando dessas coisas.

Ele disse, com dificuldade: — Ficarei com você, Elaine, se quiser que eu fique. Não entendo por que você haveria de querer isso. Gosto de você, gosto muito. Não sei por que, depois do que aconteceu. Não quero que sofra. Mas, Elaine... não posso me casar com você.

— Não me importo.

— É porque... é porque o casamento é um contrato. Eu... eu sempre me orgulhei da minha Palavra. E se eu não... se eu não tenho aquele sentimento por você — ora, Elaine, não tenho obrigação nenhuma de casar com você, quando foi você quem me enganou.

— Nenhuma obrigação.

— Obrigação! — exclamou Lancelot, com o rosto retorcido.

Foi como se jogasse a palavra no fogo da lareira porque tinha gosto ruim.

— Tenho de ter certeza que você entende, e que não a estou enganando. Não me casarei com você porque não a amo, Não fui eu quem começou isso, e não posso lhe dar minha liberdade: não posso prometer ficar com você para sempre. Não quero que aceite essas condições, Elaine, elas são humilhantes. São ditadas pelas circunstâncias.

Se eu fosse dizer outra coisa, seria mentira, e as coisas ficariam piores...

Calou-se e escondeu o rosto nas mãos.

— Eu não entendo — disse. — Estou tentando fazer o melhor que posso.

Elaine respondeu: — Sob quaisquer condições, você é meu amado e bondoso senhor.

O Rei Pelles lhes deu um castelo que Lancelot já conhecia. O inquieto, Sir Bliant, teve de sair — o que ele fez ainda mais prontamente quando soube que seria uma cortesia para o Selvagem que lhe salvara a vida.

— Ele é Sir Lancelot? — perguntou Bliant.

— Não — respondeu o Rei Pelles. — É um cavaleiro francês que chama a si mesmo de Chevalier Mal Fet, Eu lhe disse que tinha certeza que Sir Lancelot estava morto.

Fora combinado que Lancelot viveria incógnito, porque, se fosse permitido que se espalhasse a notícia de que ainda estava vivo e morando no Castelo Bliant, isso apenas provocaria um clamor para que voltasse à Corte.

O Castelo Eliant tinha um fosso tão bem-feito que era praticamente uma ilha. A única maneira de chegar até ele era de barco, a partir de uma barbacã do lado da terra, e o próprio castelo tinha em volta uma cerca de ferro mágica, provavelmente um tipo de concertina. Dez cavaleiros foram designados para servir a Lancelot, e vinte damas para servir Elaine.

Ela estava louca de alegria.

— Nós a chamaremos de Ilha da Alegria — ela disse. — Vamos ser tão felizes lá!

E, Lance — ele se encolheu quando ela o chamou pelo apelido —, eu quero que você cultive seus hobbies. Temos que ter torneios, e falcoaria, e muitas coisas para fazer. Você deve convidar amigos para temporadas, para que tenha companhia. Prometo que não terei ciúmes, Lance, e tentarei não viver grudada em você. Não acha que poderemos ser felizes se formos cuidadosos? Não acha que ilha da Alegria é um nome encantador?

Lancelot limpou a garganta e disse: — Sim, é um nome excelente.

— É preciso mandar fazer um novo escudo para você, para que possa ir aos torneios sem ser reconhecido. Que tipo de brasão gostaria de ter?

— Qualquer um — respondeu Lancelot. — Veremos isso mais tarde.

— Chevalier Mal Fet. Que nome romântico! O que quer dizer?

— Pode significar muitas coisas. Cavaleiro Imperfeito seria um dos significados, ou Cavaleiro que Foi Feito Errado.

Ele não lhe disse que poderia também significar Cavaleiro Marcado pelo Mal — Cavaleiro Amaldiçoado.



— Não acho que você seja feio... nem feito errado. Lancelot controlou-se. Sabia que seria muito injusto ficar com Elaine se fosse se aborrecer, ou fazer a Grande Renúncia — mas, por outro lado, era inútil tentar fingir.

Elaine chegou a barbacã escancarada, e Guenevere a beijou friamente.

— Seja bem-vinda a Camelot — disse. — Cinco mil vezes bem-vinda.

— Obrigada — disse Elaine.

As duas mulheres se olharam com rostos hostis e sorridentes.

— Lancelot ficará feliz em ver voei — Oh!

— Todo mundo sabe sobre seu filho, querida. Não há nada para esconder, O Rei e eu estamos muito ansiosos para ver se ele será como seu pai.

— É gentil de ma parte — disse Elaine, desconfortável

— É porque você é um amor — ele disse. Beijou-a rapidamente e de modo desajeitado, para encobrir a falsidade da palavra. Mas Elaine

percebeu.

— Você poderá cuidar pessoalmente da educação de Galahad — ela disse. — Poderá ensinar-lhe todos os seus truques, para que ele se torne o melhor cavaleiro do mundo.

Ele a beijou outra vez. Ela dissera "se formos cuidadosos", e estava tentando ser cuidadosa. Sentiu pena por sua tentativa e gratidão, pela decência de suas intenções.

Sentia-se como um homem distraído fazendo duas coisas ao mesmo tempo, uma delas importante e a outra sem importância. Sentia uma obrigação em relação à que não era importante. Mas é sempre embaraçoso ser amado. E não gostava de aceitar a humildade de Elaine em razão da opinião que tinha sobre si mesmo.

Chegou a manhã da mudança para Bliant, e o recém-nomeado cavaleiro, Sir Castor, deteve Lancelot no saguão. Tinha apenas dezessete anos.

— Sei que você está se chamando de Cavaleiro Imperfeito — disse Sir Castor —, mas acho que você é Sir Lancelot. É?

Lancelot puxou o garoto pelo braço.

— Sir Castor — disse —, acha que essa é uma pergunta de cavaleiro? Suponha que eu fosse Sir Lancelot e só estivesse me chamando Chevalier Mal Fet. Você não acha que eu teria algumas razões para fazer isso, razões que um cavaleiro de linhagem deveria respeitar?

Sir Castor ruborizou-se muito e dobrou um dos joelhos.

— Não contarei a ninguém — ele disse. E não contou.



XXIII

A primavera chegou devagar, o novo casal instalou-se, e Elaine organizou, um torneio para seu cavaleiro. Como prêmios, haveria uma linda donzela e um gerifalte.

Quinhentos cavaleiros vieram de todas as partes do reino para competir no torneio — mas o Chevalier Mal Fet derrubou todo mundo que o desafiou, com uma espécie de ferocidade distraída, e a idéia resultou em fracasso. Os cavaleiros foram embora confusos e assustados. Nem uma única pessoa foi morta — ele poupava todo inundo, com indiferença, depois de os derrubar no chão —, e nem uma única palavra proferida, pelo menos pelo Chevalier. Os cavaleiros derrotados, cambaleando com suas feridas, perderam a sociabilidade que geralmente reinava nas noites de torneio, imaginando quem seria o cavaleiro taciturno, e conversavam supersticiosamente entre si.

Elaine, sorrindo bravamente até que o último deles se foi, subiu para seu quarto e chorou.

Depois, secou os olhos e foi procurar seu senhor. Ele desaparecera assim que a luta terminou, pois adquirira o hábito de se isolar ao pôr-do-sol, todos os dias — ela não sabia onde.

Encontrou-o nas ameias, em um clarão dourado. As sombras dos dois, e a da torre na qual estavam, e todos os espectros das árvores, como se em chamas, estendiam-se ao longo do parque em largas riscas cor de anil. Ele estava olhando para os lados de Camelot, com olhos desesperados. Seu novo escudo, com o brasão da sua nova alcunha, estava encostado à frente. A insígnia era uma mulher prateada em um campo negro, com um cavaleiro ajoelhado a seus pés.

Em sua simplicidade, Elaine ficara encantada com a homenagem no escudo.

Nunca fora muito perspicaz. Agora percebia, pela primeira vez, que a mulher estava coroadada. Ficou parada impotente, imaginando como agir — mas não havia nada que ela pudesse fazer. Suas armas eram cegas, ou de metal macio. Só poderia usar paciência e autocontrole, pobres ferramentas quando comparadas com a dolorosa obsessão do amor que martiriza a raça humana.

Certa manhã, eles estavam sentados em uma encosta verde à beira do lago.

Elaine bordava, enquanto Lancelot observava o filho. Galahad, um menino presumido e calado, entregava-se a uma brincadeira, só conhecida dele, com suas bonecas — às quais permaneceu ligado muito tempo depois que a maioria dos meninos as trocava por soldados. Lancelot tinha esculpido para ele dois cavaleiros em madeira, os dois com armaduras. Estavam montados em cavalos com rodinhas, dos quais podiam ser destacados, e seguravam suas lanças em riste. Com cordões amarrados à plataforma de cada cavalo, dava para puxar os cavaleiros um contra o outro, como se estivessem em um torneio. Era possível fazer com que um derrubasse o outro da sela. Galahad não lhes dava a mínima atenção, mas brincava com uma boneca de pano à qual dera o nome de Santinha.

— Gwyneth vai acabar estragando aquele gavião — comentou Lancelot.

Podiam ver uma das damas do castelo vindo em direção a eles com passos apressados e segurando um gavião no punho. Sua pressa atiçara o gavião, que se debatia continuamente — mas Gwyneth não lhe prestava atenção, além de lhe dar uma ocasional sacudidela irritada.

— O que aconteceu, Gwyneth?

— Oh, minha senhora, dois cavaleiros estão esperando perto do lago, e disseram que vieram para uma justa com o Chevalier.

— Diga-lhes para irem embora — disse Lancelot. — Diga que não estou em casa.

— Mas, Sir, o porteiro indicou-lhes o caminho do barco, e eles estão vindo, um de cada vez. Disseram que não virão juntos, mas o segundo virá se o senhor vencer o primeiro. Ele já está no barco.

Lancelot levantou-se e limpou o pó dos joelhos.

— Diga-lhe para esperar no campo de torneio — disse. — Estarei lá em vinte minutos.

O campo de torneio era um corredor comprido e arenoso entre as muralhas, com uma torre em cada ponta. Era a céu aberto e, nas muralhas, havia galerias que davam para ele, como em um campo de tênis. Elaine e suas damas sentaram-se nessas galerias para assistir, e os dois cavaleiros lutaram por um longo tempo. A justa estava empatada — cada um derrubara o outro uma vez —, e o combate de espadas durou duas horas. Ao final desse tempo, o cavaleiro desconhecido gritou: "Pare!".

Lancelot imediatamente parou, como se fosse um camponês a quem fora dada permissão para ir jantar. Cravou sua espada no chão, como se tratasse de uma forquilha, e ficou à espera, paciente. Ele estivera, na verdade, apenas trabalhando com a paciência catada de um peão do campo. Não havia tentado ferir seu oponente.

— Quem é você? — perguntou o desconhecido. — Por favor, diga-me o seu nome. Jamais encontrei um homem como você.

Lancelot de repente levou as duas manoplas até o elmo, como se estivesse tentando cobrir com elas o rosto já escondido, e disse miseravelmente: — Sou Sir Lancelot Dulac.

— O quê!?

— Sou Lancelot, Degalis.

Degalis atirou sua espada contra a muralha de pedra com um tinido e começou a correr de volta à torre perto do fosso. Suas botas de ferro ressoavam pelo pátio. Desatou o elmo e atirou-o fora enquanto corria. Quando alcançou a grade levadiça da casa da guarda, levou as mãos à boca e gritou com toda sua força: — Ector! Ector! É mesmo Lancelot! Venha!

Imediatamente, correu de volta em direção a seu amigo.

— Lancelot! Meu querido, querido companheiro! Eu tinha certeza que era você, eu tinha certeza que era você!

Começou a se atrapalhar com os nós, tentando tirar fora o elmo de Lancelot com seus dedos desajeitados. Arrancou as manoplas e também as atirou com estrondo contra a muralha. Mal podia esperar para ver o rosto de Lancelot. Lancelot ficou quieto, como um bebê cujas roupas estão sendo tiradas.

— Mas o que você tem feito? Por que está aqui? Temíamos que você estivesse morto.

O elmo saiu e foi se juntar ao resto das coisas descartadas.

— Lancelot!

— Você disse que Ector está com você?

— Sim, é seu irmão Ector. Há dois anos estamos procurando você. Oh, Lancelot, estou tão contente em vê-lo!

— Entre e descanse um pouco — ele disse.

— Mas o que você fez todo esse tempo? Onde se escondeu? No começo, a Rainha mandou três cavaleiros procurá-lo. No final havia vinte e três de nós. Deve ter lhe custado uma fortuna.

— Estive andando por aí.

— Até a facção das Órcades ajudou. Sir Gawaine é um dos que o estão procurando.

A essa altura, Sir Ector tinha chegado de barco — Sir Ector Demaris, não o protetor do Rei Arthur — e a grade levadiça se levantou para deixá-lo entrar. Ele correu até o Chevalier, como se tivesse que marcá-lo no futebol.

— Irmão!

Elaine descera das galerias e estava esperando no final do campo de justas. Ela agora deveria dar as boas-vindas às pessoas que, bem sabia, destroçariam-lhe o coração.

Não interferiu nos cumprimentos, mas os assistiu como uma criança que fora deixada fora do jogo. Ficou de pé, sem se mexer, reunindo as forças. Todos os seus poderes, todas as guardas avançadas de seu espírito, estavam sendo chamados para se concentrarem na cidadela do seu coração.

— Esta é Elaine.

Eles viraram-se para ela e se curvaram.

— Sejam bem-vindos ao Castelo Bliant.



XXIV

— Não posso abandonar Elaine — ele disse.

Ector Demaris contestou: — Por que não? Você não a ama. Não tem obrigação nenhuma com ela. Ficando juntos, você só está fazendo os dois infelizes.

— Sinto-me em obrigação com ela. Não sei explicar isso, mas é assim.

— A Rainha está desesperada — disse Degalis. — Ela gastou uma fortuna procurando você.

— Não posso fazer nada.

— Não é bom ficar emburrado — disse Ector. — Estou achando que você está emburrado. Se a Rainha se arrepende do que fez, seja o que for, você deveria se comportar com generosidade e perdoá-la.

— Não tenho nada que perdoar à Rainha.

— É exatamente isso o que estou dizendo. Você deve voltar à seguir sua carreira.

Nem que seja porque deve isso a Arthur: não se esqueça que é um de seus cavaleiros jurados. Ele está precisando muito de você.

— Precisando de mim?

— Tem o problema costumeiro com o clã das Órcades.

— O que eles estão fazendo? Oh, Degalis, você não imagina que bem faz a meu coração escutar outra vez os velhos nomes. Conte-me todas as fofocas. Kay tem se comportado como um tolo ultimamente? Dinadan ainda está rindo? Quais são as novidades sobre Tristão e o Rei Mark?

— Se você quer tanto saber das coisas, deve voltar à Corte.

— Já lhe disse que não posso.

— Lancelot, você não está encarando isso com realismo. Acha, seriamente, que pode continuar aqui incógnito com essa dona e ainda ser você mesmo? Acha que pode vencer quinhentos cavaleiros em um torneio sem ser reconhecido?

— Assim que escutamos falar do torneio, viemos imediatamente — contou Ector.

— Degalis disse: "Ponho minha mão no fogo se esse não for Lancelot".

— Isso quer dizer que se você insistir em ficar aqui, terá de renunciar completamente às armas — disse Degalis, — Uma justa a mais e você será reconhecido por todo mundo. Aliás, eu acho que já foi reconhecido, — Continuar com Elaine significaria renunciar a tudo. Significaria um retiro absoluto: nada de buscas, nem torneios, nem honra, nem amor. E é possível que você chegue ao ponto de ter que ficar dentro de casa o tempo todo. O seu não é um rosto fácil de esquecer, você sabe.

— Seja como for, Elaine é gentil e boa. Quando as pessoas confiam em você e dependem de você, Ector, não se pode abandoná-las. Nem um cão deve ser tratado assim.

— No entanto, as pessoas não se casam com os cães.

— Maldição, essa moça me ama.

— A Rainha também. Lancelot girou o gorro nas mãos.

— Na última vez que vi a Rainha — de respondeu —, ela me disse para nunca mais chegar perto dela.

— Mas ela gastou mais de vinte mil libras para procurá-lo! Ele esperou algum tempo e depois perguntou, com uma voz que parecia rouca: — Ela está bem?

— Ela está absolutamente infeliz. Ector disse: — Ela sabe que a culpa foi dela. Chorou bastante, Bors a chamou de tola e ela não discutiu com ele. Arthur também está infeliz porque a Távola toda está de pernas para o ar.

Lancelot jogou o gorro no chão e se levantou.

— Eu disse a Elaine que não prometeria ficar com ela, e é por isso que tenho de ficar.

— Você a ama? — Degalis perguntou, indo ao fundo da questão.

— Sim, é certo. Ela tem sido boa para mim. Gosto dela. Frente ao olhar dos dois, ele mudou a palavra.

— Eu a amo — disse, desafiador.

Os cavaleiros ficaram durante uma semana, e Lancelot, escutando avidamente as notícias que contavam da Távola, ia opondo cada vez

menos resistência. Ao jantar, sentada na mesa alta ao lado de seu senhor, Elaine vivia em uma corrente de conversa sobre pessoas cujos nomes nunca escutara e sobre acontecimentos que não podia entender. Nada mais havia a fazer a não ser oferecer o segundo prato, o qual Ector aceitava sem interromper a anedota que estava contando. Eles inclinavam-se à sua frente, conversavam e riam, e Elaine diligentemente ria também. Todo dia, ao pôr-do-sol, Lancelot se dirigia para sua pequena torre — ela se afastara nas pontas dos pés naquela primeira vez que o encontram ali, e ele não sabia que seu refúgio fora descoberto.

— Lancelot — ela disse, uma manhã —, há um homem esperando no outro lado do fosso, de cavalo e armadura.

— Um cavaleiro?

— Não. Parece mais um escudeiro.

— Quem será desta vez? Diga ao porteiro que vá buscá-lo, — O porteiro disse que ele não quer vir. Diz que ficará esperando por Sir Lancelot.

— Vou lá ver.

Elaine deteve-o quando ele descia para o barco.

— Lancelot — ela disse —, o que você quer que eu faça com Galahad, se tiver de ir embora?

— Ir embora? Quem disse que vou embora?

— Ninguém disse, mas quero saber.

— Não sei do que você está falando.

— Quero saber como Galahad deve ser criado.

— Bem, acho que da maneira habitual. Espero que ele aprenda a ser um bom cavaleiro. Mas essa questão toda é fantasiosa.

— Isto é o que eu queria saber.

No entanto, deteve-o outra vez.

— Lancelot, ainda uma outra coisa. Se você tiver de ir embora, se você tiver de me deixar... um dia voltará?

— Já lhe disse que não irei embora.

Ela procurava o sentido de suas palavras conforme as pronunciava, como um homem que caminha lentamente em um pântano, tateando à sua frente à medida que avança.

— Iria me ajudar seguir com Galahad... me ajudaria a continuar vivendo... se eu soubesse que seria por alguma coisa... se soubesse que um dia... se eu soubesse que você voltaria.

— Elaine, não entendo por que está falando essas coisas.

— Não estou tentando detê-lo, Lance. Talvez seja melhor para você partir. Talvez seja uma coisa que deva acontecer. Eu só queria saber se o verei outra vez... porque isso é importante para mim.

Ele tomou-lhe as mãos.

— Se partir — ele disse —, voltarei.

O homem do outro lado do fosso era Tio Dap. Estava de pé, cora o antigo cavalo de Lancelot, agora dois anos mais velho, e com toda a sua armadura habitual bem-arrumada na sela, como se para uma inspeção, Tudo estava corretamente dobrado e preso no lugar militar adequado. O colete de malha estava enrolado em uma trouxa apertada. O elmo, espaldeiras e braceleiras brilhavam, literalmente por semanas de polimento até alcançar aquele verniz ou patina de luz que só encontramos nas coisas recém-compradas e trazidas da loja antes que se tornem embaçadas pela limpeza doméstica. Havia um cheiro de sabão de sela, misturado com o inconfundível cheiro pessoal da armadura — um cheiro tão pessoal quanto o que encontramos nas instalações profissionais de um campo de golfe e, para um cavaleiro, igualmente excitante.

Todos os músculos de Lancelot se retesaram na expectativa de sentir outra vez sua própria armadura, que não via desde que deixou Camelot. Seu dedo indicador sentiu o ponto que o punho de sua armadura usaria como apoio. O polegar recordou-se do peso exato em gramas que teria de exercer no lado mais próximo do ponto de apoio. O interior da palma de sua mão desejou ardentemente agarrar o punho. Todo o seu braço lembrou-se do balanço Foyeux e desejou brandi-la ao ar.

Tio Dap parecia mais velho, e nada falou. Limitou-se a segurar o freio e entregar-lhe as rédeas, esperando o cavaleiro montar e cavalgar. Seu olhar severo, intenso como o de um açor, esperava, com sua acusação. Silenciosamente, estendeu o grande elmo de torneio, com seu familiar penacho de penas de garça real e fio de prata.

Lancelot tomou o elmo de Tio Dap, com ambas as mãos, e girou-o. Suas mãos sabiam que peso esperar — exatamente dez quilos e duzentos gramas. Examinou o polimento esplêndido, o revestimento acolchoado recente e o novo mantelete na parte de trás. Era de tafetá azul, com numerosas e pequeninas flores-de-lis da antiga França bordadas à mão com fios de ouro. Soube, no mesmo instante, que mãos haviam feito aquele bordado. Levou o elmo até o nariz e cheirou o mantelete.

Imediatamente, ela estava lá — não a Guenevere que ele recordava nas ameias, mas a verdadeira Jenny, em uma postura diferente, com cada pestana de suas pálpebras, cada poro de sua pele, cada som de sua voz e cada articulação de seu sorriso.

Não olhou para trás enquanto cavalgava se afastando do Castelo Bliant — e Elaine, de pé, na torre da barbacã, não acenou. Ela o viu se afastar com uma concentração determinada, como alguém que, ao naufragar, coloca no pequeno bote toda a água doce que é possível. Tinha só mais alguns segundos para fazer a provisão de Lancelot que teria que lhe durar através dos anos. Haveria apenas essa provisão, e o filho deles, e muito ouro. Ele a deixara com todo o seu dinheiro, o suficiente para render mil libras anuais por toda a vida — naqueles tempos, uma quantia e tanto.



XXV

Quinze anos depois de deixar Elaine, Lancelot ainda estava na Corte. As relações do Rei com Guenevere e seu amante eram iguais às que sempre haviam sido. A grande diferença era que todo mundo estava mais velho, o cabelo de Lancelot, que já havia se tornado cinza-escuro aos vinte e seis anos, quando ele voltara da loucura, estava completamente branco. Também o de Arthur estava prematuramente coberto de neve — mas os lábios dos dois homens continuavam vermelhos em seus sedosos ninhos de barba. Só Guenevere conseguira manter o negro do corvo em seus cabelos. Tinha uma figura esplêndida aos quarenta anos.

Outra diferença era que uma nova geração chegara à Corte. Em seu íntimo, os principais personagens da Távola Redonda conservavam os sentimentos ardentes que sempre tinham nutrido — mas agora eram figuras em vez de pessoas. Eram cercados por prosélitos mais jovens para quem Arthur não era o cruzado do futuro, mas o conquistador reconhecido de um passado — para quem Lancelot era o herói de centenas de vitórias, e Guenevere a amante mística de uma nação. Para esses jovens, ver Arthur caçando no verde bosque era como ver a própria idéia da Realeza. Não viam um homem, mas a Inglaterra. Quando Lancelot passava cavalgando, rindo de alguma brincadeira particular com a Rainha, a comunidade ficava espantada ao ver que ele podia rir. "Olhe", dizia um para o outro, "ele está rindo, como se fosse uma pessoa vulgar como nós mesmos. Como é condescendente, como é magnificamente democrático Sir Lancelot rir como se fosse um homem comum! Talvez até coma e beba também, ou mesmo durma à noite." Mas, no fundo, a nova geração tinha absoluta certeza que o grande Dulac não fazia essas coisas.

Na verdade, em vinte e um anos, muita água havia passado sob as pontes de Camelot. Foram os anos de construção. Quando começaram, foram anos de catapultas rolando e avançando de um

cerco para outro, pelas estradas marcadas de sulcos, para arremessar a destruição por sobre as muralhas dos castelos — de torres móveis sobre rodas, deslocando-se pesadamente contra guarnições desleais, para que os arqueiros, atirando desde seus topos, pudessem lançar a morte para o interior das fortalezas traidoras — de companhias de soldados marchando por entre nuvens da poeira do verão, picaretas e pás aos ombros para solapar ameadas rebeldes, fazendo com que as grandes pedras cedessem e caíssem oscilantes. Quando Arthur não conseguia tomar de assalto um castelo fortemente armado, fazia com que túneis fossem cavados sob partes selecionadas da muralha. Esses túneis, escorados por vigas de madeira que podiam ser queimadas no momento adequado, desabavam, arrastando consigo as paredes externas cheias de pedregulhos.

Os primeiros anos foram tempos de batalhas, nas quais aqueles que insistiam em viver pela espada foram mortos por ela. Foram iluminados por torres inteiras de combatentes queimando, como se fossem outros muitos Guy Fawkes⁷ — pois a grande objeção à torre como fortaleza era a de que dava uma fornalha de primeira classe — anos vibrando com o som de machadinhas batendo contra portas à prova de machadinhas, construídas pregando a primeira camada de tábuas horizontalmente e a segunda no sentido vertical para que a madeira nunca se rachasse ao longo da fibra — anos ilustrados pelo andar trôpego dos gigantes normandos, com quem se lidava mais convenientemente cortando-lhes primeiro as pernas para que se pudesse alcançar-lhes a cabeça — e pelas centelhas das espadas ao redor de elmos ou cotoveleiras, um cintilar que, em casos extremos, era acompanhado por uma chuva tal de faíscas que faziam os cavaleiros em combate parecerem perfeitamente incandescentes. Onde quer que se fosse, naqueles primeiros anos, toda paisagem ia dar em uma coluna de mercenários vindos das fronteiras, marchando, roubando e pilhando; ou em um cavaleiro da nova ordem trocando golpes com um barão conservador a quem estaria tentando impedir que matasse algum servo; ou em alguma donzela de cabelos dourados sendo salva de alguma torre alta por meio de uma escada de couro; ou em sir Bruce Saunce Pité cavalgando a

todo galope com Sir Lancelot, atrás, em sua perseguição; ou em alguns cirurgias cuidadosamente examinando as feridas de um combatente desafortunado, e o fazendo engolir cebolas ou alhos para que, ao cheirar a fenda, pudessem descobrir se os intestinos tinham sido perfurados ou não. Depois de examinar as feridas eles as cobriam com a lã gordurosa das tetas das ovelhas, que formava um curativo de lanolina natural.

Aqui estaria Sir Gawaine sentado no peito de seu antagonista, acabando de liquidá-lo, através das aberturas do seu elmo, com a longa adaga afiada chamada Misericórdia Divina. Ali estaria um par de cavaleiros que teria se asfixiado dentro dos próprios elmos no transcorrer da batalha, uma desgraça que acontecia com frequência naqueles dias de exercício Alento e respiradouros pequenos. De um lado, haveria uma força ampla, erguida por algum principelho antiquado para enforcar os cavaleiros do Rei Arthur e os saxões comuns que estivessem do lado deles — uma força talvez, quase tão suntuosa como a que foi construída em Montfaucon, que podia suportar sessenta corpos pendendo como pesadas flores banais entre seus dezesseis pilares de pedra. As forcas mais humildes tinham degraus de madeira, como os apoios para os pés nos postes das linhas telegráficas, para que os executores pudessem subir e descer. Do outro lado, haveria uma propriedade tão cercada de armadilhas nos arbustos que ninguém ousava passar por perto. A sua frente, poderia haver um cavaleiro enlouquecido, preso em uma armadilha para cervos que, jogando-o ao ar na ponta de um galho resistente acionado por seu mecanismo, deixara-o pendurado impotente entre o céu e o chão. Atrás, poderia estar acontecendo um feroz torneio ou luta de facção, com todos os arautos gritando "Laissez les aller" a fileiras de cavalaria prestes a atacar — um berro que equivalia exatamente ao grito "Aí vão eles!", que ainda se pode escutar hoje no Grande Prêmio Nacional de corridas de cavalo.

7. Vítima de uma conspiração de católicos contra Jaime I, executado em 1606.

(N.T.)

Esperava-se que o Mundo terminasse no ano mil e, na reação que se seguiu ao adiamento, houve uma explosão de desordem e brutalidade que, por séculos, adoeceu a Europa. Isso teve como conseqüência a doutrina da Força que era o alvo da Távola. Os senhores ferozes do Braço Forte tinham assolado os bosques selvagens — só que, é evidente, houve exceções como o bom Sir Ector da Floresta Sauvage — de tal maneira que John de Salisbury foi obrigado a aconselhar a seus leitores: "Se um desses caçadores poderosos e sem piedade passar perto de sua habitação, com toda a pressa traga toda a comida e bebida que tiver em sua casa, ou que possa prontamente comprar, ou pedir emprestado a seu vizinho, para que não seja envolvido pela desgraça, ou mesmo acusado de traição."

Duruy nos conta que crianças eram dependuradas em árvores pelos tendões das coxas. Não era cena rara ver um homem de armadura assobiando como uma lagosta, e parecendo um pudim, porque tinham esvaziado um balde de farelo fervendo em sua armadura durante algum cerco. E Chaucer menciona outros espetáculos ainda mais dramáticos: o sorridente com a faca sob a capa, o caído na moita com a garganta aberta, ou o cadáver frio com a boca aberta virada para cima. Por toda parte, havia sangue no aço, fumaça no céu, e poder sem freio — e, na confusão generalizada da época, Gawaine acabou vendo-se obrigado a matar nosso querido velho -amigo, o Rei Pellinore, em vingança pela morte de seu próprio pai, o Rei Lot.

Essa era a Inglaterra que Arthur herdou, essas as dores do parto da civilização que ele buscava inventar. Agora, depois de vinte e um anos de êxito paciente, o país apresentava um quadro diferente.

Onde antes rondavam cavaleiros negros, todos cheios de fúria, diante de algum vau para cobrar pedágio de alguém temerário o suficiente para passar por aquele caminho, agora qualquer donzela poderia deambular pelo campo, mesmo coberta de ouro e ornamentos, sem o mínimo receio de ser perturbada. Onde antes os horríveis leprosos — eram chamados de Pustulentos — costumavam errar pelos bosques com trajes brancos, tocando seus lúgubres badalos se quisessem alertar as pessoas ou pulando em cima delas,

sem tocá-los, se não queriam, agora havia hospitais adequados, administrados pelas ordens religiosas dos cavaleiros para cuidar daqueles que regressavam com lepra das Cruzadas. Todos os gigantes tiranos estavam mortos, todos os dragões perigosos — alguns dos quais costumavam aproximar-se com um brrrrrr parecido com o ataque do falcão peregrino — estavam liquidados. Nas estradas por onde antes corriam velozes bandos de assaltantes com suas bandeiras a tremular, agora havia alegres grupos de peregrinos contando uns para os outros piadas sujas no caminho para Canterbury. Clérigos sisudos, em dia de passeio a Nossa Senhora de Walsingham, passavam cantando Alleluia Duke Carmen, enquanto os menos sisudos iam trinando a notável canção-de-taberna medieval de sua própria autoria: *Meum est prapositum in taberna mori*. Havia abades urbanos, saracoteando por ali em cômicos palafreiros, usando capuzes de peles contrários às regras de sua ordem, e senhores locais com apetrechos da moda e falcões no punho, e camponeses roliços discutindo com suas esposas sobre os novos mantos, e grupos alegres indo para a caça sem armadura de nenhum tipo.

Alguns iam para feiras tão grandes como as de Troyes, outros para universidades que rivalizavam com as de Paris, onde havia vinte mil estudantes de cujas fileiras acabaram saindo sete papas. Nas abadias, todos os monges ilustravam as letras iniciais de seus manuscritos com tal excesso de fantasia que era de todo impossível ler a primeira página.

Os que não estavam fazendo páginas com adornos religiosos, passavam o tempo copiando a *Historia Francorum* de Gregory de Tours, ou a *Legenda Áurea*, ou *Feu d'Échecs Moralisé*, ou o *Tratado de Falcoaria* — isto é, se não estivessem ocupados com a *Ars Magna* do mago Lully ou o *Speculum Majus* do maior de todos os magos. Nas cozinhas, os cozinheiros famosos preparavam cardápios que incluíam, apenas para uma refeição: caldo de testículos, gemada com vinho quente, lampreias em gelatinas, ostras com molhos, enguias em conserva, truta ao forno, cabeça de porco em mostarda, entranhas de veado, leitões recheados, galo rápido, ganso em panela de barro, veado com pudim de trigo, galinhas em cerveja,

esquilos assados, maranhos, embutidos de pescoço de capão, tripas, dobradinhas, ervas agridoces, repolhos, legumes em manteiga, musse de maçã, biscoitos de gengibre, tortas de frutas, manjar-branco, marmelos em calda, queijos variados. Nos salões de jantar, os nobres mais idosos, que tinham estragado o paladar com bebidas, apreciavam essas estranhas iguarias da Idade Média — os sabores fortes da baleia e do porco-marinho. Suas esposas caprichosas colocavam rosas e violetas nos pratos — cravos assados ainda dão excelente sabor aos pudins de pão-e-manteiga —, enquanto os escudeiros mostravam sua preferência para os queijos de leite de cabra. Nos quartos das crianças, todos os meninos moviam céus e terras para convencer suas mães a lhes darem pêras duras no jantar, cozidas com xarope de mel e vinagre, e servidas com creme batido. Os modos à mesa também haviam alcançado um grau de civilização muito além até do nosso. Agora, em vez de pratos feitos com pão, havia travessas com tampas, tigelas perfumadas para lavar os dedos, toalhas de mesa suntuosas, uma pletora de guardanapos. As próprias salas eram enfeitadas com grinaldas de flores e elegantes tapeçarias. Os pajens serviam a comida com os movimentos formais de um balé. Garrafas de vinho eram colocadas nas mesas, mas a cerveja, considerada menos distinta, era colocada embaixo. Os músicos, com estranhas orquestras de campainhas, cornetas compridas, harpas, violas, cítaras e órgãos, tocavam enquanto as pessoas comiam. Onde antigamente, antes do Rei Arthur, o Cavaleiro da Torre Landry fora obrigado a avisar a filha para não entrar sozinha no seu próprio salão de jantar por receio do que pudesse acontecer nos cantos escuros, agora havia música e luz. Sob as abóbadas enfumaçadas, onde antes barões imundos roíam ossos com dedos ensangüentados, agora as pessoas comiam com dedos limpos, lavados nas tigelas de madeira com sabão de ervas aromáticas. Dos barris nas caves dos mosteiros, os mordomos tiravam cerveja preta nova e envelhecida, hidromel, porto, vinho tinto, xerez seco, vinho de Hockheim, cerveja clara, licor de mel, licor de pera, hipocraz e o melhor uísque branco. Nos tribunais, os juizes aplicavam a nova lei do Rei, em vez da cruel lei de Fort Mayne. Nos chalés, as boas donas

de casa faziam pães quentinhos assados na chapa, capazes de dar água na boca, e punham boa turfa na lareira sem se importar com as despesas, e, nos campos comuns, criavam gansos gordos suficientes para alimentar vinte famílias por vinte anos. Os saxões e os normandos começavam a pensar em si mesmos como ingleses.

Não era de se admirar que os jovens e ambiciosos cavaleiros da Europa viessem aos bandos para a grande Corte, Não era de se admirar que vissem uni Rei quando olhavam para Arthur, um conquistador quando olhavam para Lancelot.

Um dos jovens cavaleiros que chegou à Corte naqueles dias foi Gareth. O outro foi Mordred.



XXVI

— Hoje já não vemos muitas flechas estremecerem nos corações das pessoas — observou Lancelot, uma tarde, nos campos de treinamento de arqueiros.

— Estremecer! — exclamou Arthur. — Que ótima palavra para descrever a vibração da flecha logo após atingir o alvo!

Lancelot disse: — Escutei numa balada.

Afastaram-se um pouco e sentaram-se sob um caramanchão, de onde podiam observar os jovens treinando a pontaria.

— É verdade — disse o Rei, desanimado. — Já não temos muitos dos velhos combates nesses dias decadentes.

— Decadentes! — protestou seu comandante-chefe. — Por que você está tão desanimado? Pensei que era isso que você queria!

Arthur mudou de assunto.

— Gareth está indo bem — disse, observando o rapaz. — É engraçado. Ele não pode ser muito mais novo que você, mas as pescas pensam nele como uma criança.

— Gareth é muito querido.

O Rei pôs a mão no joelho de Lancelot e apertou-o afetuosamente.

— Algumas pessoas podem dizer que você é o querido no que se refere a Gareth — ele disse. — Tornou-se uma verdadeira lenda como o rapaz chegou anônimo na Corte, a ponto de nem os irmãos o reconhecerem, e como foi trabalhar na cozinha e ganhou o apelido de Beaumains, mãos belas, quando Kay quis implicar com ele, e como você foi a única pessoa que o tratou de maneira decente, até que ele teve sua grande aventura e se tornou um cavaleiro.

— Bem — disse Lancelot, na defensiva —, os irmãos não o viam fazia quinze anos. Não se pode culpar Gawaine por isso.

— Não estou culpando ninguém. Só estou dizendo que foi gentil de sua parte reparar num pajem da cozinha, ajudá-lo e acabar por

faze-lo cavaleiro. Mas, na verdade, você é sempre gentil com as pessoas.

— E estranho como eles vêm para cá — continuou o amigo. — Imagino que não podem evitar. Qualquer rapaz com um pouco de energia dentro de si sente que deve vir para a Corte de Arthur, mesmo se for para trabalhar na cozinha, porque ela é o centro do novo mundo. Foi por isso que Gareth fugiu da mãe. Ela não o deixaria vir, por isso ele fugiu e veio incógnito.

— Besteira. Morgause é uma velha má... é tudo que se pode dizer dela. Ela o proibiu de vir para a Corte porque odeia você, mas ele veio, apesar disso.

— Morgause é minha meia-irmã, e eu a ofendi gravemente. Não pode ser agradável para uma mulher ver todos os seus filhos partirem para servir ao homem que ela odeia. Até Mordred, seu caçula.

Lancelot pareceu pouco à vontade. Tinha uma antipatia instintiva por Mordred, e não gostava disso. Ele não sabia que Arthur era o pai de Mordred — pois esta era uma história que fora abafada nos primeiros tempos, antes que ele ou Guenevere chegassem à Corte, tal como havia sido o próprio nascimento de Arthur. Mas Lancelot sentia que havia algo estranho entre o jovem e o Rei. Antipatizava irracionalmente com Mordred, como um cachorro antipatiza com um gato — e sentia-se envergonhado por isso, porque tinha como um dos seus confusos princípios ajudar os jovens cavaleiros.

— A vinda de Mordred deve tê-la ferido mais que tudo — continuou o Rei. — As mulheres sempre gostam mais dos filhos caçulas.

— Tanto quanto sei, ela nunca teve uma afeição particular por nenhum deles. Se ficou magoada com a vinda deles para a Corte, foi apenas devido ao seu ódio por você.

Por que ela o odeia?

— É uma história desagradável. Prefiro não falar disso. Morgause — acrescentou o Rei — é uma mulher... uma mulher de caráter forte.

Lancelot soltou uma risada um tanto amarga.

— Pela maneira como se comporta, deve ser mesmo — disse. — Escutei dizer que ela agora está preparando uma armadilha mortal para Lamorak, filho de Pellinore, apesar de ser uma avó.

— Quem lhe contou?

— Toda a Corte comenta.

Arthur levantou-se e deu três passos agitados.

— Deus do céu! — exclamou. — E o pai de Lamorak matou seu esposo! E seu filho matou o pai de Lamorak! E Lamorak é quase um menor!

Sentou-se e olhou para Lancelot, como se tivesse medo do que ele poderia dizer a seguir.

— De qualquer maneira, é isso que ela anda fazendo. De repente, o Rei disse com veemência: — Onde está Gawaine? Onde está Agravaine? Onde está Mordred?

— Devem estar em alguma aventura qualquer.

— Não... não no norte?

— Não sei.

— Onde está Lamorak?

— Acho que ele está nas Órcades.

— Lancelot, se você conhecesse minha irmã... se tivesse conhecido o clã das Órcades em casa, Eles são doidos em relação à família. Se Gawaine... se Lamorak,.. ah, meu Deus! Tenha misericórdia com meus pecados, e os pecados das outras pessoas, e a confusão deste mundo!

Lancelot o olhou, consternado.

— O que você receia?

Arthur levantou-se pela segunda vez, e começou a falar muito rapidamente.

— Receio pela minha Távola. Receio o que pode acontecer. Receio que esteja tudo errado.

— Absurdo.

— Quando comecei a Távola, era para acabar com a anarquia. Era um canal para a força bruta, para que as pessoas que tivessem que usar a Força fossem convencidas a usá-la de uma maneira útil. Mas foi tudo um erro. Não, não me interrompa.

Foi tudo um erro porque a própria Távola foi criada com a Força. O Direito deve ser estabelecido pelo Direito; não pode ser estabelecido pela Force Majeur. Mas é isso que tenho tentado fazer. Agora meus pecados estão voltando para casa para se recolher.

Lancelot, temo ter semeado ventos e ter agora de colher a tempestade.

— Não entendo do que está falando.

— Aí vera Gareth — disse o Rei, de repente outra vez calmo, como se tudo tivesse passado. — Acho que você entenderá em um minuto.

Enquanto eles estavam conversando, um mensageiro com calças de couro chegou ao campo de treinamento. O Rei o havia visto pelo canto do olho quando ele rapidamente procurou Gareth e lhe entregou uma carta. Observara o rapaz lendo a carta uma vez, duas, três vezes, e depois enquanto falava confusamente com o homem.

Agora, depois de entregar seu arco para o mensageiro sem notar que o fazia, Gareth veio caminhando lentamente em direção a eles.

— Gareth — disse o Rei.

O jovem ajoelhou-se e tomou a mão do Rei. Segurou-a como se fosse uma tábua ou uma corda salva-vidas. Olhou para Arthur com olhos parados, mas não chorou.

— Minha mãe está morta — ele disse.

— Quem a matou? — perguntou o Rei, como se esta fosse a pergunta natural.

— Meu irmão Agravaine.

— O quê!? — A exclamação era de Lancelot.

— Meu irmão matou nossa mãe porque a encontrou dormindo com outro homem.

— Cale-se, Lancelot, por favor — disse o Rei. Então, para Gareth:

— O que eles fizeram com Sir Lamorak?

Mas Gareth ainda não terminara a primeira parte da história.

— Agravaine cortou a cabeça de nossa mãe — ele disse. — Como com o unicórnio.

— Unicórnio?

— Por favor, Lancelot.

— Matou nossa mãe e a deixou sangrar.

— Lamento muito.

— Sempre soube que ele faria isso — disse Gareth.

— Tem certeza de que a notícia é verdadeira?

— É verdade. É verdade. Foi Agravaine quem matou o unicórnio.

— Lamorak era o unicórnio? — perguntou o Rei, gentilmente. Ele não sabia do que o sobrinho estava falando, mas estava ansioso para ajudar. — Lamorak esta morto?

— Oh, tio! A carta disse que Agravaine encontrou-a nua na cama com Sir Lamorak, e cortou a cabeça dela. Depois eles foram atrás de Lamorak também.

— Quem são eles?



— Mordred, Agravaine e Gawaine.

— Então, chegamos a isso — disse Sir Lancelot. — Seus três irmãos primeiro mataram Sir Pellinore, que seria incapaz de matar deliberadamente uma mosca, e o mataram porque ele havia matado o pai deles em um acidente num torneio... depois mataram a própria mãe na cama, e no final assassinaram Lamorak, por ter sido seduzido pela mãe deles, três vezes mais velha que ele. Suponho que o atacaram todos juntos, três contra um?

Gareth apertou a mão do Rei e deixou cair a cabeça.

— Eles o cercaram — ele disse como que paralisado — e Mordred o apunhalou pelas costas.

XXVII

Gawaine e Mordred voltaram direto para Camelot depois de sua incursão entre os Antigos, mas Agravaine não voltou com eles. Assim que Lamorak morreu, ou melhor, assim que encontraram tempo para compreender o que havia acontecido, eles tinham discutido. O assassinato da Rainha Morgause não fora premeditado. Agravaine cometera-o no impulso do momento — em sua paixão ultrajada, ele disse —, mas eles sabiam, por instinto, que fora por ciúmes. Assim, levantaram a velha acusação contra ele, de que era apenas um gordo valentão cujo passatempo mais nobre era matar pessoas ou mulheres indefesas, e o deixaram, chorando, depois de uma cena furiosa. Gawaine, que agora recordava toda a sua adoração pela peculiar mãe que tinham — uma adoração que a rainha-bruxa desejara de cada um de seus filhos —, voltou para a Corte do Rei Arthur em desolada penitência. Sabia que Arthur estaria furioso pela maneira como mataram o jovem Lamorak, pois o rapaz era o terceiro melhor cavaleiro da Távola, no entanto, não se sentia envergonhado por tê-lo matado. No seu entender, Lamorak merecia a morte, como um criminoso, porque ele e seu pai tinham injuriado o clã das Órcades. Sabia que toda a Corte o olharia de través, por conta do assassinato de sua mãe, e que ressuscitariam a velha história da mulher a quem ele mesmo matara, em um acesso de cólera quando era jovem. Mesmo isso não o consternava muito. Mas sentia-se arrependido e miserável porque sua própria e querida mãe das Órcades morrera — ele apenas começava a entender como isso tinha acontecido —, porque ofendera o ideal de Arthur e porque tinha o coração generoso. Esperava que o Rei o enforcasse, ou o exilasse, ou o punisse severamente. Entrou, envergonhado e carrancudo, no salão real.

Mordred entrou no salão atrás de Gawaine, como se nada tivesse acontecido.

Era um cara magricela, tão louro que parecia quase albino; e seus olhos brilhantes eram tão azuis, de um azul tão claro em suas profundezas desbotadas, que não se conseguia ver o que se passava neles. Estava perfeitamente barbeado. Parecia não haver nele nenhuma parte que se pudesse agarrar, nem cabelos, nem olhos, nem fios de barba.

Mesmo a sua cor parecia ter sido apagada. Apenas, no rosto esquelético, rosado, os olhos brilhantes eram cercados por pés-de-galinha — um lampejo que, se você quisesse, poderia supor que fosse de humor, ou então de ironia, ou meramente a contração daquelas pupilas azul-celeste para poder ver longe e em profundidade. Caminhava com o porte ereto, ao mesmo tempo insinuante e desafiador — um ombro, porém, era mais alto que o outro. Ele nascera levemente corcunda — um trabalho canhestro da parteira — como Richard III.

Arthur esperava por eles, com Guenevere e Lancelot de cada lado.

O corpulento e ruivo Gawaine dobrou-se, desajeitado, em um joelho. Não olhou para o Rei, e falou para o chão.

— Perdão.

— Perdão — disse também Mordred, mas ele, ajoelhado ao lado meio-irmão, fitou o Rei entre os olhos. Tinha uma voz não comprometida, lindamente modulada — suas palavras poderiam significar o oposto do que diziam.

— Estão perdoados — disse Arthur. — Podem ir.

— Ir? — perguntou Gawaine. Não tinha certeza se estava sendo banido.

— Sim, ir. Podemos nos encontrar no jantar. Mas agora, podem ir. Saiam, por favor.

Gawaine disse, com voz rouca: — Mitade do qui foi feito foi feito por horrorosa má fortuna.

Desta vez, a voz de Arthur não soou nem cansada nem triste.

— Saiam!

Bateu o pé no chão como um cavalo de guerra, apontando para a porta como se fosse atirá-los por ela. Seus olhos dardejavam, como

uma chama repentina, cinza-esverdeada, de tal maneira que até Mordred levantou-se rapidamente. Gawaine assustou-se e saiu aos tropeções, confuso, mas o irmão, curvado, recompôs-se antes de sair. Fez uma vênia de ator, um simulacro suntuoso e vil de humildade — depois, erguendo-se firme, fitou o Rei nos olhos, sorriu e saiu em seguida.

Arthur sentou-se, trêmulo. Lancelot e Guenevere olharam-se por cima da cabeça do Rei. Gostariam de perguntar por que ele perdoara seus sobrinhos, ou argumentar que era impossível perdoar matricidas sem prejudicar a Távola Redonda. Mas nunca tinham visto Arthur em sua fúria real. Sentiram que ali havia algo que não entendiam, e ficaram em silêncio.

Pouco depois, Arthur disse: — Estava tentando lhe dizer uma coisa, Lance, antes de isso acontecer.

— Sim.

— Vocês dois sempre me escutaram sobre a minha Távola. Quero que compreendam.

— Faremos o possível.

— Tempos atrás, quando tinha meu Merlin ao lado, ele tentou me ensinar a pensar. Sabia que teria que acabar partindo, portanto me forçou a pensar por mim mesmo.

Nunca deixe ninguém ensiná-lo a pensar, Lance: é a maldição do mundo.

O Rei continuou sentado, olhando para os dedos, e eles esperaram enquanto os velhos pensamentos corriam de través pelas mãos de Arthur como caranguejos.

— Merlin aprovou a Távola Redonda — ele disse. — Evidentemente, era uma boa coisa naquele momento. Deve ter sido um passo. Agora devemos pensar em dar o próximo.

Guenevere disse: — Não vejo o que possa estar errado com a Távola Redonda, só porque a facção das Órcades resolveu tornar-se assassina.

— Eu estava explicando para Lance. A idéia de nossa Távola era que o Direito deveria ser a coisa mais importante, não a Força. Lamentavelmente, tivemos que estabelecer o Direito pela Força, e não se pode fazer isso.

— Não entendo por que não se pode fazer isso.

— Tentei cavar um canal para a Força, para que ela fluísse de maneira útil. A idéia era que todos que gostassem de lutar deveriam ser direcionados para que lutassem por justiça, e supus que isso resolveria o problema. Não resolveu.

— Por que não?

— Simplesmente porque já conseguimos justiça. Conseguimos o que estávamos lutando para conseguir, e agora ainda temos os combatentes em nossas mãos. Vocês não vêem o que aconteceu? Já não temos mais coisas pelas quais lutar e, assim, todos os combatentes da Távola estão se corrompendo. Vejam Gawaine e seus irmãos. Enquanto ainda havia gigantes e dragões e cavaleiros perversos da velha guarda, podíamos mantê-los ocupados: podíamos mantê-los na ordem. Mas agora que nossos objetivos foram atingidos, não há mais nada em que possam usar sua força. Assim, eles a usam em Pellinore e Lamorak e minha irmã... Deus seja misericordioso com eles. O primeiro sinal da chaga foi quando nossos cavaleiros tornaram-se Maníacos por Jogos, toda aquela bobagem sobre quem teria a melhor média nos torneios e daí por diante. Este é o segundo sinal, quando o assassinato outra vez, recomeça. É por isso que digo que o querido Merlin haveria de querer que eu comesse a ter outra idéia agora, se pelo menos ele estivesse aqui para me ajudar.

— É algo como o ócio e o luxo que nos enfraquecem... as cordas ficaram frouxas e desafinadas.

— Não, não é nada disso. É simplesmente porque deixei um açoite com sal nas próprias costas. Deveria ter liquidado a Força pela raiz, em vez de tentar adaptá-la.

Embora eu não saiba como poderia ter feito isso. Agora a Força está aí, sem ter nada em que se empregar, e por isso está abrindo caminhos terríveis para si mesma.

— Você deveria puni-la — disse Lancelot. — Quando Sir Bedivere matou sua esposa você o fez levar a cabeça dela até o Papa. Agora, deveria também mandar Gawaine ao Papa.

O Rei abriu as mãos e, pela primeira vez, levantou os olhos.

— Vou mandar vocês todos ao Papa!

— O quê!?

— Não exatamente ao Papa. Da maneira como o entendo, percebem?, o problema é que esgotamos os objetivos terrenos para nossa Força, portanto, só nos restam os espirituais. Estive pensando nisso a noite toda. Se não posso manter meus combatentes longe da crueldade ao confrontarem o mundo, porque esgotaram o mundo, então tenho que confrontá-los com o espiritual.

Os olhos de Lancelot pareciam em fogo, e ele começou a examinar com atenção o Rei. Ao mesmo tempo, Guenevere encolheu-se dentro de si mesma. Lançou um olhar rápido a seu amado, um olhar encoberto, depois deu nova e reservada atenção a seu esposo.

— Se algo não for feito — continuou o Rei —, toda a Távola começará a decair.

Não é apenas o fato de terem recomeçado com as rixas familiares e matança: há também o atrevimento da velha imoralidade. Veja o caso de Tristão com a esposa do Rei Mark. As pessoas parecem estar do lado de Tristão. E difícil falar sobre as coisas morais, mas o que aconteceu é que inventamos um sentido moral, e esse sentido agora está se corrompendo porque não conseguimos empregá-lo. E quando um sentido morai começa a se corromper é pior do que quando não se tinha nenhum. Penso que todos os esforços que se dirigem para um fim puramente terreno, como foi minha famosa Civilização, contêm em si mesmos os germes de sua própria corrupção.

— Que significa isso de nos mandar ao Papa?

— Eu estava falando metaforicamente. O que quero dizer é que o ideal da Távola Redonda era secular. Se quisermos salvá-la, temos que transformá-lo em um ideal espiritual. Eu me esqueci de Deus.

— Lancelot nunca esqueceu — disse a Rainha, com um tom peculiar.

Mas seu amante estava demasiado interessado para reparar em seu tom de voz.

— O que pretende fazer? — perguntou.

— Pensei que poderíamos começar tentando conseguir algo que fosse útil para o espírito, se entende o que digo. Nós conseguimos

as coisas do corpo: paz e prosperidades. Agora, nos falta trabalho. Se inventarmos outro emprego para o corpo, um emprego secular — a mera construção de um império ou outra coisa assim —, enfrentaremos o mesmo problema, provavelmente pior, assim que terminarmos. Mas por que não podemos unir nossa Távola voltando suas energias para o espírito? Você sabe o que quero dizer com espírito. Se nossa Força fosse canalizada para trabalhar para Deus, em vez de pelos direitos do homem, isso com certeza deteria a corrupção, e valeria a pena ser feito.

— Uma Cruzada! — exclamou Lancelot. — Você vai nos mandar salvar o Santo Sepulcro!

— Poderíamos tentar — disse o Rei. — Não pensei exatamente nisso, mas pode ser uma boa coisa para se tentar.

— Ou poderíamos procurar relíquias — exclamou o comandante, que estava completamente excitado. — Se todos os cavaleiros fossem procurar uma peça da Santa Cruz, talvez nem tivessem que combater. Quer dizer, se fôssemos em uma Cruzada, ainda deveríamos usar a Força: estaríamos canalizando a Força para lutar contra os infiéis. Mas se de fato e verdadeiramente uníssemos a Távola para procurar algo que pertenceu ao próprio Senhor, ora, isso valeria infinitamente a pena. E, se ficássemos ocupados, talvez não houvesse motivo nenhum para entrar em combate. Se for esse o caso, não precisamos necessariamente procurar uma coisa só. Ora, se todos os nossos cavaleiros — cento e cinqüenta homens, todos especialistas em buscas, como detetives —, se todos os nossos cavaleiros voltassem suas energias para a busca de coisas que pertenceram a Deus, ora, poderemos encontrar centenas e centenas de coisas que seriam de enorme valor. A Távola Redonda, positivamente, podia ter sido inventada e treinada só para esse objetivo. Podemos até descobrir alguns evangelhos novos.

Poderíamos fazer coisas que ajudariam a toda a Cristandade! Pense em cento e cinqüenta homens, todos treinados para essa busca! E não é tarde demais para tentar. A Santa Cruz foi descoberta em 326, mas o Santo Sudário só foi descoberto em Lirei em 1360! Podemos encontrar a lança que matou Nosso Senhor!

— Eu estava pensando nisso.

— Devemos procurar especialmente manuscritos.

— Sim.

— Devemos ir para todo lado, para a Terra Santa, para todo lugar! Seremos como o meu querido De Joinville!

— Sim.

— Acho que esta é a idéia mais estupenda que você já teve! — disse Sir Lancelot.

— Receio que sim — disse o Rei, e desta vez foi sua voz que soou estranha. — Durante a noite, pensei que talvez estivesse visando alto demais. Se as pessoas atingem a perfeição, desaparecem, você sabe. Pode significar o fim da Távola. E se alguém, vamos supor, encontrar Deus?

Mas a mente de Lancelot não era feita para metafísica. Ele não



notou a mudança

na voz de Arthur. Começou a cantarolar para si mesmo o grande hino dos Cruzados: Lignmn cruas, Sigtim duas, Seqmttr exércitos...

— Poderíamos procurar o Santo Graal — exclamou, triunfante. Foi neste momento que chegou um mensageiro do Rei Pelles.

Pedia a presença de Sir Lancelot para sagrar um jovem cavaleiro em uma abadia.

Era um belo jovem, correto e recatado como uma pomba. Tinha sido educado em um convento. Acreditava-se que seu nome, disse o mensageiro, fosse Galahad.

A Rainha Guenevere levantou-se e voltou a se sentar. Abriu as mãos e as fechou de novo. Sabia que Sir Lancelot partiria para encontrar seu filho, tido com outra mulher — mas quase não se importou com isso.

XXVIII

Se você quiser ler sobre o começo da Busca do Graal, sobre as maravilhas da chegada de Galahad — Guenevere, numa estranha mistura de curiosidade, inveja e horror, fez uma tentativa fútil de seduzi-lo — e da última ceia na Corte, quando caiu o trovão, e sobre o raio do sol e a taça coberta e o delicioso odor se espalhando pelo Grande Salão — se quiser ler sobre tudo isso, terá que buscar em Malory. Essa maneira de contar a história só pode ser feita uma vez, o fato concreto que importa é que os cavaleiros da Távola Redonda saíram em conjunto, logo depois de Pentecostes, com o objetivo imediato de descobrir o Santo Graal.

Demorou dois anos para que Lancelot voltasse à Corte — e foi um período solitário para os que estavam em casa. Vagarosamente, aqueles cavaleiros que tinham sobrevivido começaram a pingar de volta em duplas ou trios, homens cansados trazendo notícias de perdas ou rumores de sucessos. Chegavam mancando em muletas, ou conduzindo cavalos exaustos que não podiam levá-los mais adiante, ou, como fez um que havia perdido a mão em uma batalha, carregando uma mão com a outra. Todos esses homens pareciam esgotados e confusos. Seus rostos eram fanáticos, e balbuciavam em sonhos. Barcos que se moviam pelas próprias forças, altares de prata sobre os quais se rezavam estranhas missas, lanças que voavam pelo ar, visões de touros e árvores arrancadas, demônios em velhas tumbas, reis e eremitas que viviam quatrocentos anos — todos apareciam nos rumores que enchiam o palácio. Uma conta feita por Sir Bedivere mostrou que metade dos cavaleiros estava desaparecida. Presumiu-se que estivessem mortos. Mas, em todo esse tempo, Sir Lancelot não voltou.

A primeira testemunha confiável a regressar foi Gawaine, que chegou à Corte com um humor negro, a cabeça envolta em ataduras. Era o único do clã das Órcades que havia se recusado a aprender corretamente o inglês e falava com sotaque nortista — quase que próprio dele. Ainda pensava metade do tempo em gaélico. Desafiava os sulistas, orgulhoso de sua raça.

— Cegueira e Escuridão na Busca — disse Gawaine. — Si jamais houve u'a missa inútil, foi essa.

— O que aconteceu?

Arthur e Guenevere, como boas crianças, sentavam-se com as mãos no colo para escutar as histórias. Como crianças, estavam alertas e ansiosos, procurando a verdade da melhor maneira que podiam.

— O que aconteceu, é isso? Ora, o que aconteceu foi que desperdicei dezoito meses, perdi mi égua e tive que ir atrás d'aventura, e terminei meio morto com o que v'cê chamam concussão. Possa Deus me livrar para todo sempre desse Graal.

— Conte-nos do começo.

— Do começo?

Ele ficou surpreso com o interesse do tio.

— Ora, não há muito que contar.

— Pois conte de qualquer forma.

— Traga vinho para Sir Gawaine — disse a Rainha. — Sente-se, meu Lorde.

Seja bem-vindo. Fique à vontade e conte a história, se não estiver cansado demais.

— Não estou cansado, só com dor de cabeça. Posso contar mi história. Obrigado, Senhora, vou tomar uísque. Vamos ver, por onde começo?

O senhor das Órcades sentou-se e tentou se lembrar.

— Quando saímos do castelo de Vagon... Lembram que chegamos a Vagon todos juntos, no primeiro dia, e nos dispersamos dia seguinte? Quando a gente saiu de lá, tomei o rumo nordeste. Não fazia diferença que eu me seguisse. Lancelot deu u'a informação pra todos, no dia antes da gente se separar, que o velho Rei Pelles tinha dito u'a vez a ele ter um prato sagrado, em um de seus grandes castelos. Ele

na dava importância a isso, mas contou pra todos di qualquer maneira. Mais da metade seguiu àquela direção, mas eu não mi importei. Pro nor'oeste foi pr'onde segui.

Bebeu uma bela golada.

— O primeir sinal qui achei — disse — foi di Galahad. Oh tipinho presumido i desumano qui é aqu'le sujeito. Aqu'le rapazinho — continuou Sir Gawaine, tomando outro gole e se entusiasmando com o relato —, aqu'le rapazinho é, sem dúvida, o maior catamito qu'eu jamais senti o fedor no mundo, isso é o qui ele é.

— Ele derrubou você? — perguntou o Rei.

— Não, não. Isso foi depois. Topei com os rastros dele logo no com'ço. Criado nu'a creche — ele continuou, furioso — no meio di um bando de gatinhada velha! 'lenho notícias da Busca pissoal dele, contadas por vários qui o enfrentaram — o santinho viado com coração frio di gaviã presunçoso... Mas é isso, o sujeito é inglês. Seria rachado de alt'a baixo si cruzasse a fronteira com a Escócia. A menos qui já tenha sido — concluiu, surpreso com a idéia.

— O que Sir Galahad fez de errado?

— Umas coisinhas. O sujeito é vegetariano i abstêmio, i quer qui acreditem qui é virgem. Mas eu encontrei com Sir Melias... sabem qui Sir Melias está gravemente estropiado? Ele mi contou como esse seu Galahad si comportou. Sei lá por que Melias simpatizou com o sujeit'nho, i pediu permissão ao rapaz, pra seguir cam'nho com ele. Nem imagino por qui qui ele fez isso, pois o primeir qui tentou ir com Galahad foi Uwayne. I Sir Galahad recusou! Sir Uwayne não era bastante bom pr'ele! Ora, ora, mas ele condescendeu i deixou qui Melias fosse com ele, i ainda por cima sagrou-o cavaleiro!

Qu'eu mi dane se fosse sagrado por um idiota di d'zoito anos! Quando sagrou Melias, diss' essas trismas palavras: "Agora, bom senhor — diz ele — já qui descendeis di reis e rainhas, cuide bem di sua condição di cavaleiro, pois deveis ser um espelho de fidalguia!".

O qui vocês diriam disso? Ora, qu'inglês sulista esnobe. O episódio qui seguiu foi qui os dois seguiram im busca d'aventura até chegarem a u'a encruzilhada, onde Melias teve vontade di ir pr'isquerda. Galahad disse: "É melhor na ir por aí, pois acho qu'eu escaparia melhor por essa direção qui você". Não havia nenhuma

falsa modéstia no belo Galahad, esta vendo? Bem, Melias seguiu p'ra esquerda... i teve o azar di ser ferido pela loriga nas mãos di um misterioso cavaleiro, como Gaíahad tinha previsto. Ficou lá pra morrer... a ponta quebrada da lança enfiada na illiarga. Quando o grande Galahad o encontrou ferido, vejam só o qui o homenzinho diz'r "Bem teria sido melhor cavalgar pr'outro lado!" Um belo garotinho com essa conversa de eubemquiavisei com um quase morto! I nem o ajudou!

— O que aconteceu com Sir Melias?

— Disse pra Galahad: "Sir, deixa a morte chegar quando a ela lhi aprouver". I ele mesmo arrancou a lança. Melias é um bom cavaleiro, i fico alegre im d'zer qui ele ainda está vivo.

Arthur disse: — Afinal, Galahad é apenas uma criança! São as dores do crescimento, talvez.

Não acho que deve ser julgado por pequenas faltas no relacionamento social.

— Sabiam qu'ele já atacou o próprio pai, i o d'rrubou do cavalo? Sabiam qui fez o pai ajoelhar diante dele pra lhe pedir perda? Sabiam qui tem pessoas pedindo pra morrer nos braços di Galahad, i qu'ele deixa isso acontecer, como si fosse u'a mercê?

— Bem, talvez seja uma mercê.

— Ora, qui diacho! — exclamou Gawaine, e enfiou o nariz na taça.

— Você não está nos contando a sua própria história.

— Mi primeira aventura qui tive, i quase foi só mesmo essa, aconteceu no Castelo das Donzelas. Mas talvez fosse melhor nã contar agora, diante da Rainha.

Arthur replicou, friamente: — Minha mulher não é um bebe nem uma imbecil, Sir Gawaine. Todos sabem sobre o costume daquele castelo.

Educadamente, Guenevere observou: — Em francês chamam isso de droit de xigneur.

— Mui bem, entã, eu cheguei no Castelo das Donzelas com Uwaine i Sir Gareth.

Estava guardado por sete cavaleiros, ou coisa qu'o valha, qui insistiam no costume.

Encontr'mos esses sete do lado di fora do castelo, todos bem armados, i tivemos u'a boa luta entre nós, i matamos todos. Quando tudo terminou, ficou bem claro qui Galahad tinha passado por ali antes da gente. Foi ele quem os derrotou primeir, sem matar nenhum, i estava o tempo todinho lá dentro do castelo. A gente é qui teve qui fazer o papel di açou-gueiros, terminando o qui ã devia ser obra nossa, — Azar.

— Galahad saiu trotando i ã falou conosco, Quiria dizer qui a gente era pecador... i ele abençoado. I ã me importei com o qu acontocou depois disso.

— E você continuou viajando com Uwaine e Gareth?

— ã, nos separamos depois do Castelo das Donzelas. Cavalguei por todas as direções até encontrar uma ermida, com seu religioso dentro. Conhecem o tipo, o tipinho salvacionista. A primeira demanda dele foi: "Gostaria di saber como esta as coisas entre seu Deus Í você". Perguntei si ele poderia mi dar abrigo naqu'la noite. Bem, ele era o hospedeiro i padre além do mais, assim qui quando mi pressionou pela confissão, eu ã podia recusar. Ele começou a falar bobagens dos sete cavaleiros... disse qui eram os sete pecados capitais... i mi disse, calmo como a luz do dia, qu'eu ã passava de um assassino di homens.

— Ele disse — perguntou o Rei, interessado — que era errado matar pessoas por qualquer razão, especialmente quando se estivesse na Busca do Graal?

— Mi alma pro demo si ele ã disse isso. Pregou qui Galahad tinha expuls'ado os sete cavaleiros sem matança, i mencionou qui o Santo Graal ã era pra quem tinha derramado sangue.

— E o que mais ele disse?

— ã mi lembro. Depois di fazer esse discurso, como eu lhes contava, mi aconselhou a fazer uma penitência. A menos qui pessoa fizesse u'a confissão completa, i fosse totalmente absolvido, ã adiantava nada sair procurando pelo Graal, ele disse. O

sujeito era pancada. Um cavaleiro errante está nu'a situação aqui devia tornar a penitência desnecessária, como eu mostrei a ele, com os trabalhadores manuais ã fazem jijum na Quaresma. Desmenti o sujeito i parti imediatamente. Depois disso, encontrei Aglovale i

Grifet... I depois, depois? Acho qui cavalguei com eles uns quatro dias... I entã a gente separou de novo, i a escuridã caia sobre mim si não cavalguei até o dia di Sã Miguel sem nenhuma outr'aventura! A verdade — acrescentou Gawaine — é qui nestes tempos nã si encontram mais aventuras na Inglaterra. O país está liquidado.

— Traga outra bebida para Sir Gawaine.

— Quando o dia di Sã Miguel já tinha passado, encontrei Ector Demarís. I ele tinha tido tanto azar quant'eu mesmo! Trotamos até u'a capela perdida na floresta, i dormimos por lá com u'a boa bebida no bucho, i cada um teve o mesmo sonho naquela noite. Era sobre uma mã i um braço, cobertos di samito, segurando u'a brida i u'a vela. U'a disse qui a gente precisava daquilo. Pouco depois, encontrei um segundo padre qui disse qui a brida era pela continência i a vela era pela fé . Parece qu'eu i Ector tínhamos pouco disso. Vejam só como m sujeito pode torcer um sonho. Logo depois veio u'a dose pesada di azar como o qui andava comigo sempre. Chegamos, os dois, i encontramos mi primo Uwaine, com seu escudo coberto, i nã reconhecemos seu brasão. Ector mi concedeu o primeir embate com mi primo, mi próprio parente. A espada entrou direto dentro do peito de Uwaine. Devia ter u'a falha na brigandina dele.

— Uwaine está morto?

— Sim, morto, homem. É a negra sina qui mi acompanhou.

Arthur limpou a garganta.

— Acho que a sina de Uwaine foi pior — disse. — Deus o tenha. Talvez não tivesse sido uma má idéia ter dado ouvidos àquele padre de antes.

— Eu nã queria matar! Ele era mi próprio primo das Órcades! E pensar qui aquele pedante sulista, o diacho do escudo branco, tinha si recusado a cavalgar com ele!

— Você se refere a Galahad? Ele estava usando o vergescu, o escudo branco dos cavaleiros que ainda não combateram?

— Sim, era Galahad. Mas nã com o vergesai, Ele conseguiu o escudo im algum lugar, i dizia qui tinha pertencido a José de Arimatéia. A divisa era di prata, com u'a cruz vermelha im forma de T. A prata a pra significar a brancura das virgens, disseram pra

gente, i a cruz vermelha era por conta do Graal... Deixei mi história de lado.

— Você tinha acabado de matar Uwayne — disse Artur, pacientemente.

— Ector i eu chegamos a mais u'a ermida, i foi lá qui o padre falou da brida do nosso sonho. Esse padre era vegetariano, vejam só! U'a velha história sobre assassinatos, cada vez mais exaltado, i pressionou pra qui a gente si arrependesse. A gente se desculpou i trotamos pra longe dali.

— Disse ele que a razão pela qual nenhum de vocês dois tinha sorte se devia a estarem apenas procurando matar?

— Sim, claro qui disse. Disse qui Lancelot em um homem melhor qui a gente porque raramente matava seu adversário, i particularmente porqui na fez isso nesta Busca. Disse também qui muit'outros cavaleiros, o próprio Ector encontrou mais de vinte, estavam no mesmo caso qui a gente por conta di seus pecados. Disse qui matar pessoas era contra a Busca. Mal conversamos com ele i fomos embora deixando ele falar sozinho.

— E depois?

— Chegamos num castelo, Ector i eu, onde um belo torneio estava acontecendo.

A gente si juntou aos atacantes, i foi u'a ótima batalha, i a gente já ia quase forçando nossa entrada, os ânimos estavam um pouc'exaltados, quando chegou Galahad. Deus todo poderoso é qui sabe qui mal vento trouxe esse frangote. Parece qui ele ã aprovava qui cavaleiros lutassem por esporte. Juntou-se do outro lado i jogou a gente pra fora do castelo, i mi deixou com isto.

Gawaine tocou sua atadura.

— Ector ã queria qui a gente lutasse com ele — explicou. — Sã parentes. Mas eu ã deixei di lutar por isso, i pouco mi adiantou. Ele mi deu um golpe di tal jeito qui rompeu o elmo, i quebrou a coifa de ferro, sim, i além do mais, quando o golpe resvalou, matou também mi cavalo. Esse foi mi fim, por Cristo. Fiquei di cama mais di um mês.

— E então voltou para casa?

— Sim, pra casa.

— Você estava mesmo sem sorte — disse a Rainha.

— Azarado mesmo!

Gawaine olhou para a taça vazia uma ou duas vezes. Depois se animou.

— Matei o Rei Bagdemagus — disse. — Acho que não ouviram falar disso. Esqueci de contar na minha história.

Arthur tinha escutado com atenção e refletido sobre seus próprios pensamentos.

Depois fez um movimento de impaciência.

— Vá deitar-se, Gawaine — disse. — Deve estar cansado. Vá para a cama e pense sobre tudo isso.



XXIX

O próximo a regressar foi Sir Lionel, um dos primos de Lancelot. Lancelot tinha um irmão, chamado Ector, e dois primos, Lionel e Bors. Lionel estava enraivecido, tai como Gawaine, mas o objeto de seu aborrecimento não era Galahad. Era seu próprio irmão, Bors.

— Moral — disse Lionel — é uma forma de loucura. Mostre-me um homem de moral que insiste em fazer a coisa certa o tempo todo e mostro um emaranhado do qual nem um anjo conseguiria se safar.

O Rei e a Rainha estavam sentados lado a lado como de costume para ouvir a história do viajante. Tinham criado o hábito de levar eles mesmos uma pequena refeição para o Grande Salão, tão logo regressava um cavaleiro, para que pudessem ouvir as novidades enquanto este comia. A luz caía na mesa entre eles — vinda de uma janela a com -vitral — de forma que suas mãos se moviam entre pratos t s que eram rubis, esmeraldas e poços de chamas. Estavam em um mágico de gemas, numa clareira cujas folhas eram jóias. E Bors se preocupa com a moral?

— Sempre se preocupou, maldito seja — disse Lionel. — Essa história de morai parece que corre na minha família. Lancelot já é um mal exemplo, para começo de conversa, mas Bors deixa-o no chinelo. Sabem que Bors só praticou o ato sexual uma única vez?

— Verdade?

— Sim, verdade. E, até agora, no que diz respeito a essa Busca do Santo Graal, parece que ele está fazendo um curso avançado de dogma católico.

— Quer dizer que está estudando?

Lionel acalmou-se um pouco. No fundo do coração, gostava do irmão, mas tinha passado por uma experiência que amargurara suas relações. Agora que podia falar sobre isso, e tinha tempo de repensar o assunto, começou a ver o outro lado da disputa.

— Não — disse. — Não é preciso me levar tão a sério. Bors é um bom sujeito e, se algum dia houver um santo na família, vai ser ele.

Não tem a cabeça muito brilhante, e é um pouco pedante, mas seus palpites às vezes são ouro puro. Acho que Deus andou testando-o durante esta Busca, mas não sei se foi aprovado. Eu tentei matá-lo.

— É melhor começar a história desde o início — disse Arthur — ou não vamos entender o que aconteceu, — Minha história é nada. Andei de um lado para o outro como Gawaine, sendo chamado de assassino por alguns eremitas. Vou lhes contar a história de Bors, já que entrei nela. Deus — começou Lionel — andou testando Bors, suponho. Como se ele fosse ser ordenado padre, e quisessem ver se era mesmo ortodoxo. Sabem?, acho que o momento em que Gawaine, eu, Ector e todos os demais saímos da linha certa foi quando não nos confessamos logo no começo. Pois Bors confessou no primeiro dia, e ainda começou uma penitência. Prometeu não comer nada mais que pão e água, vestir uma batina e dormir no chão. E, é claro, não iria ter nada a ver com as mulheres, mas, afinal, só tinha feito isso uma vez. Esse é o problema dele. Bem, a primeira coisa que aconteceu, quando ele pôs a vida em ordem, foi começar a ter visões. Ele viu o pelicano alimentando os filhos com o próprio sangue, e um cisne e um corvo, algumas macieiras apodrecidas e flores. Tudo isso tinha a ver com a teologia, ele me explicou, mas não me lembro de nada.

O que aconteceu em seguida foi uma dama pedir que ele a resgatasse de um cavaleiro chamado Sir Pridam. Ele resgatou a dama com facilidade e teve a oportunidade de matar Sir Pridam. Prestem atenção. Depois da nossa batalha, ele me contou essa história e me disse que tinha sido sua primeira prova. Disse que se sentia como um cavalo de saltos fazendo demonstrações e tendo que pular um obstáculo cada vez mais alto, e temia que se falhasse em um salto seria mandado de volta para o estábulo. Se tivesse matado Sir Pridam estaria liquidado. Teria sido posto a comer capim, tai como aconteceu com Gawaine e todos nós. Disse que ninguém tinha lhe falado nada sobre isso. Os obstáculos apareciam de repente diante dele, e era como se alguém estivesse olhando, alguém que não podia ajudar nem dar palpite, mas que simplesmente observava para ver se ele saltava. Bem, ele não matou Pridam. Só berrou com ele para que se rendesse e bateu na cara

dele com a prancha da espada até que se entregasse. E aquele salto se completou com sucesso. Você acha que pode haver alguma coisa contra matar pessoas nessa Busca, Rei? Sabe, algum tipo de Não sobrenatural?

— Acho que você é um homem sensato, Lionel — disse o Rei —, mesmo que tenha tentado matar seu próprio irmão. Continue a história.

— Bem, a segunda prova foi direto em cima de mim. Foi a razão pela qual tentei matá-lo. Agora estou arrependido disso. Só agora compreendi e sinto muito. Na ocasião não entendi assim.

— Qual foi a segunda prova?

— Bors e eu sempre gostamos um do outro, como sabem. Esta briguinha não é nada. Sempre amamos um ao outro à nossa maneira, e Bors cavalgava pela floresta, quando teve que enfrentar duas coisas. Uma era eu, amarrado nu em uma carroça, com dois cavaleiros cavalgando ao lado e me açoitando com espinhos. A outra era uma virgem, cavalgando mais que depressa, com um cavaleiro galopando atrás dela para desfrutar da sua virgindade. Os dois comboios iam em direções contrárias, e Bors estava sozinho.

Pensando agora — remarcou Sir Lionel com pesar —, tenho muito azar com isso de ser açoitado com espinhos. Uma vez Sir Turquine fez isso comigo.

— E qual foi o lado que Bors escolheu?

— Bors decidiu salvar a donzela. Quando eu finalmente perguntei a ele que diabos ele pensava quando desertou seu próprio irmão, isso por ocasião do nosso combate, mais tarde, ele explicou que eu tinha uma tendência para ser um cão sujo, embora ele gostasse de mim, enquanto a donzela era uma donzela, no final das contas.

Então, ele achou que seu dever era com o melhor lado. Foi por isso que tentei matá-lo.

Mas agora — acrescentou Lionel —, posso entender seu ponto de vista. Percebo que era sua segunda prova, e que deve ter sido uma decisão difícil de tomar.

— Pobre Bors. Espero que não tenha ficado muito pedante por conta disso.

— Ficou humilde. Essas provas pareciam assomar direto na frente do velho cascadeiro, e ele procurava adivinhar por acaso, geralmente pensando que adivinhara errado, e no final ficava espantado quando descobria que adivinhara certo. Ele se esforçava o tempo todo, fazendo o melhor que podia.

— Qual foi a terceira prova?

— Elas sempre iam piorando. Na terceira prova, aproximou-se dele um homem vestido como padre, e lhe disse que uma dama no castelo próximo estava condenada à morte a menos que Bors fizesse amor com ela. Este suposto padre observou que ele já havia sacrificado a vida de seu próprio irmão — esse era eu — ao escolher erradamente ajudar a donzela, e que se não pecasse agora com essa dama, teria uma segunda morte em sua consciência. Eu devia ter mencionado que os dois cavaleiros me deixaram como morto, e Bors me achou aparentemente morto e levou meu corpo até uma abadia para ser enterrado. É claro que me recuperei mais tarde. Bem, a dama apareceu no castelo, tal como declarado pelo falso padre, e confirmou a história. Ela disse que havia uma mágica que a faria morrer por amor, a menos que meu irmão fosse bom com ela. Bors compreendeu então que ou cometia um pecado mortal e salvava a dama, ou se recusava a cometê-lo e a deixava morrer. Mais tarde ele me contou que se lembrou de pedaços do catecismo vulgar e de um sermão que foi feito quando uma missão passou por Camelot.

Decidiu que não era responsável pelas ações da dama, mas que o era pelas suas próprias. Portanto, recusou-se a servir à dama. Guenevere deu uma risadinha.

— Mas a coisa não terminou aí. A dama era estonteantemente bela, e subiu até o mais alto torreão do castelo, com doze belas fidalgas, e disse que se Bors não parasse de ser tão puro, todas pulariam dali juntas. Disse que as obrigaria a fazerem isso. Disse também que bastava uma noite com ela — e por que não deixaria de ser divertida? — para as fidalgas serem salvas. Todas as doze gritavam por Bors, e imploravam sua piedade, chorando desconsoladas. Posso lhes dizer que meu irmão estava vacilando. As

pobres criaturas estavam tão assustadas e belas, e bastava que ele deixasse de ser obstinado para salvar suas vidas.

— E o que ele fez?

— Deixou que saltassem.

— Que vergonha! — exclamou a Rainha.

— Oh, era apenas uma coleção de demônios, é claro. A torre toda desmoronou e imediatamente desapareceu, e resulta que eram todos demônios, inclusive o padre.

— Acho que a moral — disse Arthur — é que não se deve cometer pecado mortal, mesmo que doze vidas dependam disso. Falando dogmaticamente, acho que é correto.

— Não sei de que dogma se trata, mas sei que quase embranqueceu os cabelos do meu irmão.

— Tinha um bom motivo para isso. Qual foi a quarta prova, se é que houve?

— A quarta prova era eu, e foi o último obstáculo. Eu revivi na abadia onde ele tinha me deixado para ser enterrado e, quando já estava bem, saí cavalgando a procurá-lo. Agora eu sinto muito por isso; aliás, tenho que lhe pedir perdão por algumas coisas que fiz, mas quando se pensa nisso, parece que é um pouco exagerado ser deixado pelo próprio irmão para ser açoitado até a morte. Ora, tendo escapado por pouco e sem compreender na época as coisas que aconteciam com Bors, e sabendo que, justo antes de perder a consciência, eu o vira me abandonar ao meu destino, bem, admito que estava com a mente bem amargurada. De fato, estava com desejos assassinos. Encontrei Bors numa capela na floresta, e fui logo dizendo que iria matá-lo. Eu disse: "Vou executá-lo como um bandido ou um traidor, pois você é o cavaleiro mais incapaz que jamais saiu de uma casa tão ilustre". Bors recusou-se a lutar. Eu disse: "Se você não lutar, mato-o aí mesmo". Bors disse que não podia combater com seu próprio irmão, entre todas as pessoas. Disse que não podia matar nem pessoas comuns nessa Busca do Graal, como poderia então matar seu irmão? Eu disse: "Pouco me importa o que lhe é permitido ou não. Se quiser se defender, vou lutar com você; se não, vou matá-lo de qualquer maneira". Eu estava furioso. Bors simplesmente se ajoelhou e pediu misericórdia.

"Percebo agora — prosseguiu — que para Bors o que fazia estava correto. Ele estava na Busca do Graal, fazia parte do esquadrão anti-homicida, e eu era seu irmão. Também era corajoso da parte dele. Mas naquele momento eu não entendia isso. Simplesmente achava que ele escava sendo obstinado, e o derrubei de ponta-cabeça quando se ajoelhou. E desembainhei a espada para cortar a cabeça dele".

Lionel sentou-se em silêncio por um instante, olhando o prato diante de si, onde via um poço brilhante de rubi, provocado pelo vitral, em forma de um ovo.

— Sabe — disse ele —, é muito bonito ficar com essa coisa de moral e dogmas enquanto se está sozinho, mas o que se deve fazer quando outras pessoas entram na confusão? Acho que para Bors estava suficientemente claro que devia se ajoelhar e deixar que eu o matasse, mas de repente apareceu um eremita que saiu correndo da capela, jogou-se por cima do corpo do meu irmão. Disse que ia evitar a qualquer custo que eu me tornasse um fratricida. Eu matei o eremita.

— Matou um homem indefeso?

— Sinto muitíssimo, Rei, mas é verdade. Não se esqueça de que eu estava com uma raiva espantosa, e o sujeito me impedia de chegar até Bors, e sei usar bem minhas mãos. Eles queriam me desconcertar com uma espécie de arma moral, e usei minha própria arma contra isso. Achei que Bors estava me enfrentando de maneira desleal, e que o eremita o ajudava. Achei que ele estava contrapondo sua vontade à minha. Se ele quisesse salvar o eremita, tinha que deixar de ser obstinado, levantar e lutar. Se entendem o que quero dizer, achei que o eremita era problema dele, não meu. Acho que estava simplesmente enfurecido — admitiu Lionel depois de algum tempo. — Sabem como é que a pessoa fica. Eu queria lutar e ia fazer isso. Eu tinha dito que o mataria se ele não lutasse, então iria matá-lo. Sabem como é, é como ficar amuado.

Houve um silêncio desconfortável.

— E melhor eu terminar minha história — ele disse, constrangido.

— Continue.

— Bem, Bors deixou que eu matasse o eremita. Simplesmente ficou no chão e pediu amor. E eu estava mais enlouquecido que nunca, em parte por causa da vergonha, e levantei a espada para cortar a cabeça do meu irmão ali mesmo, e então, naquele instante apareceu Sir Colgreance de Gore. Ele se meteu entre nós e disse que eu devia ter vergonha de derramar o sangue do meu pai. Essa foi a última palha, com todo o sangue do eremita espalhado ao meu redor, assim que parti para cima de Colgreance. E

em minutos o derrotei.

— E o que fez Bors?

— Pobre Bors, Nem quero pensar quais seriam seus sentimentos naquele momento. Lá estava ele de novo diante do obstáculo, e bastava que o recusasse para salvar outra vida. Ele tinha liquidado o eremita, aparentemente por conta de sua obstinação, e agora eu ia matar Colgreance, que tinha tentado ajudá-lo. Colgreance soluçava, dizendo: "Levante-se, homem, e me ajude. Por que vai me deixar morrer por você?".

— Resistência passiva — disse Arthur com muito interesse. — E uma nova arma.

Mas parece difícil de ser usada. Continue, por favor.

— Bem, matei Colgreance em luta limpa. Sinto muito, mas foi o que fiz. Então voltei para Bors, para liquidar o assunto, Ele levantou o escudo sobre a cabeça, mas recusou-se a lutar.

— O que aconteceu?

— Deus chegou — disse, solene, o rapaz. — Ele ficou entre nós, nos estonteou e fez nossos escudos queimarem.

Houve uma longa pausa enquanto Arthur digeriria as primeiras notícias de coisas que ele esperava ou temia acontecer.

— Sabe — disse Lionel —, Bors rezou.

— E Deus veio?

— Não sei exatamente o que aconteceu, mas o sol flamejou. Algo aconteceu. De repente paramos de lutar e começamos a rir. Vi que Bors era um idiota, ele me beijou e fizemos as pazes. Então ele me contou sua história, tal como relatei, e foi-se em um barco mágico, coberto de samito branco. Bors vai achar o Graal, se é que alguém vai conseguir isso, e esse é o final de minha história.

Todos permaneceram sentados e silenciosos, achando difícil versar sobre assuntos espirituais, até que finalmente Sir Lionel falou pela última vez.

— Tudo terminou bem para Bors — ele disse, queixoso —, as e o eremita? E Sir Colgrevance? Por que Deus não os salvou?

— Dogmas são questões difíceis — disse Arthur.

Guenevere disse: — Não sabemos do passado deles. Morrer não fez mal às suas almas. Morrer assim talvez tenha até ajudado suas almas. Talvez Deus tenha lhes dado essa boa morte porque era o melhor para os dois.



XXX

A terceira chegada importante foi a de Sir Aglovale, que chegou bem no final da tarde, quando os rubis tinham deixado a mesa e subido pela parede. Era um jovem com menos de vinte verões, um rosto fino e nobre e senso de humor. Ainda estava de luto por seu pai, o Rei Pellinore — e o indicava usando uma tira negra no braço que segurava o escudo. Pelo menos todos pensavam que era pelo Rei Pellinore. O fato, entretanto, era que também sua mãe morrera desde que o tinham visto pela última vez. E ele também trazia a notícia da morte de unia irmã — quase toda a família Pellinore tivera uma má sorte.

— Gawaine está por aqui? — perguntou Aglovale. — E por onde andam Mordred e Agravaine?

Deu uma olhada ao redor, como se pudesse realmente encontrá-los no salão.

Acima de sua cabeça, um raio colorido de luz caía sobre uma pequena e primitiva peça de tapeçaria — o quadro de alguns cavaleiros em cota de malhas, com protetores de nariz nos elmos pintados, perseguindo um urso.

Arthur respondeu: — Aglovale, eles estão aqui. Minha felicidade está em suas mãos.

— Entendo.

— Você vai matá-los?

— Vim para matar primeiro Gawaine. Parece estranho, depois da Busca do Santo Graal.

— Aglovale, você tem todo direito de tentar vingar-se do clã das Órcades, e não vou impedi-lo se tentar. Mas quero que saiba o que está fazendo. Seu pai matou o pai deles e seu irmão dormiu com a mãe deles. Não, não precisa explicar isso, deixe-me só lembrá-lo dos fatos. Depois, os das Órcades mataram seu pai e seu irmão, e os filhos de Gawaine matarão os seus, e assim em diante. Esta é a lei do Norte. Mas, Aglovale, eu venho tentando estabelecer uma nova

lei na Bretanha, pela qual as pessoas não terão que continuar derramando para sempre sangue jovem. Já pensou quanto isso é difícil para mim? Existe um ditado que diz que duas coisas erradas não fazem uma certa, e eu gosto desse ditado. Não o aplique a você mesmo, aplique-o a mim. Eu poderia ter punido o clã das Órcades por assassinar seu irmão. Podia ter mandado cortar a cabeça deles.

Você gostaria que eu tivesse feito isso?

— Sim.

— Talvez eu devesse ter feito isso.

Arthur olhou para suas mãos, como fazia com frequência quando tinha problemas. Depois disse: — É uma pena que você não tenha tido a oportunidade de ver o clã das Órcades no lar deles. Não tinham uma vida familiar feliz como a sua.

Aglovale disse: — Você acha que agora eu tenho uma vida familiar feliz? Sabe que minha mãe morreu faz alguns meses? Papai costumava chamá-la de Piggy.

— Aglovale, sinto muito. Não sabíamos.

— As pessoas costumavam rir do meu pai, Rei. Eu sei que ele não era um tipo formidável. Mas deve ter sido um bom marido, não é verdade?, pois minha mãe morreu de solidão depois que ele se foi. Minha mãe não era uma pessoa introspectiva, Rei, mas murchou depois que o clã das Órcades matou meu pai e Lamorak. Agora ela está na mesma tumba.

— Você deve fazer o que acha certo, Aglovale. Sei que você é um verdadeiro Pellinore, e o fará. Não peço favores para mim. Mas permita que mencione três coisas? A primeira é que seu pai foi o primeiro cavaleiro pelo qual me encantei; no entanto, não puni Gawaine. A segunda é que todos do clã das Órcades adoravam a mãe deles. Ela fez com que a amassem demasiado, mas só amava a si mesma. E a terceira coisa — oh, Aglovale, escuta essa — é que o rei só pode trabalhar com suas melhores ferramentas.

— Receio não ter compreendido o terceiro ponto.

— Você acha — perguntou Arthur — que essas hostilidades são uma boa coisa?

Estão contribuindo para dar mais felicidade às duas famílias?

— Não exatamente.

— Se eu quisesse parar com essas disputas familiares, você acha que adiantaria alguma coisa apelar para Gawaine e pessoas como ele?

— Percebo.

— Que bem eu faria se executasse toda a família das Órcades? Apenas teríamos três cavaleiros a menos com que trabalhar. E a vida deles tem sido infeliz, Aglovale. Por isso, entenda, minhas esperanças repousam em você.

— Tenho que pensar sobre o assunto.

— Pense. Não decida nada às pressas. Nem me leve em consideração. Faça apenas o que achar justo, porque você é um Pellinore, e por isso sei que tudo terminará bem. Agora me conte sobre suas aventuras com o Graal, e esqueça o clã das Órcades esta noite.

Aglovale suspirou fundo e disse: — No que me diz respeito, não houve nenhuma aventura do Graal. Mas isto me custou uma irmã. Talvez também um irmão.

— Sua irmã morreu? Pobre rapaz, pensei que ela estivesse segura em um convento.

— Foi encontrada morta numa espécie de barco.

— Morta em um barco!

— Sim, um barco mágico. Levava uma longa carta nas mãos, toda sobre a Busca do Graal e sobre meu irmão Percy.

— Estamos perturbando você com estas perguntas?

— Não, quero falar sobre isso. Ainda tenho Domar, e parece que Percy se distinguiu bastante.

— O que Sir Percivale andou fazendo?

— Talvez seja melhor eu lhes contar o que diz a carta, desde o começo. Como sabem — começou Sir Aglovale —, Percy era aquele da família que se dava melhor com Papai. Era gentil e humilde, e um pouco vago. Também era tímido, Quando encontrou Bors nesse barco mágico deles, diz a carta, sentiu-se envergonhado diante dele. Era ainda um cavaleiro donzel, como Galahad, vocês sabem. Muitas vezes eu pensava, quando os via juntos, que ele e Papai faziam um bom par. Para começar, ambos gostavam de animais, e sabiam como lidar com eles. Havia a Besta Gemente de Papai, e agora, desde que

partiu, parecia que Percy andava fazendo amizade sobretudo com leões. Percy também era benevolente e simples. Um dia, quando estavam tentando tirar uma espada sagrada de dentro da bainha, quero dizer, os três lá no tal barco sagrado, Percy fez a primeira tentativa. Não conseguiu — claro, todo esse tipo de coisas estava reservado para Galahad — mas, quando fracassou, simplesmente olhou orgulhoso em volta e disse: "Por minha fé, agora falhei!". Mas estou avançando demais na história. A carta conta que a primeira aventura de Percy, depois de sair de Vagon, foi cavalgar com Sir Lancelot até encontrarem Sir Galahad. Os três fizeram uma justa, e Galahad derrubou os dois. Então, Percy deixou Lancelot e foi até uma ermida, onde se confessou. O eremita o aconselhou a seguir Galahad até Goothe ou Carboneck, e jamais lutar contra ele. A verdade é que Percy estava atacado por uma espécie de veneração de herói para com Galahad, portanto o conselho lhe caiu muito bem. Assim, cavalgou até Carboneck, onde escutou o relógio da abadia tocar enquanto ainda estava atravessando a floresta; e foi lá que ele cruzou com o Rei Eveíake, que tinha cerca de quatrocentos anos de idade. E

melhor eu pular esse pedaço do Evelake, pois não compreendi direito. Acho que o velho não podia morrer até que o Santo Graal fosse descoberto, ou alguma coisa assim. Mas o Rei Pelles também está envolvido nesse assunto, e esse pedaço da carta é um tanto difícil de acompanhar. De qualquer forma, Percy teve de combater oito cavaleiros e vinte soldados, que caíram sobre ele em Carboneck, e foi salvo no último instante pelo próprio Galahad. Infelizmente seu cavalo foi abatido e Galahad seguiu adiante sem esperar nem um dia. Sabem — disse Aglovale, fazendo uma pausa —, pode ser muito bom isso de ser sagrado e invencível, e não tenho nada contra Galahad por ele ser virgem, mas não acham que as pessoas podiam ser um pouco mais humanas? Não quero ser ferino, mas esse jovenzinho faz meus pêlos se eriçarem. Por que ele não podia dizer bom dia ou coisa assim, em vez de resgatar o sujeito e sair cavalgando em silêncio com aquele narzinho branco empinado?

Arthur não fez nenhum comentário, e o jovem prosseguiu sua história.

— Percy tentou alcançar Galahad, seguindo as instruções, e Galahad tinha disparado, assim que o pobre sujeito simplesmente saiu correndo atrás dele gritando "Espera!". Teve alguns problemas terríveis tentando conseguir emprestado um cavalo, e finalmente terminou montando um pangaré de um cavaliço, trotando atrás de Galahad o mais rápido que podia. Então, apareceu um cavaleiro e o derrubou do pangaré — receio que nossa família não seja realmente do tipo heróico —, e lá estava ele de novo a pé, e ainda longe de Galahad. Bem, nesse instante apareceu uma dama — mais tarde descobriram que era uma fada, e não era das boas — e perguntou-lhe com rudeza o que ele estava tentando fazer. Percy disse: "Não faço nem o bem nem grande mal, e então?".

Então a dama emprestou-lhe um cavalo negro que resultou ser um demônio, que desapareceu em circunstâncias dramáticas quando Percy, felizmente, se benzeu naquela noite. Então ele se viu numa espécie de deserto, onde conseguiu fazer amizade com um leão ao salvá-lo de uma serpente. Percy sempre gostou do que ele chamava de nossos Amigos Irracionais, como eu disse antes. O que aconteceu em seguida foi o aparecimento de uma deliciosa dama, em um acampamento completamente equipado, que convidou Percy para jantar. Ele estava faminto — com essa história toda do deserto e esse tipo de coisa — e não estava acostumado com vinho, de forma que a festa foi fantástica. Acho que estava um pouco melindrado com o que tinha acontecido, e acabou rindo muito e ficando excitado, e pediu à dama — bem, vocês sabem. A dama concordou, e a coisa estava caminhando bem até que Percy, por sorte, notou a cruz na empunhadura de sua espada, que estava no chão. Ele se benzeu novamente, e a tenda da dama virou de ponta-cabeça, e lá se foi ela em um navio, rugindo e gritando, e a água fervendo atrás dela. Percy ficou tão envergonhado e com tão tremenda dor de cabeça na manhã seguinte que enfiou a espada em sua coxa, como punição. Depois disso, apareceu o barco sagrado, com Bors dentro dele, e os dois saíram navegando juntos, sabe-se lá para onde o barco os levaria.

Guenevere disse: — Se esse barco sagrado se destinava a levar as pessoas até o Graal, posso perfeitamente compreender por que Bors

estava dentro dele. Sabemos que ele tinha passado por várias provas. Mas por que Sir Percivale? Não quero ser rude, Sir Aglovale, mas seu irmão não parece ter feito muita coisa.

— Ele preservou sua integridade — disse Arthur. — Estava tão limpo quanto Bors; na verdade, até mais limpo. Era perfeitamente inocente. Deus já disse algo sobre as criancinhas sofredoras que chegam até Ele.

— Mas que trapalhada!

Arthur se aborreceu.

— Se supomos que Deus é misericordioso — retrucou —, não vejo a razão pela qual não deva permitir que pessoas tropecem até o Paraíso, assim como outras simplesmente sobem até lá. Prossiga com sua carta, Sir Aglovale.

— É nesse momento que minha irmã entra na história. Ela era freira, como sabem, e, quando cortaram seus cabelos pela primeira vez, teve uma visão que lhe revelou que deveria conservá-los em uma caixa. Minha irmã era uma mulher instruída, que tinha vocação para os estudos religiosos. Logo que Percy e Bors entraram no tal barco, chegou ao convento uma nova visão que lhe disse para fazer certas coisas, A primeira era procurar Sir Galahad. Galahad estava passando a noite em uma ermida perto de Carboneck, depois de ter derrubado Sir Gawaine, quando minha irmã o encontrou. Ela o despertou e o fez armar-se, e juntos cavalgaram até o Mar de Collibe onde, mais além de um castelo fortificado, encontraram o barco sagrado com Bors e Percy esperando.

Todos navegaram juntos até chegarem a uma garganta no mar, entre dois rochedos enormes — e lá os esperava uma segunda balsa. Houve alguma reticência quanto a entrar no novo barco, pois nele encontrava-se um pergaminho que alertava as pessoas que não tivessem uma fé perfeita a não entrar; mas Galahad, como era de se esperar, com sua autoconfiança insuportável foi logo subindo. Os demais o seguiram e encontraram uma bela cama com uma coroa de seda em cima e uma espada semidesembainhada. Era a espada do Rei David. Havia também três fusos mágicos, feitos com a árvore do Éden, e duas espadas inferiores, para Percy e Bors. Naturalmente, a espada principal era para Galahad, O botão do

punho da espada era de pedra maravilhosa, e as escamas do punho eram das costelas de duas bestas chamadas Calidone e Ertanax, a bainha era de pele de serpente, e um lado da espada era vermelho como o sangue. Mas a cinta era de simples cânhamo. Minha irmã pôs-se a trabalhar com os fusos, e fez uma nova cinta com seus cabelos, que trouxera na caixa conforme as instruções. Ela lhes explicou a história da espada, que sabia por seus estudos, e como os fusos eram feitos de madeira tingida até as veias e, finalmente, ela cingiu a espada em Galahad. Ela era virgem, e colocou a cinta em um virgem, feita com seus próprios cabelos.

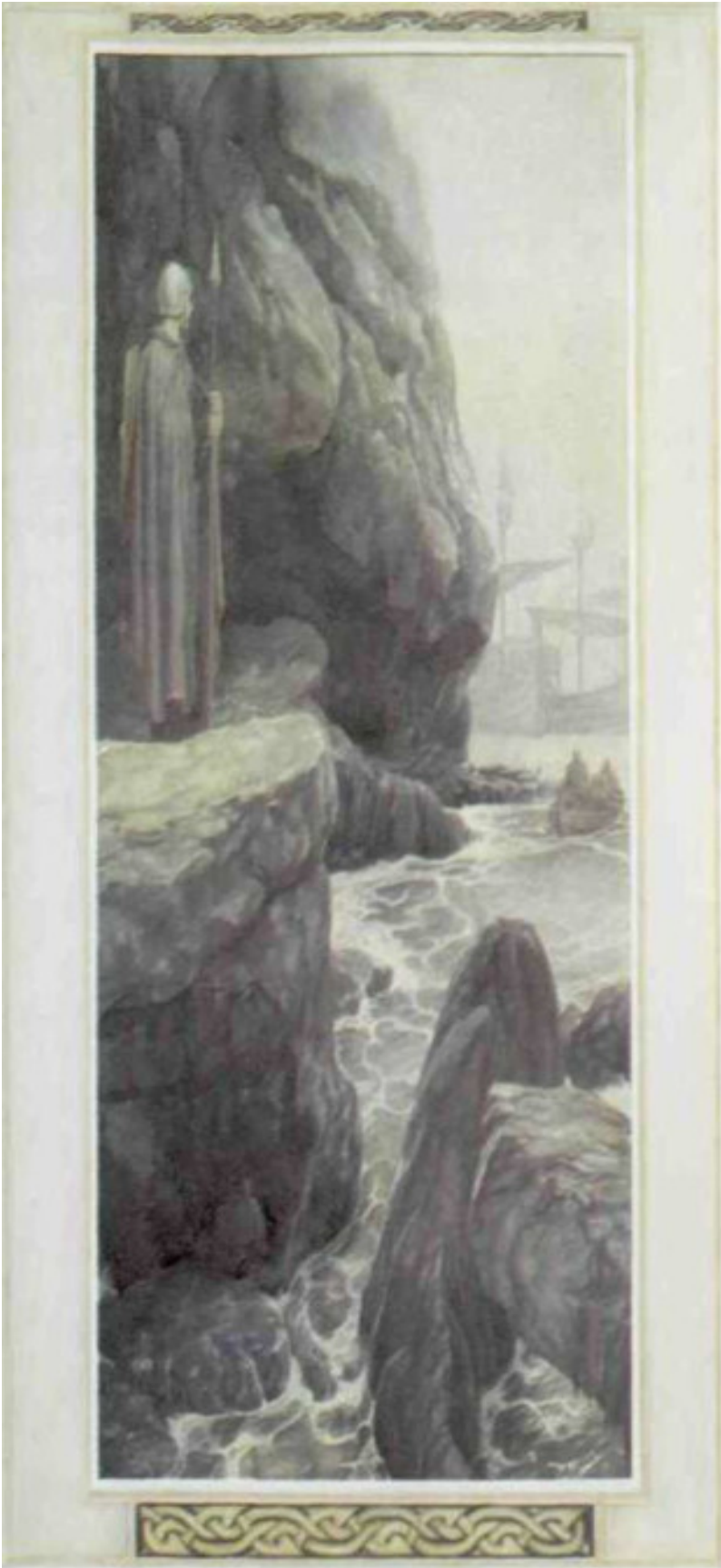
Então voltaram ao primeiro barco e velejaram na direção de Carlisle. A caminho de Carlisle resgataram um velho cavaleiro que era mantido prisioneiro por alguns homens malvados em um castelo. Mataram muitos desses homens na luta, e Bors e Percy ficaram preocupados com isso, mas Galahad disse que era perfeitamente correto matar pessoas que não tinham sido batizadas — e resulta que era o caso deles. Assim o velho do castelo pediu permissão para morrer nos braços de Galahad, e Galahad condescendeu nisso.

Quando chegaram a Carlisle, havia outro castelo que pertencia a uma dama leprosa. Os médicos diziam que sua única chance de cura era banhar-se numa bacia cheia com o sangue de uma virgem pura de linhagem real. Todos os que passavam por ali eram dessangrados pelas pessoas do castelo, e a descrição correspondia a minha irmã. Os três cavaleiros combateram o dia inteiro para salvá-la, mas ao

anoitecer

foi-lhes

explicada



a razão do costume, e minha irmã disse: "Melhor um mal que dois". E consentiu em ser dessangrada, a luta parou e na manhã seguinte fizeram isso. Ela abençoou os cirurgiões, arranhou para que seu corpo fosse lançado para flutuar no barco sagrado com esta carta nas mãos, e morreu durante a operação.

— Naquela noite dormi às margens do Mortoise e tive um sonho que me ordenava entrar em um navio.. Quando despertei, o navio estava lá e, quando subia bordo, senti os mais suaves odores e sensações, e havia comida e, bem, tudo o que se possa imaginar.

Sir Aglovale voltou a ver o Rei antes de ir deitar-se, depois que condolências e exclamações habituais foram feitas. O salão estava escuro, e as jóias de luz tinham desaparecido.

— A propósito — disse com timidez —, pode solicitar que a facção das Órcades jante comigo amanhã?

Arthur o olhou de perto, através do Iusco-fusco, e começou a abrir um sorriso enorme. Beijou Aglovale enquanto uma lagrima escorria para o canto de seu sorriso. E

disse:

— Agora tenho outro Pellinore para amar.



XXXI

Ainda não havia notícias do grande Dulac. Este se transformara em um nome mágico que aquecia todos os corações, particularmente os das mulheres, não importava onde estivesse. Ele mesmo tinha se transformado em um maestro — era visto agora como antes ele mesmo via o Tio Dap. Se você aprendeu a voar, ou foi discípulo de um grande músico ou espadachim, basta lembrar-se desse professor para saber o que o povo de Camelot pensava de Lancelot. Eles morreriam por ele — por sua maestria. Mas ninguém sabia onde ele estava.

Os sobreviventes continuavam a pingar — Palomides, agora batizado e mortalmente cansado da Besta Gemente e envelhecido por sua longa e poética rivalidade com Sir Tristão pelo amor de La Beale Isoud; Sir Grummore Grummursum, agora careca como um ovo, com quase oitenta anos, afligido pela gota, mas ainda bravamente participando de buscas; Kay, olho vivo e sarcástico; Sir Dinadarn, fazendo piadas com suas próprias derrotas, apesar de estar tão cansado que mal podia manter as pálpebras abertas; e até mesmo o velho Sir Ector da Floresta Sauvage, com oitenta e cinco anos e cambaleando.

Traziam consigo braços quebrados e boatos. Um desses dizia que Galahad, Bors, o outro Ector e uma freira estiveram presentes em uma missa milagrosa. Esta fora celebrada por um cordeiro, assistido por um homem, um leão, uma águia e um touro.

Depois da missa, o celebrante tinha passado através do vitral pintado com um cordeiro, sem quebrar o vidro da igreja, significando assim a Imaculada Conceição. Outro contou como Galahad tinha lidado sem piedade com um demônio em uma tumba, como tinha esfriado o poço do desejo, e como o castelo da dama leprosa fora finalmente derrubado.

Essas pessoas, com suas armaduras enferrujadas e escudos rachados, tinham visto Lancelot ali e acolá. Contaram sobre um homem horroroso arreado, orando em uma cruz à beira da estrada;

ou de um rosto cansado, adormecido sobre seu escudo sob a luz do luar. Contavam também coisas inacreditáveis — Lancelot derrubado, derrotado, ajoelhado depois de ter sido desmontado.

Arthur fazia perguntas, enviava mensageiros, lembrava-se do seu comandante em suas orações. Guenevere, num perigoso estado mental, começou a caminhar na borda de um precipício verbal. A qualquer momento poderia dizer ou fazer algo que a comprometeria ou a seu amante. Mordred e Agravaine, que estavam entre os primeiros a abandonar a Busca, observavam e esperavam com os olhos brilhantes. Mantinham-se tão imóveis como, segundo dizem, Lord Burleigh nos conselhos da Rainha Elizabeth, ou como um gato maneiroso quando observa secretamente a toca do rato — uma presença, uma concentração.

Boatos da morte de Lancelot começaram a surgir. Tinha sido morto por um cavaleiro negro num vau — tinha lutado em justa com seu próprio filho, que lhe quebrara o pescoço — tinha enlouquecido novamente, depois de ser espancado por seu próprio filho, e cavalgava errático e ao léu — sua armadura fora roubada por um cavaleiro misterioso, e ele tinha sido devorado por uma besta — tinha lutado contra duzentos e cinquenta cavaleiros, fora feito prisioneiro e enforcado como um cão. Um bom número acreditava e sussurrava que ele fora assassinado, quando dormia, pelo clã das Órcades, e tinha sido enterrado sob uma pilha de folhas.

A tênue fila de cavaleiros aparecia espasmodicamente com dois, às vezes três, e depois um de cada vez, depois com intervalo de dias entre os cavaleiros solitários. A lista dos mortos e desaparecidos, mantida por Sir Bedivere, começou a se consolidar numa lista dos mortos, já que os desaparecidos ou regressavam exaustos ou tinham a morte confirmada por relatos verossímeis. Indícios de óbito começaram a estar presentes nos sussurros sobre Lancelot. Ele era amado por quase todos. Assim, os que murmuravam não faziam mais que sussurrar sobre sua morte, receosos de que, se falassem alto sobre o assunto, isso se tornasse verdadeiro. Mas murmuravam sobre sua bondade e seu rosto notável; sobre tai ou qual golpe que tinha dado em fulano ou sicrano; sobre a elegância de seu jogo de pernas. Alguns pajens obscuros e ajudantes de cozinha, que se

lembravam vivamente de um sorriso ou de uma gorjeta no Natal, iam dormir com os travesseiros úmidos, apesar de saberem que não podiam sequer sonhar que o grande comandante recordasse seus nomes. Kay espantou a todos ao declarar, fungando, que ele mesmo sempre tinha sido um péssimo guarda-costas e depois saiu rapidamente da sala assoando o nariz. A tensão e a sensação de tragédia cresciam na Corte.

Lancelot voltou no meio de uma tempestade, molhado e apequenado. Cavalgava uma égua velha e cansada, que nem mais conseguia trotar. As nuvens negras do outono estavam atrás dele, e as costelas escavadas da égua ressaltavam embranquecidas sobre o fundo púrpura das nuvens. Uma magia, uma adivinhação mental, uma intuição deve ter acontecido, pois todas as muralhas e torres do palácio, e a ponte levadiça do Grande Portão estavam apinhadas de pessoas esperando e apontando silenciosas, antes mesmo que ele aparecesse. Quando puderam ver sua figura minúscula, atravessando com dificuldade o campo de caça, o murmúrio subiu entre as pessoas. Era Lancelot com uma veste escarlate sobre outra branca. Estava salvo. Souberam tudo sobre suas aventuras, antes mesmo que ele falasse. Arthur corria como louco, ordenando a todos para entrar, deixar livres as muralhas e dar um tempo ao homem. Quando a figura chegou, não havia ninguém que pudesse atrapalhá-lo. Apenas o Grande Portão estava aberto e Tio Dap encontrava-se lá, encurvado e com a cabeça branca, para segurar seu cavalo. Centenas de olhos, esgueirando-se por trás das cortinas, viram o homem gasto entregar as rédeas ao escudeiro — viram-no de pé com a cabeça baixa, que ele não levantou — e o viram virar-se, caminhar para seus aposentos e desaparecer na escuridão da escada da torre.

Duas horas mais tarde, Tio Dap apresentou-se na câmara do Rei. Tinha despido Lancelot e o colocado na cama. Sob a vestimenta escarlate, disse, havia uma veste branca, e sob esta, um horrível cilício. Sir Lancelot enviava uma mensagem. Estava muito cansado, e implorava o perdão do Rei. Ali compareceria no dia seguinte. Enquanto isso, para que não houvesse atraso sobre a notícia importante, Tio Dap deveria comunicar ao Rei que o Santo Graal fora

encontrado. Galahad, Percivale e Bors o descobriram, e com ele, e com o corpo da irmã de Percivale, tinham chegado a Sarras na Babilônia. O Graal não podia ser levado a Camelot. No final, Bors regressaria a casa, mas os outros jamais retornariam.



XXXII

Guenevere exagerou ao se vestir para a ocasião. Maquiou-se, embora não precisasse de maquiagem, e maquiou-se mal. Estava com quarenta e dois anos.

Quando Lancelot a viu esperando à mesa, com Arthur a seu lado, seu coração explodiu no peito, deixando que o amor dentro dele corresse por suas veias. Era seu antigo amor por uma garota de vinte anos, sentada orgulhosa em seu trono com o presente de cativos a seu redor — mas agora a mesma garota sentava-se em outro ambiente, um ambiente de maquiagem exagerada e sedas vistosas com as quais tentava desafiar a ruína invencível do destino humano. Ele a viu como o espírito apaixonado da juventude inocente, agora assediada pelo truque que se prega na juventude — o truque da traição do corpo, que transforma a carne em ossos. Para ele, seus tolos enfeites não eram vulgares, e sim tocantes. A garota ainda estava ali, ainda atraente por trás da barricada quebradiça do rouge. Apresentava seu bravo protesto: não serei vencida. Por trás da coqueteria desajeitada, das roupas humilhantes, havia o grito humano por ajuda.

Os olhos jovens, desorientados, estavam dizendo: sou eu, aqui dentro — o que fizeram comigo? Não me submeterei. Uma parte de seu espírito sabia que a maquiagem fazia dela uma boneca desengonçada, e odiava isso, e tentava segurar seu amante apenas cora os olhos, que diziam: não olhe para nada disso. Olhe para mim. Ainda estou aqui, nos olhos. Olhe para mim dentro desta prisão e me ajude a sair. Outra parte dizia: não estou velha, é uma ilusão. Estou belamente maquiada. Veja, tenho os movimentos da juventude. Desafiarei o imenso exército da idade.

Lancelot viu uma alma solitária, uma criança inocente e condenada, mantendo sua posição indefensável com as armas desprezíveis da pintura no cabelo e da seda laranja, com o que ela tinha — com que medos? — pensado em agradá-lo. Viu

O punho apaixonado, pigmeu, Cerrado e desafiante apontar as nuvens, O orgulho que triunfaria, o protagonista condenado Cora força agarrando o fantasmal gigante.

Arthur disse: — Você já descansou? Como se sente?

— Estamos tão felizes por vê-lo novamente — disse Guenevere —, tão felizes por tê-lo de volta.

Eles, por sua vez, viram um homem cheio de serenidade — o tipo de sábio que Kipling descreveu em Kim. Viram seu novo Lancelot como um silêncio e percepção. Tinha regressado do cume de seu espírito.

Lancelot respondeu: — Agora já estou bem descansado, obrigado. Suponho que queiram saber sobre o Graal.

O Rei disse: — Receio ter sido muito egoísta. Mantive todos a distância. Vamos copiar tudo e arquivar em Salisbury. Mas queríamos ser os primeiros a ouvir diretamente de você, Lance, sem interrupções.

— Tem certeza de que não está cansado demais para contar?

Lancelot sorriu e pegou nas mãos deles.

— Não há muito que contar — disse. — Afinal, não fui eu quem encontrou o Graal.

— Sente-se e tome seu desjejum, Pode falar depois de comer. Você está magro demais.

— Gostaria de uma taça de hipocraz ou de licor de pêras?

— Obrigado, mas atualmente não estou bebendo nada — disse. Enquanto ele comia, o Rei e a Rainha sentaram-se a seu lado e o observaram. Antes de ele mesmo saber que queria sal — quando seus dedos mal começaram a se dirigir ao saleiro —, eles o estenderam. Lancelot riu dos dois rostos sérios, que o faziam sentir-se desconfortável, e fingiu aspergir Arthur com seu copo de água, para fazê-lo sorrir.

— Quer uma relíquia? — perguntou. — Pode ficar com minhas botas, se desejar.

Estão bem gastas.

— Lancelot, isso não é coisa com que se brinque. Acredito que você viu o Santo Graal.

— Ainda que o tivesse visto, não é preciso pôr o sal na minha mão.

Mas eles continuaram olhando para ele. Lancelot disse: — Por favor, compreendam. A Calahad e aos outros foi permitido ver o Graal. Eu não obtive a permissão. Assim, é errado, e vocês me magoarão, se fizerem alarde por causa disso. Quantos cavaleiros já voltaram?

— A metade — disse Arthur. — Ouvimos as histórias deles.

— Suponho então que saibam mais que eu.

— Sabemos apenas que os homicidas e os que não se confessaram foram recusados; e você diz que Galahad, Bors e Percivale foram aceitos. Contaram-me que Percivale e Galahad eram virgens; e Bors, apesar de não ser completamente virgem, revelou-se um teólogo de primeira classe. Suponho que Bors tenha sido aceito por seu dogma, e Percivale por sua inocência. Sei pouca coisa sobre Galahad, salvo que todo mundo não gosta dele.

— Não gosta dele?

— Queixam-se de que ele é desumano. Lancelot examinou sua taça.

— Ele é desumano — disse, finalmente. — Mas por que seria humano? Os anjos são humanos?

— Não compreendo.

— Você acha que se o Arcanjo Miguel chegasse aqui neste instante iria dizer: "Que belo tempo faz hoje! Aceita uma dose de uísque?"

— Suponho que não.

— Arthur, não deve achar que sou rude quando digo isso. Você deve se lembrar que estive em lugares estranhos e desertos, algumas vezes completamente sozinho, outras em um barco só com Deus e o barulho do mar. Sabe que desde que voltei para junto das pessoas, tenho sentido que estou ficando louco? Não é o mar, mas as pessoas que me fazem sentir assim. Todas as minhas conquistas estão desaparecendo, com as pessoas ao meu redor. Mesmo muito das coisas que você e Jenny dizem me parecem inúteis: ruídos estranhos, vazios. Vocês sabem o que quero dizer. "Como vai?", "Por favor, sente-se.", "Que belo tempo está fazendo." Para que serve

isso? As pessoas falam demais. Onde eu estive e onde Galahad está, é um desperdício de tempo ter "boas maneiras". As boas maneiras só são necessárias entre as pessoas para manter em ordem suas relações vazias. As boas maneiras servem aos homens, vocês sabem, não a Deus. Assim, vocês podem entender como Galahad pode ter parecido desumano, e sem modos, e coisas assim, para as pessoas que ficam cochichando e tagarelando em volta dele. Ele estava demasiado distante em seu espírito, vivendo em ilhas desertas, em silêncio, com a eternidade.

— Entendo.

— Por favor, não me considerem rude quando falo isso. Tento explicar um sentimento. Se vocês tivessem passado pelo Purgatório de Patrick, saberiam o que quero dizer. As pessoas parecem ridículas para alguém que sai de lá.

— Entendo perfeitamente. E compreendo também sobre Galahad.

— Ele era uma pessoa realmente adorável. Passei muito tempo em um barco com ele, e sei disso. Alas isso não quer dizer que estivéssemos sempre oferecendo o melhor lugar do barco um para o outro.

— São os meus cavaleiros mundanos os que mais o detestam. Entendo.

Entretanto, queremos ouvir sua história, Lance, e não a de Galahad.

— Sim, Lance. Conte-nos o que aconteceu e deixe os anjos de lado.

— Como nunca me foi permitido conhecer muitos anjos — disse Sir Lancelot com um sorriso —, é o melhor que posso fazer.

— Prossiga.

— Quando deixei Vagon — começou o comandante-chefe —, tinha a idéia sagaz de que o melhor lugar para começar a Busca seria o castelo do Rei Pelles...

Parou, pois Guenevere tinha se mexido subitamente.

— Não fui para o castelo — disse com gentileza — porque sofri um acidente.

Aconteceu algo comigo que estava além dos meus próprios planos, e depois disso fui para onde me levaram.

— Que acidente foi esse?

— Não foi realmente um acidente. Foi o primeiro golpe de urna correção que sofri, e pela qual sou agradecido. Sabem, vou falar muito de Deus, e essa é uma palavra que ofende as pessoas profanas, tal como "maldição" e coisas assim ofendem as pessoas sagradas. O que podemos fazer quanto a isso?

— Simplesmente assumo que estamos entre pessoas sagradas — disse o Rei — e prossiga com seu acidente.

— Eu cavalgava com Sir Percivale, quando encontramos meu filho. Ele me desmontou na primeira justa. Meu filho fez isso.

— Um ataque de surpresa — disse rapidamente Arthur.

— Não, foi uma justa leal.

— Naturalmente você não queria derrotar seu filho.

— Eu queria derrotá-lo. Guenevere disse: — Iodo mundo tem seu dia de azar.

— Enfrentei Galahad com toda a destreza que podia, e ele me fez sofrer a queda mais perfeita. Realmente — acrescentou Lancelot com um de seus sorrisos abertos —, devo dizer que ele me fez sofrer a única queda da minha vida. A primeira sensação que me lembro, quando estava jogado no chão, foi de pura estupefação. Só mais tarde é que isso se transformou em outra coisa.

— O que você fez?

— Estava jogado no chão, e Galahad montado em seu cavalo ao lado sem dizer uma palavra, quando chegou uma mulher que estava reclusa na ermida perto da qual lutávamos. Ela fez uma mesura e disse: "Que Deus esteja convosco, melhor cavaleiro do mundo".

Lancelot olhou para a mesa, e fez um gesto de alisar a toalha. Depois limpou a garganta e disse: — Olhei para ver quem falava comigo. O Rei e a Rainha esperaram. Lancelot limpou de novo a garganta.

— Estou tentando lhes contar sobre meu espírito, se entendem o que quero dizer, e não sobre minhas aventuras. Assim, não posso ser modesto sobre isso. Sou um homem mau, eu sei, mas sempre fui bom nas armas. Era um consolo para minha maldade, às vezes, pensar — saber — que eu era o melhor cavaleiro do mundo.

— Então?

— Bem, a dama não falava comigo.

Os dois digeriram o assunto em silêncio, observando um tique que aparecia no canto direito de sua boca.

— Galahad?

— Sim — disse Sir Lancelot. — A dama olhava para além de mim, para o meu filho Galahad, que se afastou a meio galope logo que ela falou. Logo depois a dama também se foi.

— Que coisa horrível de dizer! — exclamou o Rei. — Que ultraje sujo e deliberado! Ela devia ter sido açoitada.

— Era verdade.

— Mas chegar assim e dizer de propósito diante de você! — exclamou Guenevere. — Além do mais, depois de uma única queda...

— Ela disse o que Deus tinha lhe mandado dizer. Vejam, ela era uma mulher sagrada. Mas eu não podia entender isso na ocasião... Hoje estou muito mais santificado — ele acrescentou, como desculpa — mas na ocasião, não pude suportar aquilo. Senti como se tivessem arrancado meu suporte, e sabia que ela tinha dito uma simples verdade.

Senti como se ela tivesse partido o último pedaço do meu coração. Assim, saí cavalgando para longe de Percivale, para ficar a sós comigo mesmo, como um animal, a sós com minha dor. Percivale fez uma sugestão sobre o que fazer, mas eu disse apenas: "Faça o que lhe aprovar". Saí cavalgando de cara amarrada, frustrado e derreado sobre a sela, procurando um lugar onde pudesse estar a sós para despedaçar meu coração.

Finalmente cheguei a uma capela, sentindo como se de novo estivesse enlouquecendo.

Percebe, Arthur, eu tinha demasiados problemas em minha cabeça que eu tentava compensar, pelo menos um pouco, sendo um guerreiro famoso e, quando isso desapareceu, foi como se não restasse mais nada de mim.

— Mas tudo está aí. Você ainda é o melhor cavaleiro do mundo.

— O engraçado é que a capela não tinha porta. Não sei se por causa de meus pecados, ou por meu ressentimento ao ser derrotado, eu não conseguia entrar. Dormi sobre meu escudo do

lado de fora, e sonhei que um cavaleiro vinha e levava meu elmo, minha espada e meu cavalo. Tentava despertar, mas não conseguia. Todas as minhas coisas de cavaleiro estavam sendo tomadas de mim, mas eu não podia despertar, porque meu coração estava repleto de pensamentos amargos. Uma voz disse que eu jamais seria reverenciado novamente, mas simplesmente me rebelei contra essa voz, e então, quando despertei, as coisas tinham desaparecido. Arthur, se eu não conseguir fazer você compreender sobre essa noite, jamais compreenderá o resto. Eu tinha passado toda minha infância, quando podia estar caçando borboletas, aprendendo a ser seu melhor cavaleiro. Mais tarde tornei-me pecaminoso, mas ainda tinha isso. Dentro de mira, costumava me sentir muito orgulhoso porque sabia que estava no topo das médias. Era um sentimento baixo, sei disso. Mas não tinha nada mais do que me orgulhar. Primeiro minha Palavra e meus milagres tinham desaparecido, e, agora, naquela noite que estou lhes contando, isso também tinha desaparecido. Quando despertei e vi que minhas armas tinham sido tomadas, caminhei em desespero. Foi repugnante, mas chorei e amaldiçoei.

Esse foi o momento em que começaram a me quebrar.

— Meu pobre Lance.

— Foi a melhor coisa que podia ter me acontecido. Naquela manhã escutei os passarinhos piando, e isso me alegrou. É engraçado ser confortado por um bando de pássaros. Eu jamais tivera tempo para inspecionar ninhos de pássaros quando era pequeno. Você saberia que pássaros eram aqueles, Arthur, mas eu não distingo um do outro. Havia um bem pequeno, que empinava a cauda para o ar e olhava para mim. Era quase do tamanho da roseta de uma espada.

— Talvez fosse uma cambaxirra.

— Bem, então, que seja uma cambaxirra. Amanhã você me mostra uma? A coisa que esses pássaros me fizeram entender, pois meu coração negro não podia ver sozinho, foi que se eu tinha de ser punido, isso se devia à minha própria natureza. O que acontecia aos pássaros estava de acordo com a natureza dos pássaros. Eles me fizeram ver que o mundo era belo se você fosse belo, e que você

não podia ter, a menos que também desse. E você tinha que dar sem esperar receber de volta. Então, aceitei a derrota diante de Galahad e o desaparecimento de minha armadura. Nesse bendito momento fui à procura de um confessor para não permanecer no mal.

— Todos os cavaleiros — disse Arthur — que chegaram até o Graal tiveram o bom senso de primeiro se confessarem.

— Antes disso eu tinha feito confissões incompletas. Vivi quase toda minha vida em pecado mortal. Mas desta vez confessei tudo.

— Tudo? — perguntou a Rainha.

— Tudo. Você percebe, Arthur, eu tinha um pecado em minha consciência, toda a minha vida, que eu achava que não podia contar às pessoas, porque...

— Não precisa nos contar — disse a Rainha —, se isso o incomoda. Afinal, não somos seus confessores. Basta ter contado ao padre.

— Deixe-a em paz — concordou o Rei. — De qualquer forma, ela teve um belo filho, que parece que alcançou o Graal.

O Rei estava se referindo a Elaine.

Lancelot olhou para um e outro, repentinamente atormentado, e apertou os punhos. Todos os três pararam de respirar.

— Confessei, então — ele disse, finalmente, e todos respiraram de novo, mas sua voz estava carregada. — Recebi uma penitência.

Ele fez uma pausa, ainda em dúvida, como que reconhecendo o momento como uma encruzilhada em sua vida. Agora era o momento, todos eles sabiam, caso fosse existir um momento assim, quando deveria expor tudo a seu amigo e rei. No entanto, Guenevere o impediu. Também era um segredo dela.

— A penitência era usar o cilício de um certo religioso morto que conhecemos — ele finalmente prosseguiu, derrotado. — Eu não poderia comer carne nem beber vinho, e deveria assistir à missa todos os dias. Assim, deixei is casa do padre depois de três dias, e cavalguei até uma encruzilhada perto do local onde havia perdido minhas anuas. O

padre tinha me emprestado algumas para eu prosseguir. Bem, dormi na encruzilhada naquela noite, e tive outro sonho, e na manhã

seguinte o cavaleiro que roubara minhas armas voltou. Tive uma justa com ele e recuperei minha armadura. Isso não é estranho?

— Suponho que, então, você estava em estado de graça, depois de sua boa confissão, de forma que podia confiar em sua força.

— Foi também o que eu pensei, mas vocês já verão. Pensei que, já que havia tirado o pecado do peito, me seria permitido ser outra vez o melhor cavaleiro do mundo.

Cavalguei bem feliz, tentando mesmo cantar um pouco, até chegar a uma bela planície com um castelo e pavilhões e tudo mais, e lá havia um torneio com quinhentos cavaleiros em preto e branco. Os cavaleiros brancos estavam vencendo, então pensei em me juntar aos negros. Achei que seria uma grande façanha ajudar o bando mais fraco, agora que tinha sido perdoado.

Ele parou novamente e fechou os olhos.

— Mas os cavaleiros brancos logo me aprisionaram.

— Quer dizer que foi derrotado novamente?

— Derrotado e desgraçado. Pensei que estivesse ainda mais cheio de pecados que antes. Quando me soltaram, cavalguei e amaldiçoei tal como havia feito na primeira noite e, quando anoiteceu, deitei embaixo de uma macieira e chorei até dormir.

— Mas isso é heresia — exclamou a Rainha, que era boa em teologia, como a maioria das mulheres. — Se você confessou tudo, e fez sua penitência e foi absolvido...

— Tinha feito penitência por um pecado — disse Lancelot. — Mas me esqueci de um outro. À noite, tive outro sonho, com um velho que chegou e me disse: "Ah, Lancelot de fé ruim e crença pobre, por que tua vontade volta-se tão facilmente para o pecado mortal?" — Jenny, toda a minha vida estive em outro pecado, o pior de todos. Foi o orgulho que me fez tentar ser o melhor cavaleiro do mundo. Foi o orgulho que me fez querer me exibir, ajudando a parte mais fraca no torneio. Pode chamar isso de vangloria.

Só porque eu tinha confessado sobre... sobre a mulher, isso não me transformava em um homem bom.

— E por isso foi derrotado.

— Sim, fui derrotado. E na manhã seguinte fui a outra ermida para me confessar de novo. Desta vez fiz um trabalho consciencioso.

Foi-me dito que não bastava, na Busca pelo Graal, ser casto e abster-se de matar pessoas. Tinha de deixar para trás toda jactância e orgulho mundano, pois Deus não gosta dessas coisas em sua Busca. Tinha de renunciar a toda glória terrena. E renunciei, e fui absolvido.

— O que aconteceu em seguida?

— Cavalguei até as águas do Mortoise, onde um cavaleiro negro veio disputar uma justa comigo. Ele também me derrubou.

— Uma terceira derrota!

Guenevere exclamou: — Mas você tinha sido completamente absolvido dessa vez!

Lancelot colocou suas mãos sobre as dela e sorriu.

— Se um garoto furta doces — disse — e seus pais o punem, ele pode se sentir muito arrependido e ser um bom menino daí em diante. Mas isso não lhe permite roubar outros doces, não é? Nem que ele tenha que ganhar doces de presente. Deus não estava me punindo ao deixar o cavaleiro negro me derrubar, estava apenas retendo o dom especial da vitória que sempre tinha sido poder seu me outorgar.

— Mas, meu pobre Lance, ter desistido de sua glória e não ganhar nada em troca! Quando era um pecador sempre foi vitorioso, então por que deve ser derrotado quando está sem pecado? E por que você sempre é machucado pelas coisas que ama? E

o que você fez?

— Ajoelhei-me junto às águas do Mortoise onde ele me derrubara, Jenny, e agradei a Deus pela aventura.



XXXIII

Arthur não agüentava mais aquilo.

— É repugnante — exclamou indignado. — Não quero mais ouvir isso. Por que uma pessoa boa, gentil e estimada deve ser torturada dessa maneira? Faz com que eu me envergonhe por dentro, só de escutar.

— Calma — disse Sir Lancelot. — Estou muito contente por ter desistido do amor e da glória. E mais, fui praticamente forçado a fazer isso. Deus não se deu a esse trabalho por Gawaine ou Lionel, não é?

— Bah! — disse o Rei Arthur, no tom que Gawaine tinha usado antes dele.

Lancelot riu.

— Bem — disse ele —, essa foi uma observação convincente. Mas talvez seja melhor ouvir o fim da história.

— Naquela noite dormi às margens do Mortoise e tive um sonho que me ordenava entrar em um navio. Quando despertei, o navio estava lá e, quando subi a bordo, senti os mais suaves odores e sensações, e havia comida e, bem, tudo o que se possa imaginar. Eu me "satisfiz com todas as coisas sobre as quais pensava ou desejava". Sei que não posso explicar tudo sobre esse barco, neste momento, porque, em primeiro lugar, sua imagem está se desvanecendo agora que estou junto a pessoas. Mas vocês não devem pensar apenas em incenso no barco, ou nas roupas preciosas que estavam lá.

Havia tudo isso, mas não era isso que era adorável. Devem pensar cambem no cheiro de alcatrão, e nas cores do mar. Às vezes era bem verde, da cor do vidro grosso, e podia-se ver o fundo. Às vezes, parecia grandes terraços, e os animais marinhos que pairavam no topo sumiam depois nas concavidades. Quando havia tempestade, as enormes garras das ondas mordiam as ilhas rochosas. Formavam garras brancas nos rochedos, não quando arrebatavam, e sim

quando a água escorria. À noite, quando estava calmo, podiam-se ver as estrelas refletidas nas areias molhadas. Havia duas estrelas bem próximas uma da outra. A areia tinha sulcos, como no céu da boca. E havia o cheiro de algas, o ruído do vento solitário. Havia ilhas com pequenos pássaros que pareciam coelhos, mas cujos narizes eram como o arco-íris. O inverno era o melhor, porque então havia gansos nas ilhas — formavam longas linhas que pareciam fumaça e cantavam como cães de caça nas manhãs frias. Não é preciso ficar indignado com o que Deus fez comigo no começo, Arthur, pois ele me deu muito mais em troca. Eu disse: "Belo e Doce Pai Jesus Cristo, não posso descrever minha alegria, pois esta ultrapassa todas as alegrias terrenas que jamais desfrutei". Uma coisa estranha no barco era que havia uma mulher morta dentro dele. Ela levava uma carta na mão que relatava como os demais estavam se saindo. Mais estranho ainda era o fato de eu não me assustar por ela estar morta. Seu rosto era tão sereno que me fazia companhia. Sentíamos uma espécie de comunhão por estarmos juntos no barco e no mar. Não sei como me alimentava, Quando fez um mês que eu estava no barco com a dama morta, Galahad foi trazido até nós. Ele me abençoou e deixou que eu beijasse sua espada.

Arthur estava vermelho como um peru.

— Você pediu que ele o abençoasse?

— É claro.

— Bem! — disse Arthur.

— Navegamos por seis meses nesse barco sagrado. Fiquei conhecendo meu filho muito bem nesse período, e ele parecia se importar comigo. Muitas vezes, me disse as coisas mais cortesias. Tivemos aventuras com animais em ilhas remotas durante todo esse tempo. Havia doninhas do mar que assobiavam lindamente, e Galahad mostrou-me groux voando ao rés da água, e suas sombras voando abaixo deles, de ponta-cabeça. Ele me contou que os pescadores chamam o cormorão de Velha Bruxa Negra, e que os corvos vivem tanto quanto os homens. Subiam guinchando até hem alto e desciam dando cambalhotas só por brincadeira. Um dia, vimos um par de gralhas: eram lindas! E as focas! Elas nos acompanhavam

seguindo a música do barco, e conversavam como homens. Uma segunda-feira, chegamos a uma terra de florestas. Um cavaleiro branco cavalgou até a praia e disse a Galahad que saísse do barco. Eu sabia que ele estava sendo levado para descobrir o Santo Graal, e fiquei triste por não poder ir também.

Lembra-se de quando pequeno, como as crianças escolhiam os lados para ficar nos jogos e talvez você não fosse escolhido por ninguém? Eu me sentia assim, mas pior. Pedi a Galahad que orasse por mim. Pedi-lhe que rogasse a Deus que me mantivesse a seu serviço. Então nos beijamos e nos despedimos.

Guenevere queixou-se: — Se você estava em estado de graça, não compreendo por que foi deixado para trás.

— É difícil — disse Lancelot.

Ele abriu as mãos e olhou através delas em cima da mesa.

— Talvez minhas intenções fossem más — finalmente disse. — Talvez, dentro de mim, inconscientemente, fosse possível dizer que meu propósito de me emendar não era sério.

Subitamente a Rainha ficou radiante com o que ouviu.

— Bobagem — ela sussurrou, querendo dizer o contrário, e apertou calorosamente sua mão, que Lancelot retirou.

— Quando eu rezei para ser mantido — disse ele —, talvez tenha sido...

— A mim me parece — disse Arthur — que você está se permitindo o luxo de uma consciência desnecessariamente sensível.

— Talvez. De qualquer forma, não mi escolhido.

Ele sentou-se, observando entre suas mãos o mar balançando, e escutando o som, como de madeira, dos gansos patolas num rochedo da ilha.

— O barco me levou novamente ao mar — disse, por fim — com um bom vento.

Não dormi muito, e rezei bastante. Pedi que, ainda que não tivesse sido escolhido, me pudesse ser permitido conhecer alguns resquícios do Santo Graal.

No silêncio que caiu na sala, todos seguiram suas linhas separadas de pensamentos. Os de Arthur eram sobre o espetáculo lamentável, o de um homem terreno, pecador, mas o melhor de todos,

arrastando-se atrás desses três virgens sobrenaturais; sua labutava, corajosa e inútil.

— É engraçado — disse Lancelot — como as pessoas que não conseguem rezar dizem que as preces não são atendidas e, no entanto, a maioria das pessoas que consegue rezar diz que é. Meu barco me levou, lá pela meia-noite, sob forte ventania, até a parte de trás do Castelo de Carboneck. Estranho, também, que era a esse mesmo lugar que eu me dirigia quando tudo começou. No momento em que o barco atracou, compreendi que me seria concedido parte do meu desejo. Não podia conseguir tudo, pois não era Galahad nem Bors. Mas eles foram gentis comigo. Desviaram de seu caminho para serem gentis. Estava escuro como a morte atrás do castelo. Coloquei minha armadura e subi. Havia dois leões na entrada das escadas, que tentaram impedir meu acesso. Saquei a espada para lutar com eles, mas unia mão golpeou meu braço. Foi tolice minha, é claro, confiar em minha espada, quando podia ter confiado em Deus.

Assim, eu me benzi com a mão golpeada e entrei, e os leões não me atacaram. Todas as portas estavam abertas, menos a última, e lá me ajoelhei. Quando rezei, a porta se abriu.

Arthur, pode não parecer verdade quando eu conto. Não sei como dissei" com palavras.

Atrás da última porta havia uma capela. Eles estavam numa missa. Oh, Jenny, que bela capela com suas luzes e tudo o mais! Você diria: "As flores e as velas". Mas não era isso.

Talvez não houvesse nenhuma capela, Era, oh, o esplendor, do poder e da glória.

Apossava-se de todos os meus sentidos para me arrastar para dentro, Mas eu não podia entrar, Arthur e Jenny, havia uma espada me impedindo. Galahad estava lá dentro, com Bors e Percivale. Havia outros nove cavaleiros, da França, Dinamarca e Irlanda; e a dama do meu barco também estava lá. O Graal estava lá, Arthur, sobre uma mesa de prata, e outras coisas! Mas eu estava proibido de entrar, apesar de todo meu intenso desejo na porta, Não sei quem era o padre. Pode ter sido José de Arimatéia, pode ter sido... oh, bem! Eu realmente entrei para ajudá-lo, apesar da espada,

porque o que ele carregava era pesado demais para ser carregado. Eu só queria ajudar, Arthur, e Deus foi minha testemunha. Mas, na última porta, uma exalação como se fosse o jorro de uma fornalha bateu no meu rosto, e lá eu caí emudecido.



XXXIV

Na câmara escura havia um ir e vir de aias. Latas e baldes chacoalhavam nas escadas, e havia muito vapor. Quando as aias pisavam nas poças no chão faziam um ruído molhado e da sala ao lado vinham murmúrios e o ruído secreto da seda.

A Rainha subira os seis degraus que levavam até sua banheira e agora se sentava na tábua dentro dela, apenas com a cabeça fora d'água. A banheira era como um grande barril de cerveja, e sua cabeça estava envolta num turbante branco. Estava nua, exceto por um colar de pérolas. Num canto, havia um espelho — que tinha sido muito caro — e, no outro, uma mesinha servia de apoio para os óleos e perfumes. Em vez de uma almofada para talco, havia uma bolsa de camurça com giz em pó, perfumado com óleo de rosas trazido das Cruzadas. Por todo o chão, entre as poças, havia uma confusão de toalhas de linho para secá-la, e caixas de jóias, brocados, roupas, cintas, mudas, que tinham vindo de outro quarto para que ela escolhesse. Alguns adornos de cabeça haviam sido descartados e estavam espalhados em confusão — formas estranhas como Apagadores de velas, merengues e chifres duplos de vaca. As redes de cabelo, para mantê-los unidos, eram pontilhadas de pérolas, e os xales eram de seda oriental. Uma das damas de companhia estava de pé diante da banheira da Rainha, segurando um manto bordado para sua inspeção. Estava adornado com as armas de seu marido e de seu pai: o dragão rampante da Inglaterra e os seis encantadores leoncelos do Rei Leodegrance — que portava leões por conta de seu nome — passando com uma pata levantada e olhando para trás. Esse manto tinha uma borla pesada de seda, como a corda de um cortinado, para uni-lo cruzado no peito. A borda de seda era forrada com peles douradas e azuis, contrapostas entre si.

Guenevere tinha abandonado sua maquiagem pesada e ficava sentada aceitando as roupas que lhe recomendavam, sem objeções. As damas de companhia tinham um ar feliz. Por mais de um ano

tinham servido a uma Rainha petulante, cruel, contraditória, miserável. Agora, ficava satisfeita com qualquer coisa, e não as machucava.

Todas estavam quase certas de que Lancelot tinha novamente se tornado seu amante.

Esse não era o caso.

Guenevere contemplou os seis leoncelos passando com a pata levantada e olhando para trás — marchavam com línguas vermelhas e garras, piscando insolentemente por cima dos ombros e balançando os rabos flamejantes. Ela balançou a cabeça com um olhar contente e meio adormecido, e a dama de companhia levou o manto de volta para o quarto de vestir com uma reverência. A Rainha a observou se retirar.

Podia-se presumir que Guenevere era ela mesma uma espécie de leoncela devoradora de homens, ou que era uma dessas mulheres egoístas que insistiam em mandar em tudo. De fato, isso era o que ela parecia ser, em uma inspeção superficial. Era bela, sanguinária, de pavio curto, exigente, impulsiva, possessiva, encantadora — tinha todas as qualidades adequadas para uma devoradora de homens. Mas a rocha com a qual se batiam todas essas explicações fáceis era que ela não era promíscua. Não havia ninguém mais em sua vida, exceto Lancelot e Arthur. Jamais devorou outro que não esses. E mesmo a eles não devorava no sentido completo da palavra. As pessoas que foram digeridas por uma leoncela devoradora de homens tendem a se tornar parasitas — a viver apenas nas entranhas de quem as devorou. Entretanto, Arthur e Lancelot, os dois que ela aparentemente devorava, tinham vidas cheias e sucessos próprios.

Uma explicação para Guenevere, valha o que valer, é que ela era o que se chama de uma pessoa "de carne e osso". Não era do tipo que podia ser facilmente enquadrada em um ou outro rótulo, como "leal" ou "desleal" ou "auto-sacrificada" ou ciumenta. Às vezes era leal e, às vezes, desleal. Comportava-se como ela mesma. E

devia haver algo nesse ser, alguma sinceridade de coração, ou ela não teria conservado duas pessoas como Arthur e Lancelot. Os

parecidos se atraem, dizem — e pelo menos temos certeza que seus homens eram generosos. Ela também deve ter sido generosa. É difícil escrever sobre uma pessoa real.

Ela vivia em tempos de guerra, quando a vida dos jovens era tão curta quanto a dos aviadores do século XX. Em épocas assim, os moralistas mais velhos ficam contentes em relaxar um pouco suas regras morais, em troca de serem defendidos. Os pilotos condenados, com sua paixão pela vida e pelo amor que provavelmente perderão cedo, tocam o coração das jovens mulheres, ou possivelmente provocam uma bravata corajosa.

Generosidade, coragem, honestidade, piedade, a faculdade de olhar olho no olho a vida curta — e certamente ternura e camaradagem —, essas qualidades podem explicar por que Guenevere conquistou Lancelot, assim como Arthur. Era coragem mais que qualquer outra coisa — a coragem de tomar e dar do coração, enquanto havia tempo. Os poetas estão sempre incitando as mulheres a ter esse tipo de coragem. Ela agarrou seus botões de rosa enquanto pôde, e o mais surpreendente é que só colheu dois, que sempre manteve, e que esses dois eram os melhores.

A tragédia central de Guenevere era não ter filhos. Arthur tinha dois filhos ilegítimos, e Lancelot tinha Galahad. Mas Guenevere — que, dos três, era a que mais deveria ter filhos, e teria sido a melhor se os tivesse, e quem Deus aparentemente tinha feito para criar crianças adoráveis — era quem ficara como uma taça vazia, uma praia sem mar. Isso foi o que a quebrou, quando ela chegou à idade em que seu mar fatalmente secaria. Foi isso que a transformou, por algum tempo, em uma mulher alucinada, apesar desse tempo ainda estar no futuro. Essa pode ser uma das explicações de seu duplo amor — talvez amasse Arthur como pai, e Lancelot pelo filho que não pôde ter.

As pessoas ficam facilmente fascinadas com a Távola Redonda e façanhas de armas. Quando lemos sobre Lancelot em alguma façanha nobre e, depois, voltando para casa, para sua amante, nos ressentimos com ela por se meter nisso, estragando a aventura. No entanto, Guenevere não podia sair em Busca do Graal. Não podia

desaparecer na floresta da Inglaterra por mais de um ano de aventuras com uma lança. O

papel dela era esperar em casa, ainda que apaixonada, ainda que verdadeira e ansiosa em seu coração orgulhoso e terno. Para ela não havia diversões, exceto as que podemos comparar com o jogo de bridge para as damas de hoje. Ela podia caçar com um falcão-pomba, jogar cabra-cega ou fura-bexiga. Essas eram as diversões disponíveis naquele tempo para mulheres adultas. Mas os grandes falcões, os cães de caça, heráldica, torneios — tudo isso era para Lancelot. Para ela, a menos que tivesse vontade de fiar e bordar um pouco, não havia ocupação — exceto Lancelot.

Assim, podemos imaginar a Rainha como uma mulher privada de seu atributo central. A medida que se aproximava da idade mais difícil de sua vida, passou a fazer coisas estranhas. Chegou até a ser suspeita de envenenar um cavaleiro. Tornou-se impopular. Mas impopularidade muitas vezes é uma homenagem; Guenevere, apesar de ter levado uma vida tempestuosa e finalmente morrer de modo não resignado — nunca foi uma mulher religiosa, como era Lancelot —, não foi insignificante. Ela fazia o que as mulheres faziam, realeza ou não, e, naquele momento, dentro da banheira e com os leoncelos diante dela, estava ocupada fazendo isso.

Quando um homem tinha praticamente visto Deus, por mais humano que fosse, não se podia esperar que se comportasse imediatamente como amante. Quando esse homem era Lancelot, que de qualquer forma estava enlouquecido por Deus, é preciso ser ao mesmo tempo sangüínea e cruel para esperar que se comportasse assim. Mas as mulheres são cruéis dessa forma. Não aceitam desculpas.

Guenevere sabia que Lancelot voltaria para ela. Sabia disso desde o momento em que ele rezou para ser "mantido". Esse conhecimento a reviveu como uma flor que recebe água depois de muito tempo de seca. Tinha abandonado o ruído e as sedas escandalosas que despertaram a piedade dele, quando regressou. Agora, só lhe restava fazer que o reencontro dos dois acontecesse de forma suave e completa. Não tinha pressa.

Lancelot, que não sabia que iria trair seu adorado Deus mais uma vez, por causa da Rainha, tinha ficado feliz com a atitude dela — embora surpreso. Temera uma cena terrível de ciúmes e recriminação. Tinha se preocupado, pensando se seria capaz de explicar à criança torturada, prisioneira dos olhos pintados, que não poderia voltar para ela — que tinha uma necessidade mais doce, apesar de toda dor que lhe causaria.

Temera que ela o atacasse, que jogasse suas pobres armadilhas sobre ele — armadilhas que, por insuficientes, seriam ainda mais lamentavelmente ilusórias. Ele realmente não sabia como enfrentaria a pena.

Em vez disso, Guenevere havia florescido e abandonado suas pinturas. Não tinha feito avanços, nem recriminações. Tinha sorrido com alegria genuína. As mulheres, ele se disse com sabedoria, eram realmente imprevisíveis. Ela fora até mesmo capaz de discutir o assunto com ele, com toda franqueza, e tinha concordado com o que ele dissera.

Guenevere, sentada na banheira e olhando para os leoncelos sem realmente vê-los, tinha o olhar adormecido da felicidade secreta enquanto relembrava a conversa.

Ela viu o rosto feio, mas encantador, falando tão seriamente sobre os interesses de seu coração honesto. Ela amava esses interesses — amava o "velho soldado seguindo tão fielmente seu inocente amor por Deus. Sabia que estava destinado ao fracasso.

Lancelot pedira, desculpando-se e implorando, para ela não levar a mal, (1) que realmente não podiam voltar ao hábito antigo depois do Graal; (2) que, se não fosse por esse amor culpado, ele poderia ter sido admitido junto ao Graal; (3) que de qualquer forma seria perigoso, porque a facção das Órcades começava a observá-los com desagrado, particularmente Agravaine e Mordred; e (4) que isso seria uma grande vergonha para eles mesmos e também para Arthur. Ele enumerou os pontos cuidadosamente.

Em outros momentos, ele tentava explicar-lhe, com palavras confusas, mas abundantes, sua descoberta de Deus. Achava que se pudesse converter Guenevere a Deus, isso resolveria o problema moral. Se ambos pudessem aproximar-se, juntos, de Deus, ele não

estaria abandonando a amante ou sacrificando a felicidade dela pela sua.

A Rainha sorriu plenamente. Ele era um amor. Ela concordava com todas as suas palavras — já estava até convertida!

Então, ela tirou um braço branco do banho e pegou uma escova de esfregar com cabo de marfim.



XXXV

Com as primeiras emoções do seu regresso, tudo correu bem. As Rainhas podem ver mais longe que os homens comuns, mas parece haver um limite para sua visão. Era bom esperar com sentimentos cálidos enquanto Lancelot mantinha a fé em sua divindade, por uma semana ou um mês. Mas, quando os meses começaram a se tornar um ano, a situação mudou. Talvez ele cedesse no final — talvez. Mas uma mulher poderia esperar tempo demais pela vitória — e ficar muito velha para desfrutá-la. Parecia sem sentido continuar esperando pela alegria, quando a alegria estava à sua porta, e o tempo corria.

Lentamente, Guenevere foi se tomando, não menos florescente, porém mais zangada. Uma tempestade formava-se em seus amplos seios, à medida que os meses de santidade se somavam. Santidade? Egoísmo, dizia-se a si mesma — o egoísmo de abandonar outra alma para salvar a sua. A história de Bors, ao permitir que doze supostas damas se atirassem da torre do castelo em vez de salvá-las cometendo um pecado mortal, chocara-a no fundo do coração.

Agora Lancelot estava fazendo a mesma coisa. Era bom para ele com seu cavalheirismo e misticismo e todas as compensações do mundo masculino, fazer a grande renúncia. Mas era preciso dois para fazer uma renúncia, tal como era necessário dois para fazer amor, ou para brigar. Ela não era uma peça insensível de sua propriedade, para ser tomada ou abandonada à conveniência dele. Não se pode desistir de um coração humano como se desiste de beber. A bebida era sua e podia-se desistir dela, mas a alma da amada não é propriedade sua —, não estava à sua disposição. Ele tinha um dever a cumprir.

Lancelot percebia isso tão claramente quanto a audaciosa Guenevere e, na medida em que suas relações pioravam, era difícil manter a calma. Para ele, tratava-se da mesma coisa que acontecera a Bors, quando o eremita desarmado interferiu. No que lhe dizia

respeito, ele tinha todo direito de submeter-se ao Deus que amava, tal como Bors tinha se submetido a Lionel. Mas quando Guenevere jogava-se à sua frente, tal como o eremita se colocara na frente de Bors, tinha ele o direito de sacrificar seu antigo amor como o eremita tinha sido sacrificado? Lancelot, tal como a Rainha, estava chocado com as soluções de Bors. Os corações desses dois amantes eram instintivamente demasiado generosos para se enquadrar no dogma. A generosidade é o oitavo pecado mortal.

A situação estourou uma manhã, quando estavam os dois cantando juntos, a sós, no solário. Um instrumento musical chamado regai estava na mesa entre eles. Parecia-se com duas bíblias grandes. Guenevere tinha cantado uma pequena peça composta por Mary, a Francesa, e Lancelot estava tentando tocar outra, composta pelo corcunda de Arras, quando a Rainha colocou a mão direita em cima de todas as notas que alcançava, e apertou ambas as bíblias com a esquerda. O regai deu um chiado sinistro e silenciou.

— Por que você fez isso?

— É melhor você partir — disse ela. — Vá embora. Comece uma Busca. Não percebe que está me consumindo?

Lancelot respirou fundo e disse: — Sim, vejo isso todos os dias.

— Então, é melhor partir. Não, não estou fazendo uma cena. Não quero brigar por isso e não quero mudar sua mente. Mas acho que seria mais gentil se você partisse.

— Parece que estou ferindo você de propósito.

— Não. Não é culpa sua. Mas eu gostaria que você partisse, Lance, para que eu descansasse. Por algum tempo. Não precisamos brigar por isso.

— Se você quer que eu vá, claro que irei.

— Sim, eu quero.

— Talvez seja melhor.

— Lance, quero que compreenda que não estou tentando atrair você para algo, nem forçar você. Só acho que seria bom para nós dois que nos separássemos por um ou dois meses, como amigos. E só isso.

— Sei que jamais tentaria me enganar, Jenny. E eu também me sinto confuso.

Esperava que compreendesse isso. Compreendesse o que está acontecendo comigo.

Seria fácil se estivesse também naquele barco, ou sentisse o mesmo, você também. Mas eu não posso fazê-la sentir isso, porque você não estava lá, e por isso é difícil para mim.



Eu me sinto como se estivesse sacrificando você, ou nós, como queira, por outro tipo de amor.. E além do mais — ele disse, virando-se —, não é como se... como se eu não quisesse também meu antigo amor.

Depois de ficar parado em silêncio por um minuto, olhando pela janela com as mãos estranhamente imóveis, ele acrescentou Com uma voz áspera, sem se virar: — Se você quiser, começamos novamente.

Quando ele se virou da janela, a sala estava vazia. Depois do jantar, ele foi à porta da Rainha pedir para vê-la, mas recebeu apenas seu recado dizendo-lhe para fazer o que ela pedira. Arrumou suas poucas coisas, sem compreender bem o que tinha acontecido, mas sentindo que escapara por pouco de uma calamidade. Despediu-se de seu velho escudeiro que, de qualquer maneira, estava velho demais para acompanhá-lo, e partiu de Camelot na manhã seguinte.

XXXVI

Se as damas de companhia da Rainha ficaram satisfeitas com a suposta renovação da intriga na Corte, outros não. Ou, se ficaram satisfeitos, era uma satisfação cruel e expectante. O tom da Corte mudou pela quarta vez.

No princípio, houve uma camaradagem juvenil sob a qual Arthur lançara sua grande cruzada. Depois, a rivalidade entre cavaleiros que se acentuava a cada ano na maior Corte da Europa, até quase se transformar em brigas e competição vazia. Num terceiro momento, o entusiasmo pelo Graal queimara os gases maléficos e um curto período de beleza prevalecera. Agora, chegava a fase mais madura e triste, na qual o entusiasmo já tinha se esgotado, e restava apenas nosso famoso sétimo sentido para ser praticado. A Corte agora tinha "conhecimento do mundo": tinha os frutos do sucesso, civilização, *savoir-vivre*, intrigas, moda, malícia e a porta escancarada do escândalo.

Metade dos cavaleiros tinha morrido — a melhor metade. O que Arthur temera desde o começo da Grande Busca do Graal tinha acontecido. Se você alcança a perfeição, morre. Nada mais havia sobrado para Galahad pedir a Deus senão a morte. Os melhores cavaleiros tinham alcançado a perfeição, deixando os piores ocupando seus lugares. Um fermento de amor tinha ficado, é verdade — Lancelot, Gareth, Aglovale e alguns velhos cambaleantes como Sir Grummore e Sir Palomides —, mas o tom mudara.

Vinha agora das raivas mal-humoradas de Gawaine, da afetação de Mordred e dos sarcasmos de Agravaine. Tristão não dera uma boa contribuição na Cornualha. Fizeram circular uma capa mágica, que só podia ser usada por uma esposa fiel — ou talvez fosse um

corno mágico do qual apenas uma esposa fiel podia beber, Um escudo falante foi exibido, com um risinho sarcástico, um escudo cujo brasão era uma alusão aos cornudos.

A fidelidade matrimonial tinha virado "notícia". Os trajes tornaram-se extravagantes. As enormes biqueiras dos chinelos de Agravaine eram presas por correntes de ouro a ligas abaixo do joelho, e, no caso de Mordred, as correntes eram presas a um cinto na cintura.

As sobrevestes, que originalmente serviam para cobrir as armaduras, eram agora compridas atrás e curtas na frente. Mal se podia caminhar, com receio de tropeçar nas próprias barras. As damas eram induzidas a raspar a testa e não exibir nenhum cabelo, se quisessem estar na moda, enquanto as mangas dos vestidos tinham que ser atadas para não se arrastarem no chão. Os cavalheiros mostravam as pernas em extensão igualmente surpreendente. Suas roupas eram multicoloridas. Às vezes uma perna era vermelha e a outra verde. Por conta da exuberância, não usavam o manto fendido, e o capote parecia desengonçado. Mordred exibia seus sapatos ridículos com desprezo: eram uma sátira a ele mesmo. A Corte era moderna.

Portanto, os olhares agora estavam postos em Guenevere — não os olhares da suspeita ou cálida cumplicidade, mas os olhares amortecidos do cálculo e os olhares frios da sociedade. Os gatos pérfidos espreitavam na toca do rato.

Mordred e Agravaine consideravam Arthur hipócrita — como todos os homens decentes devem ser, se você assume que a decência não tem como existir. E

consideravam Guenevere uma bárbara, A Beale Isoud, diziam, tinha corneado o Rei Mark de forma civilizada. Fizera tudo com classe, publicamente, na moda, com o melhor gosto. Todos puderam esfregar o caso na frente do Rei e se divertir. Ela vestia-se de um modo perfeito, usando divertidos chapéus que a faziam parecer uma novilha bêbada. Gastara milhões do dinheiro de Mark comprando línguas de pavão para o jantar.

Guenevere, por outro lado, vestia-se como cigana, recebia como estalajadeira e mantinha seu amante em segredo. Além do mais, era

uma chata. Não tinha senso de estilo. Envelhecia sem graça e chorava ou fazia cenas como uma mulher de peixeiro.

Diziam que mandara Lancelot embora depois de uma briga terrível, durante a qual o acusou de amar outras mulheres. Diziam que tinha gritado alto: "Sinto dia após dia que seu amor começa a minguar". Mordred disse, com sua vozinha equivocadamente musical, que podia compreender uma mulher de peixeiro, mas não a amante do peixe. O epigrama circulou amplamente.

Arthur, reservado e infeliz com a nova atmosfera que, ao invés de aproximar as pessoas, começava a afastá-las dele, vagava pelo palácio em roupas comuns, tentando ser polido. A Rainha, mais agressiva — fora uma moça corajosa, como ele bem se lembrava, com cabelos negros e lábios vermelhos, sacudindo a cabeça —, resolveu enfrentar a situação, e tentou lidar com isso com recepções e se esforçando para ser, ela mesma, um modelo da moda. Voltou a usar maquiagem e adornos que abandonara quando do regresso de Lancelot. Começou a se comportar como se estivesse um pouco louca. Todos os reinados gloriosos tem esses períodos confusos, durante os quais a Coroa é impopular.

O problema irrompeu subitamente, enquanto Lancelot estava raro. A sensação de perigo, que tinha pairado no ar desde o Graal, cristalizou-se de repente em um jantar oferecido pela Rainha.

Parece que Gawaine gostava muito de frutas. Preferia sobretudo maçãs e pêras — e a pobre Rainha, ansiosa por se firmar como anfitriã da moda, teve o cuidado particular de providenciar belas maçãs quando ofereceu um jantar para vinte e oito cavaleiros, no qual Gawaine devia estar presente. Ela sabia que a facção da Cornualha e das Órcades sempre fora uma ameaça para as esperanças de seu marido — e Gawaine agora era o chefe do clã. Esperava que o jantar fosse um sucesso, que contribuísse para a nova atmosfera, que fosse um jantar sofisticado. Estava tentando aplacar seus críticos sendo uma anfitriã cortês, como La Beale Isoud.

Infelizmente, outras pessoas conheciam a preferência de Gawaine por maçãs, e a hostilidade contra os assassinos de Pellinore ainda existia. Arthur tinha conseguido fazer Sir Aglovale desistir da vingança, é verdade, e a velha disputa parecia ter cessado.

Mas havia um cavaleiro chamado Sir Pinel, que era parente distante dos Pellinore, e considerava a vingança necessária. Sir Pinel envenenou as maçãs.

O veneno é uma arma ruim. Como acontece com freqüência, nesse caso desandou, e um cavaleiro irlandês chamado Patrick comeu a maçã destinada a Gawaine.

Pode-se imaginar a situação: os cavaleiros pálidos levantando-se à luz das velas, as tentativas inúteis de socorro e os olhos inquiridores passando de um para outro com envergonhada suspeita. Todos conheciam aquele ponto fraco de Gawaine. Sua família nunca tinha sido uma das favoritas da agora impopular Rainha. Ela própria tinha oferecido o jantar. E Pinel não estava em condições de explicar nada. Alguém naquela sala assassinara Patrick em vez de Gawaine, e até que o assassino fosse descoberto todos estariam sob a mesma suspeita. Sir Mador de Ia Porte — mais pomposo que os demais, ou mais malevolente, ou mais implicante — terminou expressando o que estava na mente de todos. Ele acusou a Rainha de traição.

Hoje, quando uma questão de justiça é obscura e difícil, cada parte contrata um advogado para argumentar a seu favor. Naqueles tempos, as classes altas contratavam campeões para lutar por elas — o que resulta sendo a mesma coisa. Sir Mador decidiu economizar as despesas com um campeão e lutar pelo seu próprio caso, e insistiu para Guenevere nomear um campeão que a defendesse. Arthur, cuja filosofia acerca da realeza se baseava toda na justiça em vez do poder, não podia fazer nada para salvar a esposa. Se Mador exigia uma Corte de Honra, iria tê-la. E Arthur não podia lutar na disputa de sua esposa, tal como as pessoas casadas hoje não podem testemunhar a favor ou contra a outra.

Estava armada uma bela confusão. Suspeitas, boatos e recriminações tinham obscurecido o assunto antes mesmo que este existisse. A contenda dos Pellinore, a velha disputa entre Pendragon e a Cornualha, a relação com Lancelot e depois a morte súbita de uma pessoa aparentemente sem envolvimento com nenhum deles — tudo isso se misturou num vapor venenoso que pairou sobre a Rainha. Se Lancelot estivesse ali, teria lutado por ela como seu campeão. Mas ela o mandara embora — ninguém sabia para onde,

alguns achavam que para seus pais, na França. Talvez, se soubesse que ele estaria por perto, Sir Mador tivesse engolido sua acusação.

Parece melhor não nos alongarmos muito nos dias que antecederam o julgamento pelas armas — não descrever a mulher desesperada ajoelhando-se diante de Sir Bors, que jamais gostara dela e que agora, voltando de sua proeza virginal de alcançar o Graal, gostava ainda menos. Ela implorou que ele lutasse por ela, caso Sir Lancelot não pudesse ser encontrado. Teve de implorar, a pobre coitada, porque os sentimentos da Corte tinham chegado a tal ponto que ninguém queria aceitar sua indicação. A Rainha da Inglaterra não tinha um campeão para defendê-la.

A noite da véspera da batalha foi a pior. Nem ela nem Arthur conseguiram dormir um instante sequer. Ele acreditava firmemente em sua inocência, mas não podia interferir com a justiça. Ela, patética e repetidamente assegurando essa inocência, apesar de estar envolvida na confusão trazida por uma questão alheia, sabia que podia ser queimada na noite seguinte. Juntos observaram a tragédia e a humilhação de sua Távola, da qual ninguém aparecera para salvá-los; sabiam que a Rainha era chamada, disfarçadamente, de destruidora de bons cavaleiros. Na amarga escuridão, Arthur subitamente gritou em desespero: "O que você tem que não conseguiu manter Lancelot a seu lado?", E assim foi até o amanhecer.



XXXVII

O misógino Sir Bors tinha relutantemente concordado em lutar pela Rainha, caso nenhum outro pudesse fazê-lo. Explicara que era irregular que o fizesse, pois também estava presente no jantar — mas, quando foi surpreendido por Arthur com a Rainha ajoelhada a seus pés, tinha ruborizado, levantado-a e consentido. Depois desapareceu por um ou dois dias, já que o julgamento só aconteceria dentro de uma quinzena.

Um prado em Westminster foi preparado para o combate. Uma barricada de troncos fortes, como um curral de cavalos, fora erguida na ampla praça — que não tinha barreira no meio. Para uma justa comum haveria uma barreira, mas, nesse caso, a luta seria até o final, o que significa que podia terminar com espadas e a pé, e, por isso, não se pusera a barreira. Um pavilhão foi levantado para o Rei, de um lado, e outro para o Chefe da Guarda, do lado oposto. As barricadas e os pavilhões estavam decorados com cortinas. Havia uma entrada acortinada de cada lado, como a abertura dramática através da qual os personagens do circo entram na arena. Em um canto do curral, visível para todos, havia um monte de gravetos com uma estaca de ferro no meio, que não queimaria nem derreteria. Era para a Rainha, se o julgamento terminasse contra ela. Antes de Arthur começar a obra de sua vida, o homem que acusasse uma Rainha de qualquer coisa seria imediatamente executado. Agora, por causa de suas próprias conquistas, tinha que estar preparado para queimar sua esposa.

Uma nova idéia estava começando a se formar na mente do Rei. Os esforços para abrir um canal para a Força tinham falhado, mesmo quando se voltara para o espírito, e agora ele estava testando a maneira de aboli-la. Estava decidido a não mais se submeter à Força — arrancá-la de vez, raiz e galhos, para estabelecer um padrão inteiramente novo. Ele estava caminhando às apalpadelas para o Direito como um critério em si — para a Justiça como uma entidade

abstrata que não dependesse do poder. Mais alguns anos e ele estaria inventando a Lei Civil.

Era um dia frio. As cortinas batiam contra os andaimes da barricada e do pavilhão, e os pendões estavam esticados pelo vento. No canto, o carrasco soprava os dedos, parado perto do braseiro do qual tiraria o fogo para a grande fogueira. Os arautos do Pavilhão do Chefe da Guarda umedeciam os lábios ressequidos pelo vento frio, antes de levantar as trombetas para uma fanfarra. Guenevere, sentada entre guardas sob a custódia do Chefe da Guarda, teve que pedir um xale. As pessoas notaram que ela estava mais magra. Era o rosto frio da meia-idade, aguardando atento e estóico entre as faces vermelhas dos soldados.

Naturalmente, foi Lancelot quem a salvou. Bors conseguiu encontrá-lo em uma abadia durante os dois dias que esteve ausente, e agora ele regressava a tempo de lutar contra Sir Mador pela Rainha. Ninguém que o conhecesse esperaria outra coisa, tivesse ele sido banido em desgraça ou não — mas, como se pensava que ele tivesse saído do país, seu regresso teve um toque dramático.

Sir Mador saiu de seu recesso no lado sul da liça e proclamou a acusação enquanto o arauto tocava a trombeta. Sir Bors veio da saída ao norte parlamentar com o Rei e com o Chefe da Guarda — unia discussão ou explicação comprida e indistinta que as pessoas não podiam escutar por causa do vento. Os espectadores ficaram inquietos, imaginando qual seria o problema, e por que o julgamento pelo combate não prosseguia da forma habituai. Então, depois de várias idas e vindas entre o pavilhão do Rei e o do Chefe da Guarda e vice-versa, Sir Bors voltou para seu curral. Houve uma pausa desconfortável, durante a qual um cão negro de nariz chato escapou pela liça e zanzou por ali fazendo algo que só ele sabia o que era. Um dos soldados do Rei o agarrou e o amarrou com o laço do seu escudo, façanha pelo qual recebeu um aplauso irônico.

Depois houve o silêncio, só quebrado pelos gritos dos vendedores de nozes e de pão de gengibre,

Lancelot saiu cavalgando da abertura ao norte, marcada com o escudo de Bors — e imediatamente todos no anfiteatro souberam que era ele, apesar de estar disfarçado.

O silêncio foi como se todos tivessem prendido a respiração ao mesmo tempo.

Ele não tinha voltado por concessão à Rainha, A explicação cruel de que ele "tinha desistido dela" para salvar sua alma e que agora regressava movido por um sentimento de dramática magnanimidade não era verdadeira. Era mais complicado.

O problema do cavaleiro desde sua infância — que ele jamais superara completamente — era que, para ele, Deus era uma pessoa real. Não era uma abstração que o punia se fosse mal ou o recompensava se fosse bom, mas uma pessoa de verdade, como Guenevere, ou como Arthur, ou como qualquer outro. E claro que ele sentia que Deus era melhor que Guenevere ou Arthur, mas a questão era que Deus, para ele, era como uma pessoa. Lancelot tinha uma idéia precisa de como se parecia, e como se sentia. E de alguma forma estava apaixonado por essa Pessoa.

O Cavaleiro Imperfeito não estava envolvido em um Triângulo Eterno. Era um Quadrado Eterno, que era tão eterno quanto quadrangular. Não desistira de sua amante por temer a punição de alguma Coisa Sagrada, mas tinha sido confrontado por duas pessoas às quais amava. Uma era a Rainha de Arthur e a outra, uma presença muda que celebrara a missa no Castelo Carboneck. Infelizmente, como muitas vezes acontece nos casos de amor, os dois objetos de sua afeição eram contraditórios. Era quase como se ele tivesse sido confrontado com a escolha entre Jane e Janet — e tivesse escolhido Janet, não por recear que ela o punisse se ficasse com Jane, mas porque sentia, com calor e piedade, que a amava mais. Pode até ter senado que Deus precisava mais dele que Guenevere. Esse era o problema, um problema emocional em vez de moral, que o levava ao retiro naquela abadia, onde tinha a esperança de aclarar as coisas.

Ainda assim, não seria completamente verdadeiro dizer que ele não tinha voltado por razões de magnanimidade. Ele era magnânimo. Era um mestre. Mesmo se a necessidade que Deus tinha dele fosse maior em tempos normais, era óbvio agora que seu primeiro amor tinha uma necessidade mais premente. Talvez o homem que tivesse deixado Jane por Janet sentisse um calor

suficiente dentro de si para voltar a Jane, caso esta estivesse em desesperada necessidade, e esse calor podia ser comparado com piedade, magnanimidade ou generosidade — se não fosse fora de moda e até mesmo um pouco odioso acreditar nessas emoções hoje. Seja como for, Lancelot, que lutava com seu amor por Guenevere assim como com seu amor por Deus, voltou para o lado dela tão logo soube que ela estava em perigo, e, quando viu seu rosto radiante esperando por ele enquanto era submetida a uma vergonhosa provação, seu coração se revolveu dentro da armadura com uma emoção lancinante — chame-a de amor ou piedade, como queira.

O coração de Sir Mador de Ia Porte saltou da mesma maneira no mesmo momento — mas era tarde demais para recuar. Seu rosto ficou vermelho dentro do elmo, o que ninguém podia ver, e sentiu o calor aumentar sob a rede de palha que protegia seu crânio. Então voltou para seu canto e esporeou o cavalo.

Há algo de belo na maneira como uma lança quebrada voa pelo ar. Embaixo dela, no chão, há muito alvoroço. O movimento preguiçoso com que a lança sobe, gira silenciosa e languidamente sobre si mesma, contrasta com isso. Ela parece superior a considerações terrestres e não dá a impressão de se mover com rapidez. O movimento rápido — que, neste caso, era o de Sir Mador caindo de costas e de pés para cima — acontece abaixo da lança, que faz uma pirueta graciosa e cai mais adiante, quando todos já se esqueceram dela. A lança de Sir Mador desceu de ponta, por algum fenômeno balístico, caindo bem atrás do soldado que segurava o cão. Quando este se voltou e a viu ali, enterrada de ponta, como se olhasse por cima de seu ombro, teve um sobressalto.

Sir Lancelot desmontou, para não ter a vantagem do cavalo. Sir Mador levantou-se e começou a girar selvagememente sua espada na frente do inimigo. Estava superexcitado.

Dois golpes foram suficientes para liquidar Sir Mador. Quando ele caiu da primeira vez, Lancelot caminhou em sua direção para aceitar sua rendição, mas ele se enraiveceu e atacou de baixo para cima o homem que o sobrepujava. Era um golpe baixo, pois se dirigia à parte mais inferior da virilha, precisamente no ponto em que a

armadura necessariamente era mais frágil. Quando Lancelot recuou para deixar Mador levantar-se caso quisesse continuar combatendo, viu-se que o sangue escorria por suas coxas e pela proteção da perna. Havia algo terrível na maneira paciente como ele recuou, apesar de ter sido ferido nas pernas. Se ele perdesse a paciência naquele momento, isso seria facilmente compreendido.

O Campeão da Rainha derrubou Sir Mador com mais força pela segunda vez.

Então Sir Mador arrancou o elmo.

— Está bem — disse. — Desisto. Eu estava errado. Poupe minha vida.

Lancelot teve um belo gesto. A maioria dos cavaleiros ficaria satisfeita ao vencer o embate para a Rainha, e o assunto terminaria ali. Mas Lancelot tinha uma espécie de consideração metódica pelas pessoas — era sensível a coisas que elas poderiam estar sentindo, ou poderiam vir a sentir.

— Pouparei sua vida — disse — só se prometer que nada será escrito sobre isto no túmulo de Sir Patrick. Nada sobre a Rainha.

— Prometo — disse Mador.

Então, quando o desafiante derrotado era carregado por alguns cirurgiões, Lancelot dirigiu-se ao camarote real. A Rainha tinha sido imediatamente libertada e estava lá com Arthur.

— Tire seu elmo, desconhecido — disse Arthur.

Quando ele o tirou, sentiram-se inundados de amor e compaixão ao ver novamente o rosto desfigurado e bem conhecido, enquanto ele permanecia diante deles, sangrando bastante.

Arthur desceu do camarote. Fez Guenevere levantar-se, segurou sua mão e a conduziu até a arena. Curvou-se cortesmente diante de Sir Lancelot, e puxou a mão de Guenevere para que ela fizesse o mesmo. Fez isso diante de seu povo. Falou de modo antiquado, e disse bem alto: — Cavaleiro, recebi nossa gratidão pelo grande trabalho que tivestes neste dia por mim e por minha Rainha.

Guenevere, por trás do rosto sorridente do Rei, soluçava como se seu coração fosse arrebentar.



XXXVIII

Aconteceu então que a acusação sobre a morte de Patrick foi esclarecida no dia seguinte, quando Nimue chegou com uma explicação clarividente. Merlin, antes de deixar que ela o encerrasse na caverna, deixara as questões da Bretanha em suas mãos. Ele a fizera prometer — e era só o que podia fazer — que cuidaria pessoalmente de Arthur, agora que conhecia sua própria magia. Depois seguiu documente para sua prisão, lançando-lhe um longo e carinhoso olhar. Nimue, apesar de desmiolada e impontual, era uma boa moça, lá do seu jeito. Apareceu um dia depois, contou como a maçã tinha sido envenenada, e foi cuidar de suas coisas. Sir Pinel confirmou a declaração ao fugir na mesma manhã, deixando uma confissão escrita, e todos tiveram que admitir que tinha sido uma sorte Sir Lancelot estar por perto.

Não foi tão boa a sorte da Rainha. Estava viva e salva, é verdade, mas o inacreditável acontecera. A despeito das lágrimas, a despeito do jorro de sentimentos que brotara entre eles novamente, Lancelot persistia em se manter leal ao seu Graal.

Bom para ele — ela exclamava, cada dia mais louca, e as pessoas se condoíam ao vê-la assim. Bom para ele se enrolar em sua nova delícia. Ele tinha um grande sentimento, sem dúvida, uma sensação de vigor e clareza e de ânimo para o coração.

Talvez seu famoso Deus tivesse lhe dado algo que ela não podia lhe dar. Talvez ele estivesse mais feliz com Deus, e logo começaria a fazer milagres a torto e a direito. Mas e ela? Ele não considerava o que ela perdia com Deus. A posição era exatamente a mesma, gritava ela com ele, como se a tivesse deixado por outra mulher. Lancelot tinha ficado com o melhor deia e agora, que estava velha e inútil, foi em busca de novos interesses.

Ele se comportava com o egoísmo bestial dos homens, agarrando tudo o que pudesse de um lado e, quando esse lado se gastava, ia para outro. Era um ladrão sorrateiro. E pensar que ela acreditara

nele! Agora, já não o amava, não deixaria que ele se aproximasse dela nem que implorasse de joelhos. Na verdade, ela o desprezara mesmo antes da Busca do Graal — sim, desprezara-o, e estava determinada a se livrar dele. Ele não devia pensar que a estava abandonando. De fato, era o contrário. Ela é que o estava jogando fora, como um trapo sujo, pois não sentia nada mais que desprezo por ele. Pela sua pose e cabeça envaidecida, crueldade, infantilidade e presunção. Por seu deusinho fútil e suas mentirinhas. Para dizer a verdade, e ela não tinha mais interesse em esconder o fato, havia um jovem cavaleiro da Corte que já era seu amante: e isso desde muito antes do Graal! Era um jovem muito melhor que Lancelot. O que é que ela iria fazer com uma palha velha e fedorenta quando tinha um rapaz rosado que a adorava, sim, adorava o chão que ela pisava? Era melhor que Lancelot voltasse para Elaine, para a mãe de seu famoso filho.

Talvez eles pudessem rezar juntos a noite inteira, um chato ao lado de outra chata.

Podiam conversar sobre seu bebê, seu Galahad, que encontrou aquele abominável Graal, e podiam rir dela se quisessem, sim, podiam rir dela por ter sido incapaz de ter um filho.

E aí Guenevere começava a rir — mas uma parte dela sempre a olhava de fora e odiava o barulho que ela fazia — e as lágrimas vinham depois das risadas, e ela chorava com todo o coração.

Um fato estranho foi que Arthur, que decidiu organizar um torneio para comemorar a absolvição da Rainha, fixou um campo perto de Corbin onde o evento se realizaria. O lugar pode ter sido Winchester ou Brackley, onde se encontra um dos quatro campos de torneio ingleses que sobreviveram. Não importa onde fosse — o importante é que Corbin era o castelo onde Elaine, agora sem filhos, vivia sua meia-idade solitária.

— Suponho que você ira ao torneio? — perguntou orgulhosamente a Rainha. — Suponho que irá para perto da sua puta?

— Jenny, por que não consegue perdoá-la? Provavelmente, ela está tão feia agora quanto miserável. Nunca teve muito com que contar — disse Lancelot.

— O generoso Lancelot!

— Se você não quiser que eu vá, não irei — disse ele. — Você sabe que jamais amei outro ser humano a não ser você.

— Só Arthur — disse a Rainha. — Só Elaine. Só Deus. A menos que haja outros de que eu não tenha ouvido falar.

Lancelot sacudiu os ombros, uma das coisas mais estúpidas que podem ser feitas quando o outro quer uma briga.

— Você vai? — perguntou ele.

— Eu, ir? Para ver você cortejar aquele nabo? Certamente não irei e proíbo você de ir também.

— Muito bem — disse ele. — Direi a Arthur que estou enfermo. Posso dizer que meu ferimento ainda não sarou.

E foi atrás do Rei.

Todo inundo já tinha partido para o torneio, e a Corte estava vazia quando Guenevere mudou de idéia. Talvez tivesse mantido Lancelot ali para ficar a sós com ele e, ao descobrir que não adiantava nada ficar sozinha com ele, reverteu sua decisão — mas não sabemos exatamente a razão.

— É melhor você ir — disse ela. — Se eu o mantiver aqui, você vai dizer que é porque sou ciumenta, e jogar isso na minha cara. Além do mais, pode haver um escândalo se você ficar aqui comigo. E não quero mais você. Não quero mais ver seu rosto. Leve-o para longe daqui. Vá!

— Jenny — respondeu ele, argumentando. — Não posso ir agora. O escândalo será muito maior se eu for agora, pois disse que o ferimento me impedia. Vão pensar que tivemos uma briga.

— Deixe que pensem o que quiserem. Só digo*a você que tem de ir, antes que me faça ficar louca.

— Jenny — disse ele.

Ele sentiu seu coração partir-se em dois, e que a loucura que ela antes provocara nele podia voltar. Talvez também ela tenha notado isso. De qualquer maneira, de repente ela suavizou seus modos. Despediu-se, quando ele saiu para Corbin, com um beijo apaixonado.

"Prometo que voltarei", ele havia dito, e agora estava cumprindo sua promessa.

Era impensável ir ao torneio sem visitar Elaine. Não apenas lhe prometera que voltaria, como era também o depositário das últimas mensagens de seu único filho, agora morto ou pelo menos transmutado. O mais cruel dos homens não poderia deixar de visitá-la com tais mensagens.

Ele se hospedaria em Corbin, contaria a ela sobre Galahad, e lutaria disfarçado no torneio. Podia explicar a Arthur que tinha alegado o ferimento para chegar de forma inesperada, já que essa era uma das modas atuais. Esse subterfúgio se reforçaria pelo fato de ele ficar hospedado no Castelo de Corbin, em vez de no local onde se realizaria o torneio. Isso evitaria qualquer escândalo sobre unia briga de última hora com a Rainha.

Ficou surpreso ao descobrir, quando cavalgava pela avenida em direção ao fosso, pelo cheval de frise, que Elaine o esperava nas muralhas, na mesma pose em que a deixara vinte anos atrás. Ela o encontrou no Grande Portão.

— Eu estava esperando por você.

Agora estava gordinha e baixinha, parecida com a Rainha Vitória, e o recebeu fielmente. Ele dissera que voltaria e ali estava. Ela não esperara outra coisa.

Com as palavras seguintes, ela apunhalou seu coração.

— Agora você ficará aqui de vez — disse ela, sem que Fosse uma pergunta. Era dessa forma que entendera a resposta que ele lhe dera quando se separaram tanto tempo atrás.



XXXIX

Se as pessoas quiserem ler sobre o torneio de Corbin, encontrarão em Malory.

Ele era um apaixonado seguidor de torneios — como um desses velhos cavalheiros que hoje freqüentam o pavilhão de críquete no Lords — e pode ter tido acesso a alguma antiga revista de críquete, ou mesmo aos registros de pontos. Ele relata os torneios mais famosos de forma exaustiva, com a pontuação de cada cavaleiro, e o nome de quem o derrubou ou como o venceu. Mas os relatos dos velhos jogos de críquete têm a tendência de serem chatos para os que não participaram deles, portanto o deixaremos sem relato.

As únicas coisas que podem ser consideradas maçantes em Malory são as tabelas de pontos, que ele transcreve duas ou três vezes — e até mesmo essas não são maçantes para alguém que conheça o estilo dos vários cavaleiros menores. Para nossos objetivos basta dizer que Lancelot venceu completamente os adversários — sua habilidade retornara depois do Graal — e que continuaria de espada em punho até o fim, caso o ferimento que recebera de Sir Mador não tivesse aberto novamente. É estranho que ele tenha se desempenhado tão bem nessa ocasião, já que estava distraído pelo desgosto triplo causado por Guenevere, Deus e Elaine, mas grandes performances já foram alcançadas por outros em circunstâncias idênticas. Finalmente, quando já tinha derrubado uns trinta ou quarenta, apesar do velho ferimento (e, incidentalmente, tinha desmontado Mordred e Agravaine), três cavaleiros partiram para cima dele ao mesmo tempo, e a lança de um deles rompeu sua defesa, quebrando-se, mas deixando a ponta no seu flanco.

Lancelot retirou-se do campo enquanto ainda podia ficar montado, e galopou para longe, balançando na sela, para descobrir um local onde pudesse ficar sozinho.

Quando se feria de verdade tinha esse instinto da solidão. Para ele, havia algo de privado acerca da morte — e se ele tivesse que

morrer, preferia ter a oportunidade de fazer isso por conta própria. Apenas um cavaleiro o acompanhou — ele estava fraco demais para o repelir — e foi este que o ajudou a tirar a ponta da lança, e que, quando finalmente desfaleceu, cuidou dele, "colocando-o a favor do vento". Foi também esse cavaleiro que trouxe a perturbada Elaine para sua cabeceira, depois que o colocou na cama.

A importância do torneio de Winchester não repousa em nenhum feito de armas em particular, nem mesmo no feio ferimento de Lancelot — já que ele finalmente se recuperou disso. No que realmente tocou a vida de nossos quatro amigos está em uma circunstância que ainda está por ser contada. Pois Lancelot, subitamente enfrentando a convicção sem fundamento da pobre Elaine de que ficaria com ela para sempre, não conseguiu lhe dizer a verdade. Talvez fosse um homem fraco sobre vários aspectos — fraco por ter tomado Guenevere de seu melhor amigo, em primeiro lugar; fraco por ter trocado a amante por Deus; e mais fraco ainda por ter ajudado Elaine, dizendo-lhe que regressaria. Agora, diante da esperança simples da pobre dama, tinha-lhe faltado coragem para liquidar com sua ilusão com um golpe definitivo.

Um dos problemas de lidar com Elaine, a despeito de sua simplicidade e ignorância, era ela ter uma natureza sensível — de fato, mais ainda que a de Guenevere, embora de ela não tivesse o poder da corajosa e extrovertida Rainha. Ela fora sensível o suficiente para não cobri-lo de boas-vindas quando ele voltou ao lar depois da longa ausência; não repreendê-lo — e ela jamais pensara que tinha razões para repreendê-lo. E, acima de tudo, não sufocá-lo com piedade para consigo mesma. Ela conseguira controlar seu coração enquanto eles esperavam pelo torneio em Corbin, cuidadosamente ocultando os longos anos durante os quais ansiara por seu senhor, e sua absoluta solidão agora, depois que o filho se fora. Lancelot sabia muito bem o que ela escondia. Sendo ele mesmo sensível e inseguro, esqueceu como havia começado essa relação peculiar. E

começou a culpar exclusivamente a si mesmo pelas penas de Elaine.

Assim, quando ela fez seu pequeno pedido, depois de tê-lo poupado de tantas lágrimas e boas-vindas, que mais podia ele fazer a não ser tentar satisfazê-la? Teria que lhe dizer que sua esperança inquebrantável era inútil. Mas adiava isso. Sentindo-se como um carrasco que sabe que tem de matar no dia seguinte, tentava dar-lhe um pouco de alegria no dia de hoje.

— Lance — ela disse antes do torneio, fazendo seu estranho pedido de maneira humilde e infantil —, agora que estamos juntos, você usará meu sinal no combate?

Agora que estamos juntos! E naquele tom de voz ele via o quadro de vinte anos de abandono, compreendendo pela primeira vez que durante todo aquele tempo ela tinha acompanhado sua carreira de cavaleiro, como uma colegial torcendo pelo jogador preferido. A pobre criança imaginara todos os combates — quase certamente de maneira errada — e nutriu seu coração faminto com relatos de segunda mão: tentando adivinhar que sinal estaria no lugar de honra em cada combate. Talvez ela tivesse dito a si mesma, no correr desses vinte anos, que algum dia o grande campeão lutaria por ela — urna dessas ambições ridículas com as quais almas infelizes se consolam, à falta de alimentos decentes.

— Eu nunca uso sinais — disse ele, com sinceridade.

Ela não implorou nem se queixou, e tentou realmente esconder seu desapontamento.

— Mas usarei o seu — ele acrescentou imediatamente. — Ficarei orgulhoso disso. E, além do mais, ajudará em muito meu disfarce. Como todos sabem que não uso prendas, será um ótimo disfarce se usar uma. Como você foi inteligente ao pensar nisso!

E me fará lutar melhor. Qual é sua prenda?

Era uma manga escarlate bordada com grandes pérolas. Aprendeu-se a bordar muito bem em vinte anos.

Uma quinzena depois do torneio de Winchester, enquanto Elaine cuidava de fazer seu herói voltar a viver, Guenevere tivera uma cena com Sir Bors, na Corte.

Odiando mulheres, Bors sempre tivera com elas cenas instrutivas. Ele dizia o que pensava, elas diziam o que pensavam, e nenhum entendia nada do outro.

— Ah, Sir Bors — disse a Rainha, que mandara chamá-lo apressadamente logo que ouviu falar da manga vermelha, já que Bors era um dos amigos mais íntimos de Lancelot. — Ah, Sir Bors, ouviu contar como Sir Lancelot me traiu da maneira mais falsa?

Bors, notando que a Rainha "estava irada e completamente fora de si", ruborizou-se completamente e disse com exagerada paciência: — Se alguém foi traído foi o próprio Lancelot. Foi mortalmente ferido por três cavaleiros de uma vez.

— E estou feliz — exclamou a Rainha —, feliz em saber disso! Será bom que ele morra. É um cavaleiro falso e traidor!

Bors sacudiu os ombros e deu as costas, como dizendo que não ia escutar esse tipo de conversa. Esse dar as costas, enquanto caminhava para a porta, mostrava o que ele pensava das mulheres. A Rainha correu atrás dele, para retê-lo à força, se necessário.

Ela não iria se privar tão facilmente de sua cena.

— E por que não posso chama-lo de traidor — gritou ela —, se ele usou a manga vermelha no seu elmo em Winchester, na grande justa?

Bors, temendo ser fisicamente atacado, disse: — Sinto muito sobre a manga. Se ele não a tivesse usado como disfarce, talvez as pessoas não tivessem se atirado em três contra ele.

— Vergonha para ele — exclamou a Rainha. — Levou uma boa surra, de qualquer maneira, a despeito de todo seu orgulho e bazófia. Foi derrotado numa luta justa.

— Não, não foi não. Foram três contra um, e sua velha ferida também se abriu.

— Vergonha para ele — repetiu a Rainha. — Ovi Sir Gawaine dizer diante do Rei que era maravilhoso o quanto ele amava Elaine.

— Não posso impedir Gawaine de dizer o que quiser — retrucou Sir Bors acalorado, desesperado, patético, furioso e horrorizado. E saiu batendo a porta, esquecendo toda etiqueta.

Em Corbin, Elaine e Lancelot estavam de mãos dadas. Ele sorria debilmente para ela, e disse com voz tênue: — Pobre Elaine. Parece que você sempre está me curando de alguma coisa.

Parece que nunca me tem, salvo quando estou só meio vivo.

— Agora eu tenho você para sempre — ela disse, radiante.

— Elaine — disse ele —, temos que conversar.



XL

Quando o Cavaleiro Imperfeito voltou de Corbin, Guenevere ainda estava com raiva. Por alguma razão, estava determinada a acreditar que Elaine tinha se tornado sua amante novamente, possivelmente porque esse parecia ser o melhor meio de ferir seu amante. Disse que ele estava simplesmente fingindo sobre seus sentimentos religiosos — como ficou demonstrado por ter ido imediatamente encontrar Elaine quando teve a oportunidade. Isso, disse ela, estava no fundo de sua mente o tempo todo. Ele era um hipócrita, e hipócrita fraco, além do mais. Tiveram cenas histéricas, sobre as debilidades e hipocrisias dele, alternando-se com outras cenas mais afetuosas, necessárias para contrabalançar a idéia de que ela estivera a vida inteira apaixonada por um hipócrita. Ela começou a parecer mais saudável, até mesmo bonita outra vez, como resultado dessas brigas. Mas duas rugas apareceram entre seus olhos, e às vezes seus olhos eram assustadores, brilhando como diamantes. Lancelot começou a ter um olhar de obstinado.

Ambos estavam à deriva.

Elaine já foi explicada, e foi Elaine quem deu, agora, o único grande golpe de sua vida. Ela o fez sem intenção, ao suicidar-se.

Uma barcaça fúnebre desceu pelo rio até a capital, já que os rios eram as estradas da época, e atracou ao lado do palácio. Lá estava seu corpo — a perdiz gordinha e desamparada que sempre fora. Provavelmente, as pessoas se suicidam por fraqueza, e não por força. Os esforços gentis que ela fizera para guiar as mãos do destino, usando truques fracos como chamariz ou considerações reticentes para atrair seu senhor, não foram suficientemente fortes para serem reconhecidos pelo despotismo da vida. Seu filho se fora, assim como seu amante, e não lhe sobrara nada. Até mesmo a promessa de retorno tinha escapado de sua garra vã. Esta fora por um tempo uma razão para viver, um corrimão — não um corrimão propriamente suntuoso, mas o suficiente para mantê-la de pé. Tinha

sido capaz de prosseguir. Sem jamais ter sido uma mulher altaneira ou exigente, conseguira com pouco prosseguir por muito tempo. Mas agora até mesmo aquele pouco desaparecera.

Todos desceram para ver a barça. E não foi o lírio virginal de Astolat que viram, e sim uma mulher de meia-idade cujas mãos, enrijecidas dentro das luvas, agarravam obedientemente um par de contas. A morte a fizera parecer mais velha e diferente. O

rosto duro e cinzento que estava na barça evidentemente não era Elaine — que se fora para outro lugar, ou desaparecera.

Mesmo se Lancelot foi um fraco, ou maníaco por jogos, ou aquele tipo de criatura irritante, uma pessoa que consistentemente tenta ser decente, ele não parece ter rido uma vida fácil. Com sua tendência herdada para a loucura, e seu rosto fantástico, a confusão de suas lealdades e padrões morais, já teria sido suficientemente difícil manter o equilíbrio na vida sem os vários golpes que recebeu além da conta. Ele podia até mesmo ter suportado os golpes extras se tivesse sido abençoado com um coração duro. Mas seu coração tora como par para o de Elaine, e agora era incapaz de suportar o fardo que o coração dela se vira forçado a colocar no chão. Todas as coisas que poderia ter feito pela pobre criatura, mas que agora era tarde demais para fazer, e todas as vergonhosas questões sobre responsabilidade que acompanham o irrevogável uniram-se em sua mente.

— Por que você não foi mais gentil com ela? — exclamou a Rainha. — Por que não pôde dar-lhe algo com que viver? Podia ter lhe demonstrado alguma bondade e gentileza, que teriam preservado sua vida.

Guenevere, que ainda não compreendia que Elaine tinha se metido entre os dois mais efetivamente que nunca, disse isso de maneira bem espontânea, e queria dizer isso mesmo. Estava transtornada de pena por sua rival na barça.



XLI

O novo gênero de vida prosseguiu em Camelot, apesar do suicídio. Ninguém diria que era especialmente feliz — mas as pessoas se apegam tenazmente à vida, e continuam vivendo. Não que fosse uma vida que seguisse uma trama. Na maioria das vezes eram apenas eventos — uma coisa depois da outra —, uma cadeia de acidentes desnecessários. Um acidente ridículo que aconteceu nessa época vale a pena ser contado, não porque tivesse conseqüências ou antecedentes, mas porque, de alguma maneira, era o tipo de coisa que acontecia com Lancelot. E ele reagia a isso à sua própria maneira.

Um dia ele estava deitado de bruços na floresta, sabe-se lá com que pensamentos tristes, quando uma dama arqueira que estava caçando se aproximou. Não se sabe se era um tipo de dama masculinizada com bigode e roupa de cavaleiro, ou se era uma dessas desmioladas do mundo do cinema que praticam o arco-e-flecha porque acham bonito. De qualquer forma, ela viu Lancelot e pensou que fosse um coelho. É bem capaz que fosse uma daquelas mulheres masculinizadas porque, embora fosse engraçadinho disparar em um homem confundindo-o com um coelho, seria muito incomum que uma estrela de cinema acertasse o alvo. Lancelot, pondo-se num pulo de pé com doze centímetros de flecha incrustada no traseiro fez exatamente como o coronel Bogey — enterrado no segundo tee do jogo de golfe. Gritou colérico: — Dama ou donzela, seja lá quem você for, maldita a hora em que pegou esse arco, pois foi o diabo que a fez arqueira!

Apesar do ferimento no traseiro, Lancelot participou da justa seguinte — um torneio importante, devido a várias coisas que aconteceram nele. A verdadeira tensão na Corte — que era aparente para todos menos para Lancelot, inocente demais para perceber esse tipo de coisa — começou a ficar clara nas justas de Westminster. Entre outras razões, Arthur começou a marcar sua

posição naquele malfadado triângulo. Fez isso, pobre sujeito, quando subitamente tomou o lado contrário a Lancelot no meio da grande confusão. Partiu para cima do seu melhor amigo, tentou feri-lo, e perdeu a calma.

Não fez nada contra as regras da cavalaria e, afinal, não machucou Lancelot. Mas a sensação estranha ficou lá de qualquer forma. Antes e depois ambos eram amigos. Mas naquele momento de raiva Arthur era o corno e Lancelot, o traidor. Esta foi a explicação aparente — um reconhecimento inconsciente da relação entre os dois —, mas pode ter rido outra coisa por trás. Fazia muito tempo que Arthur deixara de ser o feliz Wart, havia muito que seu lar e seu reino tinham alcançado seu ápice feliz. Talvez ele estivesse cansado da luta, cansado da facção das Órcades e das novas e estranhas modas, e das dificuldades do amor e da justiça moderna. Pode ter lutado contra Lancelot na esperança de que este o matasse — não exatamente uma esperança, não uma tentativa consciente.

Esse homem justo e generoso e de coração amável pode ter inconscientemente adivinhado que a única solução para ele e para as pessoas que amava residia em sua própria morte — depois da qual Lancelot podia casar-se com a Rainha e ficar em paz com Deus —, e pode ter dado a Lancelot a oportunidade de matá-lo em uma luta leal, porque ele mesmo estava exausto. De qualquer forma, nada disso aconteceu. Houve aquele rompante, e depois o amor entre ambos estava novamente vivo.

Outro acontecimento importante do torneio foi que Lancelot, com inocência idiota, alienou o clã das Órcades, de vez e definitivamente. Desmontou o clã inteiro, menos Gareth, um depois do outro, e Mordred e Agravaine foram desmontados duas vezes. Só um santo podia ser tão louco para lhes salvar as vidas tantas vezes de Torres Dolorosas e coisas assim — mas rematar o fato derrotando-os à vontade, naquele momento, era a política da ingenuidade, Gawaine, é verdade, foi suficientemente decente para se recusar a participar de conspirações contra a vida de Lancelot, e Gaheris era estúpido. Mas, desse dia em diante, era apenas uma questão de tempo, entre o grupo elegante de Mordred e Agravaine e a segurança do comandante-chefe.



Lancelot venceu completamente os adversários e continuaria de espada em punho até o fim, caso o ferimento que recebera de Sir Mador não tivesse aberto novamente. É estranho que ele tenha se desempenhado tão bem nessa ocasião, já que estava distraído pelo desgosto triplo causado por Guenevere, Deus e Elaine.

A terceira palha ao vento foi o fato de Gareth lutar ao lado de Lancelot em Westminster. Esses cruzamentos peculiares de sentimentos foram notados por todos — o Rei contra seu segundo ser, e Gareth contra seus irmãos. Com tantas correntes agindo, uma tempestade certamente se aproximava. E ela chegou, caracteristicamente, de um lado que ninguém imaginava.

Havia um cavaleiro londrino chamado Sir Meliagrance, que nunca fora feliz na Corte. Se tivesse vivido nos tempos mais antigos, quando um homem era julgado como um homem, poderia ter se saído suficientemente bem. Infelizmente, pertencia a uma geração mais jovem, a das modas de Mordred, e era julgado pelos novos padrões. Todo mundo sabia que Sir Meliagrance não era exatamente de primeira categoria. Ele mesmo sabia disso — a primeira categoria tinha sido inventada por Mordred —, e esse conhecimento não o fazia feliz. Além do mais, Sir Meliagrance tinha uma razão específica para seu sofrimento e envenenava a sociedade para ele.

Estava desesperada e perdidamente — e sempre tinha estado desde que se lembrava — apaixonado por Guenevere.

A notícia chegou quando Arthur e Lancelot estavam na quadra de boliche.

Tinham adquirido o hábito de ir, todos os dias, até esse lugar fora de moda para se divertirem com um pouco de conversa.

Arthur dizia: — Não, não, Lance. Você realmente nunca compreendeu o pobre Tristão.

— Era um cafajeste — disse, obstinado, Lancelot. Estavam falando no passado porque Tristão finalmente tinha sido assassinado, quando tocava harpa para La Beale Isoud, por um Rei Mark totalmente exasperado.

— Mesmo morto — acrescentou o cavaleiro. Mas o Rei sacudiu veementemente a cabeça.

— Não era um cafajeste — disse. — Era um bufão, um grande personagem cômico. Estava sempre se metendo em situações extraordinárias.

— Um bufão?

— Distráido — disse o Rei. — Essa é a grande desgraça dos cômicos. Veja seus casos amorosos.

— Você se refere a Isoud Mãos-Branças?

— Acredito realmente que Tristão acabou confundindo completamente essas duas moças. Ele ficou enlouquecido com La Beale Isoud e depois a esqueceu completamente. Um dia está metido na cama com a outra Isoud quando algum movimento o faz se lembrar de algo. Vai percebendo que existem duas Isouds — não uma — e fica terrivelmente preocupado com isso. Aqui estou eu metido na cama com Isoud Mãos-Branças, diz ele, quando o tempo todo estive apaixonado por La Beale Isoud!

Claro que fica perturbado. E depois, ser quase assassinado em seu banheiro pela Rainha da Irlanda. Havia um tom de alta comédia naquele jovem, e você deve desculpá-lo por ser um cafajeste.

— En.... — começou Lancelot, mas naquele instante chegou o mensageiro.

Era um garoto pequeno e sem fôlego com um rasgo de flecha no gibão, embaixo do sovaco. Segurava o rasgão com os dedos e falava rápido.

Era sobre a Rainha, que tinha saído para festejar o começo de maio — era o dia primeiro de maio. Tinha saído cedo, como era costume, pretendendo estar de volta pelas dez horas, com todas as primulas orvalhadas, violetas e botões de pilriteiros e ramos de galhos verdes que era próprio colher numa manhã assim. Tinha deixado sua guarda atrás — os cavaleiros da Rainha, que usavam o vergescu, o escudo branco dos cavaleiros virgens como sinal do seu posto — e levava consigo apenas dez cavaleiros em roupas civis. Todos se vestiam de verde, para celebrar o festival da primavera. Agravaine estava entre eles — recentemente ele tinha se ligado a Guenevere, para espioná-la — e Lancelot foi deixado de fora de propósito.

Bem, todos cavalgavam alegremente para casa, tagarelando e cheios de flores e galhos, quando Sir Meliagrance saltou diante deles, numa emboscada. Essa coisa de não ser da elite o perturbava tanto que ele decidiu deixar de vez de ser cavaleiro, já que todos o acusavam mesmo de não ser. Ele sabia que o grupo da Rainha estava desarmado, e que Lancelot não estava entre eles. Tinha

levado um forte grupo de arqueiros e soldados para fazê-la sua cativa.

Houve luta. Os cavaleiros da Rainha a defenderam da melhor maneira possível com espadas e sabres, até que todos foram feridos, alguns seriamente. Guenevere então se rendeu para lhes salvar a vida. E fez uma barganha com Sir Meliagrance — cujo coração realmente não estava talhado para ser bandido: se ela detivesse seus defensores, ele tinha de prometer levar os cavaleiros feridos junto com ela até seu castelo, e deixá-los dormir em sua antecâmara. Meliagrance, apaixonado por Guenevere, e vacilando diante de sua própria perversidade, e sabendo que seria inútil forçar sua amada contra a vontade dela, concordou com os termos. O pobre sujeito realmente não tinha o talhe para ser um verdadeiro vilão.

Na confusão de conduzir a triste procissão de feridos, deitados de través nas selas de seus cavalos, a Rainha tinha mantido a cabeça. Convocara o pequeno pajem, que estava num pônei descansado e rápido, e secretamente lhe deu seu anel, com uma mensagem para Lancelot. Quando ele visse uma oportunidade, deveria disparar a galope como se fosse para salvar sua vida — e foi isso que ele fez,



com os arqueiros atrás. Ali estava o anel.

No meio da história, Lancelot já estava gritando por sua armadura. Quando terminou, Arthur já estava de joelhos a seus pés, atando-lhe as grevas da armadura.

XLII

Quando os arqueiros montados voltaram, desanimados, dizendo que não conseguiram acertar o rapaz, Sir Meliagrance soube o que ia acontecer. Estava perturbado pela angústia não só porque sabia que vinha agindo de maneira imprudente e perversa, mas também porque estava verdadeiramente apaixonado pela Rainha. No entanto, ainda dispunha de um trunfo e percebeu que, depois de ter ido tão longe, era tarde demais para desistir. Lancelot seria forçado a vir em resposta à mensagem, e era necessário ganhar tempo. O castelo não estava preparado para um cerco — mas, se pudesse se preparar, havia boas perspectivas de fazer um acordo com os sitiantes, considerando que a Rainha estava lá dentro. Portanto, Lancelot deveria ser retardado a todo custo, até o castelo estar em condições de se defender. Ele supunha, corretamente, que Lancelot se precipitaria em socorro da Rainha, tão logo se armasse. A melhor maneira de detê-lo seria com uma segunda emboscada, em uma estreita clareira na floresta por onde ele teria de passar — uma clareira tão estreita que os arqueiros certamente conseguiriam matar seu cavalo, ou talvez trespassar-lhe a armadura. Desde os Tempos Conturbados, as vegetações rasteiras dos dois lados de todos os caminhos foram limpas até a distância de um tiro de arco — mas essa clareira, devido a algumas peculiaridades do terreno, ficara esquecida. E uma flecha bem disparada à distância correta podia penetrar na melhor das armaduras, como Meliagrance sabia.

Assim, a emboscada foi preparada com grande rapidez, e dentro do castelo armou-se uma tremenda agitação. Pastores conduziam os animais para dentro da fortaleza — e todos os animais se extraviavam, ou se misturavam uns com os outros, ou se recusavam

a passar pelas grades. Febrilmente, rapazes sem fôlego transportavam água para as grandes cubas — era um daqueles castelos mal-equipados, que parecem ter sua origem na Irlanda, cujos pátios não dispunham de poços. As criadas corriam de um lado para o outro, à beira da histeria, pois Sir Meliagrance, como muitas pessoas de categoria inferior, estava determinado a hospedar sua Rainha prisioneira de uma maneira acima de qualquer crítica. Estavam preparando seus aposentos privativos, tirando as tapeçarias de seu quarto de solteiro para colocar no dela, lustrando a prataria e pedindo aos vizinhos mais próximos que lhes emprestassem baixelas de ouro. A própria Guenevere, colocada em uma pequena sala de espera enquanto os aposentos estavam sendo adequadamente preparados para recebê-la, aumentava a confusão, ordenando ataduras, água quente e padiolas para seus homens feridos. Sir Meliagrance, correndo para cima e para baixo pelas escadas aos gritos de "Sim, sim, Senh'ra, num minutim" ou "Marian, Marian, onde, diabos, foram parar os candlabros?" ou "Murdoch, tir'as ovelhas do solário já já já!", arranjou tempo para encostar a testa contra a pedra fria de um vão da porta, conter seu coração desnortado, amaldiçoar seu desatino e desorganizar ainda mais seus planos já desorganizados.

A Rainha foi a primeira a ter suas coisas em ordem. Tinha apenas que organizar os curativos e, naturalmente, suas necessidades foram as primeiras a serem atendidas.

Estava sentada com suas damas de companhia junto a uma das janelas do castelo, uma espécie de calmaria no meio do redemoinho, quando uma das moças gritou que alguma coisa se aproximava pela estrada.

— É uma carroça — disse a Rainha. — Deve ter algo a ver com as provisões do castelo.

— Tem um cavaleiro na carroça — disse a moça —, um cavaleiro de armadura.

Acho que alguém o está Levando para ser enforcado.

Naquele tempo, era considerado uma infâmia ser conduzido em uma carroça.

Mais tarde, elas viram que havia um cavalo atrás da carroça — que estava vindo a pleno galope —, com as rédeas balançando no meio do pó. Mais tarde ainda, ficaram horrorizadas ao ver que todas as entranhas do cavalo também balançavam no meio do pó.

Estava crivado de flechas, como um porco-espinho, e trotava com um estranho ar de indiferença. Talvez estivesse traumatizado pelo choque. Era o cavalo de Lancelot, e Lancelot estava na carroça, batendo no pangaré que a conduzia com a bainha da sua espada. Como esperado, ele caíra na emboscada, perdera algum tempo tentando pegar seus atacantes — que, correndo por montes e vales, conseguiram escapar do pesado homem de ferro a pé — e, depois, se pusera a vencer caminhando o resto do caminho, apesar de sua armadura. Meliagrance contara com a impossibilidade de tal caminhada, para um homem vestido com um equipamento que podia pesar tanto quanto ele, mas não contara com a carroça que Lancelot confiscara. Uma medida da ansiedade do grande homem, em relação à Rainha nessa ocasião, é que dizem que ele fez o cavalo nadar pelo Tâmis, no começo da corrida, da Ponte de Westminster até Lambeth, apesar de saber que, se algo desse errado, sua armadura certamente o teria feito se afogar.

— Como você se atreve a dizer que era um cavaleiro que ia ser enforcado? — exclamou a Rainha. — Você é muito abusada. Como se atreve a comparar Lancelot com um criminoso?

A infeliz donzela corou e segurou a língua, enquanto Lancelot podia ser visto jogando as rédeas para o carroceiro aterrorizado, passando enfurecido pela ponte levadiça e gritando a plenos pulmões.

Sir Meliagrance ouviu a chegada no momento em que Lancelot irrompia pelo Portão Principal. Um porteiro aturdido, tomado pela surpresa, tentou fechá-lo na sua cara, mas recebeu um golpe da mão de ferro na orelha, que o nocauteou de vez. O portão se escancarou, sem defesas. Lancelot estava em uma de suas raras fúrias, possivelmente devido aos sofrimentos do seu cavalo.

Meliagrance, que estava supervisionando alguns de seus homens de armadura que tiravam os enfeites de madeira do Grande Salão como precaução contra os fogos gregos, perdeu o sangue-frio.

Disparou pelas escadas dos fundos e já estava se ajoelhando aos pés da Rainha, quando Lancelot vociferou pela portaria, perguntando por ela.

— O que foi agora? — perguntou Guenevere, fitando aquele homem vulgar mas extraordinário, estatelado a sua frente, com um olhar bastante curioso, não sem afeição.

Afinal, é um cumprimento ser raptada por amor, especialmente quando tudo acaba bem.

— Me rendo, me rendo! — exclamou Sir Meliagrance. — Oh, eu me rendo a vós, ador'da Rainha. Salvai-me de Sir Lanc'lot!

Guenevere estava radiantemente bela. Possivelmente pela Festa de Maio, ou pelo cumprimento que o cavaleiro londrino lhe prestara, ou alguma premonição como as que ocorrem às mulheres antes de ter uma grande alegria. Seja como for, estava sentindo-se feliz, e não tinha ressentimentos contra seu captor.

— Muito bem — respondeu, alegre e sábia. — Quanto menos barulho houver em relação a isso, melhor será para minha reputação. Tentarei acalmar Sir Lancelot.

Sir Meliagrance positivamente assobiou de alívio, tão alto foi seu suspiro.

— Exatamente — ele disse. — É o velho galo de briga... a-ham! a-ham! Peço vosso perdão, com certeza. E pergunto se vossa graciosa majest'de gostará de passar a noite no Castelo Meliagrance, depois de acalmar Sir Lanc'tot, pelo bem de vossos cavaleiros f ridos?

— Não sei — falou a Rainha.

— Poderiam partir de manhã — insistiu Sir Meliagrance — e não se falar mais nisso. Ficaria parecendo u'a visita normal. Seria possível dizer que foi apenas u'a visita.

— Muito bem — respondeu a Rainha, e desceu ao encontro de Lancelot, enquanto Sir Meliagrance enxugava a testa.

Ele estava no pátio interno, chamando seu inimigo aos gritos. Quando Guenevere o viu, e ele a ela, a antiga mensagem elétrica passou entre os olhos dos dois antes que pronunciassem uma palavra. Foi como se Elaine e toda a Busca pelo Graal nunca tivesse ocorrido. Tanto quanto se podia perceber, ela aceitava a própria derrota.

Ele deve ter visto nos olhos dela que ela se rendia, que estava preparada a deixar que ele fosse ele mesmo — e amar seu Deus, e fazer o que fosse que lhe apetecesse — desde que continuasse a ser apenas Lancelot. Estava serena e sã outra vez. Renunciara à sua loucura possessiva e estava radiante por vê-lo vivo, não importa o que fizesse. Eram jovens criaturas — os mesmos jovens cujos olhos se encontraram com o quase esquecido clique de magnetos no enfumaçado Salão de Camelot, tanto tempo atrás. E, ao se render com sinceridade, vencera a batalha sem querer.

— Que confusão é essa? — perguntou a Rainha.

Havia uma harmonia alegre e divertida entre eles. Estavam apaixonados outra vez.

— É o que também me pergunto.

Depois acrescentou com uma voz mais furiosa, e corando: — Ele matou meu cavalo, — Obrigada por ter vindo — disse a Rainha. Sua voz era doce. Era a primeira voz da qual ele se lembrava. — Obrigada por ter vindo tão rápido e tão bravamente. Mas ele se rendeu, e devemos perdoá-lo.

— Foi infame matar meu pobre cavalo.

— Já resolvemos a questão.

— Se eu soubesse que você iria resolver tudo — ele disse, um tanto ciumento —, não teria quase me matado para chegar até aqui.

A Rainha tomou sua mão mia. Estava sem a manopla.

— Está lamentando por ter feito tudo tão bem? — ela perguntou.

Ele ficou calado.

— Não me importo com ele — ela disse, corando. — Só achei que seria melhor evitar o escândalo, — Tanto quanto você, também não quero escândalos.

— Você deve fazer como achar melhor — disse a Rainha. — Combata-o, se quiser. É você quem decide.

Lancelot fitou-a, — Senhora — ele disse —, que seja feita vossa vontade, é só o que desejo.

Quanto a minha parte, farei como apreciais.

Ele sempre caía na formalidade da Alta Linguagem quando se comovia.



XLIII

Os cavaleiros feridos estavam deitados em padiolas na antecâmara. O quarto interno, onde Guenevere dormia, tinha uma janela com barras de ferro. Não tinha vidro.

Lancelot reparara em unia escada no jardim, suficientemente comprida para seu propósito — e, embora não tivessem combinado nada, a Rainha estava esperando.

Quando viu o rosto enrugado na janela, com o nariz inquisitivo contra as estrelas, ela não pensou que poderia ser uma gárgula ou um demônio. Ficou imóvel alguns minutos, sentindo o sangue turbulento subir-lhe à nuca, depois dirigiu-se silenciosamente à janela — com o silêncio de uma cúmplice.

Ninguém sabe o que disseram um ao outro. Malory conta que "fizeram um ao outro as queixas de muitas e diversas coisas". Provavelmente concordaram que era impossível amar Arthur e, ao mesmo tempo, enganá-lo. Provavelmente Lancelot a fez, finalmente, compreender sobre seu Deus, e ela o fez entender sobre os filhos que não teve. Provavelmente, concordaram plenamente em aceitar que o amor culpado chegara ao fim.

Mais tarde, Sir Lancelot sussurrou: — Queria poder entrar. — Eu também adoraria.

— Com todo o coração, minha senhora, gostaria mesmo que eu estivesse aí dentro?

— Sinceramente.

A última barra de ferro, quando ele a quebrou, cortou o músculo de sua mão até o osso.

Mais tarde ainda, os sussurros esmoreceram, e fez-se o silêncio na escuridão do quarto.

A Rainha Guenevere ficou muito tempo na cama, na manhã seguinte. Sir Meliagrance, ansioso por encerrar todo o caso em segurança, o mais breve possível, inquietava-se na antecâmara, desejando que ela tivesse partido. Entre outras razões, porque não queria prolongar sua própria tortura, tendo a Rainha sob seu teto, a quem amava e não podia ter.

E por fim, em parte para apressá-la a partir e em parte pela curiosidade incontrolável de apaixonado, foi até o quarto para acordá-la — um procedimento que era possível naqueles dias de hospedagem.

— Perdão — disse Sir Meliagrance —, o que a aflige, Senh'ra, para dormir tanto?

Olhava para sua amada perdida na cama, fingindo não o fazer. O sangue da mão cortada de Lancelot estava por todos os lençóis.

— Traidora!!! — gritou Sir Meliagrance, de repente. — Traidora! A Senh'ra traiu o Rei Arthur!

Estava fora de si de raiva e ciúmes, considerando-se ele mesmo traído. Uma vez que sua própria tentativa tinha malogrado, ele presumira que a Rainha era uma mulher pura; e que tinha errado ao procurar divertir-se com ela. Agora, percebia que durante todo o tempo ela o enganara, apenas fingindo ser demasiado virtuosa para amá-lo, e, enquanto isso, se divertia com seu cavaleiro ferido, debaixo de seu próprio nariz. Ele tinha chegado à conclusão de que o sangue viera de um cavaleiro ferido — se não por que ela insistira para que eles ficassem em sua antecâmara? A mais feroz inveja misturava-se com a raiva. Ele não vira as barras da janela que tinham sido substituídas tão cuidadosamente quanto possível.

— Traidora! Traidora! Acuso-a de alta traição!

Os gritos de Sir Meliagrance fizeram os cavaleiros feridos coxearem até a porta, a comoção se alastrou e aias de quarto e criadas, pajens, moços de estrebaria, um par de camareiros, todos acorreram, excitados, à cena.

— São todos falsos — gritava Sir Meliagrance —, todos ou um. Um cavaleiro f'rido esteve aqui.

Guenevere disse: — Isso não é verdade. Eles podem prová-lo.

— É uma mentira — gritaram os cavaleiros. — Escolha um de nós com quem lutar. Nós lutaremos contra você.

— Não, não vão fazer isso, não — gritou Sir Meliagrance. — Deixem de lado a linguagem orgulhosa. Um cavaleiro f'rido andou dormindo com sua Maj'stade!

Ele continuava apontando para o sangue, que certamente era uma boa prova, até que Sir Lancelot chegou passando pelos guardas envergonhados. Ninguém notou que sua mão estava enluvada.

— Qual o assunto? — perguntou Lancelot.

Meliagrance começou a contar novamente para ele, com selvageria, gesticulando, tomado de excitação por ter alguém para contar tudo de novo. Era um homem enlouquecido pela dor.

Lancelot disse friamente: — Posso lembrar sua própria conduta com a Rainha?

— Não sei o que quer dizer. Não m'importo. Sei que um cavaleiro esteve no quarto a noite p'ssada.

— Cuidada com o que diz.

Lancelot olhou duro para ele, tentando adverti-lo e fazê-lo voltar ao bom senso.

Ambos sabiam que essa acusação teria que terminar num julgamento por combate, e Lancelot queria deixar claro com quem ele teria de lutar. Sir Meliagrance acabou percebendo isso. Olhou para Lancelot com uma dignidade inesperada.

— Seja cuidad'so também, Sir Lanc'lot — disse, com calma. — Sei que é o melhor cav'leiro do mundo, mas cuid'do com a luta n'uma disputa errada. Afinal, Deus pode disp'rar um golpe a favor da justiça, Sir Lancelot.

O verdadeiro amor da Rainha mordeu os dentes.

— Deixe isso por conta de Deus — disse. E depois acrescentou, bem ameaçador:

— No que me diz respeito, digo simplesmente que nenhum destes cavaleiros feridos esteve no quarto da Rainha. K se você quiser lutar por isso, eu lutarei.

No final, Lancelot teve de lutar três vezes pela Rainha: primeira, na boa disputa com Sir Mador; segunda, nessa troca de palavras equívocas com Sir Meliagrance, e a terceira, numa luta que também

era errada — e cada uma dessas lutas os deixou mais próximos da destruição.

Sir Meliagrance jogou sua luva. Estava tão certo da verdade de sua asserção que tinha se tornado obstinado, como acontece com as pessoas em discussões violentas.

Estava preparado para morrer em vez de se retratar. Lancelot recolheu a luva — o que mais poderia fazer? Todos começaram a cuidar da parafernália do desafio, colocando os usuais selos com sinetes, e estabelecendo a data e coisas assim. Sir Meliagrance se acalmou. Agora que estava envolvido na roda da justiça, teve tempo de refletir e, como é comum, suas reflexões o levaram para outros caminhos. Era um homem inconsistente.

— Sir Lancelot — disse ele —, agora que 'stamos acert'dos no duelo, não fará nada traiçoeiro comigo até lá?

— Claro que não.

Lancelot olhou para ele com espanto genuíno. Seu coração era como o de Arthur, Por subestimar a maldade do inundo, estava sempre se metendo em problemas — como, por exemplo, ao derrubar o clã das Órcades em Westminsrer.

— Seremos amigos até a b'talha?

O velho guerreiro sentiu mais uma vez seu já habitual aguilhão de culpa. Lutaria contra esse homem por ele ter dito praticamente a verdade.

— Sim — disse com entusiasmo —, amigos!

E foi em direção a Meliagrance com um assomo de remorsos.

— Então, por enquanto, ficar'mos em paz — disse Meliagrance com voz agradável. — Sem truques. Gost'ria de ver meu castelo?

— Claro que sim.

Meliagrance o conduziu por todo o castelo, de sala em sala até que chegaram a uma câmara com uma armadilha. A tábua deslizou e a armadilha se abriu. Lancelot caiu vinte metros, aterrissando num monte de palha em um calabouço. Então, Meliagrance mandou esconder um dos cavalos e voltou até a Rainha para lhe dizer que seu campeão tinha partido na frente. O hábito de partidas abruptas de Lancelot, bem conhecido, deu um colorido à história. Para Meliagrance, esse pareceu o melhor meio de se assegurar que Deus

não escolheria o lado errado nessa luta — já que Meliagrance estava também com seus padrões enlameados.



XLIV

O segundo julgamento por combate foi tão sensacional quanto tinha sido o primeiro com Mador. Lancelot chegou no último momento, com uma margem ainda menor.

Tinham esperado por ele, depois desistido e convencido Sir Lavine a lutar em seu lugar.

Sir Lavine já estava cavalgando para a liça quando o grande homem chegou a pleno galope, num cavalo branco que pertencia a Meliagrance. Tinha ficado preso no calabouço até aquela manhã — quando a moça que lhe levava comida finalmente o Libertara, na ausência do senhor, em troca de um beijo. Ele tinha sofrido alguns escrúpulos complicados por causa desse beijo, mas, no final, decidira que era permissível.

Meliagrance foi derrubado na primeira carga, e se recusou a levantar.

— Eu me rendo — disse ele. — 'Stou derrotado.

— Levante-se, levante-se. Você não lutou nada.

— Não Ievant'rei — disse Sir Meliagrance.

Lancelot estava perplexo diante dele. Devia uma surra a Meliagrance por conta do cavalo e pela traição da armadilha. Mas sabia que a acusação do sujeito era essencialmente correta, e não gostava da idéia de matá-lo.

— Mis'icórdia — disse Sir Meliagrance, Lancelot virou os olhos na direção do pavilhão da Rainha, onde ela estava sentada sob a vigilância da Guarda Real. Ninguém podia perceber esse olhar inquisidor por causa do grande elmo.

Guenevere o viu, entretanto, ou o sentiu em seu coração. Virou o polegar para baixo, por cima da amurada do camarote, e secretamente o balançou para baixo várias vezes. Meliagrance, pensou ela, era perigoso demais para ficar vivo.

Houve um grande silêncio na arena, enquanto todos aguardavam de respiração suspensa, inclinando-se para a frente e olhando os combatentes como um círculo de abutres cuja presa ainda não

morreu. Todos esperavam o coup de grace, como o povo num anfiteatro romano ou numa praça de touros espanhola, e todos tinham certeza que Lancelot o daria. Na opinião de todos, as acusações de Meliagrance tinham sido muito mais sérias que as de Mador — e achavam, como Guenevere, que ele merecia perecer.

Pois naqueles dias o amor era governado por convenções muito diferentes das nossas.

Naqueles dias, o amor era cavalheiresco, adulto, longo, religioso, quase platônico. Não era um assunto sobre o qual pudessem ser feitas acusações ligeiras. Não era, como acontece hoje, algo que começava e terminava em um fim de semana prolongado.

Os espectadores viram Lancelot hesitar sobre o homem, e depois ouviram sua voz, abafada pelo elmo. Fazia uma proposta.

— Vou lhe dar vantagens — dizia ele — se você se levantar e lutar adequadamente, até a morte. Vou tirar meu elmo e toda a armadura do lado esquerdo do meu corpo, e lutarei sem escudo e com minha mão esquerda atada às costas. Isso vai ser justo, não é? Você vai se levantar e lutar assim comigo?

Sir Meliagrance soltou uma espécie de guincho histérico e foi se arrastando na direção do camarote do Rei, gesticulando violentamente.

— Não s'esqueçam do qu'ele disse — gritava ele. — Todo mundo 'scutou tudo.

Eu aceito esses termos. Não deix'ele voltar atrás. Sem arm'dura do lado esquerdo, sem escudo nem elmo, e a mão direita amarrada nas costas. Todo mundo 'scutou! Todo mundo 'scutou!

— Parem e obedeçam! — ordenou o Rei.

Os arautos e soldados desceram até a liça, e Meliagrance foi silenciado. Todos se envergonharam por ele. Numa quietude desagradável, enquanto ele murmurava e insistia na obediência aos termos, mãos relutantes desarmaram Sir Lancelot e amarraram sua mão. Sentiam-se como se estivessem participando da execução de alguém muito querido, já que as vantagens dadas ao oponente eram enormes. Quando terminaram de amarrar sua mão e entregaram sua espada, deram-lhe palmadinhas — empurrando-o na direção de Meliagrance e virando o rosto para o outro lado.

Houve um relâmpago na liça de areia, como um salmão pulando na correnteza.

Era Lancelot exibindo seu lado desarmado para atrair o golpe. E, quando o golpe veio, aconteceu um clique de formas que se transformavam — o mesmo clique que acontece quando um caleidoscópio altera as imagens. O golpe que Meliagrance estava



dando

transformou-se no golpe que Lancelot desferia.

Sir Meliagrance foi arrastado da liça pelos cavalos. Seu elmo e sua cabeça estavam partidos em dois.

XLV

Bem, esta é a longa história de como o estrangeiro de Benwick roubou o amor da Rainha Guenevere, como a abandonou por seu Deus e, finalmente, regressou, a despeito do tabu. É uma história de amor dos velhos tempos, quando os adultos amavam fielmente — e não uma história do presente, na qual adolescentes perseguem os espasmos ignóbeis das telas do cinema. Por um quarto de século, essas pessoas tinham lutado para alcançar a compreensão mútua, e agora tinham apenas o pálido outono diante de si.

Lancelot dera seu Deus a Guenevere, e ela tinha dado a própria liberdade dele em troca.

Elaine, que jamais fora mais que uma parte acidental da confusão, tinha alcançado sua própria paz. Arthur, cuja ponta do triângulo era a menos afortunada de um ponto de vista pessoal, não fora inteiramente infeliz. Merlin não o destinara à felicidade particular. Ele fora talhado para as alegrias de um rei, para as fortunas de uma nação. Estas, no momento de seu pôr-do-sol, as duas vitórias sensacionais de Lancelot tinham restaurado.

Moda e modernismo, que apodreciam o coração da Távola, estavam em rota de fuga, e sua grande idéia mais uma vez marchava em frente. Ele estava inventando a Lei como Poder. Tampouco lhe estavam reservados remorsos privados. Arthur tinha se mantido distante das dores de Guenevere e Lancelot, inconscientemente confiando que ambos não o tornassem consciente disso, não por medo ou débil conivência, mas pelo mais nobre dos motivos. O poder estava nas mãos do Rei. Ele estava na posição do marido que podia, com uma única ordem, resolver o problema desses triângulos eternos, recorrendo ao cepo do carrasco ou ao pelourinho. Sua mulher e seu amante tinham estado à sua mercê — e essa foi a razão, não qualquer motivo covarde, pela qual seu generoso coração tinha se determinado a permanecer inconsciente.

O outono estava se aproximando, as fofocas estavam silenciadas e a descortesia erradicada. A facção das Órcades só podia resmungar uma queixa distante e quase subterrânea. No escriptorium das abadias, e nos castelos dos grandes nobres, os inofensivos escribas rascunhavam Missais e Tratados de Cavalaria, enquanto os iluministas embelezavam as letras maiúsculas e desenhavam cuidadosamente brasões de armas. Os ourives e prateiros martelavam, com pequenos martelos, as folhas de ouro.

Torciam fios de ouro e marcheteavam com incrível complexidade os crucifixos dos bispos.

Belas damas mantinham tordos e pardais como animais de estimação, ou se esforçavam ao máximo para ensinar suas pegas a falar. Donas de casa previdentes enchiam seus armários de unguentos como remédios para o mau ar, e poções caseiras chamadas Fios Unguentorum para o reumatismo, e bolas de almíscar para cheirar. Preparavam-se para a Quaresma comprando tâmaras, gengibre e arenques, um carregamento por tostões.

Falcoeiros de aves grandes e pequenas abusavam a mais não poder das aves uns dos outros. Nas novas cortes de lei — já que a Force Majeur tinha acabado — os advogados se atarefavam como abelhas, escrevendo mandados e citações, embargos e recursos, acordos e contestações, quid pro quo, jus prima noctis, quorum bonorum, sic et nom, pro et contra, quid júris? Ladrões — é certo — podiam ser enforcados por roubar bens insignificantes, pois a codificação da Justiça ainda era fraca e confusa, mas a coisa não era tão ruim quanto se pensa, pois com um tostão se podia comprar dois gansos ou um galão de vinho ou quarenta e oito pães — o que era sempre uma carga pesada para os ladrões. Nas veredas dos campos, os simples namorados, que não eram fidalgos, caminhavam ao pôr-do-sol com os braços nas cinturas uns dos outros, dando a impressão de um X maiúsculo quando vistos por trás.

A Gramarye de Arthur estava em paz, e as alegrias da paz se estendiam diante de Lancelot e Guenevere. Mas restava uma outra parte do quebra-cabeça.

Deus era o totem de Lancelot. Era a outra pessoa de sua batalha e, agora, Ele escolhera o momento final para se meter no caminho.

O rapaz que olhava no bacinete, e que sonhara com a água do poço que sempre lhe escapava dos lábios, tinha acalentado a ambição de fazer algum milagre. Por ser o melhor cavaleiro do mundo, ele conseguiu fazer um tipo de milagre quando resgatou Elaine da água fervente — antes de ter caído em sua armadilha naquela noite terrível na qual quebrou seu tabu. Por um quarto de século lembrara-se daquela noite com pesar, e isso esteve com ele durante toda a Busca do Graal. Antes disso, considerava-se um homem de Deus. Desde então, achava-se uma fraude. Agora, finalmente chegara o momento em que seria forçado a enfrentar seu destino.

Havia, na Hungria, um cavaleiro chamado Sir Urre, que fora ferido em um torneio sete anos antes. Lutara com um homem chamado Sir Alphagus, o qual matou depois de receber esses ferimentos — três deles na cabeça, quatro no corpo e um na mão esquerda.

A mãe do falecido Alphagus era uma feiticeira espanhola, e lançou um encanto sobre Sir Urre da Hungria para que nenhuma das suas feridas chegasse realmente a se fechar.

Elas sangrariam, uma de cada vez, até que o melhor cavaleiro do mundo cuidasse delas e as curasse com suas próprias mãos.

Há muito, Sir Urre da Hungria era levado de país a país — talvez fosse uma espécie de hemofilia —, procurando o melhor cavaleiro capaz de ajudá-lo. Finalmente, enfrentara o canal para chegar àquele país estrangeiro do Norte. Todos tinham lhe dito, em todos os lugares, que sua única chance era Lancelot, e finalmente ele viera procurá-lo.

Arthur, que sempre pensava o melhor de todos, tinha certeza que Lance seria capaz disso — mas achou justo que todos os cavaleiros da Távola tivessem a chance de tentar. Podia haver uma excelência escondida em algum lugar, como já acontecera antes.

A Corte estava em Carlsisle na época, para a festa de Pentecostes, e foi arranjado para que todos se encontrassem no prado da cidade. Sir Urre foi levado para lá em uma liteira e deitado em uma almofada bordada a ouro, para que se comesçassem as tentativas de cura. Cento e dez cavaleiros — quarenta estavam em buscas — perfilaram-se em ordem, com suas melhores roupas, e havia tapetes estendidos e tendas armadas para que as grandes damas

observassem. Arthur amava tanto seu Lancelot que havia providenciado um cenário esplêndido para que sua maior realização pudesse ser feita.

Este é o final do livro de Sir Lancelot, e agora o veremos aqui pela última vez. Ele estava escondido na sala de arreios do castelo, de onde podia observar o campo. Havia muitas rédeas de couro, penduradas em ordem entre as selas e os brilhantes freios de cavalos. Ele notara que eram fortes o suficiente para agüentar seu peso. Estava esperando ali, escondido, rezando para que alguém — talvez Gareth — fosse capaz de fazer rapidamente o milagre. Ou, se não, que se esquecessem dele, que sua ausência não fosse notada.

Você acha que é fácil ser o melhor cavaleiro do mundo? Pense, então, em como teria que defender o título. Pense nas provas, provas repetidas sem remorsos, escandalosamente preparadas, que seriam aplicadas dia após dia — até o último e infalível dia em que você fracassaria. Pense também que você sabia de uma boa razão para fracassar, que tinha tentado esconder, tentado pateticamente esconder e passar por cima, durante vinte e cinco anos. Pense que agora você teria que estar diante da maior e mais honrosa galeria que poderia existir para fazer uma demonstração pública do seu pecado. Todos esperam seu sucesso, e você fracassará: anunciará a fraude que praticou por um quarto de século, e todos saberão imediatamente a razão disso — aquela causa da vergonha que você procurou esconder de sua própria mente, e que, quando se intrometia por conta própria no silêncio de seu quarto vazio, obrigava-o a mover fisicamente a cabeça como para se livrar dela. Milagres, que você queria tanto fazer há tanto tempo, só podem ser feitos pelos puros de coração. O povo lá fora está esperando que você faça esse milagre porque você jogou, fazendo-o crer que seu coração era puro — e agora, com traição, adultério e assassinato apertando seu coração como uma mordaca, você terá de ir lá fora para o teste de honra.

Lancelot, na sala de arreios, estava branco como um lençol. Guenevere estava lá fora, ele sabia, e ela também estava pálida. Ele torceu os dedos e olhou para as rédeas fortes, e rezou da melhor maneira que pôde.

— Sir Servause Le Breuse! — gritaram os arautos, e Sir Servause se adiantou, um cavaleiro bem abaixo na lista de competidores. Era um homem tímido, interessado apenas em história natural, e que jamais lutara com alguém em toda sua vida. Dirigiu-se a Sir Urre, ajoelhou-se e fez o melhor que podia.

— Sir Ozanna le Cure Hardy!

E por aí prosseguiram, com toda a lista dos cento e dez, cujos belos nomes são declarados por Malory na ordem adequada, de tal maneira que você quase pode ver o belo corte das cotas de malha, as pinturas dos braços e o alegre colorido de cada penacho. Os elmos emplumados faziam com que parecessem guerreiros índios. As chapas dos seus sapatões de ferro tiniam quando eles caminhavam, fazendo soar as esporas. Eles se ajoelhavam, Sir Urre estremecia, e não adiantava nada.

Lancelot não se enforcou com as rédeas. Tinha quebrado seu tabu, enganado seu amigo, voltara para Guenevere e assassinara Sir Meliagrance em uma luta errada.

Agora estava pronto para receber sua punição. Atravessou a longa avenida de cavaleiros que esperavam ao sol. Com a própria tentativa de fuga, ele atraía para si a preeminência de ser o último. Caminhou entre as fileiras curiosas, feio como sempre, autoconsciente, envergonhado, um veterano pronto para ser quebrado. Mordred e Agravaine avançaram.

Quando Lancelot estava se ajoelhando diante de Urre, disse para o Rei Arthur: — Será necessário que eu faça isso, quando todos os demais já falharam?

— É claro que você deve fazer isso. Eu lhe ordeno que faça.

— Já que me ordena, devo fazê-lo, Mas seria presunção tentar depois de todos.

Não posso ser dispensado?

— Você está tomando a coisa pelo fado errado — disse o Rei. — É claro que não é presunção sua tentar. Se você não conseguir, ninguém conseguirá.

Sir Urre, que já estava muito fraco, levantou-se apoiado no cotovelo.

— Por favor — disse ele. — Vim para que você tentasse.

Lancelot tinha lágrimas nos olhos.

— Oh, Sir Urre — disse ele. — Se eu pudesse ajudá-lo, o faria com a maior vontade. Mas você não compreende, você não compreende.

— Pelo amor de Deus — disse Sir Urre.

Lancelot olhou para o leste, onde achava que era a morada de Deus, e disse algo mentalmente. Era mais ou menos assim: "Não quero glória, mas, por favor, pode salvar nossa honestidade? E se curar este cavaleiro pelo bem do cavaleiro, por favor, faça-o". E depois pediu a Sir Urre que lhe mostrasse a cabeça.

Guenevere que, como uma águia, observava do seu pavilhão, viu os dois homens se mexendo. Depois via um movimento nas pessoas próximas, e um murmúrio subindo, depois gritos. Cavalheiros começaram a jogar as capas para o ar, gritando e apertando as mãos. Arthur estava gritando as mesmas palavras uma e outra vez, segurando o grosseiro Gawaine pelo ombro e falando nos seus ouvidos: — Fechou como se fosse uma caixa! Fechou como se fosse uma caixa!

Alguns cavaleiros mais idosos dançavam batendo seus escudos um contra o outro, como se estivessem em um jogo, e cutucando as costelas uns dos outros. Muitos dos escudeiros riam como loucos batendo nas costas uns dos outros. Sir Bors beijou o Rei Anguish da Irlanda, que não gostou daquilo. Sir Galahad, o príncipe altaneiro, tinha tropeçado na bainha da espada e caído. O generoso Sir Belleus, que não tinha mágoas por ter tido seu fígado cortado naquela distante noite junto ao pavilhão de seda vermelha, fazia um barulho terrível soprando uma folha de grama de lado entre seus dedos. Sir Bedivere, terrivelmente arrependido desde sua visita ao Papa, sacudia alguns ossos que trouxera como recordação da peregrinação: neles estava escrito em letras rebuscadas "Um presente de Roma". Sir Bliant, lembrando-se do seu gentil Selvagem, abraçava Sir Castor, que jamais esquecera a repreensão cavaleira do Chevalier. O gentil e sensível Aglovale, que tinha perdoado a disputa dos Pellinore, trocava calorosos abraços com o belo Gareth. Mordred e Agravaine franziam as sobrancelhas. Sir Mador, vermelho como um peru, fazia as pazes com Sir Pinel, o envenenador, que voltara incógnito. Rei Pelles prometia uma capa nova para todos os que

estavam perto dele. Tio Dap, de cabelos nevados, velho a ponto de ser absolutamente fabuloso, tentava saltar com sua bengala.

As tendas estavam sendo desmontadas, as bandeiras tremulavam. Os vivas que agora começavam, rodada atrás de rodada, pareciam tiros de canhão ou trovoadas, rolando sobre as torres de Carlisle. Todo o campo, e todas as pessoas no campo, e todas as torres do castelo pareciam estar pulando para cima e para baixo como a superfície de um lago sob a chuva.

No meio de tudo, quase esquecido, seu amante estava ajoelhado, sozinho.

Aquela figura solitária e imóvel sabia um segredo escondido dos demais. O milagre foi lhe ter sido permitido fazer um milagre. "E para sempre — diz Malory — sir Lancelot chorou, como se fosse uma criança que acabara de ser castigada."

EXPLICIT LIBER TERTIUS.



Apêndices

Personagens deste volume

Personagens Deste volume Variações em torno da traição e da
basca

Lancelot — Leia na seção "Os protagonistas".

Guenevere — Idem.

Elaine — Mãe de Galahad e a moça que, ao enganar Lancelot, consegue seduzi-lo e dormir com ele. Embora muito jovem, Elaine é astuta e determinada o bastante para fazer tudo o que pode para ganhar o amor de Lancelot. Com exceção dos dois momentos em que convence Lancelot a ficar com ela, Elaine é uma mulher infeliz,



pois sabe que ele ama Guenevere.

Galahad — Filho de Lancelot e Elaine. É moralmente perfeito e invencível, e o único cavaleiro sagrado o bastante para encontrar o Santo Graal. Galahad é tão perfeito que muitas vezes se parece mais com um anjo do que com um ser humano. Talvez por isso, nem todos os cavaleiros do Rei Arthur simpatizam com ele.

Tio Dap — Instrutor de Lancelot durante sua infância. Embora seja o irmão dos reis, Tio Dap é o escudeiro de Lancelot quando este torna-se cavaleiro da Távola Redonda.

O Santo Graal — Cálice usado por Jesus Cristo na Última Ceia, e que representa um poder sobrenatural que mesmo os cavaleiros do Rei Arthur são incapazes de alcançar. Encontrar o Graal requer, além da bravura de um cavaleiro, pureza da mente e do espírito, o que se mostra quase contraditório aos ideais da cavalaria. O Santo Graal, portanto, simboliza tudo o que Arthur não conseguiu conquistar. Essa revelação de que a Inglaterra de Arthur está longe de um estado de graça também marca o começo do declínio de seu reino.

Não compre ou venda esse e-book. Ele é feito sem fins lucrativos.

Se gostou da obra, compre o livro.

Após a leitura, apague o arquivo do seu computador.

Obrigada

[Equipe PDL](#)